

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**SANTA PAULINA, RECONQUISTA E TERRITORIEDADE:**

**Uma história em Nova Trento-SC**

JOSÉ DO NASCIMENTO

Florianópolis, março de 2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIA HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**SANTA PAULINA, RECONQUISTA E TERRITORIEDADE:**  
Uma história em Nova Trento - SC

José do Nascimento

Dissertação orientada pelo Professor  
Dr. Orientador: Valmir Francisco Muraro e  
apresentada à Banca Examinadora  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Mestre em História

Florianópolis, março 2006.

**SANTA PAULINA, RECONQUISTA E TERRITORIEDADE:  
Uma história em Nova Trento - SC**

**JOSÉ DO NASCIMENTO**

Esta dissertação foi julgada e aprova em sua forma final para obtenção do título de  
**MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. Valmir Francisco Muraro – Orientador (UFSC)**

---

**Prof. Dr. Luiz Alberto Costa (UFSC)**

---

**Prof.<sup>a</sup>. Dra. Maria de Lourdes de Souza (UFSC)**

---

**Profa. Doutoranda: Silvana de Gaspari -Suplente – (UFSC)**

---

**Prof.<sup>a</sup>. Dra. Maria Bernardete Ramos Flores  
Cordenador do PPGH/UFSC**

## AGRADECIMENTOS

O agradecer, nas atuais circunstâncias, pode se apresentar como um ato generoso e, ao mesmo tempo, ingrato, pois não consegue atingir efetivamente a todos que auxiliaram direta ou indiretamente para que esta pesquisa chegasse a bom termo. Mas alguns nomes devem ser citados:

Aos meus pais (*in memóriam*) e aos pais dos meus pais.

Aos meus irmãos e irmãs, Catarina, Fernandes, Francisco, Gregória, Luciene, Maria do Carmo, Neves, Pedro, Terezinha e seus respectivos maridos.

À Capes, pela bolsa concedida, de 12 meses.

Ao orientador, Prof. Dr. Valmir Francisco Muraro.

À professora Renata, pela ajuda prestada ao longo desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, em especial às professoras Joana Pedro, Bernadete, e ao professor Rampinelli.

À Nazaré, secretária do PPGH, pela sua diligência e disponibilidade.

Aos professores Jonas, Luiz Alberto, Maria de Lourdes e Silvana, pela leitura atenta e sugestões preciosas na qualificação e defesa.

À professora Maria das Graças, por ter despertado em mim o gosto pela história no ensino fundamental.

À Elza, pelas inquisições e estímulos.

À Karine, pela amizade e ajuda em todo o processo de aquisição desta dissertação.

À Cida, pelo seu “suporte técnico”.

Às amigas de longa data Elvira, Elza, Zilhah, com suas respectivas famílias.

Aos irmãos de caminhada Antonio, Davide, Fábio, Fabrizio, Giorgia e Lorenza, pela amizade, companheirismo e paixão.

À Enizete, Ivan e Maria Cristina, da Secretaria de Turismo de Nova Trento.

À Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição.

Aos amigos e conhecidos que passaram e estão passando pela minha existência: Aires, Amauri, Arnaldo, Atair, Beti, Camila, Débora, Dilma, Diógenes, Diogo, Edmilson, Estela, Fabiana, Gerson, Gilberto, Gisele, Helena, Holga, Iara, Ivonete, Jana, Janaina,

Jeferson, Katiane, Keli, Leon, Luiz, Mancha, Marcelo, Maria Clara, Mirena, Nanci, Nataly, Paulo, Ramom, Rosangela, Salazar, Sérgio, Umberto, Thiago, Vanessa, Zélia.

Aos meus entrevistados pela paciência e disponibilidade.

Às Bibliotecas: da UFSC; da UDESC; Pública Estadual especialmente a Maida, Carlos, Machado, Mercedes; da Assembléia Legislativa e do Centro de Memória da Assembléia Legislativa de Santa Catarina; de Nova Trento; de Brusque; à da Casa da Cultura de Brusque; do ITESC, na pessoa de Adriana; à do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Arquivo Público, Arquivo da Arquidiocese, Arquivo dos Jesuítas, no Rio Grande do Sul e à secretária da paróquia de Nova Trento.

Ao staff das livrarias: Catarinense, Livros e Livros, Vozes, Paulus e Convivência.

Nesta perspectiva de agradecimento, vem ao nosso encontro Rubem Alves: “aquilo que está escrito no coração não necessita de agendas porque não esquece. O que a memória ama fica eterno”.

Dessa forma, fica registrado o agradecimento a todos que passaram, estão passando e passarão por mim.

O futuro não precisará de política e religião,  
mas de ciência e espiritualidade.  
(Jawaharlal Nehru, 1889-1964)

## RESUMO

Esta dissertação trata de um estudo sobre a relação entre turismo e religiosidade a partir do estudo de caso do Santuário de Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus, em Nova Trento, no período de 1991 a 2005. Foi adotado o método de História Oral com a participação de diferentes atores, destacando-se os peregrinos ou passantes mais comumente denominados de turistas e os residentes no Município. De modo complementar, foram consultadas outras fontes, como jornais, documentos dos Arquivos Públicos e Eclesiásticos, Dissertações, Teses e outras referências de estudos acadêmicos. O estudo foi construído com um suporte teórico acerca da religiosidade e da constituição mercantil – fé e espaço comercial. As informações construídas com os dados obtidos foram sistematizadas em três capítulos que tratam de alguns aspectos da unificação italiana, buscando analisar os aspectos religiosos e a interferência da Igreja Católica no dia-a-dia dos camponeses e a vinda destes para o Brasil, no grande êxodo italiano, no final do século XIX, para fazer *la Merica*. No segundo capítulo, *Os passantes em busca de néctar: no Santuário de Santa Paulina*, foi dada visibilidade aos peregrinos que visitam o local, a fim de perceber as motivações que os levaram a tal ação. Foi tratada também a religião na pós-modernidade e o seu empoderamento pelas Irmãzinhas da Imaculada Conceição, construindo uma cenografia do sagrado. No terceiro e último capítulo, *a Imagem de Santa Paulina: como sal da terra*, procurou-se analisar a atuação da prefeitura e dos empresários para identificar o turismo como fonte econômica para o município e os seus vizinhos, afirmando-se como um local para que os descendentes de italianos fizessem a *cuccagna*.

Palavras-chave: Imigração, turismo religioso, economia.

## ABSTRACT

This dissertation presents a study about the relation between tourism and religiosity in the case of study of the Sanctuary of Holy Paulina of the Dying Heart of Jesus, in Nova Trento, in the period of 1991 to 2005. It is adopted the approach of Oral History with the different actors, as the pilgrims or people passing by known as tourists and the residents in town. A complementary bibliography is explored, as newspapers, the Ecclesiastical and Public Files, Dissertations, Thesis and other references of academic studies. The study is based in a theoretical support about the religiosity and the mercantile constitution – faith and commercial space. The information obtained is systematized in three chapters describing some aspects of the Italian unification, analyzing the religious issues and interferences of the Catholic Church in everyday life of peasants who arrived in Brazil, during the big Italian exodus, in the end of the XIX century, to la Merica. On the second chapter, “*Os passantes em busca do nectar: no Satuário de Santa Paulina*”, is given visibility to the pilgrims that visit the place, in order to perceive the motivations that caused them to such action. It is also described the religion in the pos-modernity and its power by the little Sisters of the Immaculate Conception, constructing a scenography about the sacred . On the third and last chapter “*A imagem de Santa Paulina: como sal da terra*”, is analyzed the action of the city hall and businessmen, in order to identify the tourism as economic support to town and its neighborhood, affirming itself as a place for Italians descendants and giving to them the possibility to construct the *cuccagna*.

Key-words: Immigration, religious tourism, economy

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	10
<b>CAPÍTULO I</b>	
OS FIOS CONDUTORES: na trama da formação do Santuário de Santa Paulina	16
O <i>ultimatum</i> do Piemonte na Questão Romana	23
A Itália está feita: agora é preciso fazer os italianos	27
O início da Odisséia italiana fora das colunas de Hércules	29
Rumo à <i>cuccagna</i>	31
Os risomas dos Jesuítas em Nova Trento	33
Uma flor alpina desabrocha em <i>terrae brasilis</i>	41
<b>CAPÍTULO II</b>	
OS PASSANTES EM BUSCA DE NÉCTAR: no Santuário de Santa Paulina	49
Biografia de Santa Paulina	52
A cenografia do Santuário	62
Trajetórias de <i>empoderamento</i> : peregrino e turista	74
Os passantes	77
A fluidez líquida no mundo contemporâneo	84
<b>CAPÍTULO III</b>	
SANTA PAULINA: como sal da terra	94
Os primeiros passos do turismo	94
A fé como <i>trade</i>	105
Santa Paulina: o ponto alto de Nova Trento	120
Santa Paulina: a <i>cuccagna</i>	129
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	133
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	
Fontes	140
Periódicos e revistas	141
<i>Sites</i>	142
Bibliografia	143
Entrevistas	153
<b>ANEXOS</b>	156

## APRESENTAÇÃO

*Os verdadeiros intelectuais ou são alinhados com o poder, tentam abrir seu caminho no mundo, ou têm uma relação crítica com o poder e precisam testá-lo, interrogá-lo e, sobretudo, expor as conseqüências propositais ou inconscientes do poder.*  
(Stuart Hall)

A idéia principal desta pesquisa é investigar a relação entre turismo e religiosidade a partir do estudo de caso do Santuário de Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus, em Nova Trento, no período de 1991 a 2005.

Pesquisar um evento histórico no momento em que ele acontece é um exercício acadêmico fascinante e que requer consulta a diferentes fontes. Envolver-se com as fontes, geralmente mais acessíveis que as encontradas pelos historiadores de épocas distantes, conduz o pesquisador por entre caminhos até recentemente pouco explorados. Nesse trajeto, os grandes mistérios quanto à interpretação da linguagem são abolidos, uma vez que os símbolos são conhecidos e vivenciados pelo pesquisador, de modo geral inserido no contexto que pretende apreender. Conforme Roger Chartier,

o pesquisador é contemporâneo do seu objeto e divide com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências. Assim, a falta de distância, ao invés de um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio importante para um maior entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade fundamental, que ordinariamente separa o instrumento intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que fazem a história<sup>1</sup>.

A história do presente, que tem como característica básica a presença de testemunhos vivos, suscita crescente interesse e vários debates, cujos objetivos são os de definir uma metodologia, fundamentos e princípios desse enfoque historiográfico, e justifica-se pela vontade de entender os impactos das transformações aceleradas das últimas décadas<sup>2</sup> e reagir a eles.

---

<sup>1</sup> CHARTIER, Roger. O olhar do historiador modernista. Citado por: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs). **Usos e abusos da história oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. XXIV.

<sup>2</sup> Como exemplo ver: CHAUVEAU, A. (org.) **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.

A história sobre os planos, as ações e as experiências referentes ao turismo e religiosidade no Santuário de Santa Paulina constitui-se, sem dúvida, numa história do tempo presente, pois seu cerne se encontra nas duas últimas décadas. Se por um lado as facilidades são grandes, devido à farta documentação, por outro, o compromisso ético do pesquisador neste estudo foi o de dar sentido às leituras bibliográficas e ao *corpus* documental, comparando-os com as vivências dos peregrinos e turistas que visitam a região.

Para alcançar tal meta, buscamos o conhecimento na pesquisa bibliográfica, fizemos a leitura dos planos para o turismo das administrações públicas estaduais e municipais do estado de Santa Catarina, que se mostraram fundamentais, sobretudo aqueles referentes aos últimos 14 anos, quando começa a surgir de forma mais relevante a preocupação com o turismo religioso no Estado. Assim, esquadramos, nos periódicos estaduais e municipais, as tessituras e seus possíveis diálogos, certamente conflituosos, como marco inicial para dar visibilidade às contradições e mostrar os embates ideológicos sobre o tema. As análises dos arquivos da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição e dos padres Jesuítas tornaram-se importantes para compreender os objetivos do clero quanto à implantação e manutenção do Santuário, bem como para perceber como se davam as relações entre a Cúria, o Santuário, a prefeitura e os empresários, e entre esses e os peregrinos. A fim de alcançar o objetivo anteposto, os subsídios das referências bibliográficas indicadas foram utilizados para dar corporeidade à pesquisa. Através da história oral, uma das formas de captar a experiência dos peregrinos e habitantes de Nova Trento, que muito têm a dizer sobre o Santuário, documentamos e analisamos as vivências, os desejos e os impulsos pessoais que motivaram a procura pelos lugares santificados.

As fontes escritas, como os jornais, foram pesquisadas no Arquivo Público do Estado, na Biblioteca Pública de Florianópolis e na do Município de Brusque. Na Cúria Metropolitana de Florianópolis, na Matriz de Nova Trento e no Santuário, procuramos os registros documentais, enquanto que no Arquivo da Assembléia Legislativa, estão os documentos referentes às *Mensagens* de cada Governador em relação ao município abrangido nesta pesquisa.

No uso da metodologia da história oral, não se pretende radicalizar e entender o relato dos testemunhos como “aquilo que realmente aconteceu”; tampouco se tem a pretensão de preencher os vazios que a tradição historiográfica, eclesiástica ou não, deixou em Santa Catarina. Usar as fontes orais e atribuir a elas condições para desvelar a verdade

seria dar uma visão muito simplista para a complexidade do uso da história oral. Antes, essa é entendida como “uma fonte documental a mais para o trabalho do historiador e, como tal, sujeita aos mesmos cuidados que dedicamos a outros materiais, reconhecendo suas potencialidades e colocando sempre as questões advindas de nossas problemáticas de investigação”<sup>3</sup>. Portanto, mais do que buscar informações, dados, confrontos de idéias com o fim de uma aproximação dos fatos, a análise dos relatos de peregrinos, turistas e habitantes de Nova Trento tem como prioridade torná-los inteligíveis e coerentes, a par das diferentes versões sobre os acontecimentos.

O uso da história oral colocou em evidência diferentes atores pois, segundo Marieta Ferreira, “dá atenção especial aos dominados, aos silenciosos e aos excluídos da história (por exemplo: mulheres, proletários, marginais), à história do cotidiano e da vida privada [...], à história local e enraizada”<sup>4</sup>. O que a autora quer dizer é justamente que não se pode crer que exista uma maior confiabilidade na documentação escrita e uma menor confiabilidade na construção oral; ambas as fontes devem ser vistas com cuidado. Nesse processo, as relações entre o passado e o presente são revisitadas, de forma a entender o primeiro como uma construção que segue as necessidades do segundo, chamando a atenção para os usos políticos deste passado. Observamos que nenhuma construção historiográfica, seja ela advinda de quaisquer tipos de fontes, dirá “o que realmente aconteceu”. Não se achará a verdade do passado e nem do presente, por muitos motivos: o olhar que o historiador lança sobre o acontecimento está banhado pela sua própria subjetividade, por suas convicções, por mais que se esforce para distanciar-se delas. Justifica-se assim a escolha pelo testemunho oral dos passantes do Santuário e seus anfitriões<sup>5</sup>.

A renovação dos estudos históricos que ganharam força a partir da Escola dos Annales justificou o uso da *micro-história*, que entre outras coisas, pretende compreender as relações entre um objeto individual ou particular dentro de um meio mais geral.

---

<sup>3</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. **História Oral e Tempo Presente**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.). Op. cit. p. 20.

<sup>4</sup> FRANÇOIS, Etienne. **A fecundidade da História Oral**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.). Op. cit. p. 04.

<sup>5</sup> No total, foram realizadas 33 entrevistas, sendo 13 homens e 20 mulheres, entre o período de 02/02/2005 a 14/12/2005. Os/as entrevistados/as autorizaram-me a utilizar o conteúdo das entrevistas na própria fita em que foram gravadas. No entanto, optei por transcrevê-las, buscando respeitar a linguagem do/a entrevistado/a. A cópia desse material pode ser encontrada no arquivo do Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina. Sobre teoria e metodologia da História Oral, veja-se FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Op. cit. 1998; MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). **(Re) introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, USP, 1996.

Seguindo o pensamento de Giovanni Levi, tem-se que a Micro-história não procura “sacrificar o conhecimento dos elementos individuais a uma generalização mais ampla, e de fato acentua as vidas e os acontecimentos individuais. Mas, ao mesmo tempo, tenta não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para um fenômeno mais geral<sup>6</sup>”.

Pretendemos, nesta pesquisa, compreender o processo particular da criação do santuário de Santa Paulina dentro da perspectiva do turismo no Estado. A descrição entre turismo e religiosidade a partir do estudo de caso do Santuário de Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus, em Nova Trento, no período de 1991 a 2005, tem a ver com o paradigma de mercado. A visão de mundo volta-se para a religiosidade, na qual encontra-se um novo filão de consumo e alavancamento do Município através do título da primeira santa do Brasil. Com isto, podemos perceber em Baudrillard o termo da “mensurabilidade da felicidade” no mundo moderno, em busca de meios que se legitimam no “espelho” e “vitrine”, onde o homem fica absorto na imagem refletida do espelho e contemplativo na vitrine. Com o turismo, os territórios nacionais e internacionais se reconhecem e se relacionam, as migrações se multiplicam, os modos de vida se padronizam. A mobilidade social no espaço torna-se uma condição de existência. Dessa forma, observamos a influência do planejamento turístico sobre o desenvolvimento da urbanização de Nova Trento, já que essa atividade exerceu influências determinantes para o progresso socioeconômico da região.

Devido ao curto espaço de tempo e à complexidade do tema, optamos por limitar o estudo ao Santuário de Santa Paulina, visto que a canonização e a criação desse santuário, em 2002, fez com que a região adquirisse maior importância no cenário nacional, proporcionando um maior fluxo de pessoas que procuram o Estado.

Foram excluídos outros Santuários, como o de Nossa Senhora de Azambuja, em Brusque, e o de Nossa Senhora do Bom Socorro, em Nova Trento, não por serem considerados pouco importantes, pelo contrário: acreditamos que, por serem os mais antigos do Estado, carecem de estudos mais aprofundados que permitiriam a compreensão de fenômenos ligados à colonização italiana da região, sob a ótica da religião. Além disso, a importância do Santuário de Azambuja para a Arquidiocese passa pela construção do

---

<sup>6</sup> LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 1992. p.158.

Seminário, do Hospital, da Gruta, do Asilo, do Hospício e do Morro do Rosário, importantes para a propagação Mariana e a romanização<sup>7</sup> da população, realizada em sua maioria pelo clero enviado pela Sé romana. Os padres estrangeiros, como franciscanos, jesuítas e do Sagrado Coração de Jesus, também atuaram em outras regiões do Estado, além de Brusque. O mesmo se pode dizer com relação aos padres teuto-catarinenses formados em São Leopoldo e Pareci Novo, no Rio Grande do Sul<sup>8</sup>.

Na ambigüidade das ações governamentais, os administradores públicos têm se preocupado em demonstrar interesse no Santuário, mas com pouca praticidade quanto ao que compete a ele, principalmente com relação às vias de acesso ao monumento. A economia do município e de seus circunvizinhos, até indiretamente no âmbito regional, esperam da imagem de Santa Paulina a solução para seus problemas econômicos. Por outro lado, constitui-se em motivo de orgulho para os neotrentinos ter em sua “casa” a primeira santa brasileira como mola propulsora para alavancar o município e, desta maneira, a cidade toma pequenas decisões particulares. Com isso, se resumem alguns capítulos de glórias e conquistas, nos quais não haveria espaço para homens e mulheres comuns participarem do grande espetáculo da história como sujeitos ativos.

É proposto aqui, não preencher essas lacunas, mas mostrar as possibilidades de outras versões para a história do Santuário de Santa Paulina, pois “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”<sup>9</sup>.

Para fins didáticos, a pesquisa foi dividida em três capítulos. No primeiro, *Os fios condutores na trama da formação do Santuário de Santa Paulina*, foram abordados alguns aspectos da unificação italiana, buscando analisar os aspectos religiosos e a interferência

---

<sup>7</sup> Do descobrimento à Proclamação da República, o catolicismo foi a religião oficial do Brasil, devido ao acordo conhecido como *Padroado*, firmado entre o Papa e a Coroa portuguesa. Neste tipo de acordo, todas as terras que os portugueses conquistassem deveriam ser catequizadas, mas tanto as igrejas quanto os religiosos se submetiam à Coroa portuguesa em termos de autoridade, administração e gerência financeira. Com a Proclamação da República, foi declarada a independência do Estado em relação à Igreja e foi instituída a liberdade de culto, sendo o Brasil declarado um estado laico. A partir da segunda metade do século XIX, a Igreja no Brasil busca fortalecer-se com a Sé romana, separando-se cada vez mais do Estado, segundo um modelo inspirado no Concílio de Trento e do Vaticano I. Esse processo é conhecido como *romanização*. Ver: SILVA Júnior, Alfredo Moreira da. **Catolicismo, poder e tradição**: um estudo sobre as ações do conservadorismo católico brasileiro durante o bispado de Dom Geraldo Sigaud, em Jacarezinho (1947 – 1961). Assis, 2002.

<sup>8</sup> ALVES, Elza Dauferbach. 45 anos. Florianópolis. Entrevista concedida a José do Nascimento. 02/02/2005.

<sup>9</sup> BENJAMIM, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 223.

da Igreja Católica no dia-a-dia dos camponeses e a vinda destes para o Brasil, no grande êxodo italiano, no final do século XIX, para fazer *la Merica*. Abordamos, também, a formação da Capela de São Jorge, logo em seguida mudada para Nossa Senhora de Lourdes por questão devocional e imposição dos padres Jesuítas, mantendo suas raízes até na data presente em Nova Trento. A fim de compreender os motivos e o processo de instalação desse centro religioso, foram utilizados autores como Roselys dos Santos, Renzo Maria Grosselli, Rovílio Costa, Michel Lacrete, Michel Foucault.

No segundo capítulo, *Os passantes em busca de néctar: no Santuário de Santa Paulina*, através da História Oral, foi dada visibilidade aos peregrinos que visitam o local, a fim de perceber as motivações que os levaram a tal ação. Foi tratada também a religião na pós-modernidade e o seu empoderamento pelas Irmãzinhas da Imaculada Conceição, construindo uma cenografia do sagrado. Procuramos caracterizar a constituição e a complexidade do campo religioso local com interferência da *New Age*, em uma fé desprovida de rótulos e filiação indefinida. Para tanto, autores como Mircea Eliade, Trigo G. Godoi, Maurice Merleau-Ponty, Roger Chartier e outros foram abordados.

Por fim, no terceiro e último capítulo, *Imagem de Santa Paulina: como sal da terra*, procuramos analisar a atuação da prefeitura e dos empresários para identificar o turismo como fonte econômica para o município e os seus vizinhos, afirmando-se como um local de alavancamento para que os descendentes de italianos fizessem a *cuccagna*.

O entrelaçamento entre história e religião, há algum tempo, despertou, no pesquisador, por experiências pessoais, buscar essa relação; fé e turismo, como quando grupos de peregrinos pernoitavam em Gênova – Itália para seguirem até Lourdes, na França. Desde então, tornou-se inquietação sobre as diversas razões que levam as pessoas a realizar essas viagens. Ao identificar esse fenômeno também no Brasil, em Santa Catarina, especialmente no Santuário de Santa Paulina, encontramos um vasto campo ainda pouco explorado pela historiografia. Com a consciência de que a história é um tipo de conhecimento humano e, como tal, sujeita a erros e acertos, arriscamos buscar alguma luz por além da neblina que encobre a trilha do conhecimento, com a certeza de que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> BENJAMIM, Walter. Op. cit. p. 224.

## 1 OS FIOS CONDUTORES NA CONFECÇÃO DO SANTUÁRIO DE SANTA PAULINA

*Como os pássaros vão de um continente a outro, no mudar das estações assim o homem deixa sua terra para descobrir em outros países a felicidade e a melhoria da própria existência. Porém, enquanto os animais migram sem obstáculos, os homens nem sempre são livres para deixarem as suas casas.*  
Finardi & Buzzi, A colonização italiana de Ascurra

Esta jornada começa com a metáfora das ervas daninhas de Gilles Deleuze e Felix Guattari, não simbolizando aqui que os emigrantes italianos fossem danosos, mas para demonstrar como eles saíram da Itália e se adaptaram por estes recôncavos, como foram transportados nas asas do tempo e teceram os seus fios e rizomas em novas paragens.

É curioso como a árvore dominou a realidade ocidental e todo o pensamento ocidental. O Ocidente tem relação privilegiada com a floresta e o desmatamento. O Oriente representa uma outra figura: a relação com a estepe e o jardim. Não existiria no Oriente algo como um modelo rizomático que se opõe sob todos os aspectos ao modelo ocidental da árvore? O rizoma, ao contrário da árvore que é fixa e rígida, é uma cultura de tubérculos que procede por fragmentação e multiplicidade. No Ocidente, a árvore plantou-se nos corpos, endureceu e estratificou até os sexos. Ao contrário, no Oriente, o rizoma é uma libertação da sexualidade, não somente em relação à reprodução, mas também em relação à genialidade. Nós do Ocidente perdemos o rizoma ou a erva. E conforme Henry Miller, a erva daninha é a Nêmesis dos esforços humanos. Entre todas as existências imaginárias que nós atribuímos às plantas, aos animais e às estrelas, é talvez a erva daninha aquela que leva a vida mais sábia [...], a erva existe exclusivamente entre os espaços não cultivados. Ela preenche os vazios, ela cresce entre e no meio das outras coisas. A flor é bela, o repolho útil, a papoula enlouquece. Mas a erva é o transbordamento, ela é uma lição de moral<sup>11</sup>.

Essa metáfora, com a qual iniciamos este capítulo, sintetiza a vinda desses imigrantes e pode ser aplicada no estudo dessa primeira fase, destacando-se alguns fenômenos da construção do Santuário de Santa Paulina, em Vígolo – bairro de Nova Trento. E há que se recordar que o solo nesta localidade do Estado de Santa Catarina, é

---

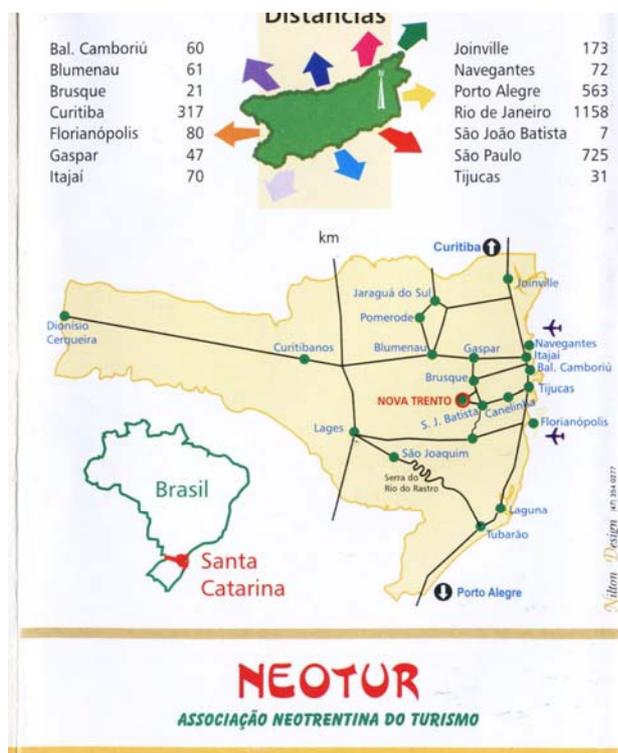
<sup>11</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. p. 29.

local de enraizamento de um grande número de retirantes trentinos, lombardos, poloneses e tantos outros.

Nova Trento situa-se no Vale do Rio Tijucas, distante aproximadamente 84 quilômetros da capital catarinense, Florianópolis. Os maiores centros urbanos ao seu redor são Brusque, 21 quilômetros ao Norte e, a Nordeste, Tijucas, distante 31 quilômetros, pela rodovia SC 411 e Balneário Camboriú, 60 quilômetros, pela rodovia SC 411 e BR-101.

A sua extensão territorial é de 431 quilômetros quadrados, e é situada nas seguintes coordenadas geográficas: 27°17'09' de latitude sul e 48°55'17' de longitude oeste. O município é composto por três distritos: Distrito Sede, Distritos de Aguti e Claraíba. Eles possuem respectivamente uma área urbana de aproximadamente 39 quilômetros, além de 391.52 quilômetros de área rural. A altitude média de Nova Trento é de 30 metros acima do nível do mar. Sua população, segundo censo de 2000, é de 9.853 habitantes, sendo 63% urbana e 37% rural, com uma densidade demográfica de 23.99%.

Limita-se ao Norte com Botuverá e Brusque, ao Sul com Major Gercino e São João Batista, a Leste com Canelinha e a Oeste com Leoberto Leal e Vidal Ramos. A maioria dos limites geográficos do Município é natural: rios e montanhas. A comunicação terrestre se dá pela ligação entre os Vales do Rio Tijucas e Rio Itajaí.



Localização geográfica do município de Nova Trento.  
Fonte: Neotur – Associação Neotrentina do Turismo.

O município é considerado um dos três principais pólos de colonização italiana do Estado de Santa Catarina<sup>12</sup>. Porém, é preciso apontar, antes, alguns fenômenos da história da Itália<sup>13</sup> nos anos que precederam a vinda dos emigrantes italianos para o Brasil. Para compreender historicamente a emigração italiana no final do século XIX, não basta estudar a história política da Itália mas, também, deve-se conceber alguns elementos do cotidiano dos italianos por volta de 1861, ano da Proclamação do Reino da Itália.

No contexto de transformações políticas, a doutrina cristã romana ocupava papel central na vida e no imaginário da sociedade; tal ocupação se dava pelo clero para combater os males e a imoralidade na sociedade<sup>14</sup>. Para Bronislawo Baczko, o imaginário serve como referencial de controle da vida coletiva e de exercício da autoridade e do poder. Ele acrescenta que a representação do imaginário social é sustentada pela sua hegemonia, e que “qualquer poder procura desempenhar um papel privilegiado na emissão dos discursos que veiculam os imaginários sociais, do mesmo modo que tenta conservar um certo controle sobre os seus circuitos de difusão”. Essas práticas eram um elo de sustentação, “representações da ordem social, dos atores sociais e das relações recíprocas [...], das instituições sociais em particular que dizem respeito ao exercício do poder”<sup>15</sup>.

A formação do Estado Italiano trouxe consigo medos, intranqüilidades e utopias<sup>16</sup>. Nesse mundo de crise, Rovílio Costa relata que “os imigrantes italianos, em sua terra natal, eram protegidos pelos párocos. Tinham igrejas organizadas, com coral, orquestra, local de encontro”<sup>17</sup>. Mediante esses signos organizativos de união, os italianos se revelam portadores de simbologias dentro da corporeidade do significado maior que é a Igreja

---

<sup>12</sup> Informações coletadas no Sebrae Nacional - Plano Integrado de Desenvolvimento de Turismo Sustentável: Nova Trento. Nova Trento, 2005. p. 11.

<sup>13</sup> Torna-se complexo traduzir, da língua italiana para o português-brasileiro, certos conceitos geográficos, pelo que apresentam e representam. Será adotado nesta dissertação o vocábulo *regione(i)* em vez de Estado(s), e *provincia(e)* como circunscrição administrativa constituída de um conjunto de pequenos centros menores, sendo o mais importante desses o *Capoluogo(ghi)* (capital); *paese(i)* será adotado como vilarejo ou aldeia.

<sup>14</sup> SANTOS, Roselys Isabel Correa dos. **A terra prometida - emigração italiana: mito e realidade**. 2ª ed. Itajaí: UNIVALI, 1999. p. 217.

<sup>15</sup> Cf. BACZKO, Bronislawo. **Imaginação Social**. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Oficial - Casa da Moeda, 1985. p. 309 e 313.

<sup>16</sup> Utopia: do grego ου = nenhum e τοπος = lugar. Segundo alguns teóricos da sociologia, as utopias estariam relacionadas “a uma insatisfação com uma determinada situação e o desejo de romper com o presente, com o fim de operar transformação na sociedade.” (tradução própria). MORSELLI, Emilio. **Dizionario di filosofia e scienze umane**. Milano: Signorille, 1981. p. 211.

<sup>17</sup> COSTA, Rovílio. **Imigração italiana: vida, costumes e tradições**. Porto Alegre: EST, 1981. p. 90.

Católica, que se outorga a verdadeira representante de Deus na Terra, como Igreja Militante<sup>18</sup>.

Diante de incertezas políticas e sociais do Regime Monárquico Italiano (1861 a 1946)<sup>19</sup>, a vida dos camponeses continha muitos obstáculos tais como uma alimentação pobre e à base de milho, crise e praga na uva e bicho-da-seda, o aumento da população que agravou a falta de produtividade dos terrenos montanhosos já de difícil manuseio. Juntam-se a esses fatores, os altos impostos cobrados pelo governo central, a industrialização tardia, que trouxe novos elementos e aboliu antigas tradições e impeliu os camponeses a buscarem outras formas de sobrevivência, as exaustivas jornadas de trabalho de 13 horas ou mais. Diante dessa realidade, o refúgio para a grande maioria foi a busca pelo consolo divino que se dava de muitas formas, através da intensa presença do clero. A busca mais comum era a religiosidade como experiência pessoal, aberta para novos horizontes de maneira relativamente autônoma em relação à realidade social, através da qual o Papa Pio IX encontrou, nas devoções religiosas como o Sagrado Coração de Jesus e Mariana, um vasto campo para combater as idéias do liberalismo nascente na Itália e também em toda Europa, sendo um subterfúgio concreto para continuar a hegemonia do clero<sup>20</sup>.

Tanto a Cidade Eterna como muitas outras cidades, que abrigavam Santuários, estavam presentes no imaginário popular. Assim, Roma se transforma em lugar de criação teológica<sup>21</sup>. Além disso, assume uma dimensão catequética, combatendo as formas políticas consideradas negativas, tais como o liberalismo e o progresso, que iam contra o poder constituído da Igreja Militante. Dessa forma, a busca pelo sagrado se reflete nos lugares já pré-determinados pela ação sagrada e, concomitantemente, histórica, sendo Jesus

---

<sup>18</sup> Segundo o Catecismo Católico do Vaticano I, os fiéis que estão na terra devem ainda lutar pela sua salvação eterna; formam a Igreja Militante. Os santos do céu já alcançaram a coroa da vitória; constituem a Igreja Triunfante. As santas almas do purgatório devem ainda sofrer as penas da purificação; constituem a Igreja Padecente. In: **Catecismo Católico**. São Paulo: Herder, 1963. p. 110-111. Já no Catecismo do Vaticano II, a definição de Igreja Militante, Triunfante e Padecente se encontra de forma implícita. In: **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2003. §. 1180, 1185, 1186, 2691.

<sup>19</sup> A atual Itália que conhecemos, que se encontra em quinto lugar na economia mundial, não era assim compacta antes da sua unificação. Ao sul compunha-se o Reino das duas Sicílias, compreendendo Sicília e Nápoles, sob o domínio dos Bourbons. No centro, os Estados Pontifícios, governado pelo Papa e, ao norte, o Reino do Piemonte-Sardenha, governado pela casa Savóia e Parma, sob o comando dos Bourbons do Reino das duas Sicílias. O Vêneto era domínio do Império Austro-húngaro; Módena e Toscana eram dirigidas por duques que defendiam os interesses austríacos. In: CAPPELLI, A. **Cronologia, Cronografia e Calendario Perpetuo**: dal principio dell'era cristiana ai nostri giorni. Milano: Hoepli, 1988. p. 287.

<sup>20</sup> LIBANIO, J. Batista. **As lógicas da cidade**: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. São Paulo: Loyola, 2001. p. 14.

<sup>21</sup> MADRE MATILDE. História da Congregação. São Paulo, 1919. Apud MARQUES, Ana Maria. **Nova Trento in Canto de Fé**. Itajaí: UNIVALI, 2000. p. 50.

Cristo fonte de Água Viva, que restaura a vida e sacia a sede de cada um dentro da fraternidade e da solidariedade.

A busca pelo divino se dava não somente nas horas mais necessitadas, como na doença ou na seca, mas também quando ocorriam quaisquer fenômenos fora da compreensão dos camponeses, no seio da família ou no meio da comunidade. Estes fenômenos se refletiam no cotidiano, pois além de o dia-a-dia ser revelação do mistério divino, a doutrina católica era tida como transposição da ordem cósmica e das necessidades materiais e espirituais dos crentes. Tal doutrina, em geral, subvertia as relações de confiança dos camponeses. Essa subversão se dava mediante a ótica da devoção, principalmente com a imitação da vida dos santos, porque eles “ensinam que sofrendo, com resignação, as contrariedades, as perseguições, santifica-se a alma”<sup>22</sup>. As confissões eram outra maneira de controle, já que por elas os padres sabiam o que ocorria ao seu redor e estavam prontos para condenar e advertir (in)diretamente do púlpito, através dos sermões, com base no que fora ouvido nos confessionários, constituindo-se tal prática em uma espécie de rede de informações.

O camponês, como indivíduo, projetava na Igreja e esperava dela o fio condutor até o Paraíso. A recompensa viria através da prática da religião, como bem último. A Igreja aproveitou-se dessa dependência psicológica reforçada pela fé religiosa, apoiada pelo clero em geral e resumida no lema dos Jesuítas, *Ad maiorem Dei gloria* - para a maior glória de Deus. Este *moto* era utilizado em todos os documentos e falas da congregação jesuítica, sendo usado em circunstâncias nas quais era necessária a intervenção da Instituição Católica.

A religiosidade camponesa é fruto da imagem reproduzida da “densidade dos problemas que atacam a condição rural”<sup>23</sup>, e mantida pelo sistema da não-compreensão ou até mesmo pela ingenuidade de se perceber a ação sacralizadora da Igreja, dado que aquele que estivesse fora da sociedade perfeita, desse invólucro institucional, era condenado à excomunhão. Não estar em comunhão com o outro era estar fadado à danação eterna. Enfim, se alguém estivesse fora dessa promessa da religião cristã no seu dia-a-dia, seria condenado e, sendo subjugado, haveria repercussões nas relações afetivas e no ambiente natural onde se vivia. Daí a importância de seguir a doutrina e, através dela, ter um vínculo com o mundo sobrenatural.

---

<sup>22</sup> BERTELLI, Bruno et al. **Cultura e Sviluppo**: Un'indagine sociologica sugli immigrati italiani e tedeschi nel Brasile meridionale. (Org. Renzo Gubert). Milano: Franco Angeli, 1995. p. 30.

<sup>23</sup> FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulina, 1989. p. 1153.

As práticas religiosas dos camponeses advinham da instituição Católica, que era responsável por eles e por isso se deixavam controlar pelos padres. A Igreja era tida como sociedade perfeita e que se contrapunha às idéias liberais.

Com as transformações políticas e sociais que estavam acontecendo na Itália e no mundo europeu, na metade do século XIX, os camponeses, sem a segurança da bênção dos agentes sacralizadores, estariam fora da comunhão, da proteção divina, pois era através dos atos litúrgicos, como a missa e os atos devocionais, que eles poderiam salvar tanto a si e aos seus, como também aos bens materiais. Por isso, a necessidade de imitar a vida de Jesus Cristo e a dos Santos<sup>24</sup>. Assim, o homem se tornaria co-participante da criação e membro dependente dessa sociedade perfeita. Toda essa catequese estava presente nos sermões e na atividade missionária da prédica em (re) evangelizar os fiéis através da metodologia direta de se ser observado: Deus nos vê, Ele escuta os corações em uma espécie de panóptico foucaultiniano<sup>25</sup>.

Na referida forma de manipulação do sagrado<sup>26</sup>, a população era compreendida com importância pelo sistema político vigente proposto pelo liberalismo e pelo progresso. A Igreja, com os seus códigos e representações, daria à população sustentação nas crenças tradicionais feitas e construídas nos vários Concílios realizados dentro do seio dela, visto que ela estaria mais próxima da vida camponesa e medieval<sup>27</sup>, de onde brotou, desenvolveu

---

<sup>24</sup> Leão XII. **Encíclica Rerum Novarum**: 1891. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1959.

<sup>25</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 10ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

<sup>26</sup> Por sagrado se entende a faculdade natural que o homem tem de idealizar, substituir o mundo da realidade por um mundo diferente para onde se transporta pelo pensamento. Apenas o homem tem a faculdade de conceber o ideal e de o acrescentar ao real. O que define o sagrado, e também o ideal, é o fato de ser acrescido ao real, ao profano. Essa dicotomia entre o sagrado/profano assegura a sólida ligação entre os homens e torna possível a ordem social. Cf.: DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes. 2000. p. 19-21.

<sup>27</sup> A Idade Média não existe. Foi criada *a posteriori*, pelo século XVI, que se via como responsável pela retomada da cultura greco-latina. O termo *medium aevum* foi empregado pela primeira vez por humanistas italianos para designar o período entre a Antiguidade Clássica e o Renascimento do séc. XVI. Tais humanistas afirmavam ser esse um período de *tenebrae*, marcado pela suspensão do progresso iniciado pelos gregos e romanos: estava criado o mito historiográfico da *idade das trevas*, um período intermediário, caracterizado pela barbárie, ignorância e superstição. Felizmente, a Nova História vem libertando a época medieval de todos os rótulos que a haviam deformado. Naturalmente, nesse estudo será utilizado o termo *Idade Média* não no seu sentido original, dado pelos Renascentistas, mas como um período com características próprias, que propiciou, entre outros elementos, o nascimento das línguas neolatinas e das literaturas, a criação das universidades e das instituições bancárias e o surgimento de cidades e de uma arte com características renovadoras. Ver: FRANCO JUNIOR, Hilário. **A Idade Média**: nascimento do Ocidente. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

e permaneceu com seu tradicionalismo<sup>28</sup> e, portanto, conseqüentemente ligada à manifestação do sagrado que se revela, ou seja, a hierofania.

Na nação emergente italiana, fragmentada e impregnada pela religião católica romana, a Igreja, com todo o seu aparato, e com a maneira de representar a sua totalidade e poder, fincada na tradição, por sua vez, era em si um conjunto de regras estabelecidas e absorvidas pelos aldeões, pela vida religiosa e litúrgica, ou pelos anciãos ou reis que estavam no poder. A modernidade<sup>29</sup> substituiu as regras da política, da ideologia e, principalmente, as do âmbito da cultura e da estética, pelo surgimento das rotinas da vida de fábrica ou dos regulamentos da organização burocrática<sup>30</sup>. Na ótica de Dominique Julia,

os sociólogos do começo do século [XX] constatavam a decadência das crenças tradicionais frente ao desenvolvimento do pensamento científico, mas retornavam, ao mesmo tempo, de maneiras variadas, à velha idéia de Augusto Comte, segundo a qual as sociedades só podem manter estrutura e coerência por meio de crenças comuns que reúnam os membros da comunidade<sup>31</sup>.

Em 1847, um ano após a eleição do Pontífice Pio IX, Giovanni Mastai Ferretti (1792-1878) se contrapôs ao Estado. Nesta contraposição, a Igreja usou a ferramenta das crenças como forma de manter a sua hegemonia, como princípio para atuar e participar da vida política, e seu magistério para legitimar-se. Por meio dessas crenças manteve-se a herança que pesa sobre o seu domínio político, no ambiente em que se fazia detentora e defensora de seus limites geográficos. O Estado Pontifício estava minado de corrupção e abandono, provocados pelas divisões internas da Igreja e também pelos meeiros, que tomavam as terras cuja posse outrora era da Igreja. Tal modo de agir refletiu e se fundamentou nos seus procedimentos, bem como no discurso contra a unificação política, administrativa e espacial da Itália, num espaço sociocultural impregnado de dúvidas e incertezas.

---

<sup>28</sup> Por tradicionalismo entende-se, em geral, uma postura conservadora comprometida unilateralmente com a tradição, ou seja, com o passado. Ver: ZILLES, Urbano. **O problema do conhecimento de Deus**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989. p. 34.

<sup>29</sup> O termo modernidade tem uma história longa, vem do termo latino *modernus*, e já aparece no V século d.C., para distinguir o cristão oficial presente do romano pagão passado. LYON, David. Op. cit. p. 35.

<sup>30</sup> LYON, David. Op. cit. p. 37.

<sup>31</sup> LE GOFF, Jacques; NORRA, Pierre. **História**: Novas Abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 107-108.

No início de 1861, a Câmara do Novo Parlamento Italiano, composta de 443 deputados, aprovou a lei de um só artigo: o rei Vitorio Emanuel II (1820-78), como soberano da Sardenha (1849-61) e da Itália, assumiu para si e para os seus descendentes o título de regente da Península<sup>32</sup>. Segundo Antonio Bracanti, no mesmo ano, a lei foi sancionada pelo soberano que acrescentou a fórmula: *re d'Italia per grazia di Dio e volontà della Nazione* - rei da Itália pela graça de Deus e vontade da Nação. O regente tomou para si o título de *Vitorio Emanuel II*, ao invés de *Vitorio Emanuel I*, para sublinhar a continuidade da monarquia. A unidade da Itália não tinha sido finalizada ainda, faltavam Roma e Veneza. O Conde Camillo Benso Cavour (1810-1861), primeiro ministro do reino do Piemonte, representante dos grupos liberais e progressistas, em 1852, tornou-se o artífice da unidade italiana<sup>33</sup>. Um debate provocado na Câmara, pelo mesmo ministro, em meados de 1861, concluiu-se com o voto da opinião pública, que aclamava Roma como capital nacional.

Além disso, houve um grave dissídio entre Cavour e Giuseppe Garibaldi (1807-1882) a propósito da organização das tropas voluntárias que zarpariam de Gênova-*Quarto* e desembarcariam na Sicília, com a *spedizione dei Mille*<sup>34</sup>. A denominação *dei Mille* dada à expedição ocorreu em razão de que mil homens vieram de todas as partes do norte da Itália, principalmente de Bergamo-Lombardia, para se juntar a Giuseppe Garibaldi. Esta expedição entraria no *Regno delle Due Sicilie* (Nápoles e Sicília) e iria em direção ao Estado Pontifício para conquistá-lo, dando-se a Questão Romana.

### 1.1 *O ultimatum do Piemonte na Questão Romana*

Unida com o Papa, a França – “filha mais velha” da Igreja Católica, veio em socorro do Estado Pontifício. Porém, mesmo com a participação francesa e de grupos dirigentes peninsulares, Roma foi tomada pelos revolucionários. Giovanni Visconti Venosta (1831-1906), Ministro do Exterior do jovem reino, reconheceu que a Questão Romana foi o vínculo que diminuiu a liberdade de ação para tornar dependente a política italiana da francesa<sup>35</sup>.

A Questão Romana foi colocada no dia seguinte à proclamação do Reino da Itália, no fim de outubro de 1861. Camillo Benso, conde de Cavour, declarou-se confiante de que “o exercício da liberdade esperada por todos e lealmente praticada produzirá uma grande

<sup>32</sup> MONTI, Aldino. *I bracianti*. Bologna: Il mulino, 1998. p. 15.

<sup>33</sup> ROMANO, Sergio. *Storia d'Italia dal Risorgimento ai nostri giorni*. Milano: Longanesi & C., 1998. p. 17-20.

<sup>34</sup> MONTI, Aldino. Op. cit. p. 86.

<sup>35</sup> BRACANTI, Antonio. Op. cit. p. 530.

manifestação no espírito, nos sentimentos, com respeito à sociedade civil”<sup>36</sup>. Ele tentou influenciar o pontífice Pio IX (1792-1878) de modo a reconciliá-lo com a sociedade nascente e, em vista dessa coexistência, em Roma, o papado seria transformado, assumindo uma posição pacífica em relação ao poder político<sup>37</sup>.

Por outro lado, segundo Guido Zagheni, “a Questão Romana está ligada não somente a uma questão jurisdicional e a um problema territorial, mas também a um problema religioso”<sup>38</sup>. Em março de 1861, Cavour repetia: “Roma, Roma deve somente ser capital da Itália”. Declarava, todavia, que Roma “ia de encontro com a França” e que “sem a união de Roma com o resto da Itália, esta poderia ser interpretada, por partidos católicos, da Itália e fora dela, como sinal de submissão à Igreja”<sup>39</sup>.

Houve um embate entre as duas concepções do mundo político na Itália: de um lado o Ministro Cavour, que morreria em 06 de junho de 1861 e, do outro, o Papado com o seu representante, Pio IX. Nessa dicotomia, encontrou-se a legitimação do chefe do Estado Pontifício, remanescente do poder temporal da Igreja Católica na Idade Média. O poder do Estado, então, foi constituído por direito pela família Sabóia.

No impasse entre o papa Pio IX e a unificação italiana, nota-se que Cavour se legitima como libertador, de acordo com o pensamento dos liberais, no qual o indivíduo tem poder de escolha. Ao falar-se de indivíduo, fala-se de modernidade, de redes, de contatos. A Igreja, ao contrário, se coloca no coletivo, ou seja, de volta às suas origens camponesas, fixando-se no tempo e na tradição. Como o novo era visto como não consagrado, abusivo e depreciativo, evidentemente ela fez-se prudente diante da modernidade e da industrialização. Esse momento se vê muito bem retratado na fala do jornal *Le Siècle*:

Colocamos como princípio que a indústria é essencialmente protestante: ora, vós o sabeis, todo protestante entrará no martírio do fogo. O catolicismo, do qual somos os mais ilustres representantes na terra, gosta apenas do trabalho agrícola, e isto pode ser compreendido: o camponês é ignorante, supersticioso, fácil de conduzir. Ele crê sem dificuldade em todos os nossos milagres. Ao passo que vossas cidades, vossas usinas, são locais de perdição<sup>40</sup>.

<sup>36</sup> CAVOUR, Camillo Benso. **La questione romana negli anni 1860**: 1861 - vol. I. Bologna: Zanichelli, 1929. p. 54.

<sup>37</sup> JUNKES, Lauro. **De Pedro a João Paulo II**: 2000 Anos da Igreja de Jesus Cristo. Florianópolis: L&TJ Paróquia Sma. Trindade, 2000. p. 95.

<sup>38</sup> ZAGHENI, Guido. **A Idade Contemporânea**: Curso de História da Igreja IV. São Paulo: Paulus, 1999. p. 128.

<sup>39</sup> CAVOUR, Camillo Benso. Op. cit. p. 54.

<sup>40</sup> LACREE, Michel. A guerra dos deuses e tecnologia: a benção de Prometeu. In: **O tempo das paixões**: praguejadores e turiferários (1830-1914). Bauru: EDUSC, 2002. p. 35. Cf. *Le Siècle*, 24 nov. 1854.

A investida prosseguia, através de ataques, para dar cada vez mais visibilidade à força dos anti-liberais, na figura do Papa, e, assim, satisfazer o leitor do jornal *Le Siècle*. O Ministro, depois de ter tentado inutilmente um acordo com o Papa, quando esta realidade parecia replicar politicamente as declarações daquele no parlamento, não chegou a uma conclusão definitiva sobre a inserção de Roma no novo reino. Em 18 de março de 1861, Cavour declarava aos cardeais que “já há muito tempo se pede ao Sumo Pontífice que se reconcilie e se ajuste com o progresso e com o liberalismo, como vem sendo chamada a ‘moderna civilização’”<sup>41</sup>. Também um acordo semelhante com o socialismo emergente seria impossível, já que este era visto pela religião Católica como pai e propagador fecundo de infinitos e intermináveis erros, como instrumentos do demônio.

O desencontro entre as aspirações italianas e a tenacidade da defesa papal do poder temporal não era realmente uma mera disputa territorial, mas assumia o caráter de uma batalha, uma luta entre duas concepções de mundo. Cavour tinha afirmado as principais idéias universais do liberalismo, e tinha a capacidade para conquistar também os ânimos de seus adversários. A Igreja fazia sua contraposição, mediante sua tradição e seu milenário magistério. Em sua defesa estava o poder temporal, não somente do Papa, mas também dos Bispos de todo o mundo. Reunidos em Roma, em junho de 1862, estes estabeleceram uma condição irrenunciável para a defesa da Igreja e, segundo Earle Cairns, uma “declaração de infabilidade papal no Concílio Vaticano I, assinalando o ápice da obra de Pio IX”<sup>42</sup>.

Já no modelo para a sociedade política, como podemos observar, a contraposição à ‘civilização moderna’, enunciada por Pio IX, é solenemente proclamada na encíclica *Quanta Cura* publicada em 1864, trazendo em anexo o *syllabus*<sup>43</sup>. Este ia além dos problemas pontifícios relacionados ao poder temporal. Não era somente uma garantia para a independência do Papa, era também o modelo de um governo que, com suas particulares instituições e com a sua ação de combater a propagação de uma cultura condenada pela sua incredulidade e pelos infinitos erros, fazia-se inconciliável com a doutrina Católica.

---

<sup>41</sup>VIVANTI, Corrado. *Elementi di Storia 3: Il mondo contemporaneo*. Milano: Marietti, 1982. p. 101.

<sup>42</sup>CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 336.

<sup>43</sup>PIO IX. *Encíclica Quanta Cura Syllabus: sobre os erros do Naturalismo e Liberalismo*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1959. p. 19-27.

Ainda podemos observar que a Igreja sabia oferecer a alternativa entre a Monarquia nascente e o Despotismo, nos quais as classes dirigentes da sociedade ficavam cada vez mais longe da fé e procuravam manter a ordem, observando e seguindo a desdivinização do cotidiano e introduzindo, no meio social, as vantagens da industrialização, trazida da Inglaterra com a Revolução Industrial:

tu, indústria, qualquer sejas; tu, arte associada ao homem, qualquer que seja o nome que te dão; tu, invenção de alguma necessidade; tu, processo revelado por certo cálculo e certo acaso; tu, método que elogiamos há ainda poucos dias; tu, produto que não devias ter rival; tu, enfim, conjunto geral dos recursos do homem, comparece diante do Juiz. O momento chegou<sup>44</sup>.

O Socialismo, o Comunismo e o clero-liberal, principalmente na França e na Itália, eram considerados sumariamente como pestilência, sendo reprovados em documentos pontificais como erros com “gravíssimas expressões”<sup>45</sup>. Tais erros eram todos julgados, evidentemente, dentro do *syllabus*, porque ele, por si só, regia o que a Igreja Católica queria. Por outro lado, esta mostrava a preocupação de atingir um por um aqueles que eram considerados os chefes da ‘moderna civilização’, e repelia a todos sem remissão.

O embate de posições e de ideais, que separou a Igreja da vida italiana, teve conseqüências graves também no plano político. O endurecimento das opiniões do Papa em relação ao liberalismo impossibilitou a negociação e, com maior razão, aumentou a oposição e o compromisso das partes.

De fato, parecia difícil a possibilidade de Roma chegar a ter as duas condições colocadas por Cavour: consentimento francês em deixar Roma e retornar para França ou aceitação por parte do Pio IX. A política italiana acabou por encontrar-se em um impasse: atacar Roma ou não<sup>46</sup>.

Em tal sentido agiu Giuseppe Garibaldi, em agosto de 1862, quando se movimentou com algumas centenas de voluntários da Sicília em marcha contra Roma. A tentativa se voltou contra as forças regulares, sobre os montes da Calábria, onde o revolucionário dos dois mundos foi ferido e não poucos dos seus homens morreram no campo de batalha.

---

<sup>44</sup> LACREE, Michel. Op. cit. p. 30.

<sup>45</sup> CAIRNS, Earle E. Op. cit. p. 15.

<sup>46</sup> ROMANO, Sergio. Op. cit. p. 17-22.

Seguiram-se, ao ocorrido, duríssimas polêmicas, não abrandadas nem pela anistia. A aventura garibaldina foi completada sem o consentimento do rei e do primeiro ministro, Urbano Rattazzi (1808-73, *presidente del Consiglio*, 1862-1867). A partir desse acontecimento, é feito um acordo com a França, em 1864, para a retirada das suas tropas de Roma, fato conhecido como a Convenção de Setembro. Com o atraso da unificação italiana, surge, para o camponês, pela quase ausência do aparato governativo, a possibilidade da emigração, porque uma coisa eram as batalhas para a unificação nos grandes centros, outra era a realidade dos camponeses abandonados nos Alpes, Apeninos, planícies do Norte, Centro e Sul da Península.

## 1.2 A Itália está feita: agora é preciso fazer a sua população

O movimento migratório na Europa aconteceu em vários países. Em geral, pode-se afirmar, primeiramente, que os países que se demonstraram capazes de atuar em um relevante desenvolvimento industrial nos últimos anos do século XIX tiveram um forte aumento da população, com uma alta taxa de natalidade<sup>47</sup>. A emigração e a imigração foram fenômenos típicos da fase de passagem de uma estrutura essencialmente agrícola a outra, lenta e essencialmente industrial. Em segundo lugar, a migração se esgotou porque a industrialização chegou a um nível de determinação de forte absorção de mão-de-obra e diminuição da taxa de nascimentos.

Os países que sofreram um desenvolvimento industrial tardio e insuficiente tiveram um aumento dos nascimentos de filhos em razão do trabalho agrícola, posto que os pais precisavam de mão-de-obra e os filhos eram uma saída legítima, aprovada pela Igreja Católica, que dizia que a prole era o sinal da benção de Deus sobre os homens. Tal fato era uma característica de muitas famílias que, com isso, permaneciam fornecendo produtos humanos para a imigração. “Sadios, laboriosos e moralizados”<sup>48</sup>, estas eram as exigências feitas pelos agentes imigratórios e a Itália fez parte substancial deste contexto.

Para avaliar com clareza o caso italiano, deve-se antes de tudo lembrar que, no momento da Unificação, a Itália sofria um desequilíbrio populacional bastante intenso. Grosselli relata que “os camponeses europeus emigraram porque a sociedade em que viviam tinha assumido características tais que não mais permitiam a sobrevivência de

---

<sup>47</sup> LAZZAROTTO, Danilo. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sulina, 1971. p. 56.

<sup>48</sup> MADRE MATILDE, Op. cit. p. 2.

formas de vida e de valores que tinham sido deles durante séculos”<sup>49</sup>, e os meios relativamente limitantes da sua economia ainda prevaleciam atrasados e rudimentares.

Além do desequilíbrio econômico, apresentavam-se outras circunstâncias de caráter local, como a língua, observando-se que o italiano *standard* - oficial - ou, comumente, a língua de Dante Alighieri, não era muito praticado pela população, com poucas exceções. Mais utilizados eram os dialetos. A falta de estradas que ligassem os *Paesi* às *Province* dava oportunidade à migração temporária de operários como: carpinteiros, pedreiros, entre outros<sup>50</sup>. Tais trabalhadores eram provenientes sobretudo das zonas alpinas e pré-alpinas, migrando em direção à França, Suíça e aos países da Europa Central<sup>51</sup>.

A esta migração, essencialmente por trabalho de temporada, se acrescenta, nos trinta ou quarenta anos precedentes a 1861, uma limitada emigração permanente, podendo-se ver, com isso, que a Itália já conhecia o processo migratório dentro do seu contexto. Como afirma Zuleica Alvim, a grande duração da imigração, que levou à formação dos núcleos relativamente consistentes de imigrantes italianos na França, na Tunísia, no Egito, na Argentina, no Brasil e no Uruguay (sic)<sup>52</sup>, ocasionou a diminuição da população local, ou seja, no país de origem houve um esvaziamento populacional.

No rastro dessa velha corrente, a emigração se intensificou, em torno de 1870, a partir da movimentação de grupos de trabalhadores das zonas alpinas e pré-alpinas e dos mais desfavorecidos do *Mezzo giorno* peninsular - o sul da Itália. Ainda, depois de 1880, quando se acentuou o crescimento demográfico, este fato coincidiu com uma grave crise agrária. Movimentaram-se, então, migrantes de todas as *regioni*, mas sobretudo daquelas setentrionais. Segundo Frosi, vieram vênnetos, lombardos, do Trentino-Alto Ádige e do Friuli-Venezia Giulia<sup>53</sup>. Ao mesmo tempo, cresceu consideravelmente a emigração transoceânica, a qual se tornou ainda maior no período entre 1870 e 1895, anos caracterizados por uma grave crise econômica geral. Simultaneamente, mas em medida menor, crescia a migração temporária, em direção à França e depois em direção à Alemanha e a outros países europeus, para trabalhos edílicos, viários e ferroviários e também industriários.

<sup>49</sup> GROSSELLI, Renzo Maria. **Vencer ou Morrer**: Camponeses trentinos (vênnetos e lombardos) nas florestas brasileiras. Florianópolis: UFSC, 1987. p. 12.

<sup>50</sup> ALVIM, Zuleica. M. F. **Brava gente! Os italianos em São Paulo**: 1870-1921. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.12.

<sup>51</sup> GROSSELLI, Renzo Maria. Op. cit. p. 75. Ver: MASTRONI, Giovanni. **La società italiana dall'unificazione alla Grande Guerra**. Roma-Bari: Laterza, 2002.

<sup>52</sup> ALVIM, Zuleica. M. F. Op. cit. p. 26.

<sup>53</sup> FROSI, Vitalina; MIORANZA, Ciro. **Dialetos Italianos**: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 1993. p. 54-59.

O grave fenômeno econômico e social intensificou-se depois de 1895, e alcançou proporções gigantescas de expatriados, no período do final do século XIX e início do século XX<sup>54</sup>, no Brasil e em outros países.

Na base de tudo isto - como já se acenou anteriormente - agiram numerosas causas. Entre as principais, destaca-se o contínuo e forte aumento da população italiana, com uma densidade por quilômetro quadrado inferior somente àquela da Inglaterra, da Bélgica e da Holanda, países economicamente muito mais progressistas e ricos. Ressalta Roselys Isabel Correa dos Santos o “atraso da indústria italiana e do comércio, incapazes de absorver a excedência de mão-de-obra”<sup>55</sup>. Fulvio Finessi destaca que “o aumento demográfico, seguido da falta de territórios férteis e das altas taxas de impostos, foram motivos que se juntaram ao desejo de melhorar a condição de vida e conseguir a emancipação financeira”<sup>56</sup>. Além disso, havia as “pestes que atacavam as produções agrícolas, aumentando consideravelmente a pobreza”<sup>57</sup>. Assim, a opção foi, em certas localidades, a emigração como solução dos problemas naturais e políticos.

### 1.3 O início da Odisséia italiana fora das colunas de Hércules

Com o Decreto nº 6.663, de 17 de junho de 1874<sup>58</sup>, entre o Governo Imperial e Joaquim Caetano Pinto, autorizava-se a odisséia dos imigrantes europeus para o Brasil, que se iniciou em grande escala por volta da década de 70, em direção ao Sul do Brasil, embora já fosse observado um pequeno fluxo de italianos e outros estrangeiros em *terrae Brasilis*, anteriormente. Mas, antes de chegarem à sua nova Ítaca, onde “corre leite e mel”<sup>59</sup>, os italianos precisavam sair do ‘território de batalha’ que eram os portos europeus.

No contexto italiano, Gênova era um dos portos mais procurados, por estar ali a sede da emigração, e, lá, a partida da terra natal era muitas vezes dilacerante. Pode-se conhecer, com Grosselli, um desses momentos: “Esta manhã às 5 horas e meia vi uma

<sup>54</sup> FROSI, Vitalina; MIORANZA, Ciro. Op. cit. p. 54.

<sup>55</sup> SANTOS, Roselys Isabel Correa dos. Op. cit. p. 40-45.

<sup>56</sup> FINESSI, Fulvio. Apud SIMONI, Karine. **Sonhar, Viver e Recordar**: Memórias dos Nonos de Xavantina (1920-1950). Florianópolis: Insular, 2002. p. 29.

<sup>57</sup> Idem. *ibid.*

<sup>58</sup> MADRE PAULINA. Biografia Comentada. Vol. 1. **Positio sobre a vida e as virtudes**. Roma, 1986. p. 39.

<sup>59</sup> NARDONI, Fulvio. **La Sacra Bibbia** – tradução Italiana dai testi originali: Êsodo. Cap. 33. Ver. 3. Italia: Libreria Editrice Fiorentina, 1960. p. 132.

multidão de gente vagueando pela cidade; uns cantavam, outros blasfemavam, outros arrastavam mulheres e crianças chorando, em suma parecia o fim do mundo”<sup>60</sup>.

Com a saída das suas terras, os imigrantes vendiam o que tinham ou deixavam tudo para trás e seguiam de trem até os portos que as Companhias de Imigração indicavam.

Os trentinos do Tirol Austríaco zarparam dos portos de Gênova, norte da Itália<sup>61</sup>, enquanto outros partiam do porto francês de *Le Havre*, norte-ocidental da França<sup>62</sup>. E assim foram os trentinos do *Mare Nostrum* em direção às colunas de Hércules, em busca de um mundo desconhecido e rico de fantasia, a terra prometida: *cuccagna*<sup>63</sup>.

Os imigrantes navegavam pelo Oceano Atlântico numa viagem que, se tudo corresse bem, duraria em torno de 30, 40 dias ou até mais. Assim, os *degradados filhos de Eva* iam em busca da sua *Mérica*, com sua sina e sonhos, esperando aportar em *berços esplêndidos*, utopias estas construídas a partir das promessas dos agentes migratórios na Itália, como Pietro Tabacchia e o mais famoso dentre eles, Joaquim Caetano Pinto Junior. Segundo Giralda Seyferth, este último era “agente encarregado de recrutar emigrantes europeus, que tinha como finalidade colonizar o Sul do país e, em São Paulo, suprir as necessidades de mão-de-obra enfrentadas pelas grandes fazendas de café por ocasião da abolição da escravatura”<sup>64</sup>.

Conforme Agenor Neves Marques, os agentes tinham “plenos poderes para alistar as famílias que quiseram emigrar e encaminhá-las para o Vale do Itajaí”<sup>65</sup>. A Colônia de Blumenau mantinha em *Trento*, Norte da Itália, o agente Joaquim Caetano Pinto, para a imigração trentina. Anos se passaram e se intensificou a imigração, como relata Roselys Isabel Correa dos Santos: “se observam deslocamentos individuais de pessoas destas regiões, ou mesmo nada comparável com o que viria a acontecer a partir principalmente do

<sup>60</sup> GROSSELLI, Renzo Maria. Op.cit. p. 229. Apud Jornal: Voce Cattolica de 12/12/1878.

<sup>61</sup> SERPA, Ivan Carlos. **Os engenhos de Limeira**: história e memória da imigração no Vale do Itajaí. Itajaí: UNIVALI, 2000. p. 22-23.

<sup>62</sup> LORENZI, Guido. **La Beata Madre Paolina**: fra carisma e obbedienza. Milano: Editrice Ancora, 1991. p. 179.

<sup>63</sup> *Cuccagna* significa um lugar fabuloso onde se come, se bebe e se diverte à vontade, lugar de prazer e de riqueza, abundância de tudo; vida prazerosa e alegre; nas festas de interior, pau de sebo na qual se sobe para se apoderar de um prêmio colocado no topo do mesmo. Cf. **Dizionario Garzanti di Italiano**: con una grammatica essenziale in appendice. Bologna: Garzanti, 1994. p. 340. [Tradução própria].

<sup>64</sup> SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: UnB, 1990. p. 22.

<sup>65</sup> MARQUES, Agenor Neves. **Imigração italiana**: edição comemorativa do Centenário de Urussanga 1878-1978. Urussanga, 1978. p. 45.

referido ano de 1875”<sup>66</sup>. Esta data é considerada a da grande leva de imigrantes por estas paragens e para tantos outros continentes.

#### 1.4 Rumo à *cuccagna*

Do continente europeu vieram muitos imigrantes. Do Norte da Itália vieram vênnetos, lombardos e trentinos, habitantes das regiões de onde afluíram os maiores contingentes de almas, que seguiam para o Sul e Sudeste do Brasil. Os do Sul da Itália foram para outros países e, em menor escala, para o solo brasileiro. A maneira como eles vieram foi um tanto desastrosa, conforme relata Renzo Grosselli. A desorganização imperava nos portos brasileiros, sem uma estrutura adequada para recebê-los: “faltavam intérpretes para prestar as devidas informações sobre a disponibilidade de terras nas colônias de Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo e Rio Grande do Sul, ou para indicar a disponibilidade de trabalho assalariado, nas fazendas de café, em São Paulo”<sup>67</sup>.

Segundo Nelma Baldin, aqueles que desembarcavam no porto de Santos eram destinados ao estado de São Paulo, para trabalhos agrícolas, e os que desembarcavam no porto do Rio de Janeiro seguiam para os diversos pontos do Brasil<sup>68</sup>. Assim, os emigrantes com destino à Colônia *Itajahy* Príncipe Dom Pedro aportavam no Rio de Janeiro e seguiam por mar até Desterro, a capital, hodierna Florianópolis, e daí para Itajaí, cidade portuária, porta de entrada para os vales de Itajaí-Mirim com o Itajaí-Açu e o Vale do Rio Tijucas.

A colonização europeia em Brusque fez parte do projeto de ocupação do Vale do Itajaí-Mirim e seus vales, e se intensificou em torno da segunda metade do século XIX. Para esse fim, o Governo Imperial incentivou a vinda de imigrantes de origem europeia, principalmente alemães, italianos e poloneses, vistos como trabalhadores ideais para promover o desenvolvimento da região.

A fundação de Brusque data de 04/08/1860, quando um grupo do Sul da Alemanha chegou a Vicente Só, antigo nome do município. Deu-se, então, início à Colônia *Itajahy* que, em 17/02/1890, ganhou oficialmente a denominação que tem hoje, em função do nome do seu diretor, Francisco Carlos de Araújo Brusque<sup>69</sup>.

---

<sup>66</sup> SANTOS, Roselys Isabel Correa dos. Op. cit. p. 63.

<sup>67</sup> GROSSELLI, Renzo Maria. Op. cit. p. 432.

<sup>68</sup> BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade**. Florianópolis: Insular/UFSC, 1999. p. 60-62 .

<sup>69</sup> CAMPOS, Custódio Francisco de. **Achegas para a história de Brusque**. In: Álbum do 1º Centenário de Brusque. Sociedade Amigos de Brusque, 1960.

Os trentinos partiram de Brusque, e se estabeleceram temporariamente no quilômetro 16, atual distrito de Claraíba em Nova Trento. Os imigrantes que ficaram em Brusque instalaram-se em barracos de pau-a-pique no porto de Itajaí. Observa-se também, nos escritos de Madre Matilde, CIIC<sup>70</sup>, que “quando nossos pais chegaram da Europa ficaram três meses em Brusque, fazendo estradas nestas terras desertas, onde os animais silvestres tinham livre domicílio”<sup>71</sup>.

Enquanto isto, para o grupo trentino foram assinaladas terras para colonizar em Alfêres, antigo nome de Nova Trento, no Vale de Tijucas, que foram imediatamente povoadas e nomeadas com a ressignificação dos nomes das terras deixadas: Vígolo, Bezenello, Valsugana e tantos outros. Quando os imigrantes trentinos tomaram posse de suas terras, já existiam presentes no local assentamentos indígenas, uma madeireira norte-americana, instalada ali entre 1833 e 1838, e ocupantes de outras nacionalidades<sup>72</sup>.

A vida dos imigrantes era árdua e laboriosa, mas na colônia de Nova Trento houve uma perspectiva de funcionalidade superior a de Brusque. Segundo Grosselli, havia “a viabilidade do rio do Braço”<sup>73</sup>, em cujas margens se desenvolveu o centro urbano de Nova Trento, afluente do rio Tijucas”<sup>74</sup>. A navegabilidade do rio do Braço fez com que esta se destacasse das outras colônias. Foi também, no entanto, razão do seu enfraquecimento econômico, devido ao assoreamento do rio e às secas, e por causa das autoridades que não viam com bons olhos a abertura de estradas “entre os dois centros vizinhos”<sup>75</sup>, de Nova Trento a Tijucas. Toda a dificuldade vivenciada não estava no contrato firmado com Caetano Pinto, que prometia terras para cada família e subvenção do governo para abertura de estradas e espaços para casas e lavouras nas colônias. As complexidades relacionadas à nova terra, aos costumes, à língua, ao clima sub-tropical e a todos os obstáculos na instalação da colônia e adaptação dos colonos<sup>76</sup> eram imensas. No transferência de pátria, se observa o fator agregador dos imigrantes italianos, caracterizados pela forte religiosidade. O significado da religião, para eles, era o de

---

<sup>70</sup> A sigla CIIC significa: Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição.

<sup>71</sup> Madre Matilde. **História da Congregação**. São Paulo, 1919. p. 21.

<sup>72</sup> GROSSELLI, Renzo Maria. Op. cit. p. 432.

<sup>73</sup> Rio do Braço banha Nova Trento e sua extensão é de 115 quilômetros. Nasce no município de Leoberto Leal, passa por Nova Trento, São Batista e desemboca em Tijucas.

<sup>74</sup> GROSSELLI, Renzo Maria. Op. cit. p. p. 483.

<sup>75</sup> Idem. p. 485.

<sup>76</sup> Ao chegarem ao Brasil, os imigrantes foram chamados de colonos pelo Governo Imperial. O termo designa aquele que cultivava a terra. Ver: BOSI, Alfredo. *Colônia, culto e cultura*. In: **Dialética da colonização**. 3º ed. São Paulo: Cia das Letras, 2000. p. 11.

uma âncora em meio a um mar de turbulência diante do desconhecido e o de apoio para a transposição/transformação de uma nova vida num outro país.

### 1.5 Os risomas dos Jesuítas em Nova Trento

Nova Trento dependia administrativamente da Colônia *Itajahy* até 1881. Quanto à questão religiosa, pertencia à paróquia de São Luiz Gonzaga, em Brusque que, por sua vez, estava subordinada à arquidiocese de Curitiba<sup>77</sup>. Segundo o texto manuscrito de Madre Matilde, os padres eram responsáveis pelas almas dos neo-trentinos, sendo apenas um deles alemão: “[...] Padre Alberto Gattone foi que disse a primeira missa na recente colônia, na localidade Alliança, a 12 quilômetros de Nova Trento [...]”<sup>78</sup>. Madre Matilde afirma ainda que:

Sucedeu-lhe o padre Arcângelo Ganarini, tirolês da Diocese de Trento [...]. Porém, ficou pouco tempo [...]. Em 1879 chegou do Colégio São Luis de Itu, enviado pelo Reverendo padre Vicente Cogumelli, Superior da Missão dos padres da Companhia de Jesus da Província Romana, o padre Augusto Servanzi, com ordem de abrir uma residência [convento] em Nova Trento<sup>79</sup>.

Os religiosos da Companhia de Jesus, presente no Vale do Rio Tijucas, eram de nacionalidade italiana pertencentes juridicamente à “Província romana, [em Nova Trento] que foi administrada até 1913 [...] depois passou a ser atendida por representantes da missão alemã. Então, o Município foi elevado à dignidade de Província, em 1927”<sup>80</sup>, situação que perdura até os dias atuais. Isso ocorreu “em razão do fechamento da casa em Florianópolis e os jesuítas foram transferidos, em janeiro de 1879, para a vila que surgia, na foz do ribeirão dos Alferes”<sup>81</sup>.

<sup>77</sup> O Papa Leão XIII, com a Bula *Ad universas Orbis Ecclesiae*, em 27 de abril de 1892, criou o Bispado do Paraná e Santa Catarina, com sede em Curitiba, sufragânea da Sé Metropolitana do Rio de Janeiro, com o território do Paraná desmembrado do Bispado de São Paulo e o de Santa Catarina, do Bispado do Rio de Janeiro. O 1º Bispo de Curitiba foi Dom José de Camargo Barros. E a 19 de março de 1908, pela Bula *Quum Sanctissimus Dominus Noster*, do Papa Pio X, era criada a Diocese de Florianópolis, desmembrada da de Curitiba. O 1º Bispo de Santa Catarina foi Dom João Becker. Cf.: MATOS, Enio de Oliveira. **Arquidiocese de Florianópolis: preservando a sua história**. Florianópolis, 1996. p. 10-14. Ver: **A Arquidiocese de Curitiba (sic): na sua (sic) história**, 1956. p. 20.

<sup>78</sup> MADRE PAULINA. Op. cit. p. 54.

<sup>79</sup> MADRE MATILDE. Op. cit. p. 22.

<sup>80</sup> LUTTERBERCK, Jorge Alfredo. **Jesuítas no sul do Brasil**. São Leopoldo: UNISINOS, 1977. p. 80.

<sup>81</sup> MARCHIORI, Tarcísio. **Madre Paulina**. Florianópolis, [1989]. p. 5.

Desde 1879, ano de entrada dos Jesuítas em Nova Trento, o retiro de Santo Inácio era realizado, todos os anos, por homens e mulheres, moços e moças<sup>82</sup>. Observa-se que a religião era perpetuada pelos Exercícios Espirituais, seguindo o método de Santo Inácio de Loyola, pregado aos neotrentinos. Estes exercícios serviam de controle político, econômico e social.

Nova Trento, como “município se deu a sua elevação em 1892, e em 1875, foi criado como distrito colonial, e em 1885 com a lei nº 1.074, criaria a freguesia e o distrito de paz que foi um passo”<sup>83</sup> para a sua elevação. Quando da sua criação, o município era conhecido como um convento municipalizado pela existência de três congregações religiosas<sup>84</sup> - uma feminina: a Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição (CIIC)<sup>85</sup>, e duas masculinas: os Irmãos da Congregação do Santíssimo Coração de Jesus, CSCJ<sup>86</sup>, que eram conhecidos como Robertinos, e os próprios padres Jesuítas, assinando como S.J.<sup>87</sup>, que atendiam espiritualmente os dois Institutos e todos os munícipes católicos, como também os da região circunvizinha. Por isso a alcunha de Convento Municipalizado, já que outros municípios eram desprovidos espiritualmente do clero, e assistidos pelos “padres leigos” ou “padres da capela”, como eram chamados no Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina, eram conhecidos como “Capelão”, “Sacristão” ou “Ministro”. Estes eram os colonos que sabiam ler ou que tinham certo carisma para tal função<sup>88</sup>.

Em vários pontos de Nova Trento se observam construções de edifícios religiosos que, “em brevíssimo tempo, os Jesuítas fizeram surgir no município como igrejas, capelas, oratórios, dois institutos religiosos”<sup>89</sup> e santuários<sup>90</sup> que, sob a ótica eclesiástica, não eram

---

<sup>82</sup> Idem. p. 10. Cf.: DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o ginásio catarinense na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

<sup>83</sup> PIAZZA, Walter Fernando. **Nova Trento**. Florianópolis, 1950. p. 23-25.

<sup>84</sup> MARCHIORI, Tarcísio. Op. cit. p. 05-06.

<sup>85</sup> A CIIC foi fundada por Amábilis Lúcia Visintainer (Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus) e Virgínia Rosa Nicolodi (Madre Matilde da Imaculada Conceição) em 12 de julho de 1890, aceita pela Igreja, através do Bispo Dom José de Camargo Barros, em 18 de dezembro de 1895, e reconhecida definitivamente pelo papa Pio XII, em 27 de outubro de 1947.

<sup>86</sup> A CSCJ foi fundada em 1900 por Roberto Facchini e seis companheiros, conhecidos como Robertinos. Eles tiveram apoio espiritual do Pe. Luis Rossi, SJ. A sua supressão foi feita em 1904 pelo Bispo Dom José de Camargo Barros. Como carisma: Contemplação e Mendicância. Cf.: PIAZZA, F. Walter. **A igreja em Santa Catarina: notas para sua história**. Florianópolis: UFSC, 1987. p. 452.

<sup>87</sup> S.J., em latim, *Societas Jesu*. Em português, Irmãos e Sacerdotes da Companhia de Jesus ou, como conhecidos popularmente, Jesuítas.

<sup>88</sup> GROSSELLI, Renzo Maria. Op. cit. p. 452.

<sup>89</sup> DALL’ALBA, João Leonir. **Imigração italiana em Santa Catarina: documentário**. Caxias do Sul: EDUCS/ EST/ co-edição LUNARDELLI, 1983. p. 94.

<sup>90</sup> O Direito Canônico conceitua Santuário como: Cân. 1330 - a igreja ou outro lugar sagrado, aonde os fiéis, em grande número, por algum motivo especial de piedade, fazem peregrinações com a aprovação do

reconhecidos como tal pelo Ordinário local, e sim pelo povo, por devoção. Eram dois: o de Nossa Senhora do Bom Socorro, no Morro da Onça, que logo em seguida foi denominado Morro da Cruz, por ter sido posta uma cruz pela comemoração da virada do século XIX para o século XX; e o Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, em Vígolo. Ambos os Santuários foram eleitos pela devoção popular, primeiramente, e depois pelo Ordinário local, ou seja, pelo Bispo.

O Santuário de Nossa Senhora do Bom Socorro, no Morro da Cruz, conhecido popularmente como o “da Santa”, tem as suas festas nos dias três de maio e quinze de agosto. A sua construção se deu mediante o desejo do Pe. Alfredo Russel, S.J, que, a 24 de março de 1901, ao benzer a Cruz do Século, plantada no cimo do Morro da Onça, pronunciara uma oração na qual lembrou o “Santuário de Nossa Senhora do Bom Socorro de Ruem na França e das grandes graças que aí dispensava a Santa Virgem aos seus devotos”<sup>91</sup>.

Relata Piazza que “os colonos se coligaram e por 300\$000 (sic) adquiriram do Governo as terras (236,485m<sup>2</sup>) onde se ergueu, primeiramente, modesta capela e, hoje, se ergue o imponente santuário”<sup>92</sup>. Enio de Oliveira Matos ressalta que “em 1905, Dom Duarte Leopoldo e Silva, então Bispo Diocesano de Curitiba, sob cuja jurisdição estava todo o estado de Santa Catarina, oficializou-o como ponto de peregrinações”<sup>93</sup>. Mas o santuário foi elevado a tal categoria somente em 1988, em ocasião do Ano Mariano, no dia 15 de junho, por Dom Afonso Niehues, arcebispo de Florianópolis (1967-1991), que oficializara e decretara a criação e previu que o Pároco da Paróquia de São Virgílio, de Nova Trento, exerceria também as funções de Reitor do Santuário.

Já o santuário de Vígolo, que vigolanos e Jesuítas denominaram de Nossa Senhora de Lourdes, deu-se primeiramente como Capelinha, dedicada a São Jorge, celebrando-se a sua festa em 23 de abril<sup>94</sup>, no vale do Alto Alferes, a seis quilômetros da Sede; mais tarde o

---

Ordinário local, o Bispo. Ou, ainda, lugar sagrado ou manifestação do sagrado, onde mora a presença de Deus. De acordo com a Bíblia, o Santuário era o lugar santíssimo (Lv. 16,16), quer dizer, a parte mais interna e reservada ao tabernáculo no templo de Jerusalém, embora a palavra se aplicasse também, em sentido genérico, a todo o edifício. Em sentido figurado, chama-se santuário o povo de Deus (Sl. 114, 2), porque Deus mora nele. Por outro lado, também Deus é santuário do seu povo (Is. 8, 14).

<sup>91</sup> PIAZZA, Walter Fernando. **Nova Trento**. Florianópolis, 1950. p. 84.

<sup>92</sup> Idem. p. 84.

<sup>93</sup> MATOS, Enio de Oliveira. **Arquidiocese de Florianópolis: preservando a sua história**. Florianópolis, 1996. p. 142-144. Ver: PIVA, Cláudio José. **O Santuário Carregado às Costas**. São João Batista: Gráfica Guarany, 1999.

<sup>94</sup> São Jorge não vem sendo mais comemorado pela Igreja Católica por ser incerta a sua origem. Ver: BOITEUX, H. Carlos. **Esboço Biográfico**. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica, 1929. p. 42. Porém a imagem do santo continua no Santuário, sendo venerada.

lote foi denominado Vígolo. Assim explica-se tal origem toponímica da Capelinha: como o santo patrono na terra natal dos moradores de *Vigolo Vattaro* na Itália era São Jorge, também aqui os imigrantes colocaram o nome em homenagem a ele.

Podemos observar que a construção da Capelinha se deu em forma de mutirões<sup>95</sup>, entre os anos de 1876 e 1879, como nos relata Madre Matilde: “A primeira missão pregada pelo padre Servanzi, S.J, foi no Vale de Vígolo, na Capelinha de São Jorge [...] e no fim da missão benzeu com grande solenidade a mesma [...]”<sup>96</sup>. A Madre afirma ainda que “o povo [os vigolanos] trabalhou alguns anos na construção da Igreja”<sup>97</sup>. A dedicação do santuário a Nossa Senhora de Lourdes deve-se ao sentimento devocional dos Jesuítas, por Nossa Senhora ter aparecido a Bernadette de Soubirou, em Lourdes, na França, que faz parte da definição dos dogmas da Imaculada Conceição, desde 1854. E a bênção se deu em 11 de fevereiro de 1895. Segundo o relato do Diário da Residência,

bem cedo, muita gente foi à festa da Virgem de Lourdes. [...] Benzeu-se o novo Santuário, levou-se em procissão a Estátua da Imaculada. [...] Entrados na Igreja, o Pe. Rocchi disse algumas palavras ao colocar a estátua no nicho da Gruta. Todo o povo replicou três vezes ‘*Evviva Maria*’. Depois, no Evangelho, pregou o Pe. Manardi. Depois da Missa, seguiu-se a bênção do Ssmo Sacramento<sup>98</sup>.

Para os vigolanos, a devoção à Maria já vem desde a sua terra natal, no âmbito mediterrâneo, e está ligada a um sentimento materno, à imagem do feminino, de proteção, porque “*la mamma è sempre la mamma*”, simbolizada pela figura arquetípica da Virgem como forma de expressão. Ela é aquela que perdoa, provê tudo e está próxima dos filhos. A mãe de Jesus Cristo, sob o título de Nossa Senhora de Lourdes, vem ao encontro de seus filhos degredados numa atitude de mansidão. Como apareceu a Bernadette de Soubirou<sup>99</sup>,

<sup>95</sup> Darcy Ribeiro define o “mutirão” como “uma instituição solidária que permite dar e obter a colaboração de outros núcleos nos empreendimentos que exigem maior concentração de esforços. O mutirão institucionaliza o auxílio mútuo e a ação conjugada pela reunião dos moradores de toda uma vizinhança para execução de tarefas mais pesadas [...] é uma forma de associação para o trabalho, mas também uma oportunidade de lazer festivo. RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 381.

<sup>96</sup> Madre Matilde. Op. cit. p. 22.

<sup>97</sup> Idem. p. 24.

<sup>98</sup> *Diario della Residenza del Sacro Cuore di Gesù*: 11.2.1895 apud **MADRE PAULINA. Biografia Comentada**. Vol. 1. *Positio* sobre a vida e as virtudes. Roma, 1986. p. 70-71.

<sup>99</sup> Bernadette Soubirou (1844? - 1879). Conhecida pelas aparições de Nossa Senhora de Lourdes, em 11 de fevereiro de 1858 foi seguida por mais 17 aparições. Cf.: RAVIER, André; LOOSE, Helmuth Nils. **Madre Matilde**. Op. cit. p. 22. Bernadette Soubirou. Paris: Le Centuriom 1979. p.17.

uma jovem necessitada como eles, os peregrinos acalentavam através dela a nostalgia dos parentes distantes, buscando superar as dores e as provações na nova terra, e conquistar as graças que tanto almejavam para os seus pedidos. Enfim, o mito da Grande Mãe. Assim, percebemos aqui não uma providência e fê que acolhe, mas uma conveniência como a da futura teologia da prosperidade<sup>100</sup>, ou seja, *Do ut des*, em que se dá para receber do sobrenatural alguma coisa em troca.

Com a permanência dos Jesuítas em Nova Trento, observamos fortemente que, no cotidiano das famílias dos imigrantes, a religião se faz mediante uma rede de solidariedade<sup>101</sup> em que os colonos se doavam em formas de compadrio, ou seja, em ajuda a compadre necessitado que, futuramente, o ajudaria quando por sua vez precisasse. E, a cada vez que participavam de mutirões, existia a alegria de estarem juntos, entrelaçados pelos laços de amizade.

Vale lembrar que as palavras não surgem ao acaso e guardam em si não apenas a origem etimológica, mas também resquícios do tempo no qual surgiram. Nesse sentido, a palavra religião – do latim *re-ligare* - significa unir o céu e a terra, o espiritual e o material<sup>102</sup>. No contexto da imigração italiana para o Brasil, no final do século XIX, a religião era o ponto de ligação entre a Itália - mundo antigo, berço da sua cultura - e a nova Pátria, símbolo de um futuro promissor. As práticas religiosas também serviam como elo de comunicação com o sobrenatural, dando força aos colonos principalmente nos momentos iniciais na nova terra. Nesta, o sofrimento humano se assemelha ao de Cristo, na medida em que a própria vida era oferecida a um lugar desconhecido, sempre na esperança de *fare l'America*.

---

Ver também: Disponível em <http://www.autorescatolicos.org/felipesantossantabernardita.htm>. Acesso em 15 fev. 2005.

<sup>100</sup> A Teologia da Prosperidade, de origem norte-americana além desse nome, é rotulada por seus críticos de *Health and Wealth Gospel*, *Faith movement*, *Faith Prosperity Doctrines*, *Positive Confession*, entre outros. Reunindo crenças sobre cura, prosperidade e poder da fê, essa doutrina surgiu na década de 40. Mas só se constituiu como movimento doutrinário no decorrer dos anos 70, quando encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos dos EUA, pelos quais adquiriu visibilidade e se difundiu para outras correntes cristãs. Cf.: MARIANO, Ricardo. **Neo-pentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999. p. 151.

<sup>101</sup> O dicionário Houaiss conceitua solidariedade (S) como “caráter, condição ou estado de solidário. 1) JUR. compromisso pelo qual as pessoas se obrigam umas às outras e cada uma delas a todas. 2) Laço ou ligação mútua entre duas ou muitas coisas ou pessoas, dependentes umas das outras (a S entre o vento e o moinho) (a S entre a corda e os montanhistas). 9) SOC estado ou condição grupal que resulta da comunhão de atitudes, sentimentos, de maneira que o grupo venha a construir uma unidade sólida, capaz de oferecer resistência às forças externas e, até mesmo, de se tornar firme ainda em fase da oposição precedente de fora”. HOUAISS, Antônio et al. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 2602.

<sup>102</sup> EICHER, Peter. **Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999. p. 694; WILGES, Irineu. **Cultura religiosa**. São Paulo: Vozes, 1983.

A Igreja, como instituição, era o ponto que culminava não somente no sobrenatural, mas no político, porque os padres eram conhecidos como os intelectuais orgânicos na concepção gramsciana, e que controlavam a sociedade civil<sup>103</sup>. A organicidade se dava de maneira prática, como na interpretação da moral e da fé e no modo como esta última poderia ser realizada, e numa visibilidade pela qual a Igreja buscava restaurar o seu domínio junto ao espaço público, devido à marginalização sofrida pela sua separação do Estado<sup>104</sup>. Por isso que “o sacerdote vinha de manhã, para a missa, e ficava até de tarde”<sup>105</sup>. Tem-se relatos de que os padres, antes ou depois da missa, além das confissões, acudiam os fiéis nas mais variadas ocupações. Como escreve Pe. Ganarini:

Além da velha ponte que une as duas margens do Ribeirão Alferes, mais para baixo, vi uma outra que dá passagem a quem vai para a outra margem do Rio do Braço, sobre o qual existe uma terceira ponte com correntes de ferro, para pedestres. Essas duas últimas pontes devem-se à iniciativa dos RR. PP Jesuítas que se puseram à testa do povo o qual com prestação de serviços e contribuições em dinheiro ou/de conduzir a bom fim estas duas obras de utilidade pública<sup>106</sup>.

Neste contexto, os Jesuítas fazem parte da romanização, também conhecida como ultramontanismo, como destaca Elza Daufenback Alves ao afirmar que “os Padres eram construtores, empreendedores socializados na tradição seminarística e religiosa trentina (ou romanizada). Assim, não era incomum entre os padres de mentalidade romanizada construírem igrejas, pontes, escolas paroquiais, enfermarias, asilos, hospitais, e outros”<sup>107</sup>. Nesta perspectiva, “a igreja devia ser compreendida como uma sociedade hierarquizada e autônoma, sob a chefia direta do Pontífice Romano”<sup>108</sup>.

Em Nova Trento, contando sempre acompanhado dos serviços prestados pelas freiras dos institutos religiosos por eles fundados, Elza Daufenback Alves ressalta também que os

<sup>103</sup> PORTELLI, Hugues. **Gramsci et la question religieuse** (Préface par Jean Pierre Cot). Paris: éditions Anthropos, 1984. p. 69.

<sup>104</sup> ANTONIAZZI, Albert et al. **Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 34.

<sup>105</sup> MARCHIORI, Tarcísio. Op. cit. p.11.

<sup>106</sup> GANARINI, Angelo. **Nova Trento: impressões de viagem pelo padre Arcangelo Ganarini**. Apud Walter Fernando Piazza. Op. cit. p. 142.

<sup>107</sup> ALVES, Elza Daufenbach. **Discurso religioso católico e normatização de comportamentos: São Ludgero - SC 1900-1980**. Florianópolis: UFSC. Dissertação de Mestrado em História, p. 28.

<sup>108</sup> AZZI, Riolando. **A crise da cristandade e o projeto liberal: história do pensamento católico no Brasil-II**. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 226.

Jesuítas faziam cumprir o papel que um líder religioso deveria – dentro de tal mentalidade – fazer, por caridade e também para dar visibilidade à Igreja Católica romanizada<sup>109</sup>.

Dentro do processo de romanização, o Jesuitismo triunfa e foi fato marcante no município de Nova Trento. Tanto que o município era conhecido pelos administradores, em Desterro, como Convento Municipalizado, pela força administrativa dos religiosos apesar de existirem três entidades: Apostolado da oração, Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição e Banda Musical Padre Sabbatini – Sociedade Filarmônica Neotrentina. Eles deram continuidade à sustentação da submissão campesina a uma realidade social e política que os imigrantes estavam acostumados a receber na sua terra natal. Esta relação bilateral convinha a ambos os lados; aos imigrantes numa subordinação - já que eram de “índole bondosa e religiosa”<sup>110</sup>, e aos Jesuítas, pela condição de mantenedores da ordem e dos bons costumes. Esta índole bondosa e religiosa dos imigrantes dava-se não por serem naturalmente cordiais, mas sim por se tratar de uma troca de favores, e por terem vindo dos países europeus que passaram pela Reforma e Contra-Reforma, tendo um catolicismo ligado à figura do padre, à capela e à escola paroquial. E, como fala Sérgio Buarque de Holanda, “a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do povo que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência”<sup>111</sup>.

Essa “proteção” vem também manifestada na Banda Musical Padre Sabbatini<sup>112</sup>, através da religião católica, com os seus símbolos e seus organizadores, que eram os padres Jesuítas e as Irmãzinhas da Imaculada Conceição, como meio de se renovar e de ir ao encontro do processo de aculturação<sup>113</sup>, embora com pequeníssimas variantes por parte dos imigrantes, e suas repercussões na identidade e na alteridade estabelecida na comunidade.

São com os elementos religiosos e sociais destas transposições de cultura que eles vivificaram e transpuseram para cá o seu modo de viver. Conforme Maurice Halbwachs

---

<sup>109</sup> AZZI, Riolando. Op. cit. p. 28.

<sup>110</sup> DALL’ALBA, João Leonir. Op. cit. p. 94.

<sup>111</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 147.

<sup>112</sup> A Banda Musical fundada pelo padre Angelo Sabbatini, S.J, em 1890. Ver: CADORIN, Jonas. **Nova Trento outra vez ...** Nova Trento: Prefeitura Municipal, 1992. p. 68-72.

<sup>113</sup> A aculturação é o processo de interação entre duas ou mais culturas mediante o qual se dá uma transposição de símbolos, significados, produzindo uma perda de elementos das culturas de origem e gerando uma outra sincrética. BRIGHENTI, Agenor. **Por uma evangelização inculturada**. São Paulo: Paulinas 1998, p. 31. Cf.: EICHER, Peter. **Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia**. São Paulo: Paulus,

“os habitantes assemelham-se ao quarteirão ou à casa [...] há uma estreita relação entre os hábitos, o espírito de um grupo e o aspecto dos lugares onde ele vive”<sup>114</sup>.

Observa-se, assim, a importância da figura dos Jesuítas, que percorriam os vales catarinenses e que, desde o final do século XIX, fixaram-se em Nova Trento, onde encontravam grande receptividade por parte dos trentinos, lombardos, bergamascos e de outras nacionalidades. Por onde eles passavam, qualquer palavra de conforto era bem-vinda. Contudo, a religiosidade popular da época expressava-se ainda pela devoção à *Madonna*, ao Rosário, aos santos devotos, procissões e *Via Crucis*. Esta forma simplificada de religiosidade – de desprendimento e abandono – dos imigrantes dava sempre margem a “estratégias de poder como: o poder disciplinar, o bio-poder”<sup>115</sup> e a governabilidade da Igreja.

As inúmeras viagens que os Jesuítas fizeram, em suas andanças por Nova Trento e arredores, uma vez que eles eram os olhos do Papa onde ele não podia estar, tinham o intuito de dar governabilidade e estratégias de poder à Igreja Católica Apostólica Romana dentro do processo de romanização. Eles se fizeram detentores das vidas dos neotrentinos. Segundo Ana Maria Marques, quando os padres faziam alguma espécie de visita às comunidades e, por conseqüência, às famílias “diziam: por que esse não pode ir pro seminário? Já indicando!”<sup>116</sup>. Existe também um ditado popular em Nova Trento, segundo o qual se repetia “quando nasce um filho, se joga na parede, se colar é pedreiro, se cair no chão é padre. Então saiu daqui também muito padre e muita freira”<sup>117</sup>. Com esses elementos se observa a religiosidade e o domínio da Igreja através dos Jesuítas, como fala Dall’Alba, criticando-os como aproveitadores da índole bondosa e religiosa dos imigrantes e apontando-os como a causa da esterilidade de Nova Trento<sup>118</sup>.

Com efeito, e segundo essa perspectiva, Gilberto Freire nos informa:

Em oposição aos interesses da sociedade colonial, queriam os padres fundar no Brasil uma santa república de ‘índios domesticados para Jesus’ como os do

---

1993. p. 395. Ver: MOSCONI, Luis. **Santas missões populares: uma experiência de evangelização voltada para as massas**. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 20-22.

<sup>114</sup> HALBWACHS, Maurice. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Vértice, 1990. p. 69.

<sup>115</sup> FOUCAULT, Michel. **Da arqueologia do saber à estética da existência**. Rio de Janeiro: NAU/ Londrina, PR: CEFIL, 1998. p. 104.

<sup>116</sup> MARQUES, Ana Maria. **Nova Trento em Canto de Fé**. Itajaí: UNIVALI, 2000. p. 20.

<sup>117</sup> ORSI, Agostinho José. 45 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/09/2005. p. 2.

<sup>118</sup> DALL’ALBA, João Leonir. Op. cit. p.94.

Paraguai; seráficos caboclos que só obedecessem aos ministros do senhor e só trabalhassem nas suas hortas e roçados. Nenhuma individualidade nem autonomia pessoal ou de família. Fora o cacique, todos vestidos de camisola de menino de dormir como num orfanato ou num internato. O traje dos homens igualzinho ao das mulheres e das crianças<sup>119</sup>.

Dentro do enraizamento religioso dos neotrentinos, engendrado paradoxalmente no imaginário dos Jesuítas, no período do início da colonização, quando eles ditavam a moral sob a égide da Igreja, é cultivada Amabile.

### 1.6 Uma flor alpina desabrocha em *terrae brasilis*

Diante do poder dos Jesuítas em Nova Trento, os camponeses italianos tinham para com os religiosos uma atitude de submissão e de espera na religião. Esta religiosidade se torna vivificante, dentro da espiritualidade dos trabalhadores do campo, com os seus atos devocionais “e é vivida com espontaneidade, mas com sentido acentuado de passividade diante do Deus criador, e estreitamente ligada aos ritos”<sup>120</sup>. Começam, então, a nascer desejos mais profundos de seguir os Conselhos Evangélicos<sup>121</sup>, como diz Madre Matilde:

Quando as duas meninas Amabile Lúcia Visintainer, de 14 anos, e Virgínia Nicolodi, de 15 anos, já unidas em intimidade espiritual e desde então com uma resolução firme de servirem a Deus, entrando, com o tempo, numa congregação religiosa, tinham elas, por certo, a idéia de tais congregações vistas em sua terra natal. Mas, como esperar, no meio daquele mato, a realização de tão santo desejo?<sup>122</sup>.

Elas esperaram muitos anos, “e cresciam as duas meninas, bem obedientes e piedosas no seio de suas famílias”<sup>123</sup>. Assim, preparavam-se para se entregar à consagração religiosa, mediante os Conselhos Evangélicos de pobreza, castidade e obediência. Como a pobreza do lugar não permitia trazer uma congregação da Europa, segundo o padre Servanzi, S.J, são elas mesmas que fundam uma, com a ajuda dos padres Jesuítas, ao pé da Capelinha de Nossa Senhora de Lourdes, na valada de Vígolo, para a qual deram o nome de Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Desta forma, a Congregação

<sup>119</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil-1. 45ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001. p. 96.

<sup>120</sup> FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulina, 1989. p. 1154.

<sup>121</sup> RODRIGUEZ, Angel Aparício; CASAS, Joan Canals. **Dicionário Teológico da Vida Consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 1192.

<sup>122</sup> Madre Matilde. Op. cit. p. 22-23.

<sup>123</sup> Idem. p. 23.

teve como fundadora Amábile Lúcia Visintainer (em religião, Irmã Paulina do Coração Agonizante de Jesus), e, como co-fundadoras, Virgínia Rosa Nicolodi (em religião, Irmã Matilde da Imaculada Conceição) e Teresa Maule (em religião, Irmã Inês de São José)<sup>124</sup>. Seguindo as diretrizes eclesiais da época, elas mudam de nome<sup>125</sup>, em razão do que vem dito na vida religiosa: elas estão no mundo, mas não com o mundo.

Assim, foi formado o duo fundacional: Ir. Paulina, Ir. Matilde e logo em seguida veio juntar-se ao grupo nascente a Ir. Inês, que se costuma ver no quadro, tomou o hábito religioso com o duo, por isto é considerada, em sentido largo, como co-fundadora, assim formando o trio fundacional. E eis que está feito o trio devocional da congregação Jesus, Maria e José. É o carisma<sup>126</sup> do novo Instituto: “Sensibilidade para receber os clamores da realidade e disponibilidade para servir aos mais necessitados e aos que estão em situação de maior injustiça”<sup>127</sup>, segundo a Constituição e Diretórios promulgados em 1997.

A fundação da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição se materializou por causa de uma cancerosa terminal, Lúcia Ângela Viviani Zoner. Sendo ela um fardo para a família, alguns vigolanos intervieram e elegeram Paulina e Virgínia as mais aptas para cuidarem da doente. Assim, a Congregação nasceu sob os auspícios da comunidade e com as orientações dos padres Jesuítas, que levaram algumas religiosas para São Paulo. Junto com elas, a Madre Paulina, dando continuidade à sua propagação. Hoje,

<sup>124</sup> CONSTITUIÇÕES E DIRETÓRIO: Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. São Paulo: Casa Geral, 1997. p. 111.

<sup>125</sup> Na Igreja Católica romana, quem entra em uma Ordem, Congregação ou Instituto religioso, segue o costume de mudar de nome civil para um religioso, significando uma separação: estar no mundo mas não com o mundo. A mudança ocorre quando o/a candidato/a entra no noviciado quando o/a noviço/a começa a fazer parte da comunidade. Hoje, a mudança de nome está mais ligada à vida monástica. A formação na vida religiosa se divide assim: o postulante de seis meses, o noviciado de dois anos, profissão temporária de três a nove anos (simples, ou juniorista) e profissão perpétua, com o que o/a candidato/a faz parte integral da instituição onde entrou.

<sup>126</sup> O uso atual do conceito de *carisma* está marcado pela sociologia da religião. Max Weber dava a definição: carisma designa uma qualidade de uma pessoa, considerada fora do comum, pela qual esta é valorizada como dotada de forças ou propriedades sobrenaturais, supra-humanas ou pelo menos especificamente fora do cotidiano, não acessíveis a qualquer outra, ou como enviada por Deus ou exemplar e, em consequência, como líder. Ver: CASTRO, Anna Maria de; DIAS, Edmundo Fernandes. Sociologia: Durkheim; Weber; Max e Parsons. In: **Introdução ao pensamento sociológico**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977, p. 147-148. Cf. WEBER, Max. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1991. p. 134-141. Ver também o 2º parágrafo do nº 12 da *Lumen Gentium*. a significado permanentemente atual, o escopo e a utilidade dos carismas, são “graças especiais” - diz - que o Espírito Santo dispensa entre os fiéis, “pelas quais os torna aptos e preparados para assumir vários trabalhos e encargos, úteis para a renovação e uma maior expansão da Igreja”. Afirma também sua variedade, falando de “carismas extraordinários ou também mais simples e comuns” e admoesta que o “juízo sobre sua genuidade e seu uso correto pertence à autoridade eclesial”. BORRIELLO: et al. **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus, 2003. p. 201.

<sup>127</sup> **Constituições e Diretório**: Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. São Paulo: Casa Geral, 1997. p. 14.

as Irmãzinhas contam com 500 membros aproximadamente, espalhados em vários países com mais de 100 comunidades<sup>128</sup>. Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus fora eleita Superiora Geral da sua Congregação *Ad Vitam*, em 02 de fevereiro de 1903, no primeiro Capítulo Geral, e destituída deste cargo no dia 29 de agosto de 1909<sup>129</sup>.

A Congregação teve a sua aprovação diocesana, provisória, em 1895, pelo Bispo de Curitiba, Dom Duarte, quando de sua visita pastoral a Nova Trento, com a benção do Papa Leão XIII<sup>130</sup>. Torna-se Direito Pontifício, em 19 de maio de 1933, e recebe a aprovação definitiva do Papa Pio XII<sup>131</sup> aos 27 de outubro de 1947.

Madre Paulina faleceu em 09 de julho de 1942, em São Paulo, deixando uma vasta fama de santidade, fundamentada no exercício de virtudes heróicas. Aos 23 anos da morte, em 03 de setembro de 1965, foi iniciada a Causa de Beatificação<sup>132</sup> de Madre Paulina, com o Processo Ordinário.

Com o centenário de fundação da Congregação, as Irmãzinhas vêm-se na obrigação de (re)construir símbolos que lembrassem a Fundadora, como a casa paterna; uma estátua da Madre Paulina com uma enxada e uma cruz nas mãos, simbolizando *ora et labore* - oração e trabalho; a reforma da Igreja de Nossa Senhora de Lourdes; uma réplica do casebre onde Santa Paulina começou sua vida de consagrada; um teatro de bonecos, com todos os elementos de fé e devoção, que lembrassem a vida da Madre, na caminhada em direção à Igreja Triunfante.

Com a beatificação de Madre Paulina, em 1991, pelo Papa João Paulo II (1978 a 2005), o município, que era predominantemente agrícola, sem representatividade na indústria, experimenta um desenvolvimento. Segundo Walter F. Piazza, as madeiras; a viticultura; a sericicultura; os cereais; os feculentos; a cana-de-açúcar; o café; o fumo; as

<sup>128</sup> **Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus:** A Primeira Santa do Brasil. Florianópolis: Letras brasileiras, 1991. p. 5.

<sup>129</sup> BESEN, José Artulino. **Madre Paulina:** uma surpresa de Deus. Florianópolis: Mundo e Missão, 1999. p. 40.

<sup>130</sup> MADRE PAULINA. Op. cit. p. 7-8.

<sup>131</sup> CONSTITUIÇÕES E DIRETÓRIO. Op. cit. p. 112.

<sup>132</sup> “Beatificação significa que a pessoa viveu sua vida de acordo com a proposta do Evangelho, de maneira exemplar. Nada se descobriu de contradição entre fé e vida. O fato, depois de estudos meticolosos sobre a vida da pessoa, deve ser corroborado por um autêntico milagre reconhecido como tal por rigoroso exame do caso apresentado. É o primeiro passo para a declaração maior, a canonização. Canonização significa que a pessoa está incluída oficialmente na lista (cânone) dos santos da Igreja”. A celebração da beatificação é a declaração pública e oficial da Igreja, de que Madre Paulina tem todas as condições requeridas para chegar à canonização, e abre-se outro processo que exige novo milagre. Cf.: NEGRI, Terezinha Santa; et al. **Bem-Aventurada Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus:** Fundadora da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. **Anuário 1991 Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição.** São

plantas oleaginosas, como, por exemplo, amendoim e mamona; as plantas medicinais; as frutas e verduras; o gado e a indústria de transformação<sup>133</sup> constituíam-se as principais fontes econômicas. A indústria de transformação, ligada à natureza, ofereceu aos neotrentinos os alicerces econômicos.

Quanto à indústria têxtil, era fundamentalmente caseira. O bicho da seda, trazido com os imigrantes em 1875, estimulou a fiação de seda e a plantação de algodão. A primeira atividade foi premiada e reconhecida tanto nacionalmente quanto no exterior, entrando em colapso com as mortes dos bichos da seda e por não ter recebido auxílio governamental ou privado. Tendo falido esse empreendimento, mais uma vez Nova Trento mergulhou num período de obscurantismo. O único farol a brilhar nessa escuridão foi a fiação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, mas esta também sucumbiu na névoa densa do abandono, em 1945.

A indústria de algodão Renaux, em Brusque, absorvia a mão de obra da região. No entanto, como relata Maria Luiza Renaux Hering, “em Santa Catarina, onde ainda não se inaugurara nenhuma tradição econômica de destaque maior, o quadro em que deveria nascer e se impor a indústria era bem diferente”<sup>134</sup>. Mas, no ambiente neotrentino, a economia seguiu outros rumos: o da uva e do vinho, do plantio de fumo, da construção civil e o do comércio, montando a identidade da cidade.

Nova Trento pertence a uma tradição agrícola e de construção civil, sem um modo aparente para dar corporeidade à conquista da *cuccagna* para os seus descendentes. As autoridades civis e religiosas e os comerciantes não sentiram de imediato, em Madre Paulina, um filão para promover o desenvolvimento econômico da cidade. Evidentemente, com o aumento de fluxo de pessoas na cidade, viram nela um elemento agregador das necessidades materiais e espirituais dos que para lá acorriam para pedir ajuda, graça, proteção e saúde. Com isso, tanto as Irmãzinhas como os empresários locais e, também, os poderes municipal e estadual, perceberam algo novo e fundamental para desabrochar a singularidade do Município, por terem a prerrogativa da primeira Santa brasileira<sup>135</sup>, mas

---

Paulo: Loyola, 1991. p. 16. BERTOLINI, Jeferson. Paulina: a primeira santa do Brasil. **Jornal de Santa Catarina/Diário Catarinense**. Florianópolis, 19 maio 2002. Guia da Canonização. p. 1-40.

<sup>133</sup> Cf.: PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit. p. 55-72.

<sup>134</sup> HERING, Maria Luiza Renaux. **Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: o modelo Catarinense de desenvolvimento**. Blumenau: FURB, 1987. p. 81.

<sup>135</sup> MADRE Paulina. Op. cit. p. 5.

também a primeira nascida no trentino. São *Vigilio*, o santo padroeiro de *Trento*, que viveu no século XVI, é natural da Capadócia (Turquia).

Com o fluxo crescente de peregrinos<sup>136</sup> e de turistas<sup>137</sup> à cidade, é forçoso abrir espaço para eles e suas representações. A Igreja local, sob a direção do então Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, Dom Eusébio Oscar Scheid, SCJ<sup>138</sup> (1991-2001), decreta a Capelinha Nossa Senhora de Lourdes a Reitoria ou Capelania Especial em 19 de março 1997, com o Registro n. 046/97 L. Prot. nº 16<sup>139</sup>.

Com a canonização de Santa Paulina, em 19 de maio de 2002, em cerimônia presidida pelo Papa João Paulo II, no Vaticano, a região do Vale de Tijucas, no município de Nova Trento, adquiriu maior importância no cenário nacional, o que proporcionou um aumento no fluxo de peregrinos e turistas que procuram o Estado de Santa Catarina. O Ordinário local, Dom Eusébio Oscar Scheid, SCJ, que outorgara a Reitoria ou Capela Especial de Nossa Senhora de Lourdes, em Vígolo, em 1997, a decreta Santuário Madre Paulina, com o Reg. Nº 152/98 L. Prot. nº 17.

Por sua vez, o Estado promulga a declaração de Estância Turístico-Religiosa, reconhecida pela Lei Estadual nº 10.568, de 07 de novembro de 1997<sup>140</sup>. Com tal declaração, a intervenção do Estado no órgão que o representa é Santa Catarina Turismo – SANTUR. Foram feitas seis reuniões, com o título *Comissão Governamental de Acompanhamento e Implantação do Plano de Turismo Religioso – Projeto Madre Paulina*<sup>141</sup>.

---

<sup>136</sup> Peregrinação vem do termo *peregrinus*, “uma substantivação do advérbio *peregre* (de *per* e *ager*). Etimologicamente, indica aquele que se encontra *per agros*, isto é, pelos campos, fora do lugar de residência. Posteriormente, o termo *peregrinus* também foi usado para indicar ‘aquele que saía de sua casa ou de sua pátria’ por um motivo qualquer. Durante os primeiros séculos do cristianismo, *peregrinus* se referia ao estrangeiro, em oposição ao *civis*, cidadão que tem o direito à cidade”. Cf.: BALBENOT, Egídio. **Liturgia e política**. Chapecó: Grifos, 1998. p. 78.

<sup>137</sup> A palavra turista é recente e é associada ao viajante. Inicialmente era grafada como *tour-ist*, no início do século XIX, e o primeiro registro da palavra *sigh-seeing* é de 1847, já acompanhando o agente turista, definido como aquele que “*expects everything to be done to him and for him*” (“espera que todas as providências da viagem sejam tomadas por outrem com vistas ao seu bem-estar”). Cf.: BANDUCCI Jr, Álvaro; BARRETTO, Margarita. (orgs). **Turismo e Identidade Local: uma visão antropológica**. 3ª ed. Campinas: Papirus, 2003. p. 54.

<sup>138</sup> SCJ, em latim, *Sacerdotum Cordis Jesu*. Em português, Sacerdotes do Coração de Jesus. Explicação completa: Congregação dos Padres do Sagrado Coração.

<sup>139</sup> Ver no anexo 1.

<sup>140</sup> Ver na anexo 3.

<sup>141</sup> Ver no anexo 2.

Observamos o fato de que a religião e o poder governamental se unem e agem concomitantemente. Ao darem-se as mãos, eles possibilitam a teatralização das romarias<sup>142</sup> para que se possa usar a cidade “inventada para a acumulação capitalista, não mais a cidade do século XIX que esquadrihava seus habitantes e os constituía em sujeitos produtores de mercadorias. A cidade é ela própria mercadoria à venda”<sup>143</sup>.

A mercantilização da cidade se dá pelo viés da imagem de Santa Paulina, pela questão ambiental, com seus múltiplos recursos, e por uma outra característica original: a culinária italiana. Esse empreendimento é também incentivado por diversos segmentos gastronômicos que, com isso, apropriam-se da cidade de Nova Trento. Os dotes culinários italianos, como a comida “típica”, e a cultura italiana vem como valor agregador aos atrativos da região. É fato interessante que os *promoters* da festa *In canto Trentino* não a tinham incluído no trem da alegria das festas de outubro, mantendo-a isolada no mês de agosto. Com isto, a sua característica de cunho familiar é predominante.

É, ainda, e principalmente, “considerada capital do turismo religioso<sup>144</sup> e, nos últimos anos, a segunda Estância Turístico-Religiosa do país, perdendo apenas para a cidade de Aparecida do Norte”<sup>145</sup>, no interior de São Paulo, com a primeira Estância Religiosa do Brasil, o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, considerado uma ‘Meca’ “para as peregrinações do catolicismo sul-americano”, segundo Cristian D. Monteiro Oliveira<sup>146</sup>. A sua localização próxima à rodovia Presidente Dutra, que liga as

---

<sup>142</sup> Romarias ou ramagens constituem uma tradição constante na prática religiosa do povo brasileiro. De origem medieval, as romarias chegaram no Brasil através da cultura lusitana, e têm a finalidade de exprimir a fê e homenagear o santo cultuado. Com muita freqüência, essa expressão de fê se manifesta pelo pedido de uma graça ou cumprimento de uma promessa. Deste modo, visita-se o santo tanto para pedir como para agradecer os favores recebidos do céu. “Romaria provém dos termos *romerus*, *romerius*, *romipeta* ou *romarius*, nomes dados aos peregrinos que a partir do século VI se dirigiam para Roma, devido à expansão muçulmana na Terra Santa, interrompendo de certo modo o fluxo de peregrinos que para lá se dirigiam”. AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 77. Cf.: **L’Osservatore Romano**, Roma, 2 de junho de 1994. p. 12, citado por BO, Vicente. As peregrinações na comunidade Cristã. Ver também: SCHWIKART, Georg. **Dicionário ilustrado das religiões**. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, 2001. p. 98; AZEVEDO, Manuel Quitírio. **O culto a Maria no Brasil: história e teologia**. Aparecida-SP: Ed. Santuário/ Academia Marial, 2001. p. 93.

<sup>143</sup> FLORES, Maria Bernadetes Ramos. **Oktoberfest: Turismo, Festa e Cultura na Estação do Chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997. p.11.

<sup>144</sup> Segundo Maria A. Vilhena, “O termo turismo religioso possui uma conotação secularizada e nos remete a uma estrutura de significado que se afirma de fora para dentro do campo religioso. Ou seja, o turismo religioso é externo e vem usado preferencialmente em contextos político-administrativos. Cf.: ABUMANSUR, Edin Sued. (org.). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papyrus, 2003. p. 35.

<sup>145</sup> XU, Daniela. Cidade aposta no turismo religioso. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 6 de abril de 1999. Cidade, p. 3.

<sup>146</sup> OLIVEIRA, Cristian D. Monteiro. **Basilica de Aparecida: um templo para a cidade-mãe**. São Paulo: Olho d’Água, 2001. p. 11. Ver também: BASSETTI, José Eduardo Pioli. **Basilica de Aparecida: Santuário**

grandes metrópoles do país, é estratégica, além do fato de ser um Santuário urbano, enquanto o de Santa Paulina é localizado em uma paisagem rural. Seja como for, não é nosso objetivo traçar um paralelo entre os dois Santuários.

Hoje, a religião está contida numa troca de crenças imediatistas, em que o fiel é tratado como consumidor e disputado por diversas igrejas, irmãs separadas, que lidam com estratégias de *marketing*<sup>147</sup> para angariar novos seguidores.

Através da procura pelas diversas religiões ou empresas religiosas, como alternativas de fé para resolver seus problemas do dia-a-dia, os fiéis atendem ao apelo do sacrifício, da promessa e do cumprimento de dívidas com o Ser Supremo, que os leva a vários deslocamentos, como missas a céu aberto, no estilo de megaespetáculos de rock, romarias e procissões, acompanhados de grandes esforços físicos para a contemplação da mística e visitas a lugares sagrados, como forma de agradecer e manifestar a Deus o desejo esperado.

Assim, através da dinâmica dos fatos ocorridos durante o século XIX, que tiveram como protagonistas a Igreja e os Estados liberais, observa-se a complexidade dos problemas e a dificuldade de contorná-los com atitudes dignas de ambas as partes<sup>148</sup>. Por outro lado, havia uma demanda por conta de carências econômicas, uma vez que as pessoas não foram favorecidas como o prometido em suas novas conquistas. A maneira encontrada foi partirem para o trabalho fora dos seus *comuni e provincie*, fora dos confins territoriais onde viviam em situações de privação. Essa maneira de proceder provocou um espantoso processo de migração. E, assim, o homem migrante, acreditando no progresso, encontrou como saída a busca por novas paragens. O seu destino era a tão desejada *cuccagna*. Esse movimento ampliou enormemente os limites da vida e satisfêz uma gama cada vez mais ampla de necessidades. Uma vez realizados, e tendo tomado suas vidas mais repletas, continuam seus descendentes a fazer *la Merica* na figura de Santa Paulina. Esgotando-se a busca pela satisfação das necessidades financeiras ditadas por interesses econômicos, os neotrentinos viram-se favorecidos pela beatificação e canonização de Santa Paulina.

---

do Brasil. Florianópolis: Aventura Brasileira, 2004. SOLIMEO, Gustavo Antônio; SOLIMEO Luiz Sérgio. **Rainha do Brasil: a maravilhosa história e os milagres de Nossa Senhora da Conceição Aparecida**. 4ª ed. São Paulo: Diário das Leis LTDA, 1992. WOBETO, Afonso. **Santuários: onde Deus se encontra com os homens**. São Paulo: Loyola, 1982. FRANÇA, Maria Cecília. **Pequenos centros paulistas de função religiosa**. Vol I-II. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.

<sup>147</sup> Segundo Mário Carlos Beni, *Marketing é* “a totalidade de estudos e medidas que determina a estratégia de lançamento e a sustentação de um produto ou serviço no mercado consumidor, garantindo seu êxito comercial. É mais do que a mera comercialização de um produto qualquer”. BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 10ª ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2004. p. 207.

<sup>148</sup> ZAGHENI, Guido. Op. cit. p. 138.

Como somos herdeiros de uma tradição judaica-cristã, a religião nasce no momento em que o homem começa a sentir a morte como problema individual. Aqui se entende que a sustentação da religião não é a espiritualidade, autenticidade existencial, não é a coragem de arriscar a liberdade, não é a individualidade ou a existência profética, mas o coletivo em forma de clube e de folclore tradicional<sup>149</sup>. A religião está no humano e é necessária porque, para responder questões absolutamente humanas, precisamos de uma base que a natureza não oferece. Não significa aqui que o ser humano seria um resultado experimental ou ensaio da natureza, mas sim a condição que nos deu de questionamento, para o qual ela mesma não tem respostas<sup>150</sup>.

Assim, a religião constituiu um marco fundamental do início da ocupação, colonização, exploração e urbanização, não só de Nova Trento, mas também das regiões circunvizinhas. E como afirma Nietzsche “[...], foi a moral que protegeu a vida do desespero e do assalto no nada, naqueles homens e classes que foram violentados e oprimidos por homens”<sup>151</sup>. Neste contexto, temos todo o processo da diáspora italiana, pelo empoderamento<sup>152</sup> da *cuccagna* contraída nos moldes do catolicismo romanizado.

---

<sup>149</sup> DREWERMANN, Eugem. **Religião para quê?**: Buscando sentido numa época de ganância e sede de poder. Em diálogo com Eugem Drewermann. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 27-28.

<sup>150</sup> Idem. p. 27-28.

<sup>150</sup> Idem. ibidem.

<sup>151</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **NIETZSCHE: Vida e Obra**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 434.

<sup>152</sup> Quanto à categoria empoderamento, vem do inglês *empowerment*, e tem sido utilizada por autores que estudam formas de desenvolvimento alternativo. Empoderamento significa fornecer a outros o poder para tomar alguma ação. Na visão sociológica, este procedimento enfatiza a habilidade para lidar com seu contexto, de indivíduos ou grupos. O empoderamento inclui componentes psicológicos, (pessoas esclarecendo seus objetivos e desenvolvendo o sentido de eficácia e desenvolvendo habilidades), componentes sociais, (pessoas ou grupos entendendo o contexto no qual estão operando e desenvolvendo influências e técnicas de poder efetivos). Ver: FRIDMANN, John. **Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo**. Oeiras: Celta, 1996; STARK, Wolfgang. **Empowerment: neue handlungskompetenzen in der psychosozialen praxis**. Freiburg und Breisgau: Lambertus, 1996, apud LISBOA, Teresa Kleba. **Gênero, Classe e Etnia: trajetórias de vida de mulheres migrantes**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Chapecó: Argos, 2003. p. 23.

## 2 OS PASSANTES EM BUSCA DE NÉCTAR: no Santuário de Santa Paulina

*Milho de pipoca que não passa pelo fogo  
continua a ser milho de pipoca para sempre.  
Ditado popular*

Hoje em dia, adentrando no município de Nova Trento, destacam-se de súbito a imagem de Santa Paulina e as cores verde, branca e vermelha pintadas nos postes da rede elétrica a meio metro, representando, desta maneira, a bandeira italiana, e simbolizando que a cidade, se assim pode-se dizer, dá visibilidade àquela cultura<sup>153</sup>.

E vem-se reforçando essa italianidade<sup>154</sup>, própria a Nova Trento, na imagem da primeira santa brasileira que “jamais perdeu o sotaque estrangeiro”<sup>155</sup>, vinda da Itália como um farol aceso para a religiosidade e a economia da cidade. Enfim, estamos nos confins de uma cidade penetrada pelos valores simbólicos da identidade cultural cuja permeação está sendo constituída pelo conceito de raça/etnia, que até pouco tempo esteve ligado às diferenças biológicas e fisionômicas. Aqui se discute com a proposta da concepção relacional de identidade formulada por Barth, na qual a identificação étnica de um determinado grupo é o resultado de sua capacidade em manter simbolicamente as fronteiras de diferenciação que o distinguem dos grupos vizinhos<sup>156</sup>.

É uma experiência inusitada e oportunizada quando se continua a caminhar pelo centro da cidade, sentindo o clima subtropical e vendo, em volta de si, os montes, a natureza presente. Os moradores ficam a olhar o murmúrio e o tráfego dos ônibus e carros que serpenteiam nas ruas de paralelepípedos, vindos de lugares de perto ou de longe, que

<sup>153</sup> O termo *cultura* foi aqui utilizado a partir da análise de Peter Burke, que a entende como “um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas em que eles são expressos ou emanados”. In: BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. 2ª ed. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 1999. p. 25.

<sup>154</sup> Termos como italianidade, europeidade e brasilidade utilizados nesta dissertação designam qualidades e signos representativos de uma determinada cultura.

<sup>155</sup> BARROS, Willians. Santa de casa. **Seleções Reader’s Digest**. Rio de Janeiro, p. 13, jul. 2003. Ver também: BARROS, Willians. O milagre (econômico) de Santa Paulina. **National Geographic**. São Paulo, nº 35, p.120-125, mar. 2003.

<sup>156</sup> BARTH apud MONTEIRO, Paula. **Globalização, identidade e diferença**. Novos Estudos CEBRAP, nº. 49, nov. 1997. p. 62.

passam em frente às suas moradias ao encontro de uma graça ou simplesmente a passeio pelo local no qual, outrora, viveu a “primeira santa brasileira”.

Observamos os visitantes que caminham pelas ruas, os quais se abrigam nas sombras das novas e antigas arquiteturas do final do séc. XIX, sem uma predominância que evoque uma cidade italiana e sim, um espaço aculturado. E, com isto, faz-se cortejo à história, desembocando, deste modo, com o seu protótipo do espaço urbano religioso no seu tricêntrico – sede administrativa do município. Em torno da Igreja-Matriz, dedicada a São Virgílio, giravam os interesses e necessidades religiosas. Na praça principal, lugar de encontro da vida social, circulavam as notícias, os bens (comércio), as informações sobre o mundo. Nas casas, a família se reservava para atos de intimidade<sup>157</sup>. E tantos outros elementos do cotidiano que ecoam e evocam a voz do passado.

As placas sinalizadoras de trânsito mostram o trajeto que se deve seguir para ir ao Santuário de Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus, em Vígolo, pela cidade, e fazem ver a mais ilustre cidadã do Município em outro tempo, quando caminhava por aquelas paragens, no final do século XIX e início do século XX, vinda da Itália juntamente com seus pais e compatriotas na grande diáspora italiana (1875). Ali permaneceu até a sua ida para São Paulo, como Superiora Geral da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, para a propagação da recente obra fundada por ela e pela Madre Matilde Nicolodi. Por lá ficou até a sua morte, de diabetes, em 1942.

E segue-se a trajetória. Sai-se da sede e, a seis quilômetros do Município, em direção a Brusque pela SC-411, dá-se início à viagem ao bairro de Vígolo. Observamos, já na sua entrada, um capitel<sup>158</sup> que se configura como uma porta descortinando-se ao visitante e dando passagem para Vígolo, cerca de cinco quilômetros da sede de Nova Trento, significando o limite que separa os dois espaços e indicando, ao mesmo tempo, a comunicação, a passagem do espaço profano para um ambiente permeado de religiosidade<sup>159</sup>.

Num ambiente harmoniosamente rural, com uma atmosfera híbrida entre brasilianidade e italianidade, é mantida pelos moradores uma tradição fincada nos moldes dos avós. Mas as suas ações quotidianas estão em um presente bem concreto e se ouve, não

---

<sup>157</sup> LIBÂNIO, João Batista. MARTINS Filho, Miguel. **A busca do sagrado**. São Paulo: FTD, 1991. p. 39.

<sup>158</sup> Na cidade de Nova Trento existem 35 capitéis, capelas minúsculas que se colocam na frente da casa para que a vizinhança se reúna para rezar. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 4 de abril de 2005. Cidade, p. 15. Ver também: SEIBEL, Nelci Terezinha. A Notícia. Florianópolis, 30 de abril de 2003. AN turismo, p. E2 –E3.

<sup>159</sup> Por religiosidade entende-se, aqui, as formas concretas, espontâneas e variáveis por meio das quais a religião é vivenciada pelas pessoas e pelos grupos.

raramente, vozerios de alguns vigolanos em língua dialetal, podendo-se perceber e visualizar o modo lingüístico nostálgico da velha Itália<sup>160</sup>.

Continuando a caminhada, adentramos no palco do santuário, e nesta territorialidade, por sua vez, as Irmãzinhas constroem um conjunto de práticas tais como monumentos que remontam à vida de Santa Paulina: procissões, datas comemorativas relacionadas à fundadora e em tempos litúrgicos como Natal e Páscoa, embelezamento do Santuário e tantas outras. Essas são desenvolvidas pela Igreja Católica na direção das filhas espirituais de Santa Paulina. Nas representações do santuário, tanto os edifícios construídos como toda a infra-estrutura física implantada são cenários que representam, como numa vasta ilustração, espaços reais e místicos necessários à ação evangelizadora e missionária para a comunidade e para os peregrinos, seguindo as orientações da arquidiocese de Florianópolis e o plano pastoral da paróquia de São Vigílio, com um critério contundente, para que os usuários compreendam a sua natureza espiritual<sup>161</sup>.

As Irmãzinhas, percebendo as necessidades físicas e espirituais dos freqüentadores do Santuário, utilizam-se de espaços comerciais e edificações que representam a vida da Santa, conforme apresentado no anexo 3. Como propõe Pierre Bourdieu, “o espaço é também um campo social porque nele as posições formam um sistema de relações baseado em apostas (poder) que têm sentido e são desejadas pelos que ocupam as posições no espaço social”<sup>162</sup>. Eis porque se constrói um ambiente que pode ser caracterizado como cenografia teatral do sagrado, cuja analogia nos remete a um palco que foi construído de maneira tal para os atores que, neste caso, são os usuários do Santuário que desempenham os seus papéis, cena por cena, como num filme que nos remete a uma nova cena, e esta nos remete a uma outra subsequente, tornando-se um fluxo contínuo como as águas correntes de um rio que afluem ao encontro do mar<sup>163</sup>, que se justificam na perspectiva da

---

<sup>160</sup> Para a questão do bilingüismo em Nova Trento, ver BOSO, Ivete. **Entre passado e futuro: bilingüismo em uma comunidade trentino-brasileira**. Florianópolis: 1991. Dissertação (Mestrado em História - UFSC).

<sup>161</sup> Observamos, nas diretrizes da Ação Evangelizadora do Santuário Madre Paulina, p. 2. (fotocópia), da criação de um ambiente de silêncio, de recolhimento, de oração, favorecendo o encontro pessoal e comunitário com Deus, despertando para o sentido do Sagrado, na contemplação das maravilhas da natureza e dos diversos locais que evocam a vida e a obra de Madre Paulina. Esse ambiente também oferece um espaço e um clima favorável à comunhão, à fraternidade, à partilha entre o/as peregrino/as, para que sejam evangelizado/as e evangelizem através de gestos de acolhida, de solidariedade e de relações fraternas e amigas.

<sup>162</sup> LECHTE, John. **50 Pensadores Contemporâneos Essenciais do Estruturalismo à pós-modernidade**. In.: Pierre Bourdieu. Trad. Fábio Fernandes. 2ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002. p. 62.

<sup>163</sup> BITENCOURT, Amauri Carboni. **Merleau-Ponty: Leitor da história da Arte**. Florianópolis, 2006. p. 57. NASCIMENTO, José do. **I verbi nella poesia i fiumi di Giuseppe Ungaretti**. Florianópolis, 09 dez. 1997.

religiosidade, e, dentro desse desenrolar cenográfico, a Igreja se faz detentora privilegiada da memória e da tradição.

Frente a isso, Marilena Chauí afirma que “tomar a experiência como iniciação ao mistério do mundo significa reconhecer que o sair de si é o entrar no mundo. Resta saber, no entanto, como e por que esse entrar no mundo é também nossa volta a nós mesmos”<sup>164</sup>. Nesta perspectiva, a ação de sair de si mesmo e ver o outro, seja pelos artefatos construídos pelas Irmãzinhas ou pela natureza, faz com que o visitante busque no subconsciente toda a sua bagagem empírica e emocional que, por sua vez, volta para si, mas em nível diferente, porque a ação de sair e retornar cria um terceiro ente (elemento). Para Ronald H. Forgus, “de modo geral, a percepção pode ser definida como o processo pelo qual um organismo recebe ou extrai informações acerca do ambiente”<sup>165</sup>.

## 2.1 Biografia de Santa Paulina<sup>166</sup>

A construção do Santuário como cenografia se deu mediante o processo de beatificação e canonização de Amabile Lúcia Visintainer, nome de batismo de Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus.

Amabile nasceu aos 16 de dezembro de 1865, em *Vigolo Vattaro*, norte da Itália, *Provincia* de Trento, que naquele tempo era região do Sul-Tirol, subjugada à Áustria. Lá está a casa de seus pais, Napoleão Visintainer e Ana Pianezzer, onde Amabile viveu até os 10 anos. Como quase toda a gente do *paese*, eram cristãos praticantes. E, como conta Irmã Elmentrudes, nome civil Leonor Orsi oriunda de Ponta Fina - Nova Trento, que entrou na Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, com 10 anos de idade, em 1905. ocupando vários cargos na congregação, e que conheceu a Santa Paulina pessoalmente:

---

p. 12. Ver também: ALLORDI, Ettore; BUTI, Giovanni. **Storia della letteratura italiana**. Firenze: Sandron, 1964. p. 158.

<sup>164</sup> CHAUÍ, Marilena de Souza. Experiência do pensamento. In.: **Obra de arte e filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 166.

<sup>165</sup> FORGUS, Ronald H. **Percepção: o processo básico do desenvolvimento cognitivo**. São Paulo: EPU, 1981. p. 3.

<sup>166</sup> Os autos pesquisados para o biografia de Santa Paulina foram: *Sacra Congregatio pro causis sanctorum, Canonizations Servae Dei Paulinae a Corde Iesu Agonizante (Amabilis Visintainer) Fundatricis parvarum sororum Immaculatae Conceptiones: (1865-1942): Positio super vita et virtibus*, Roma, 1986, vol. 2.; MADRE PAULINA. **Biografia Comentada. Vol. 1. Positio sobre a vida e as virtudes**. Roma, 1986; MADRE MATILDE. Op. cit.; MARCHIORI, Tarcísio. Op. cit.; CANDIDO, Edinei da Rosa. **O milagre do Amor: vida, milagre e beatificação de Madre Paulina**. Florianópolis: Papa-livro, 1991; BARBOSA, Fidelis Dalcin. **A Coloninha**. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 1990; LORENZI, Guido. Op. cit.

Quando ela nasceu, era de uma família muito pobre, e o pai sempre quis trabalhar fora aliás, como os nossos aqui, quando estavam em Trento. E quis trabalhar para poder ganhar alguma coisa para sustentar a mulher. Eles tinham muito pouca terra, tinha muita gente e pouca terra. Só tinha um lotezinho atrás de casa. Então ele ia trabalhar, a mulher com a menina<sup>167</sup> com apenas 8 anos, ficavam em casa trabalhando no pedacinho de terra. E aí a menina ainda trabalhava numa fábrica de seda para ajudar a mãe. Mas o serviço dela era só escolher casulo. Porque os casulos, quando ficam velhos, porque aborto as larvas, a larva dele começa a criar asa, então não pode mais tirar a seda, né? Então, elas recolhiam esses casulos, ela com duas coleguinhas. Elas iam de manhã, e a tarde ela ainda tinha a avó que ficou doente. A mãe não dava conta de tomar conta, então ela se ofereceu pra tomar conta da vó. A mãe dava sempre fazia um lanche pra ela levar para fábrica. E as outras duas coleguinhas que ela tinha – uma era até bem conversadeira, bem companheira dela, e uma outra que era mais pobre que ela. Então ela pegava o lanche dela e distribuía para as outras, e ela não comia nada. E com pouco tempo, a mãe percebeu que ela estava ficando assim, mais fraca. Então ela disse: “Esse teu trabalho é muito pesado?” “Não, mãe, não é pesado”, “É muito pesado para você cuidar da minha mãe, vou arranjar uma senhora para tomar conta dela”. “Não mãe, não faça isso, eu quero tomar conta da vovozinha”. E a vó, também quando a mãe falou, começou a chorar, e disse: “Não me tira esse anjinho daqui, porque só a bondade dela, só o carinho dela me ajuda muito.” Então, ela ficou tomando conta da vó, até que a vó morreu. E aí, ela cresceu um pouco, com 09 anos. Então o pai começou a querer vir para o Brasil, ficar na esperança daqui. Mas quando ele falou que ia sair da casa, naquele tempo ele passava mais tempo fora de casa, porque ele queria trazer o dinheiro que possibilitasse a vinda de todos eles para cá. Apesar do governo daqui já pagar lá a viagem, mas não dava o necessário para eles. Então ele ficou fora uns 05 meses da última vez, e elas em casa rezando, porque aqui eles vão trabalhar, mas já sabem onde é, né? Lá não, tinha que levar os apetrechos de pedreiro para procurar serviço, e as vezes muito longe. Então, ele ficou fora durante 05 meses e quando veio trouxe um pouco de dinheiro mais e deu pra vir pra cá. E elas, com outras tantas, não sei se 07 ou 08 famílias, eles resolveram mesmo vir. Então, eles pegaram o navio e vieram até Brusque, eles atracaram em Itajaí. Depois, em Brusque, ficaram na casa de imigrante, as crianças e as mulheres. E os homens, num dia, iam até o lote deles, cada um tinha os seus papéis prontos com o seu nome; mas, tinha que ir procurando no meio do mato. Eles iam desbravando o mato com o machado, com a foice, com o facão, e iam a caça. Eles caçavam muito, traziam do mato alguma coisa, e desbravavam o mato. Fazia um casa de pau-a-pique cada um. Cada um fazia uma casa de pau-a-pique. E eles se ajudavam um ao outro, e quando estava cumprido, e quando a casa ficava pronta, e para o colchão era folhas secas no chão, né? Eles se ajeitavam e dormiam e eles ficavam lá, né? Eles ainda plantavam milho e abóbora para quando viessem porque o governo dava alimentação para eles até quando tivesse a primeira colheita. Então, eles plantavam milho, abóbora. E depois que o milho estava grande, a casa tudo, então foram buscar as famílias em Brusque. Aí, vieram com as famílias traziam o que podiam. Tinha que ser a pé, né? Aí, eles vieram e ficaram na sua casinha, e depois os outros companheiros dele, que fazia os alicerces da casa que fazia bem. Eles faziam de pedra, e cortava boa madeira e faziam o resto da casa. Então, ele ficava trabalhando. Fez a casa dele, o alicerce, né? E os outros fizeram a parte de

<sup>167</sup> Em 1870 existiam no Trentino 162 fiações ativas; 195 Municípios (sobre 365) são classificados “séricos”: a mão-de-obra empregada (na sua maioria feminina) é de aproximadamente 8 mil unidades. O número das fiações cairá a 111 em 1880 e a 19 em 1892. Ver: *Provincia Autonoma di trento. Colana di monografie “La patria d’origine”*. Vol. 7. *Gli ultimi duecento anni*. Trento: Casa editrice Panorama, 1994. p. 152.

carpinteiro. E ele fez pros outros, até que tiveram todos suas casinhas prontas, cada um na sua casinha. Aí, veio a tristeza deles - não tinha igreja, não tinha padre. Vinha o padre de Brusque,[Pe. Alberto Gattone, vigário de Brusque] de vez em quando, e tinha uma família, Dallabrida, que tinha uma senhora que mais ou menos, sabia ler, porque professor não havia naquele tempo. Então ela começou a ensinar as crianças, se as outras crianças queriam; mas, Amábile não havia jeito: ela estudava, estudava, se esforçava, mas não conseguia assimilar nada, ela conhecia todas as letras, mas não conseguia soletrar. Quando chegou aos 12 anos, ela fez a primeira comunhão. Veio o padre, aí fizeram a primeira igreja que é de Claraíba de São José, não aquela que está, mas (aquela que estava em cima do morro, não sei se vocês chegaram a conhecer). Então, ela fez a primeira comunhão lá. E quando ela comungou, ela pediu a Nosso Senhor, e entre as outras graças que ela pediu, ela pediu a graça de aprender a ler bastante. “Que posso fazer sem saber ler?”. Dizem que depois da comunhão, ela foi no banco, abriu o livrinho, [*Máximas Eternas*, de Santo Afonso Maria de Ligório] e leu corretamente. Aprendeu a ler por milagre, né? Aí, ela chegou em casa toda contente assim: “Mãe, eu já sei ler!”, “Mas, como você sabe ler, pois ontem não sabia nada e agora você sabe ler? Então, abre o livro e lê, que eu quero ver!” Abriu o livro e leu corretamente, né? E a coleguinha dela [Virgínia Nicolodi], a Dallabrida, foi falar com o pai dela e disse que ela teve um milagre mais ou menos assim, já na Itália, né? Ela tinha 05 anos e não podia andar. Então, a mãe contou pra ela: “A tua coleguinha também teve um milagre” disse mais ou menos “Quando ela tinha 05 anos, não podia andar, e então fizeram uma novena a Nossa Senhora de Lourdes, e depois que acabar a novena, começou a andar e a correr com 05 anos”. Só que ela era gorcundinha, né? Ela ficou desde... Até quando morreu. Mas, as duas tiveram um milagre, quase né? Tanto a primeira, quanto a segunda. Depois, sempre com aquela idéia de ser Irmã, mas só tinha Irmãs no Rio de Janeiro, e ela para ir até lá era impossível. E os padres sempre diziam que iam trazer padres. Mas depois vieram os padres jesuítas. Eles foram expulsos de Florianópolis, e então vieram se instalar aqui. E aquele padre de Brusque já tinha arrumado uma casinha para eles aí, e depois eles vieram, eles fizeram a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, aquela primeira igreja que tem. A primeira igreja na praça Lá onde que mora o Zanluca. Tinha a primeira, mas é de São Virgílio, né? A igreja pequena, depois que os padres jesuítas vieram, fizeram a capela do Coração de Jesus, e foi derrubada quando estavam fazendo uma outra. O padre só tem aqui... Eles diziam que mandavam ela pra lá, ou traziam irmãs pra cá, mas nunca foi possível. Aí, foi indo – ela e a colega dela sempre falando nisso, rezando e pensando como é que se podia fazer ... Eles fizeram uma igreja de São Jorge (esta que está agora Nossa Senhora, mas o primeiro padroeiro foi São Jorge). Então, elas começaram a pensar: “olha, já que não dá pra nós irmos pro convento, e as Irmãs não virem aqui, nos retiramos numa casinha, pedimos pros pais fazer uma casinha lá na frente da igreja pra nós, e ficamos lá, assim, né?” Então elas queriam ... Aí tinha né? Tinha uma casinha lá, onde tem a nossa casa agora. Então, elas queriam essa casinha, porque elas queriam entrar lá. Porque elas queriam visitar os doentes, e elas encontraram uma doente que tinha vindo com uma família morar aqui. Dizem que era muito ruim e era cancerosa. Então, elas foram onde estavam cuidando dela. Não queria mais cuidar dela. “Nós pegamos aquela doente lá e tomamos conta dela. E vamos ensinar catecismo para as crianças”. Então, a primeira vez que elas tentaram entrar lá, uns malandros que não deixaram. Fecharam a casa e mandaram embora e não conseguiram ficar. No dia 12 de julho, o pai da Madre Fundadora, Amabile decidiu ir imediatamente para o casebre. Pegou o carro de boi e foi buscar a cancerosa. Levou o filho e as duas moças. Foram lá, abriram a casa, puseram a doente dentro e

elas. Aí, elas ficaram tomando conta da doente; que a doente era ruim mesmo. Mas o que elas faziam mais ela reclamava. Então, quando elas ajoelhavam para rezar, então a doente abria a boca e começava a xingar. Mas, elas continuaram até que conseguiram convertê-la. E um belo dia dizem que ela chamou a Amabile, e disse: “olha, me chama o padre que eu quero me confessar, e acho que vou morrer”. Então Amabile chamou o padre. O padre foi lá, confessou, deu a santa Unção [dos Enfermo] e morreu contente. Chegou violenta, uns 15 a 20 dias, mas boazinha, agora não xingava mais, morreu. E quando ela morreu, então os pais disseram: “Agora elas vem embora, né? Não tem mais serviço lá”. Mas elas: “Não. Agora que nós estamos começando”. E começaram a ajudar as pessoas. (Teve uma outra, não me lembro o nome dela Irmã Ines) Isso foi em 1890, e ficaram até 95 assim lá, as três. Quase morrendo de fome, porque os pais não queriam dar comida, porque queriam que elas fossem pra casa; e elas insistindo que não queriam ir pra casa. Ficaram lá, né? E aí depois veio primeiro Bispo, o Bispo de Curitiba [Dom José de Camargo Barros]. Veio fazer uma visita e tal. E elas pensaram: “Agora nós vamos pedir ao Bispo, pra dizer pros padres para começar a congregação”. No dia em que o bispo veio, e o nosso padre Fundador Luiz já tinha chegado, então ele falou com o Bispo, que pediam essas moças, que elas já estavam morando (aquela primeira casinha). O provincial dos Jesuítas chegou, viu elas lá. Era de 24 metros quadrados sé. Não tinha mais nada. Então ele pediu pro João Vale, então ele começou. Pegou um pedacinho de terreno aí, e começou a fazer uma casa. Depois os padres foram vindo, que o provincial mandou, começaram a enviar donativos, até que puderam fazer a primeira casinha aí, e depois mandaram que elas viessem pra baixo [de Vígolo a sede do Município]. Aí quando o Bispo veio, elas já estavam morando aqui, aí eles foram lá pedir pro Bispo se ele dava licença e ele olhou pra elas e disse: “que eu vou fazer com essas coloninhas que não sabem nada? Eu vou mandá-las pra casa”. E então, ele não disse pra ir para casa naquele dia, ó disse: “amanhã eu vou visitar vocês lá na casinha”. Quando ele chegou aí na porta da casa pra entrar, ele teve uma inspiração: “Não mande embora não, que isso é vontade de Deus”. Aí, ele falou com elas, viu que eram moças piedosas, e tudo e então falou que ele dava a autorização para começar a congregação. E que fizessem um hábito, e que podia fazer uma procissão, quando elas tivessem o hábito pronto. E elas fizeram uma bonita procissão no dia 07 de dezembro de 1895. Aí é que começaram. Que a madre fundadora, logo em seguida<sup>168</sup>, ela teve um sonho, que Nossa Senhora dizia pra ela começar a congregação, e ela não tinha coragem e dizia sim, né? Então, na terceira noite Nossa Senhora perguntou: “Escuta, como é? Vai fazer ou não vai fazer?”. Na última noite ela disse: “Sim, minha Mãe, vou fazer. Você me ajuda né?”. Porque eu nada sei”. Então Nossa Senhora disse assim, ainda disse no sonho, que ela tinha muitas Irmãs pois entraram, meninas vestidas de branco, de baixo de um parreral e Nossa Senhora dizia: “Olha, essas meninas aqui são todas aquelas que vem te ajudar”. De vez em quando ela olhava pra uma Irmã e ela dizia: “Eu te vi debaixo do parreral”. E aí conseguiu; fizeram os primeiros votos, depois ficaram um tempo aqui [Nova Trento], ainda trabalhando assim aqui né? Depois a madre Fundadora, chegou um tempo que ela não sabia mais como manter as colegas, não tinha terra e nada. Então foi daqui a Brusque a pé, pra ir lá no Renaux, pra ele mostrar os teares, mostrar as coisas né? Diz que a senhora do Renaux ficou uns dois, três dias, e ela pegou explicação. Ela veio e chamou o carpinteiro. Ela mostrando como devia fazer; fizeram o primeiro tear

<sup>168</sup> Sobre a questão do sonho descrita pela Ir. Elmentrudes, há um equívoco da parte da entrevistada. Tal fato aconteceu antes que Santa Paulina fundasse a Congregação e não depois, quando ela se encontrava na casa paterna. O ocorrido está pintado em azulejos e edificado na rua Madre Paulina, em Vígolo.

assim, ela era inteligente, né?. Aí começaram a trabalhar com seda. Foi com o que ela pode continuar, e depois – não sei quantos anos depois – nosso padre [fundador] foi para São Paulo, transferido pra lá. E um dia estava passeando com o provincial dele no Ipiranga, então ele tinha uma capelinha lá apadroadada por São José, então o provincial falou pra ele: "Olha que lugar bonito aqui, para suas Irmãs virem aqui trabalhar". Então foram à procura do dono do terreno, tudo. Era um grande capitalista lá, tinha a intenção de fazer um asilo lá para os filhos dos escravos. Então, ele cedeu essa capelinha, e deu um bom lote de terreno. E começaram. E quando elas foram pra lá, no princípio não tinha nada. Elas moravam na casa com as Irmãs do Divino Pastor, e ficaram um tempo lá, até que arrumaram uma casinha lá perto. Depois passaram pra lá. Comiam em cima de caixotes, não tinha cama, não tinha nada. Depois, um dia, o Bispo foi fazer uma festa por lá perto; aí, apareceu uma benfeitora [Ana Brotero de Barros] e ela disse ao Bispo: "Eu vou ajudar essas Irmãs". Aí, ela começou a dar uniformes para as meninas, e a madre Fundadora fez um empréstimo, e comprou uma casa aqui do lado, que era uma casa de diversão, um baile ou cabaré. Aí, ela comprou aquela casa e fez o primeiro asilo das meninas até hoje; as Irmãs se desenvolveram também e fizeram uma casa e depois transformaram em colégio<sup>169</sup>.

Na impossibilidade de realizar sua vocação, fazendo-se religiosa no lugar onde vivia, seguindo conselho e consentimento do Pe. Augusto Servanzi S.J, começa um apostolado caritativo, ao se transferir para um casebre com uma companheira para assistir e cuidar de uma desprovida cancerosa, abandonada pelos seus familiares. Isso aconteceu a 12 de julho de 1890, data que é considerada como aquela da fundação da obra de Madre Paulina, extraordinariamente nascida e desenvolvida da e na humilde barraca. Em 1895, à obra de Amabile Visintainer e de suas primeiras companheiras, Virgínia Rosa Nicolodi e Teresa Maule, foi concedida a aprovação Diocesana como comunidade religiosa pelas mãos de Dom José de Camargo Barros, Bispo de Curitiba, diocese que compreendia as Províncias do Paraná e Santa Catarina, por ele chamada de *Pia União da Imaculada Conceição*.

Com a aprovação, Amabile e duas companheiras suas tomaram o nome, escolhido pela Visintainer, de *Filhas da Imaculada Conceição*, segundo sonhos que Amabile tivera quando ainda morava com sua família. Eis que Maria, sob o título de Maria Imaculada Conceição, dava à jovem Amabile a incumbência da salvação de suas filhas, começando uma obra<sup>170</sup>.

Em dezembro de 1895, Amabile e as suas co-irmãs fizeram os votos religiosos, orientados por Jesuítas, especialmente Pe. Marcello Rocchi e Pe. Luiz Maria Rossi, quando a

<sup>169</sup> Orsi, Eleonor (Elmentrudes, irmã da CIIC), 66 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a Ramon Tridapalli. Nova Trento, 16/4/1981. p. 7-13.

<sup>170</sup> AGUIAR, José da Costa. **Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus**. São Paulo: Casa Geral, 1962. p. 27.

fundadora recebe o nome de Irmã Paulina do Coração Agonizante de Jesus; Virgínia recebe o nome de Irmã Matilde da Imaculada Conceição e Teresa Maule, o de Irmã Inês de São José.

Em 1903, no primeiro Capítulo Geral da Congregação, Madre Paulina foi eleita Superiora Geral *ad vitam*. Depois da primeira fase de desenvolvimento, o Instituto nascente tinha duas casas: uma em Vígolo e outra em Nova Trento. A Superiora, no mesmo ano, recebeu incentivos do Pe. Luigi Maria Rossi, S.J, que fora transferido para a capital paulistana e era o padre espiritual da Congregação, chamado padre fundador, escrevendo a Geral para que fosse para lá com algumas irmãs: Serafina da Santíssima Trindade, Luiza de Jesus Crucificado e a postulante Josefina Pereira Gonçalves, que era brasileira. Desta forma, fundou a sua primeira Casa de Misericórdia em São Paulo, no Ipiranga e, mais tarde, outra em Bragança Paulista, no interior, posteriormente às de Nova Trento e Vígolo.

Em São Paulo, a fundadora governou durante seis anos quando, por motivos de intriga interna de uma religiosa da comunidade, Madre Serafina (Linda Tomazini), e de uma benfeitora do Instituto, Ana Brotero de Barros, Madre Paulina foi deposta do cargo de Superiora Geral pelo Arcebispo de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva<sup>171</sup>. O que observamos nos autos são duas pessoas responsáveis pela deposição do cargo da Geral. A primeira seria D. Ana que, nomeada “presidente das obras da Sagrada Família”, anexa à casa das irmãs, se intrometia no governo da Congregação e na distribuição dos cargos, e a segunda, uma religiosa da mesma Congregação, Madre Serafina, por inveja e ciúme, e que mais tarde saiu do Instituto recebendo a secularização.

De 1909 a 1918, trabalhou como simples religiosa, ou seja, sem direito a nenhuma incumbência oficial dentro da Congregação, por mais ou menos nove anos, na Santa Casa de Misericórdia (hospital) e, por oito anos, no Asilo São Vicente para anciãos, em Bragança Paulista. Não obstante a deposição, o Capítulo Geral de agosto de 1909 decretou que à Madre Paulina fosse reconhecida, na Congregação, o título de *Veneranda Madre Fundadora*. Como tal, e pelos exemplos que dava, em 1918, foi chamada pela Superiora

---

<sup>171</sup> Far-se-á necessário explicar que, em 1904, Dom Duarte Leopoldo e Silva era bispo de Curitiba, vindo a substituir D. Cândido de Alvarenga, bispo de São Paulo, falecido a primeiro de abril de 1903. E em agosto de 1906, D. José de Camargo Barros, ao regressar de Roma da *Visita ad liminam*, morre tragicamente no naufrágio do navio Sírio, nas costas da Espanha. Com isto, a cátedra paulista fica vacante. A Santa Sé transfere D. Duarte Leopoldo e Silva de Curitiba para São Paulo, tomando ele posse a 14 de abril de 1907. No ano seguinte, 1908, São Paulo é elevada à categoria de Arquidiocese pelo Papa São Pio X. Ver: **A Arquidiocese de Curitiba: na sua (sic) história (sic)**. 1956. p. 20-24. Ver também: CANDIDO, Edinei da Rosa. Op. cit. p. 32-33.

Geral Madre Vicência, sua sucessora, com o consentimento do Arcebispo de São Paulo, à Casa Madre, no Ipiranga, para escrever a história da Congregação, ali permanecendo até a morte.

Teve uma vida pessoal retirada, tecida de oração e trabalho. Nos últimos quatro anos, ela viveu fazendo trabalhos manuais. Porém, como “Veneranda Madre Fundadora”, muitas vezes foi colocada em destaque pela Superiora Geral, seja para cumprir o ofício de visitadora geral, seja na ocasião do *Decreto de Louvor* e aprovação da Constituição, concedida pelo Papa Pio XI em 1933, ou ainda na celebração do cinquentenário da fundação, em 1940. Em 1947, o Santo Padre Pio XII concedeu-lhe a aprovação definitiva das Constituições – Direito Pontifício, garantindo, assim, união com a Igreja Local e, especialmente, com a Igreja Universal, de maneira a poder abrir casas no exterior, conforme desejo de Madre Paulina.

A partir de 1938, Madre Paulina começou a passar por graves distúrbios em razão da diabetes. Após duas cirurgias, na primeira sofrendo a amputação do dedo e, na segunda, do braço direito, passou os últimos meses vítima da cegueira total, vindo a falecer a nove de julho de 1942.

Com a morte de Madre Paulina, foram atribuídos a ela muitos milagres. A Irmã Célia Bastiana Cadorin, postuladora no processo de beatificação e canonização de Madre Paulina (que atualmente postula nos casos do frei franciscano Antônio de Sant’Ana Galvão, falecido em 1822, que poderá ser o primeiro santo nascido no Brasil), conta, em entrevista ao jornal A Notícia, que “vários foram os milagres<sup>172</sup> atribuídos à Madre Paulina, especialmente relacionados com a cura do câncer<sup>173</sup>, e que ela própria foi curada pela intervenção de sua Veneranda Madre. Um outro milagre atribuído à santa é de Ademir Voigth que nos relata juntamente com a sua esposa Irene:

---

<sup>172</sup> A palavra “milagre” traduz aproximadamente o sentido de dois termos do original hebraico e seus dois equivalentes gregos (hb.: *ôl*; gr.: *sèmeion*; “sinal” e hb.: *môfet*; gr.: *teras* “prodígio”), e é compreendida como uma exceção às leis da natureza, atribuída à divindade porque inexplicável de outra maneira. Para Santo Agostinho, é aquilo que aparece com a qualidade de insólito e excede tudo o que aquele que dele se admira, que se esperava ou que se poderia fazer (*De util. cred.* 16, § 34). Para São Tomas d’Aquino, o milagre é um efeito fora da ordem habitualmente seguida nos fenômenos da natureza (*Praeter ordinem comuniter servatum in rebus: Contr. Gent. 1 III, c. 101*). Ver: L. Monloubou; F. M. Buit. **Dicionário Bíblico Universal**. Aparecida do Norte: Santuário; Petrópolis: Vozes, 1993. p. 522; EICHER, Peter. Op. cit. p. 552-554.; LACOSTE, Jean-Ynes. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas e Loyola, 1998. p. 1132-1139; ROMANINI, Vinícios. A fé que move montanhas. **Terra**. São Paulo, nº 12, p. 46-57, dez. 2003.

<sup>173</sup> TERNES, Apolinario. Irmã Célia: grandes entrevistas. Especial. **A Notícia**. Joinville, 29 de junho de 1998. A Notícia especial. G1-G4.

Eu sou a Irene Vinotti, e eu acompanhei ele na doença dele, então a hora que ele entrou no quarto, entrou pra ser operado na sala, então a doutora Andréia falou pra mim assim: ‘olha, dona Irene, eu não sei se ele vai pra UTI, porque eu não sei se ele vai pro quarto, porque o estado dele não é muito bom’. Daí ela saiu da cirurgia, ela disse pra mim: ‘Irene, eu não sei, mas o teu marido tá nota 10, não precisa ir pra UTI, não precisa nada’. Ele tava numa sala isolada, com o terço da Madre Paulina, eu disse pra Madre Paulina: ‘Olha, vou deixar nas tuas mãos, que você sabe o que faz’. E quando ela saiu ela me abraçou assim, sabe, a doutora, ela disse: ‘Irene, eu não sei o que te contar, eu não sei’. Não, nada, nada, nada, nada. Só a cirurgia mesmo, sem remédios, sem quimioterapia, sem radioterapia, sem nada. Simplesmente só aquela cirurgia. Era um câncer que travava a garganta em cima<sup>174</sup>.

Como essa, muitas outras graças foram atribuídas a ela e provas disto se acham na “Casa das graças” através de símbolos como placas de agradecimento, cruzeiros e fotografias que representam, de uma forma ou de outra, as graças recebidas pelos devotos.

Com o passar dos anos, depois de 1950, sob o governo da nova Superiora Geral, Madre Clarice Maria de Jesus Crucificado, iniciaram-se os trabalhos para o Processo Informativo, começando pela biografia, dado que a Fundadora, já em vida, gozava de veneração, e que, sobretudo na morte, e depois da morte, a fama de sua santidade aumentou.

Para a realização do culto de um santo é necessário levar em consideração a aprovação da igreja, a qual se dá mediante os seguintes critérios: coleta das atas sobre a vida e milagres; juízo eclesiástico sobre a vida e milagres; transladação do corpo.

A primeira biografia de Madre Paulina foi escrita em 1962, pelo padre Jesuíta José da Costa Aguiar e, no ano de 1965 – ano do centenário de nascimento – foi iniciado, na Cúria Metropolitana de São Paulo, sob o governo do Cardeal Agnello Rossi, o Processo Informativo sobre a Vida e Virtudes da Serva de Deus, sendo assinado o Decreto da Constituição do Tribunal da Causa de Beatificação e Canonização da Serva de Deus Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus. Em maio de 1966, na cidade gaúcha de Santa Maria, instala-se o segundo Tribunal do processo, sob a presidência de D. Luís Vitor Sartori, bispo diocesano e, no mesmo ano, na cidade de Itajaí, o terceiro Tribunal, sob a presidência de D. Afonso Niehus, Arcebispo de Florianópolis.

A exumação *ad hoc* dos restos mortais da Madre aconteceu a trinta e um de maio de 1967, nas presenças das autoridades da Igreja e do Instituto Médico Legal, I.M.L., de São

---

<sup>174</sup> VOIGTH, Ademir. 48 anos. Indaial-SC. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/09/2005. p. 2.

Paulo. Nesta data, foram trasladados os seus restos mortais do Cemitério do Santíssimo Sacramento à casa Geral da Congregação, no Ipiranga. Em 1984, foi iniciada a preparação de três documentos: o *Summarium*, a *Positio* e o *Informatio*<sup>175</sup>.

Na Cúria Episcopal de Tubarão foi instaurado um outro processo Informativo, em 1985, em razão do milagre ocorrido com a senhora Eluiza Rosa de Souza, moradora de Imbituba, Sul de Santa Catarina, em 24 de setembro de 1966. Desenganada pelos médicos, foi curada de hemorragia causada por uma curetagem realizada em função de uma gestação de risco em que o feto morreu no ventre da mãe. A recuperação da parturiente se deu mediante a intercessão de Madre Paulina. O fato foi instantâneo, perfeito e duradouro, de forma a ser considerado milagre. A graça alcançada foi comprovada cientificamente pelos peritos médicos legais, provando a veracidade do ocorrido à senhora Eluiza.

No ano de 1988, foi proclamada solenemente a heroicidade às virtudes<sup>176</sup> de Madre Paulina pelo então Papa João Paulo II, recebendo, assim, o título de Venerável. Com a comprovação do primeiro milagre, passa de Venerável para Bem-aventurada, marcando, desta forma, a sua entrada no calendário litúrgico, na data de 09 de julho.

No dia 18 de outubro de 1991, em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, durante a segunda visita ao País, o Sumo Pontífice, João Paulo II, proclama oficialmente “Bem aventurada” a Serva de Deus, Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus, levando-a à veneração universal. Esta vinda seria importante para a Igreja do Brasil, dando visibilidade a ela através do seu representante maior com um *megashow*, exaltando o catolicismo. É interessante ressaltar o fato de que as beatificações são realizadas, geralmente, no Vaticano, sendo o caso de Madre Paulina raro, o que nos leva a perguntar se aqui não fica evidente a preocupação da Igreja em manter os seus fiéis unidos. Em entrevista a um jornalista, a irmã Célia B. Cadorin relata que o fato de Madre Paulina

---

<sup>175</sup> *Summarium* é um elenco dos depoimentos das testemunhas dos dois processos, o Informativo ou Ordinário e o Cognicional ou Apostólico, apresentado ordenadamente. *Positio*, por outro lado, é uma biografia documentada cronologicamente, que constitui a vida terrena do Servo de Deus em todas as suas circunstâncias. E o *Informatio* é a apresentação das suas virtudes, delineando o seu perfil espiritual. Cf.: CANDIDO, Edinei da Rosa. Op. cit. p. 72.

<sup>176</sup> A heroicidade de Madre Paulina está ligada à comprovação das virtudes teológicas: Fé, Esperança e Caridade; às virtudes cardeais: Prudência, Temperança, Justiça e Fortaleza; e como religiosa, aos Conselhos Evangélicos: Pobreza, Castidade e Obediência, prometidos na Profissão Religiosa. Com isto, Madre Paulina pode ser apresentada como exemplo de humildade para os cristãos.

foi bastante incomum, pois um mesmo Papa aprovou as virtudes heróicas em 1989, beatificou-a em 1991, comprovou o segundo milagre em 2001 e canonizou-a em 2002. Em suas palavras este “é o Papa de Madre Paulina”<sup>177</sup>.

Conforme nos relata Ana Ester, cuja religião é Anglicana, embora não praticante, ela foi à cerimônia de “beatificação para assistir [...] ah, pela importância da figura dele pra história mundial, porque mesmo eu não sendo católica o país é católico e influencia na minha vida. Então assim, pela importância histórica do Vaticano”<sup>178</sup>. Como acabamos de ver, a influência do Papa atinge uma grande gama de pessoas, pelo efeito da sua representatividade como chefe supremo da Igreja Católica e do Estado do Vaticano, e além de Supremo Pontífice da Igreja Universal ele acumula os títulos de Bispo de Roma, Primaz da Itália, Arcebispo e Metropolitano da Província Romana e Patriarcado do Ocidente. A celebração da Beata, “com sessenta mil pessoas”<sup>179</sup>, aproximadamente, se deu em razão da interferência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, em assembléia anual, em 1987, tendo sido enviadas cartas para o Vaticano pedindo que a cerimônia fosse realizada em território brasileiro.

Faltava o último milagre para que a Beata fosse declarada santa pela Igreja quando, em 1992, Ilza Bruna Vieira, do estado do Acre, nasceu com *meningoencefalo celeoccipital* – inflamação que atinge uma membrana do cérebro. Ela chegou a ser desenganada pela equipe médica quando o padre Alécio Azevedo foi chamado de Rio Branco às pressas para batizar a menina. O bebê foi para a sala de cirurgia e, com a invocação do nome da Beata pelo padre e pela avó, foi operada com sucesso. Recuperou-se e cresceu, desenvolvendo-se como uma pessoa normal. Segundo análises dos médicos, somente dois por cento se salvam, mas deixam seqüelas irremediáveis como loucura, surdez, cegueira e tantas outras. A Igreja reconhece o milagre de Ilza oficialmente em 2001, sendo sancionado por João Paulo II. A sua canonização foi realizada durante a celebração eucarística no Vaticano, pelo mesmo Papa que a proclamara Beata, tomando-a a primeira Santa em *terrae Brasilis*.

Graças se avolumam, mesmo depois da canonização, naturalmente sem passar pelas comissões de estudos do Vaticano, órgão responsável por dizer se são verídicas ou não muitas das graças concedidas por Santa Paulina em Santa Catarina e pelo Brasil afora. São

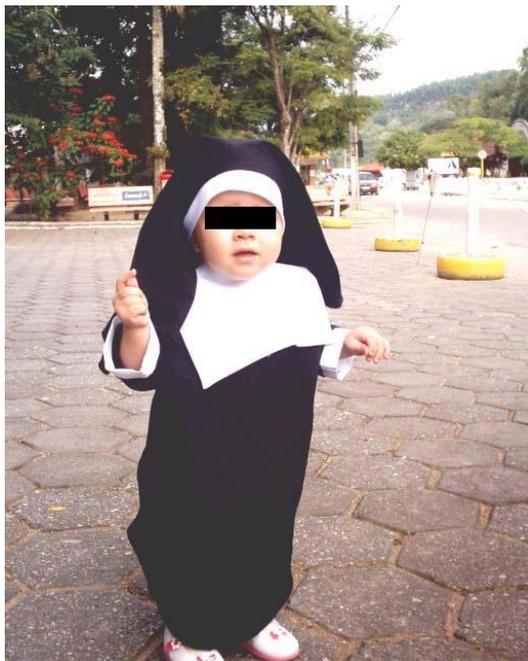
---

<sup>177</sup> **O Município.** Homenagem à Irmã Célia Cadorin. Brusque, 12 jul., 2002. Nova Trento, Destaques, p. 10.

<sup>178</sup> PITHAN, Ana Esther Balbão. 40 anos. Florianópolis. Entrevista concedida a José do Nascimento. Florianópolis, 04/06/2005. p. 2-3.

<sup>179</sup> XU, Daniela. João Paulo é eterno: legado político. **Diário Catarinense.** Florianópolis, 04 abril 2005. Caderno especial. p. 13.

vistas como ‘verdadeiros milagres’, o que se observa pelo grande fluxo de flores deixadas no Santuário, “na casa das graças”, onde ficam as placas, fotografias e muletas, deixadas ali como sinal de graça recebida, e pelas queimas de velas e pelos depoimentos de cura de toda a espécie. Deste modo, a construção da imagem da primeira Santa do Brasil faz do complexo e da religião uma grande cenografia a ser visitada.



A fã em Santa Paulina manifestada em agradecimento por uma graça alcançada  
Fonte: Arquivo particular de José do Nascimento

## 2.2 A cenografia do santuário

É este o desenrolar constante que se vê introduzido no mundo da cenografia religiosa e, conseqüentemente, do espetáculo, a quem nele tenha real interesse. E, nesse espaço cênico, considerado como atmosfera que atua na percepção humana, o poder constituído da Igreja Católica, e a política governamental, estadual e municipal, geram esta possibilidade. Em Santa Catarina, o turismo começou a ser discutido pelos governantes a partir do início da década de 1980, quando passou a ser considerado um novo filão econômico, uma indústria plena de possibilidades<sup>180</sup>.

<sup>180</sup> Meri Frotscher afirma que, após a enchente que assolou o Estado em 1983, inundando mais de 100 cidades, o Governo investiu no turismo como forma de reanimar a economia e recuperar as expectativas da população assolada pela catástrofe. Ver: FROTSCHER, Meri. **Etnicidade e trabalho alemão: outros usos e outros produtos do labor humano**. Florianópolis: 1998. Dissertação (Mestrado em História – UFSC).

Na falta de um planejamento ordenado que estabelecesse uma oferta turística sincronizada com o mundo contemporâneo, as melhorias e divulgações partiram da valorização da natureza e da população catarinense. Esta passou a ser exaltada nas suas múltiplas culturas, enfatizando-se, assim, a característica de *ser catarinense* como parte do contexto mundial, enquanto descendente de grupos europeus e, como tal, propagador das suas culturas. (Re) descobrindo a “europeidade”, Santa Catarina se prepara para receber os *cidadãos do mundo*. A partir de então, políticos e empresários passaram a valorizar cada vez mais o potencial dessa atividade como incentivo para um maior desenvolvimento do Estado. Em 2002, ano em que a Beata Madre Paulina seria canonizada no Vaticano, o então governador Esperidião Amin “cobrou dos órgãos envolvidos na organização da Comissão Governamental de Acompanhamento e Implementação do Plano de Turismo Religioso – Madre Paulina maior empenho para que os visitantes levassem uma boa imagem de Nova Trento e do Estado”<sup>181</sup>.

No plano de governo de Esperidião Amin, em 1983, o turismo foi incluído como fonte de renda sustentável para a população abalada pelas enchentes e como um meio para o Estado ser conhecido nacional e internacionalmente. Daquela data em diante, governadores como Pedro Ivo Campos, Paulo Afonso Vieira, o próprio Amin e o atual dirigente do estado de Santa Catarina, Luiz Henrique da Silveira, priorizam essa atividade, buscando a força representativa que ela oferece. Oficializando o Santuário, foi outorgado pelo então Governador Paulo Afonso Vieira o decreto Lei nº 10.568, de sete de novembro de 1997, pelo projeto de Lei nº PL/ 0245.0/97, do Deputado Estadual Pedro Bittencourt, com a ementa que reconhece o Município de Nova Trento como estância turístico-religiosa.

A Igreja Católica, através do seu representante local, naquele momento o Arcebispo Metropolitano de Florianópolis Dom Eusébio Oscar Scheid, SCJ, em 19 de março de 1998, eleva a Capela Reitoria a Capelania Especial sob o título de Nossa Senhora de Lourdes com o reg. nº 046/97 L. Prot. nº 16. E, no mesmo ano, com decreto reg. nº 152/98 L. Prot. nº 17, concede-lhe a categoria de Santuário Santa Paulina, em 05 de junho.

Somos conduzidos então a lançar os olhares no espaço eleito para que nele aconteça a admiração, a que se quer assistir e participar, a uma fé que se descobre ou se materializa naquilo que já se tem representado dentro do subconsciente de cada um. Na fala de Dom Murilo S. R. Kriger, SCJ, arcebispo de Florianópolis, questionado sobre a importância do

---

<sup>181</sup> SABINO, Débora. Amin apóia turismo religioso. **A NOTÍCIA**. Florianópolis, 1/5/2002. Geral, A6.

Santuário como local fixo para a veneração de Deus na pessoa de Santa Paulina no contexto da modernidade:

[...] Mas, por sermos criaturas humanas, dependemos de nossos sentidos. E justamente nesta época que alguns já chamam de hiper-moderna, mais importantes são os sinais (veja-se a impacto que têm em nossa sociedade a *griffe*, a moda, a logomarca, o símbolo, o visual, etc.). É verdade que Jesus disse a Nicodemos que “vem a hora em que nem nesta montanha, nem em Jerusalém adorareis o Pai... Vem a hora, e é agora, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade. Estes são os adoradores que o Pai procura” (Jo 4, 21-24). Certamente, para muitos essa hora já chegou, dando o seu amadurecimento na fé. Mas não podemos esperar isso de quem ainda não amadureceu suficientemente nela<sup>182</sup>.

Segundo Gianni Ratto, “a temática do ver, portanto, é fundamental para intuir. Intuir para deduzir, para descobrir e interpretar”<sup>183</sup>. Nesse contexto, o Santuário vem materializado, assim como construções, tais como, outrora, a Casa Paterna de Santa Paulina, e, mais precisamente, na que ela viveu dos dez aos vinte anos. Nesse local, Amabile foi chamada por “Maria Imaculada, graças a uma série de sonhos”<sup>184</sup>, os quais atualmente estão pintados em painéis de azulejos, marcando, desta forma, o primeiro monumento das dependências do Santuário, inaugurado em sete de julho de 1965. Em frente a esse conjunto está uma torre, no meio da qual está o busto da Veneranda Fundadora e, no alto, a estátua da Imaculada Conceição.

O pedido de Nossa Senhora para que Amabile desse início a uma obra evangelizadora e de assistência aos mais necessitados, doando-se “no serviço aos desprovidos, na catequese e no cuidado aos enfermos, numa atitude constante de busca da vontade de Deus”<sup>185</sup>, logo em seguida veio a concretizar-se na Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Transitando pela Rua Madre Paulina, observamos as residências e as casas comerciais, em pleno desenvolvimento, vendendo artefatos religiosos, artesanatos e produtos típicos da região e de fora dela.

<sup>182</sup> KRIGER, Dom Murilo S. Ramos. **Questionário**. [e-mail de Dom Murilo S. R. Kriger, SCJ]. Endereço eletrônico: dom.murilo@arqui.floripa.org.br. 27/9/2005. p. 2.

<sup>183</sup> RATTO, Gianni. **Antíttrado de cenografia**: variações sobre o mesmo tema. São Paulo: SENAC. 2001. p. 25.

<sup>184</sup> LORENZI, Guido. **Madre Paulina**: entre carisma e obediência. São Paulo: Loyola, 2001. p. 38.

<sup>185</sup> CONSTITUIÇÕES E DIRETÓRIO: Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Op. cit. p. 13.



Primeiro monumento comemorativo aos 100 anos da fundação da CIIC.  
Neste local ficava a casa paterna de Santa Paulina. Venda de objetos religiosos em Vígolo.

Fonte: Arquivo particular de José do Nascimento

A senhora Lurdes Pianezzer, moradora do bairro de Vígolo, conta que “pro lugar aqui nosso, aqui é município de Nova Trento, mas aqui se chama Vígolo, aqui foi um grande milagre que deu. Porque meu Deus do céu olha que a gente daqui melhorou bastante. Melhorou bem de vida, saiu muito emprego, surgiu muito emprego pros nossos aqui. Isso ali tá mil maravilha”<sup>186</sup>. Ladeiam a estrada roças de mandioca, milho e vinhedos. No prosseguir da caminhada, vê-se a Escola Municipal, atendendo, assim, a educação dos vigolanos e fazendo parte do palco do Santuário presente na comunidade antes mesmo do nascimento da entrevistada, que conta:

A minha vida foi sofrida. Que nem eu, de oito anos, eu já tava na roça. De oito anos tava na roça, ajudando meu pai ajuntar capim pras cabras, aquela época a gente tinha cabra [risos]. De manhã nós vinha pra aula aqui, e de tarde a gente já ia com os balaios, pegava esses balaios feitos de cipó, essas

<sup>186</sup> PIANEZZER, Lurdes Vinotti. 64 anos. Vígolo. Entrevista concedida a Karine Simoni. Nova Trento, 04/06/2005. p. 2.

coisas, arrastando, porque a gente era pequeno, não tinha força, ajuntando capim pras cabras, e por aí assim<sup>187</sup>.

Como outras crianças, a senhora Lurdes Vinotti Pianezzer concebia a sua função como aquela ligada não somente ao serviço doméstico - arrumar a casa, cuidar da roupa -, mas também cortar capim para as cabras. Para ela, ir à escola seria mais um descanso físico e uma maneira de fugir dos trabalhos agrícolas, embora sabendo que, ao chegar em casa, teria que trabalhar na roça e na colheita de ração para os animais, todos os dias. Assim, identificava-se tanto como estudante quanto trabalhadora em serviço mais braçal, porque ir à roça era uma função masculina, visto que da lavoura provinha o maior sustento da sua família. Ela nos conta que a sua vida era

sofrida, sofrida. Olha, eu trabalhava, na época do meu pai nós fazia farinha, meu pai levava ali na qual que tem aquele restaurante, tinha o engenho das irmãs, e daí eu me lembro que o meu pai e a minha mãe eles vinham ali pras duas horas da madrugada vinha rapar a mandioca. Botava nesses rapador, tocado à água, essas rodas, então eles rapavam essa mandioca<sup>188</sup>.

Dada a necessidade de mão-de-obra, a entrevistada participava ativamente das funções masculinas, juntamente com sua mãe. Desta forma, a jornada começava antes do nascer do sol “ali pras duas horas da madrugada”<sup>189</sup>, evidenciando uma orientação econômica que se regulava não pelo horário, mas pela quantidade das tarefas executadas no dia.

No relato da senhora Lurdes, como trabalhadora de sol-a-sol, se vê de longe descortinar “o caráter arquitetônico do Santuário de Santa Paulina retratando a essência de sua trajetória, mulher simples de valores sólidos e puros e de imensa espiritualidade e bondade”<sup>190</sup>. Este tem capacidade para três mil pessoas, enquanto a capela de Nossa Senhora de Lourdes pode obrigar apenas 120.

A construção era mantida em união com o Estado e a Congregação das Irmãs e aparentemente por dois motivos a *Comissão Governamental de Acompanhamento e Implantação do Plano de Turismo Religioso – Projeto Madre Paulina*<sup>191</sup> se desfez. O

<sup>187</sup> Idem, ibidem.

<sup>188</sup> Idem, p. 2.

<sup>189</sup> Idem, Idem.

<sup>190</sup> Disponível em <http://www.santuariosantapaulina.org.br/projeto.htm>. Acesso em 29/10/2004. p. 2. Ver: SANTA PAULINA DO CORAÇÃO AGONIZANTE DE JESUS. Op. cit. p. 38.

<sup>191</sup> Ver no anexo 1 as atas das reuniões.

primeiro foi que o ex-ministro, Rafael Greca, e o governador, Luiz Henrique, apresentaram um projeto no qual havia, abaixo do santuário, um centro de eventos. O segundo é que não levaram em conta o plano geral de edificação inicial elaborado há mais de dois anos pelas religiosas<sup>192</sup>. Com isto, a presença do Estado é nula nas melhorias das dependências do Santuário, principalmente das vias de acesso, e do policiamento, o que faz com que em dias de grandes movimentações o local fique intransitável.

Chegando ao dito monumento, no centro de Vígolo, pode-se encontrar um estacionamento para os veículos motorizados; um ambulatório para os primeiros socorros dos transeuntes; a escadaria; a passarela, com comprimento de 176,58 metros, ou 202 passos de largura de 3 metros; e outros acessos oriundos dos monumentos comemorativos, utilizados por veículos, destinados para as ocasiões especiais e para uso de portadores de deficiência física. A escada tem início na praça/estacionamento, levando até o *hall* do Santuário.

Já a passarela tem início na praça central, onde se encontra o antigo “casebre” no qual morreram a cancerosa Lúcia Ângela Viviani Zoner, denominado *ospedaletto San Vigilio*, ou seja, hospitalzinho São Virgílio. É exatamente nesse lugar que se iniciou a obra de Santa Paulina, em 12 de julho de 1890, ao lado da casa das Irmãs e da Capela feita pelos primeiros italianos que chegaram da Itália em 1875, dedicada a São Jorge, e que, mais tarde, com a chegada dos padres Jesuítas, foi ampliada e dedicada a Nossa Senhora de Lourdes, sendo visitada pelos padres quase todas as semanas. A mudança toponômica foi feita a pedido dos padres jesuítas, está ligada às aparições de Nossa Senhora, em Lourdes, na França e se constitui numa intervenção divina que vem confirmar o dogma da Imaculada Conceição, proclamado em 1854. Também há a Gruta com o mesmo nome da mãe de Jesus, que fora construída em 1876.

---

<sup>192</sup> **Município Dia-a-Dia:** Especial 50 anos. Basílica de Santa Paulina: Gera polêmica entre lideranças e comunidade em Nova Trento. Brusque, 26 jun. 2004. p. 73.



Passarela que leva ao Santuário de Santa Paulina  
Fonte. Arquivo particular de José do Nascimento



Réplica do casebre onde Santa Paulina teria iniciado a sua obra.  
Fonte. Arquivo da Secretaria do Turismo de Nova Trento.

No interior da Igreja há uma relíquia: o osso do braço amputado da Santa Paulina. As outras partes do esqueleto estão em São Paulo, na Casa Geral, e se pressupõe que, com a finalização da construção do Santuário, essas relíquias virão transladadas para a sua

morada definitiva. Desta forma, a antiga capela e o novo monumento se unem por meio da passarela e da escada, ligando o palco da nova construção que desponta em meio a uma colina verdejante. Como bem observa Peter Burke, “para entender qualquer item cultural precisamos situá-lo no contexto, o que inclui seu contexto físico ou cenário social, público ou privado, dentro ou fora de casa, pois esse espaço físico ajuda a estruturar os eventos que nele ocorrem”<sup>193</sup>.

Como se pode observar, na utilização da escada e da passarela, essas elevam e transportam do plano terreno para o plano do sobrenatural, tendo as duas o mesmo objetivo de ser passagem, seja como processo indutivo para a purificação pela presença de algo *Maior*, seja como simplesmente apreciação da natureza por outro plano, um *bel vedere* a mais que se mostra aos turistas, pelo menos para aqueles que não têm o objetivo específico de alcançar graças. Pois um não crente poderia passar por todos os territórios sagrados apenas como turista, visitando uma igreja e apreciando a beleza interior dos complexos construídos e a da natureza como se apresentam aos seus olhos. Pode-se, assim, visitar os monumentos providos de sacralidade, tais como a basílica de São Pedro, os afrescos de Michelangelo na capela Sistina, as ruas de Assis trilhadas por São Francisco, o santuário de Santa Paulina ou os monumentos do mundo cristão no Oriente Médio, pelos quais reza a tradição que Cristo tenha passado.

Ainda assim, o turista seria apenas um a mais que passa e visita o local. Mesmo que nestas viagens fossem feitas compras de produtos religiosos, não se fosse a nenhum local profano, não se ouvisse outra música que não a sacra, ainda assim ele seria apenas um turista. Porque ele não crê, pelo menos não a ponto de imaginar que se pedisse uma graça esta seria concedida, ou a ponto de pensar que ele tivesse a obrigação de agradecer ao transcendental porque algo de bom aconteceu, ou porque nada de ruim aconteceu. Não tendo fé, não seria um peregrino, mas sim um turista. Um turista maravilhado, por certo, porém, apenas um turista.

A escada é, todavia, mais exigida pelos devotos, cuja subida pode ser feita a pé ou de joelhos, o que se constitui em instrumento de execução, a saber, mais rígido, por um esforço físico e penitencial. Porém, ainda no nível terreno, acompanha-se o aclave saindo do pressuposto que, da praça, se eleva do mundo *sensível* à esfera sobrenatural, ou seja, ao mundo *inteligível*, enquanto que a segunda opção, que é a passarela, embora construída de

---

<sup>193</sup> BURKE, Peter. Op. cit. p. 162.

maneira um tanto quanto igual à primeira, não acompanha, contudo, o nível geográfico do terreno, que é irregular. Ela vem apoiada por colunas fincadas no solo e, com isso, se faz, o elo entre a aspiração humana e a procedência Divina.



A escada que leva ao Santuário de Santa Paulina: símbolo da ascensão  
Fonte. Arquivo particular de José do Nascimento

A ascensão, realizável inconscientemente, da purificação sob essa ótica, leva o passante a ser orquestrado, iluminado, e eleva os instrumentos de fé que o conduzem até lá, numa economia de expressão a qual o santuário está pronto para oferecer, como espaço de concentração e de elementos que construirão a presença de Deus em sua vida. Embora a eminente onipresença do Altíssimo, há locais privilegiados em que Ele se manifestou e se faz conservar<sup>194</sup>. E há, ainda, o sentido dos pitagóricos, pelo qual o homem, para se salvar, deve identificar-se com o divino, eliminando de sua vida todos os conflitos<sup>195</sup>. No estudo durkheimiano se mostra que o culto possui a função primordial de estreitar os laços que

<sup>194</sup> ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996. p. 27.

<sup>195</sup> ABRÃO, Baby; COSCODAI, Mirtes (org.). **História da Filosofia**. São Paulo: Best Seller, 2002. p. 28.

unem o fiel ao seu deus. Com isso, cada ser humano vivencia seu espaço sagrado de maneira íntima ou externamente, de modo que corresponda aos seus anseios e objetivos.

Outros elementos representativos da cenografia religiosa são: os Marcos da Beatificação; o Marco à passagem do Milênio; o Museu Colonial (com ferramentas e equipamentos utilizados pelos imigrantes); o Marco da Canonização (ermida Santa Paulina); a réplica do interior e da fachada do casebre, onde outrora nascera a Congregação; a Colina de Madre Paulina, onde foi edificada uma imagem de bronze da religiosa tendo numa mão uma enxada e na outra um crucifixo – representado, assim, o *ora et labora*, ou seja, oração e trabalho; as Lojas, os Restaurantes e o Galpão do Santuário; a Cruz da beatificação em ferro; a Capela Nossa Senhora de Lourdes<sup>196</sup>.

A representatividade dos elementos identitários acima foi construída para identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler<sup>197</sup>. Esses elementos são figurações do real: um novo olhar. Como relata Sônia Mara Pedroti, balconista na loja de artigos religiosos das Irmãzinhas no Santuário,

Porque são monumentos assim, eles têm um significado cada um. Tem o monumento do milênio, que foi a passagem de mil anos, a cruz que o papa rezou a missa, que tava abandonada em Florianópolis, elas trouxeram, restauraram, então são coisas que marcam a vida nossa, do cotidiano, mas foram abandonadas pelo governo. E elas recuperaram. E os monumentos aqui são uma opção para os peregrinos verem, temos aqui, não sei se tu visse, o presépio movimentado, que é contando a vida dela em bonequinhos, então a passagem dela desde a Itália até quando ela foi deposta do cargo dela. Então se tu vê são coisas da vida dela, como o museu, como os italianos viviam, a rotina deles, então é tudo dentro do contexto da Santa Paulina. Eu acho que é bom, porque se uma pessoa, um peregrino vem aqui, lógico que eles querem rezar, mas também querem olhar alguma coisa que mostra a vida dela, o que ela fez, por que ela se tornou santa, então tu tem que ter alguma coisa pra mostrar pra eles, como os livros. Então eles vão conhecer, eles ouviram falar, muitas pessoas chegam aqui e dizem ‘ouvi falar mas eu não sei a vida dela’. Então aqui com os monumentos tu pode saber um pouquinho de cada coisa<sup>198</sup>.

<sup>196</sup> Ver no anexo 3 uma lista dos monumentos construídos pelas Irmãzinhas.

<sup>197</sup> CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 17.

<sup>198</sup> PEDROTI, Sônia Mara. 38 anos. Florianópolis. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/09/2005. p. 3.

A cenografia do Santuário não reivindica para si o estatuto de arte autônoma, pois são construções distintas que obedecem às diretrizes dos monumentos católicos, a saber, dos cem anos do nascimento da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, em 1990, e dos anos subsequentes à beatificação. Esta foi realizada em Florianópolis, em 1991, pelo Papa João Paulo II, e a canonização, em 2002, pelo mesmo Papa, no Vaticano da Santa.

O espaço sagrado manifesta-se sempre como uma realidade de ordem inteiramente diferente da do cotidiano, porque é transportada para dentro da “realidade” sacral, com a qual se parece e na qual concretiza a situação desejada. Segundo Regina Aparecida C. Marcon, ela encontra essa sacralização na “natureza, a paz que a gente encontra aqui, o trabalho que os funcionários e as irmãs fazem [...] eu encontro essa religiosidade aqui, fico pensando como que uma mulher tão simples, com o seu trabalho conseguiu fazer tudo o que conseguiu”<sup>199</sup>.

Émile Durkheim, que publicou em 1912 a obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, comenta que é preciso conhecer a religião nas suas origens, na sua menor proporção, no seu núcleo original, para que seja possível compreender como ela se expandiu, se tornou complexa e diversificou. O que fez desse livro um clássico foi a fundamentação - por ele perseguida - da reciprocidade entre religião e sociedade, bem como a definição, depois universalmente acolhida, dos conceitos de sagrado e profano, cuja distinção permite identificar um específico religioso, dotado de certa autonomia expressiva, sendo o sagrado prescrito e exaltado pela garantia divina. Nesse sentido, a religião é uma representação simbólica da consciência coletiva que toma conta do indivíduo, suscitando nele um sentimento de submissão à religiosidade expressa através da oração e do rito. Esse autor aborda as origens sociais e cerimoniais, bem como as bases religiosas, como um conjunto de superstições das quais os homens se libertariam desenvolvendo seus conhecimentos, mostrando que o fato religioso é uma das bases essenciais da sociedade. Seu principal problema era encontrar novas formas de participação social que integrassem os indivíduos na ordem social, de forma que, saindo de si para o grupo, se sobressaísse o grupo e, conseqüentemente, o indivíduo enquanto integrante do todo.

---

<sup>199</sup> MARCON, Regina Aparecida C. 42 anos. Campo Largo-PR. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 04/06/2005. p. 2.

Já Mircea Eliade procura, no seu livro *O Sagrado e o Profano*, a essência das religiões, sendo o seu conceito de sagrado e de profano autônomos em relação ao sistema da sociedade durkheiminiana. Esse autor acredita que, de tudo o que se destaca do lugar comum e da rotina, nem tudo que se destaca espacialmente é espaço sagrado e nem toda interrupção da rotina é um espaço revelado<sup>200</sup>. É o homem quem constrói o cosmos e o caos, isto é, o mundo dos arquétipos, como quadro de referência de sua vida. Então, é possível distinguir dois aspectos fundamentais no Santuário: o “ponto fixo” e o seu entorno – o que, na linguagem gestaltista, se refere à problemática da figura e do fundo, em que ambas coexistem e interdependem para justificar as suas existências. No primeiro, o ponto fixo, as formas espaciais existentes cumprem funções que estão diretamente associadas à hierofania, materializada na imagem da santa ou no objeto milagroso. No segundo, o entorno, este possui os elementos necessários aos transeuntes, viabilizando as práticas e o roteiro devocional.

Com isso, as coordenadoras do Santuário, percebendo que essas representações se fazem necessárias para preencher e enriquecer um espaço vazio, constroem cenografias, *empoderando-as* para que possam, assim, melhor refletir o sagrado. Expondo a natureza cenográfica com esse olhar feminino que surge num momento oportuno – cito os eventos e celebrações eucarísticas realizadas no local – depois da emancipação da mulher, as freiras se tomam o primeiro grupo do sexo feminino responsável por uma administração interna e externa de um santuário no Brasil. Este fenômeno não é exclusivo à Igreja Católica, pois calcula o sociólogo Ricardo Mariano que “dois terços dos adeptos de seitas no Brasil são mulheres”<sup>201</sup>.

### 2.3 Trajetórias de *empoderamento*: peregrino e turista

As categorias *peregrino* e *turista* são utilizadas, nesta dissertação, para referir-se aos passantes/transeuntes/visitantes. Uma vez que se baseiam em “um olhar meu”, deverão ser então relativizadas. Como é mister do historiador, que imprime um olhar à realidade passada ou presente, devemos também levar em consideração o modo como os sujeitos da história pensam acerca de si mesmos.

Em termos etimológicos, *peregrino* vem do substantivo latino *peregrinatio* – viagem em terra estrangeira – uma prática devocional que consiste em se dirigir coletivamente ou individualmente a um lugar sacro com o intuito de realizar atos

<sup>200</sup> ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 17.

<sup>201</sup> PERES, Andréia. O estranho poder das seitas. *Claudia*. São Paulo, nº 12. p. 38-44, dez. 1996.

penitenciais<sup>202</sup>. Já *turismo* significa, segundo Trigo, “um meio um pouco mais ‘real’ de desfrutar o mundo. Pode-se viajar, ver coisas especialmente produzidas para causar instante de prazer aos sentidos hiperexcitados por milhares de impulsos cotidianos”<sup>203</sup>.

O peregrino católico, por sua vez, mantém uma relação de respeito com a tradição. Por ela se entende o catolicismo tradicional, no qual a Igreja baseia todo o seu magistério, tanto que, de certa maneira, tenta alavancar-se a partir da sua construção de religiosidade popular, que perpassa pelo seu íntimo, provendo e dando sustentamento espiritual aos seus fiéis como, por exemplo, faz o pelicano na falta de alimento, dando para os seus filhotes o seu próprio sangue para mantê-los vivos. Entretanto, Dom Murilo comenta que a

Nossa vida é marcada por modelos, a quem seguimos consciente ou inconscientemente. Tais modelos podem ser nosso pai, nossa mãe, um vizinho ou um conhecido qualquer. A verdade é que, com suas palavras ou com o testemunho de sua vida, iluminam nossa própria vida. Tal ou tais pessoas se tornam paradigmas para nós: nós as admitimos; queremos conhecê-las sempre mais; e vibramos com cada nova descoberta que fazemos a seu respeito. Para muitos, essa pessoa tem sido Santa Paulina. Após terem lido um livro sobre ela; um depoimento que deixou; uma carta que escreveu; ou depois de ouvir falar de sua dedicação, orientação geral de sua vida ou de um determinado comportamento numa situação concreta, acabam dizendo para si mesmos: “Gostaria de ser como ela; de fazer o que ela fez; de imitá-la já que, certamente, muito agradou a Deus”. Assim, muitas jovens entram para a Congregação que fundou; outras, a imitam nos mais variados estados de vida<sup>204</sup>.

Muitos desses visitantes admitem serem católicos não-praticantes, dando-se até mesmo outras denominações. E corre em suas trajetórias de vida a religião dos seus ancestrais, resistindo às intempéries de qualquer natureza, colocando-se como ser religioso, fazendo parte do contexto socioeconômico do meio que eles estão e levando consigo certas esperanças.

Para melhor compreender os fenômenos de peregrinação e de turismo, é necessário explanar uma breve definição dos termos, na qual se estabelece um diálogo entre ambos, justamente porque a peregrinação é um ato devocional não imposto, mas para o qual se é convidado a fazê-lo (como, por exemplo, no islamismo) ou auto-imposto (como, por exemplo, no catolicismo). Assim, a peregrinação aos santuários acontece “como uma

<sup>202</sup> CORTELAZZO, Manilo; ZOLLI, Paolo. **Dizionario etimologico della lingua italiana**. Vol.V: P-S. Bologna: Zanichelli, 1979. p. 27.

<sup>203</sup> TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo e qualidade: tendências contemporâneas**. 8ª ed. Campinas: Papirus, 2002. p. 58.

<sup>204</sup> KRIGER, Dom Murilo S. Ramos. Entrevista cit, p. 03.

obrigação auto-imposta”, quer dizer, acontece quando a pessoa está em desespero ou em dificuldades e procura uma ajuda divina para o seu problema; ou quando a pessoa fez uma promessa na esperança de um milagre ou na resolução de um problema e, após “recebida a graça”, sente-se na obrigação de agradecer (pagar a promessa); ou quando a pessoa está de bem com a vida e sente a necessidade de demonstrar agradecimento pelo “dom de possuir a vida”, de possuir saúde e tudo o mais sobre o que a pessoa religiosa acredita que deva dar uma satisfação a Deus, ou à Mãe de Deus, ou a um santo de sua devoção.

Nos dois últimos casos, a pessoa teme que Deus a abandone, caso não agradeça. No primeiro, a pessoa tem esperança de que ele não irá abandoná-la, se ela implorar. Em todos os casos, há uma crença, uma fé e uma lealdade indiscutíveis, que fazem com que a pessoa se sinta “ligada ao sobrenatural”, e que a fazem pensar que ela pode intervir na vontade divina e esta possa interferir na sua vida pessoal.

Quanto ao turismo, é uma atividade de lazer e de conhecimento. Na fala de Merleau-Ponty, no livro *A dúvida de Cézanne*, o autor comenta que a natureza é já perfeita e queria retratá-la como ela é em sua origem, “como ocorre na visão natural, para dar a impressão de uma ordem nascente, de um objeto que surge a se aglomerar sob o olhar”<sup>205</sup>. Assim, pode-se dizer que o turismo é uma busca pelo belo, um apelo humano aos sentidos – especialmente à visão, mas não só – para partilhar de modo mais aproximadamente possível da beleza estética, ou do exótico. O turismo é uma procura pelo prazer. Ele está para o hedonismo assim como a peregrinação está para a fé. Ambos não são mensuráveis, posto que são subjetivos. Ambos são importantes, porque embora de maneira diferente, produzem um efeito benéfico, um efeito de satisfação pessoal.

Entendendo o turismo como a atividade do tempo livre que consiste em visitar lugares diversos daqueles da residência habitual, a fim de instrução ou deleite, distinguimos diversos tipos de turismo, como o sexual, o religioso, de estudo e tantos outros. Ou seja, é um movimento temporário de pessoas por locais de destino externos e diferentes dos seus lugares de trabalho, de estudo e de habitação. Esse ato de viajar, afastando-se do local de origem – resistência, estado ou País – é uma expressão de bem-estar, uma forma agradável de ocupar o tempo livre<sup>206</sup>.

---

<sup>205</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. **A dúvida de Cézanne**. (Trad. e notas Marilena de Souza Chauí e Pedro e Souza Moraes). São Paulo: Os pensadores, Nova Cultural, 1989. p. 307.

<sup>206</sup> ANDRADE, José V. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1995. p. 7.

Mas o turismo relaciona o indivíduo à exterioridade. Joga-o para algo exterior ao turista. Ele se vê numa paisagem: ele sai de si e se transforma para a paisagem e a paisagem o devora; ele visita uma pinacoteca: ele se transporta para a tela e esta o engole; ele experimenta uma comida diferente que lhe cativa o paladar ou o repugna: neste momento ela o possui; o turista vai a um concerto ou a uma ópera: e ele é atraído pelos sons e entra na música e/ou no drama, dominando-lhe os sentidos; o turista vai ao *shopping*: e logo é sugado por esta ou por aquela mercadoria; ele vai à praia: e é tomado pelo mar que o chama; ele assiste a um ritual religioso exótico: e este o seduz. Acredita Merleau-Ponty que o “objeto visitado não fica mais coberto de reflexos, perdido em seu intercâmbio com o ar com os outros objetos, é como que iluminado surdamente do interior, emana a luz e disso resulta uma impressão de solidez e materialidade”<sup>207</sup>.

Mesmo quando não se deslumbra com o que vê, sente ou escuta, mesmo quando detesta o que vê, sente ou escuta, o turista é sempre levado a pensar o mundo do outro. De muitos outros ele leva consigo; afinal de contas, o outro está presente com ele através das lembranças e situações vividas no passado. Ele é inserido no mundo do outro e vice-versa, pois, evidentemente, ninguém vive absolutamente só. E quando retorna à sua casa ele traz lembranças, fotografias, postais, vestuários e um monte de *souvenirs* que o fazem recordar, pelo maior espaço de tempo possível, que o outro esteve coabitando o seu espaço, o que se pode verificar e vem a se confirmar com a entrevista de Regina Aparecida, que conta que “quando eu venho pra cá a gente compra algumas lembrancinhas, mas o que eu compro sempre são rosários, que o pessoal pediu lá, [...]”<sup>208</sup>. Outra entrevistada diz que “[...] comprei, pra mãe e pro meus filhos. Pouca coisa, porque a gente também não tem muito pra gastar”<sup>209</sup>.

A peregrinação é uma manifestação relacionada à interioridade do indivíduo. O espaço do sagrado não é um mundo do outro, não do outro humano. O espaço do sagrado é o seu próprio mundo; a paisagem do sagrado é considerada como sua própria. Com isto, peregrinar, para o crente, é vivenciar uma experiência não compartilhada, uma experiência solitária, mesmo quando feita em grupo. O peregrino engole a paisagem, devora a imagem

---

<sup>207</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. Op. cit. p. 305.

<sup>208</sup> MARCON, Regina Aparecida C. Entrevista citada, p. 3.

<sup>209</sup> CANDIDO, Marli. 45 anos. Rio do Campo-SC. Entrevista concedida a Karine Simoni. Nova Trento, 04/06/2005.

e se abastece e se fortifica porque “as pessoas não se guiam mais por prescrições dogmáticas. Elas querem interagir livremente entre si”<sup>210</sup>.

O peregrino fortalece-se. O turista esvai-se<sup>211</sup>. Assim, estar *empoderado* significa estar em posição de exercer a capacidade de escolher de acordo com seu próprio livre-arbítrio, o que requer uma política democrática, todavia, para que as pessoas possam usufruir das decisões sobre suas próprias vidas. O enfoque é centrado na força e na determinação das pessoas em descobrir e desenvolver suas capacidades para vencer e superar seus anseios tanto individuais como coletivos. Assim, por exemplo, pode-se constatar em Cézanne, quando pintava a natureza de forma a nos levar à sensação de estarmos “passeando”, que o artista acreditava que os objetos não deviam ser representados sob um único ponto de vista, mas como se o observador estivesse passeando em redor deles. Com essa concepção, Cézanne provocava uma alteração profunda na realidade, criando uma orientação completamente nova para toda a arte futura<sup>212</sup>.

## 2.4 Os passantes

Ficamos a imaginar como se dão conta os transeuntes nos novos tempos, depois do questionamento de Nietzsche sobre “para onde foi Deus”. “Nós o matamos – vós e eu. Deus está morto...!” Respondera ele mesmo<sup>213</sup>. Assim, o filósofo alemão anunciara ao mundo a morte de Deus e, conseqüentemente, o fim da religião. Como Nietzsche, outros filósofos e estudiosos da chamada era moderna previam o fim dessa instituição chamada Igreja e, principalmente, da Igreja Católica. Freud ligou o problema religioso à sexualidade, culpando a religião pelos diversos desvios sexuais, pelas neuroses e psicoses humanas. Estes e outros pensadores anunciaram o fim da religião e da Igreja. Porém, ela continua, e continua nos mais diversos meios. E surgem “ilhas” de fé esparsas por todos os continentes e no Brasil. Assim se tem o santuário de Nossa Senhora Aparecida em São Paulo e de Madre Paulina em Vígolo de Nova Trento, e tantos outros.

<sup>210</sup> DREWERMANN, Eugem. Op. cit. p. 127.

<sup>211</sup> ALVES, Elza Daufenbach. Entrevista citada. p. 6-10.

<sup>212</sup> CÉZANNE, Paul. Cartas e citações. In.: BARNES, Rachel (org.). **Os artistas falam de si próprios: Cézanne**. (Trad. Maria Celeste Guerra Nogueira). Lisboa: Dina livro. 1993. p. 19.

<sup>213</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. (Trad., notas, posfácio de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2004. § 108, §125 e § 343.

É essa a resposta diante do questionamento niilista de Nietzsche, onde a realidade é fluida e oscilante<sup>214</sup>, em perscrutar as alamedas da religião que implicava o desmoronamento dos valores morais, isto é, no seu slogan, “a morte de Deus”. Transplantando esta discussão para o contexto da pós-modernidade<sup>215</sup>, podemos se discutir sobre a morte de Deus no fenômeno Nova Era, conhecido também como *New Age* (onde não se tem a certeza de nada), detentora do fazer e do agir dos novos grupos religiosos, como redes de muitas doutrinas, crenças, magias, esoterismos e outros princípios que agregam elementos míticos e místicos que têm encantado a muitos.

A proliferação dessas formas de oferta religiosa responde manifestadamente à demanda que está para se tornar dominante, configurando-se como um pipocar de religião, um *pot-pourri* de idéias, que mais parece um entrelaçar humano no qual as pessoas voam de flores em flores para absorver o seu néctar, um pouco de lá e daqui, no seu afã religioso, usando a religiosidade do tipo utilitária, sincretista, emocional e tantas outras formas psicológicas para o seu agrado, buscando um mercado multicolorido de denominações religiosas em busca de vibração e energia, como nos diz a senhora Veroni Silva Campos, “uma coisa muito linda, muito boa. Uma vibração muito boa, principalmente quando eu entrei aqui dentro [do território do Santuário]. Tranqüilidade”<sup>216</sup>.

Desta forma, a religião está sendo vivenciada para o bem estar físico, mental e espiritual sem pertencer a uma única denominação religiosa. Com isto vem outro fator, “uma vibração”, palavra que nos remete a um campo não da espiritualidade católica, mas a uma conotação espiritualista kardecista. Também a senhora Gregória nos relata que “pela curiosidade, falavam muito na santa aí eu fui ver de perto, realmente senti uma vibração. Realmente, ela tem assim uma graça. [...], quando se fala nela a gente sente que toca, que

<sup>214</sup> LYOTARD, Jean-François. **A condição da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p. 77.

<sup>215</sup> O termo pós-modernidade já discutido por Jean-François Lyotard quando publicou, em 1979, a sua obra *A condição pós-moderna*. (Lisboa: Gradiva, 1985). Considerando a sua chegada e fazendo uma ponte com o aparecimento de uma sociedade pós-industrial com base numa globalização econômica, ele o define “como incredulidade com relação às metanarrativas”. Pós-modernidade tem muitos significados e é um conceito multifacetado, tendo em si mudanças sociais e culturais profundas. Outros autores, geralmente franceses, foram associados a essa tendência, durante a década de 80, como Jean Baudrillard, Jacques Derrida e Michel Foucault. Não esqueçamos que alguns deles rejeitaram, negaram ou se distanciaram do termo. Ver: LYON, David. **Pós-modernidade**. 2ª ed. São Paulo. Paulus, 2005. p.7 e 24.

<sup>216</sup> CAMPOS, Veroni Silva. 65 anos. Sapucaia do Sul-RG. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 19/03/2005. p. 3.

ela tem assim algum... milagre, parece ser milagroso mesmo, ela tem assim uma energia, a gente sente uma energia boa”<sup>217</sup>.



Panorama de Vígolo, descrito pelos entrevistados como um local de tranquilidade e paz.  
Fonte. Arquivo particular de José do Nascimento

Tanto a Senhora Veroni quanto a senhora Gregória falam de vibração e paz, vocábulos comuns para as duas entrevistadas que, como pessoas que praticam o catolicismo, navegam em outras águas. Dessa maneira, elas têm uma nova espécie de concepção religiosa na qual emana, transforma e acontece a separação entre o visível e o indivisível. Aqui, somos levados a um passeio dentro da territorialidade do sagrado e do profano, com a apreciação do Santuário, a sua arquitetura, os entalhes na madeira do altar, o trabalhado de um cálice e dos paramentos, que ficam dentro do espaço da emanção de Deus. “O que sustenta a religião não é a religiosidade, autenticidade existencial, não é a coragem de arriscar a liberdade, não é a individualidade ou a existência profética, mas o coletivo em forma de clube e de folclore tradicional”<sup>218</sup>.

---

<sup>217</sup> SILVA, Gregória da. 48 anos. Palhoça. Entrevista concedida a José do Nascimento. Florianópolis, 19/03/2005. p. 1.

<sup>218</sup> DREWERMANN, Eugem. Op. cit. p.126.

E podemos ver, na fala da nossa entrevistada Luciene do Nascimento, outros elementos concretos, embora esta não seja praticante ou participante de qualquer religião:

Sou católica ... não praticante, nasci católica e fiz a primeira comunhão e a crisma, mas não participo da Igreja Católica, não pratico o catolicismo, mas tenho as imagens dos santos como São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida em minha casa. Não que eu seja devota deles, mas são os meus preferidos, às vezes eu penso neles, assim num momento de apuro.

[...], procuro conhecer um pouquinho da Assembléia de Deus. Já fui também no espiritismo kardecista. Mas já fui também na Deus é Amor porque lá, tem o Dom da cura, da revelação e às vezes eu vou em terreiro de Umbanda por curiosidade.

[...] Ah, quem não gosta de saber um pouquinho do futuro? Todo mundo gosta, e fui em busca disso, e por ajuda também, não fui para prejudicar ninguém, e também não pra sair prejudicada, eu vou com certo medo, não sei o que vou encontrar. Mas gosto, assim, de saber sobre a saúde, sobre o emprego, sobre a vida do marido, sobre a intimidade do casal. Às vezes eles [guias] falam, não sei se é verdade, mas às vezes fecha alguma coisa. Mas também não é uma coisa que eu vá freqüentemente, porque tudo tem o seu limite<sup>219</sup>.

Na fala de Luciene, vemos nitidamente esse pipocar de religião em busca do imediato, do desenraizamento consubstancial do catolicismo, na medida em que ela procura lugares sacralizados que possam responder a qualquer dos seus anseios, fornecer-lhe soluções fáceis, cômodas e rápidas para as situações difíceis nas quais ela se encontra ou pensa que esteja envolvida, para, enfim, dar sentido ao seu dia-a-dia. Na sua ida a esses lugares, ela rompe com valores medievais, como a teocentricidade e a dependência aos “presbíteros” que, como diz Grespi, são “funcionários de Deus os quais regeram a vida comunitária cristã por séculos e séculos, e fizeram com que a religião, outrora soberana em toda a existência, se limitasse ao domínio privado e fosse reduzida a um pequeno conjunto de práticas”<sup>220</sup>. Nascimento continua a nos relatar:

Da Madre Paulina só ouvi falar e por isso mesmo que eu resolvi ir até lá por curiosidade e passeio. E por isso eu busco alguma coisa lá mas também não me pergunte, assim, coisas a fundo, porque eu não sei. O que mais me chamou atenção foi o museu, que tem as fotos de onde ela viajou, tem foto dela, tem foto dela no caixão, essa foi a foto que mais me impressionou. E também... a certidão de óbito, papéis escritos, o que aconteceu com a saúde dela, onde ela viajou, os lugares precários onde ela viajou pra cuidar de pessoas doentes. Ela tinha amor ao que fazia, e me impressionou a maneira

<sup>219</sup> NASCIMENTO, Luciene do. 36 anos. Florianópolis. Entrevista concedida a José do Nascimento. Florianópolis, 19/03/2005. p. 1.

<sup>220</sup> GRESPI, Franco. Op. cit. p. 23.

como ela morreu. Adorei também um morro que eu subi, que eu vi uma estátua de bronze, que eu vi a cidade lá de cima, porque no dia que eu fui tinha muita gente, mas só que o pessoal se aglomerava muito na igreja, em restaurante, no museu, em outras coisas lá. E eu fiquei quase que sozinha com a minha família, com o meu marido e com a minha filha, então a gente ficou lá pensando como é bonito, pensando como é comércio lá embaixo [Vígolo], os comerciantes, a rua lá que é só coisas de vender as lembrancinhas de Madre Paulina. Eu achei muito comércio, e lá em cima não tinha isso, lá em cima foi uma coisa mais espiritual. A gente desceu até a metade do morro descalços, sentindo, assim. A gente armou um guarda-chuva lá em cima, porque tem um sol muito quente, foi o melhor lugar<sup>221</sup>.

No relato acima, a senhora Luciene do Nascimento não se acha nem turista e nem peregrina mas, sim, a passeio<sup>222</sup> no santuário de Santa Paulina, como curiosa, tanto quanto no Terreiro, na Assembléia de Deus e na Deus é Amor. O que se observa é uma busca constante por uma fé voltada a fato consciente, ao mesmo tempo em que ligada ao “mundo sensível”. Ela busca o rompimento com o coletivo que simultaneamente zela e acalenta os tesouros do passado, e está latente na busca do seu silêncio presente.

Assim, “o silêncio é que nos permite ouvir outra voz, uma voz que fala outra língua, uma voz que vem de outro lugar [...] Essa língua desconhecida de uma voz desconhecida, essa voz ignota, se ignota qual atrás do silêncio como silêncio se esconde qual atrás dos ruídos superficiais do cotidiano”<sup>223</sup>. Esse silêncio, mais do que palavras, serpenteia e se insinua na trama de buscas do seu imediato mundo.

A senhora Luciene encontrou na Colina de Madre Paulina o seu refúgio temporário por não ter muitas pessoas ao seu redor e ao redor dos seus. Lá, eles refletiram sobre o que está acontecendo na sua vida e no que fora ou está acontecendo como processo evolutivo no palco cênico do Santuário, fazendo assim as suas elucubrações. Como afirma Benjamin, um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois<sup>224</sup>. E, ainda, Marilena Chauí: “Tomar a experiência como iniciação ao mistério do mundo significa reconhecer que o sair de si é o entrar no mundo”<sup>225</sup>.

<sup>221</sup> NASCIMENTO, Luciene do. Entrevista citada, p. 2.

<sup>222</sup> Para o/as entrevistado/as, passear equivale fazer turismo ou até mesmo peregrinar, e se observa que o termo “turismo religioso” não saiu ainda do âmbito acadêmico e profissionalizante da área.

<sup>223</sup> KAVADLOFF, S. **O silêncio primordial**. Rio de Janeiro: José Olympio editora, 2003. p. 68.

<sup>224</sup> BENJAMIN, Walter. Op. cit. p. 37.

<sup>225</sup> CHAUI, Marilena de Souza. Op. cit. p. 166.

Embora a presença do sagrado se encontre em todos os lugares, segundo Rosendahl, “há locais privilegiados em que Deus se manifestou”<sup>226</sup>. Consideramos aqui que a presença é diferente de estar diante de algo, ou imaginar, como é o caso do que acontece com um bom número de pessoas, independentemente de serem ateus ou crentes. Enfim, todos são um pouco como São Tomé, ou seja, ter vivências de fatos concretos, perceber que alguém foi privilegiado e vivificou esses momentos. Desta maneira, se vêm estimulados a freqüentar o cenário de tal ação.

Lembrando a etimologia da palavra peregrinação, originária do latim *peregrinatio* (aquele que vem de viagem em terra estrangeira), peregrinar é, assim, uma prática devocional que consiste no ir coletivamente ou individualmente a um Santuário ou a um lugar sagrado no qual se cumprem especiais atos de religião, seja com o objetivo de piedade, ou votivo, ou penitencial<sup>227</sup>. Segundo Maria Ione Cardoso Silva:

A motivação foi por a gente ser muito católico, então a gente tinha, não até curiosidade, até uma vontade mesmo de chegar até aqui. Isso é uma coisa do coração, eu acho. Eu trabalho e eu tô em férias. Então eu disse, um dos meus motivos principais, que eu quero, do meu passeio, o passeio que eu quero fazer, é ir na Madre Paulina. Isso eu quero fazer, não interessa se eu não vou nos outros lugares, ou se eu não vou viajar pra fora, se eu não vou sair, mas na Madre Paulina eu quero ir. Porque eu senti a necessidade de vir aqui, fiquei encantada<sup>228</sup>.

Silva se apresenta como enraizada e empenhada dentro da Igreja Católica Romana, fazendo parte do ECC – Encontro de Casais com Cristo - há vinte anos, juntamente com o seu esposo. Mas eles quiseram fazer esta romaria, segundo suas palavras, “pra conhecer aqui, isso aqui eu vim buscar isso aqui”<sup>229</sup>.

A prática de peregrinação se encontra em quase todas as religiões, fazendo parte do ato emocional de chegar mais perto de sua divindade. É natural que o homem visite os lugares santificados pela presença da divindade ou das relíquias de um defunto venerável, herói ou santo, irradiando a mais imediata e eficaz virtude divina. A peregrinação é uma das formas devocionais mais apreciadas pelos grupos humanos, seja porque coloca em

<sup>226</sup> ROSENDAHL, Zeny. Op. cit. p. 36.

<sup>227</sup> DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson J. S. da. **Turismo Religioso: ensaios e reflexões**. Campinas: Editora Alínea, 2003. p. 21.

<sup>228</sup> SILVA, Maria Ione Cardoso da. 56 anos. Porto Alegre. Entrevista concedida a Karine Simoni. Nova Trento, 19/03/2005. p. 3.

<sup>229</sup> Idem. p. 3.

jogo todas as faculdades do indivíduo, como visão, audição, locomoção e emoção, intensificando-as em virtude da associação; seja porque exalta o vínculo coletivo para o qual a emoção religiosa é fator potentíssimo na medida em que os peregrinos percorrem todos o mesmo itinerário, cumprem os mesmos gestos rituais, orientam a mente em direção à idêntica idéia religiosa; seja porque aumenta o valor e prolonga a lembrança da sagrada meta e das memórias religiosas que são conectadas sobretudo quando se trata de massas nas quais o sentido social constitui oportuno complemento das deficiências espirituais do indivíduo; seja, finalmente, porque, fazendo sentir e quase medir o sacrifício, faz prever e calcular mais seguramente os afetos. Se se trata de uma religião universal, o encontro de pessoas diferentes no mesmo centro religioso estimula demasiadamente a impor o sentido de unidade social daquela dada religião, fora da barreira de raça e de nação.

## **2.5 A fluidez líquida no mundo contemporâneo**

O pensamento humanista e renascentista dá início à cientificidade das idéias contrapondo com o misticismo implantado na Espanha, centro reprodutor dos conceitos de fundamentalismo religioso que, no decorrer dos séculos, vão ser retomadas por pensadores, com o início da modernidade. É dentro deste contexto iluminista, em que a imagem teocêntrica e fixista se muda para uma imagem evolucionista, histórica e baseada no antropocentrismo, que está mergulhado o indivíduo moderno na diminuição do sagrado no entorno humano. São mudanças que irão influenciar diretamente as pessoas nos séculos posteriores.

O século XX foi marcado, e o início do século XXI ainda está sendo, por diversas transformações na sociedade, advindas da industrialização, da globalização, do estudo genoma, das pesquisas em células-tronco, da robotização, do computador, da tecnologia da informação e de tantos outros fatores. Essas mudanças direcionam os rumos da Igreja que, embora esteja enraizada no divino (divinização esta ligada ao seu propagador, Jesus Cristo), possui suas bases estabelecidas como Igreja Triunfante.

Um dos grandes acontecimentos para a história da Igreja foi o Concílio Vaticano II. A Igreja passou 400 anos com suas fundamentações de fé e moral embasadas no Concílio de Trento. Com a Revolução Industrial e outros acontecimentos no nível sociopolítico, que teceram e foram fios condutores de grandes mudanças na vida das pessoas, principalmente a libertação de escravos nas Américas, sobretudo no Brasil, o surgimento de uma nova

classe social, a dos ex-escravos, e as imigrações residuais da Europa, a Igreja se viu na obrigação de se posicionar diante dos problemas resultantes. Surge a encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, com uma conotação totalmente social-libertadora<sup>230</sup>. A partir disso, há o surgimento de diversas organizações que atuam na busca de libertação para as pessoas. Com relação à religiosidade, o povo continua vivendo sob os princípios cristãos, mas com muito catecismo e pouco evangelho. A Bíblia é para os padres, que dão ao povo um Cristo histórico, ou seja, carnal, em vez de um Cristo-Deus. Como nos diz Deleuze, a crença no mundo depende justamente da capacidade de suscitar acontecimentos que sejam pequenos e escapem à percepção:

De modo que o problema não é mais fazer com que as pessoas se expressem, mas arranjar-lhes vacúolos de solidão e de silêncio a partir dos quais elas teriam, enfim, algo a dizer. As forças repressivas não impedem as pessoas de se exprimir, ao contrário, elas as forçam a se exprimir. Suavidade de não ter nada a dizer, direito de não ter nada a dizer; pois é a condição para que se forme algo raro ou rarefeito, que merece um pouco ser dito<sup>231</sup>.

Com a certeza da fragilidade, o renovado interesse pelas religiões, que cresceu em todo o mundo ocidental, se deve não somente à desorientação produzida pela suposta crise dos valores tradicionais – religião, família, e estado, mas também à nova abordagem inserida na pós-modernidade, tratada por alguns autores, como Zygmunt Bauman, que fala de modernidade líquida<sup>232</sup>, resumida na solidez que está na liquidez e na *passageridade* das coisas, fornecedora de uma experiência religiosa-pessoal; como Anthony Giddens, Bech e Lash que falam *modernidade na modernidade*, que seria o período da *modernização reflexiva*, que tem consciência de si; e outros, que falam de *ultramodernidade* e *hipermodernidade*. Um pressuposto que permeia nesses autores é que religião e modernidade são antagônicos. Já na transitoriedade econômica, política e industrial, na cultura e até nas ideologias vem afetando o fordismo, considerando não só “linha de montagem, mas também Lei Seca e ‘puritanismo’ e a tentativa de regular a vida sexual e familiar do trabalhador, e não apenas sua vida de trabalho”<sup>233</sup>. Alguns autores, como Jacques Le Goff e Stuart Hall, sobre pós-fordismo, falam que

<sup>230</sup> ZILLES, Urbano. Op. cit. p. 30

<sup>231</sup> DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 161-162.

<sup>232</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 5-9.

<sup>233</sup> KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: Novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1997. p. 63.

quanto à produção, a palavra-chave é flexibilidade – de fábrica e maquinaria, tanto quanto de produtos e mão-de-obra. A ênfase muda da escala para o campo de interesse, e do custo para a qualidade. As empresas se adaptam mais para reagir aos mercados do que para controlá-los. E são consideradas tanto como instrumentos de controle quanto como instituições de aprendizagem. Suas hierarquias são mais niveladas e, as estruturas, mais abertas. A força de guerrilheiros substitui o exército permanente<sup>234</sup>.

Esse é baseado na produção flexível, nos mercados de nicho e na remuneração do trabalho baseada nos resultados.

Como diria Heráclito, as coisas são enquanto duram, e, nesta posição, o homem contemporâneo evidencia os limites do saber, mostrando a tensão entre o inconcebível e o indivizível, vendo que os ritos, as crenças e os mitos não são fábulas que designam uma “história verdadeira”<sup>235</sup>, mas uma forma que possibilita ao ser humano relacionar-se com o seu passado.

Ultrapassando as formas dogmáticas e contraditórias da religião institucional, torna-se possível reinterpretar a mensagem cristã, colocando em evidência tanto as dimensões trágicas como aquelas essencialmente libertadoras. Nesta perspectiva, a experiência religiosa surge como convite irrecusável para que o indivíduo assuma totalmente as contradições da existência, pois é nesse lugar que se realiza a promessa da libertação.

Consciente ou inconscientemente, as pessoas que procuram uma fé embasada fora de si, em suma, num Cristo histórico, vão ao encontro do seu *self* interior. Sendo a Igreja auto-detentora Dele e tornando-se “funcionária de Deus”, é ela mesma que faz negá-Lo, e nega aos seus fiéis um Cristo transcendental ou, melhor dizendo, de Deus como funcionário do homem. A transitoriedade em denominações religiosas e a necessidade da estabilização econômica faz dele um Deus mergulhado nas vicissitudes humanas. Em certo sentido, Leonardo Boff, assim como vários autores, fala sobre a experiência:

Podemos dizer que a experiência é o modo como nós interiorizamos a realidade, como nos situamos no mundo e o mundo em nós. Experiência, assim entendida, deve pois ser distinguida da vivência. A vivência é a situação psíquica, as disposições dos sentimentos que a experiência produz na psique humana. São as emoções e valorações que antecedem, acompanham ou seguem à experiência dos objetos que se fazem presentes no interior da psique

<sup>234</sup> KUMAR, Krishan. Op. cit. p. 48.

<sup>235</sup> ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1994. p. 7.

humana. Vivência não é sinônimo de experiência. É conseqüência e resultado da experiência na psique humana. Ela pertence ao fenômeno total da experiência, mas este é mais amplo e profundo do que da vivência<sup>236</sup>.

Sabemos que as pessoas que vão até Vigolo procuram algo, que não encontram em lugar nenhum, tateando até achar o que procuram. E, segundo Roger Chartier, os vários sujeitos imersos numa situação singular fazem dela interpretações as mais diversas, segundo o seu lugar no jogo de interesses, pois “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros, [...] colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”<sup>237</sup>.

As representações que fazem os fiéis nesse momento encontram respaldo no reordenamento da Nova Era. Como lembram Berguer e Luckmann, “na relação face a face o outro é apreendido por mim num vívido presente partilhado por nós dois... Meu ‘aqui e agora’ e o dele colidem continuamente um com o outro... Como resultado, há um intercâmbio contínuo entre minha expressividade e a dele”<sup>238</sup>.

Com o Concílio Vaticano II, há uma virada fenomenal. A Igreja começa a mudar. Deixa de ser uma Igreja voltada para si mesma e volta-se para fora, para o povo. Aqui se percebe uma parte dela chamada Teologia da Libertação<sup>239</sup>. Há um retorno à bíblia, a qual é colocada nas mãos dos fiéis, que continuam enfrentando diversas dificuldades no âmbito social. Nesse período, acontecem as grandes ditaduras na América Latina, que forçam as pessoas a viverem sob a censura, o medo, a repressão. Nesta época, os encontros continentais dos bispos, nas Américas, foram realizados em *Medellin*, depois em *Puebla* e, por último, em *Santo Domingo*, e os ideais do Concílio foram sendo aos poucos colocados em prática em algumas regiões.

Surge, assim, uma nova religião dos pobres, para a qual estes passam a ser o elemento principal. Já não se questiona mais a existência de Deus, mas por que Ele, sendo *bom e poderoso*, pode deixar as pessoas sofrerem tanto. Questiona-se, sobretudo, o papel do padre diante dos diversos desafios da modernidade.

<sup>236</sup> BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus hoje**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 136.

<sup>237</sup> CHARTIER, Roger. Op. cit. p. 17.

<sup>238</sup> BERGUER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tratado de sociologia do conhecimento. 11ª ed. São Paulo: Vozes, 1994. p. 46.

<sup>239</sup> GALILEA, Segundo. **Teologia da Libertação**: ensaio de síntese. 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 1987. Ver também TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. (Org.) **Teologia da Libertação**: novos desafios. São Paulo: Paulinas, 1991.

Muitos desses padres, tal como as freiras, deixaram seus conventos e foram morar com os necessitados nas favelas, o que é característico da Teologia da Libertação. A moda é estar junto dos desfavorecidos. Alguns se vestem como eles; tem que se fazer índio como índio, negro como negro e assim por diante. O marginalizado é o centro da religião. A libertação proposta por Jesus é para os pobres, e Ele também era pobre.

Neste contexto de libertação, surgem as “ilhas”, e o santuário<sup>240</sup> é uma delas, sustentando-se ao ocupar um espaço cada vez mais importante no universo das crenças e no mercado simbólico. Os indivíduos buscam recursos para completar o seu crer, já que, uma vez que não se herda mais a identidade religiosa, esta se constrói, razão da pulverização religiosa no nosso momento histórico, principalmente as múltiplas escolhas que vemos na fala de dona Elza Pithan:

Olha, vou dizer que é ecumênica. É cristã, quando me perguntam. Eu fui batizada na Anglicana, em Porto Alegre. Eu casei na Metodista, a minha família toda era Católica e eu não podia me rotular disto ou daquilo e me limitar nos meus conhecimentos e tudo. Então às vezes eu tava me dando com pessoas que elas já saíam da premissa que eu era católica. Então eu era católica. A outra premissa que eu era do espiritismo. Então tá, espiritismo. Eu não dizia que eu era, mas também não contrariava, porque cada um dentro da sua crença. Se era o cristianismo, tô aí<sup>241</sup>.

E, verdadeiramente, dona Elza está aí, com a sua autenticidade e o ecumenismo de uma senhora de 83 anos, professora de inglês aposentada. Ela vivencia o *carpe diem* na livre escolha de mercado. Dentro deste contexto, encontramos marcos incomuns, o que se pode ver, certamente, na descentralização e na diversificação. Por exemplo, já no âmbito religioso, há pessoas como dona Elza que, sendo batizada na Igreja Anglicana e transitando em todas as religiões sem maiores problemas, também cultua santos católicos, como se vê na sua fala:

Olha, é desde a mocidade, porque eu não sou católica, tem isso, mas eu tenho assim um respeito pela vida que eles levaram. E esses todos se tu fores ver a biografia deles, eles tiveram uma persistência e uma crença, eles acreditavam naquilo que eles sentiam. E tanto que a maioria morreu por

---

<sup>240</sup> Aqui não se discute se as Irmãs fazem parte da Teologia da Libertação ou de outros movimentos internos da Igreja Católica, mas que agem como abertura e engajamento no mundo, dado que dentro do Santuário existe o ativismo, o quietismo, e a contemplação interior.

<sup>241</sup> PITHAN, Elza Balbão. 83 anos. Florianópolis. Entrevista concedida a José do Nascimento. Florianópolis, 23/03/2005. p. 2.

isso, menos São José, mas Santo Expedito foi um, ele acreditava, e nessa persistência deles é que eu tiro forças, energia<sup>242</sup>.

O que se observa no relato da dona Elza é que ela não transita em uma só denominação e, como ela mesma afirma, desde moça respeita a vida dos santos católicos. Se sociólogos afirmam que a eclosão de crenças paralelas vem sendo desenvolvida de uns 30 anos para cá, como se explica o fato de que dona Elza vivencia este transitar há mais de 70 anos, sem maiores problemas? Se for possível responder a esta pergunta, será que o meio influenciou naquilo que ela crê? Ou ela é sincrética<sup>243</sup> como quase todo o povo brasileiro? O retorno ao religioso vai além do movimento já existente, como no florescimento de crenças, práticas religiosas e devocionais, movimentos carismáticos, religiões orientais. É próprio da pós-modernidade a falta sem vínculo obrigatório a qualquer crença - somente passear e adquirir informação, processá-la e pegar o que se deseja no seu íntimo. Ver e cultivar o sagrado é inerente ao ser humano, com atos e manifestações realizadas por meio de oferendas, preces, procissões e cultos. O homem busca e passeia por territórios antes não transitáveis. Por exemplo, ir a um santuário era para rezar, fazer visita é moderno. Ir ao encontro da natureza, ir aonde se achar melhor não depende exclusivamente de uma autorização divina e, muito menos, de uma dependência do tipo eclesiástica:

Eu não fui pra procurar nada, eu fui pra receber tudo o que estava de lá. Então eu aproveitei muito porque foi um dia muito gostoso, eu vi tudo o que eu pude lá dentro da casa dela. Dá pra sentir, se tu tens uma noção do que a criatura viveu, do que a criatura fez, se tu conhece alguma coisa, aí tu pode ver naquele pedacinho. Aquela cama dela, por exemplo, aquela madeira vai te dizer alguma coisa. Aquele quarto todo ali dá pra tu sentir que uma pessoa boa, alguém bom viveu ali e usou aquelas coisas. Aí tava muito bom. Aí depois gostei de ver aquela porção de gente, era caminhões, ônibus, desculpe, ônibus e ônibus de pessoas, todas faceiras, alegres. Acredito que a maioria deve ter pedido alguma coisa e conseguiu, porque estavam todos faceiros quando eu fui lá<sup>244</sup>.

---

<sup>242</sup> Idem. p. 1.

<sup>243</sup> Por sincretismo entende-se um processo que se propõe a solucionar conflitos e problemas num dado contexto cultural. Suas características são a mescla, a fusão e a simbiose de elementos culturais. Ver: BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz Religiosa Brasileira**: religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003. p. 63.

<sup>244</sup> PITHAN, Elza Balbão. Entrevista citada. p. 2.

Isso se vê também na fala de Perci Negreiros da Costa, que diz ser “católico cinquenta por cento”, quando lhe foi perguntado se era praticante de alguma religião. A sua intenção de estar ali era de trazer “[...] um amigo, aproveitando um passeio de final de semana”<sup>245</sup>. Ele levou um amigo evangélico de Joinville para conhecer a cenografia do Santuário. Por sua vez, o seu hóspede também não é praticante da sua denominação religiosa. O entrevistado caracteriza a sua estadia no local como lazer e, por este vocábulo, Dumazedier classifica:

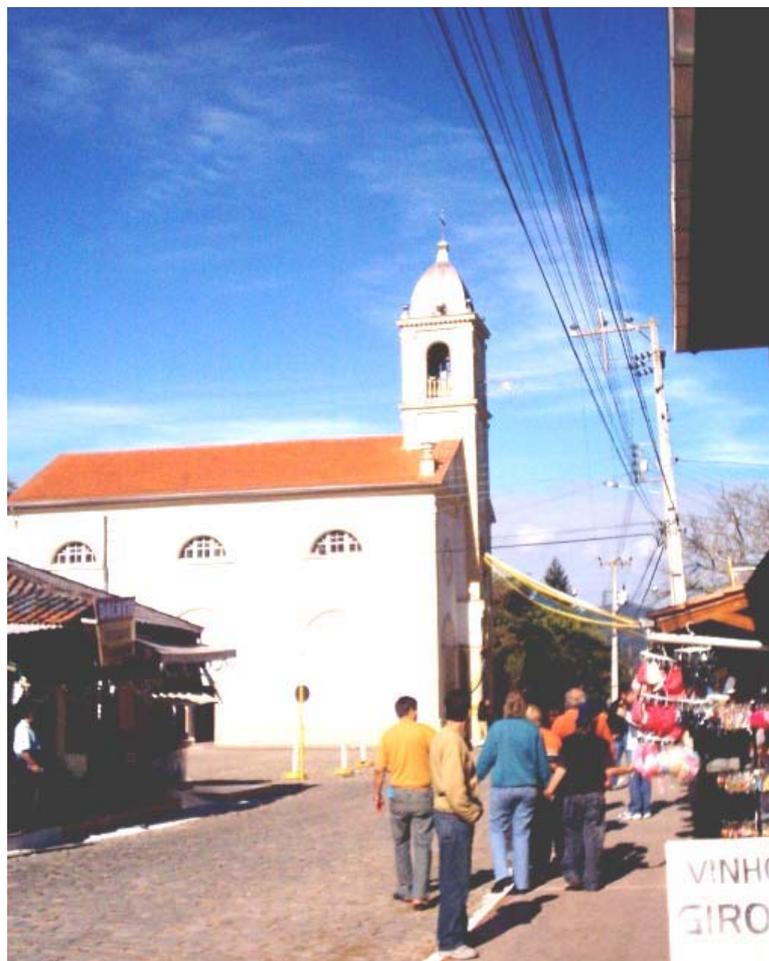
É um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais<sup>246</sup>.

Para o autor, o lazer apresenta várias facetas como: descanso; divertimento, recreação e entretenimento; desenvolvimento da personalidade. E vemos na fala de Aladio que “é um passeio. Passeio e pra conhecer a história de Madre Paulina e conhecer a região porque a gente trabalha direto no comércio, então procurei fazer quase que um retiro, um passeio, um descanso”<sup>247</sup>.

A religiosidade ultrapassou os séculos e chegou até nós. Cheia de limites, se impôs aos diversos desafios que foram aparecendo. Em nossos dias, a apresentação do novo se estabelece pela configuração de imagem e pela grande manifestação de atos gerando competição e mudanças no viver, e a busca o sagrado torna-se alento para os fiéis que absorve aquilo que ela foi apresentado. Para não perder espaço e população por novas denominações e credos religiosos, que se aprimoram com a tecnologia visual e bem-estar físico, a Igreja Católica corre atrás daquilo que já estava perdido e usa agora os meios tecnológicos que às vezes questionou para poder manter domínio sobre os seus adeptos. Hoje, a religião é midiática. Preza-se a Internet, a televisão e tantos outros meios de *mass media*. Tanto que as pessoas entrevistadas no Santuário disseram que ouviram falar da Santa pelos canais de comunicações.

<sup>245</sup> COSTA, Perci Negreiros da. 50 anos. Joinville. Entrevista concedida a Karine Simoni. Nova Trento, 04/06/2005. p. 2.

<sup>246</sup> DUMAZEDIER, Joffe. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 34.



Cena cotidiana em Vígolo: os passantes em trânsito pelo local  
Fonte. Arquivo particular de José do Nascimento

A Santa Paulina, geralmente, está na mídia falada e escrita e, com isto, vem reconhecida e representando uma nova estrada para o turismo e a religião, tendo a SANTUR como propagadora que, por ser uma agência de fomento do turismo de Santa Catarina, está idealizando o “caminho da fé”, cujo percurso passa por várias localidades, começando em Sant’Amaro, passando por Angelina e desembocando em Vígolo, no Santuário de Santa Paulina.

---

<sup>247</sup> OLIVEIRA, Aladio Sebastião. 47 anos. Florianópolis. Entrevista concedida a José do Nascimento. Florianópolis, 27/03/2005. p. 1-2.

Por sua vez, o prefeito Ciro Roza, de Brusque, realiza uma cavalgada anual saindo de sua cidade com destino ao Santuário. O mesmo prefeito deseja construir a “trilha da fé”, saindo de Navegantes, passando pelas paróquias, pelo santuário de Azambuja, chegando até o de Santa Paulina, utilizando sempre caminhos alternativos dentro da Mata Atlântica. Esse projeto tem características semelhantes ao Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha.

Em Nova Trento, o pluralismo religioso está presente em pequena escala, e talvez a questão da pouca procura de outras denominações religiosas seja porque o nível de estabilidade econômica dos habitantes é elevado e se mantém por ser um fator social, enquanto que em lugares com um alto índice de pessoas desfavorecidas economicamente se busque na religião elementos que venham a consolá-las, dar-lhes prosperidade e cura para os seus males.

A esse respeito, encontramos na cidade várias denominações religiosas. A da maioria da população é a Católica (C); no distrito de Claraíba encontramos Luteranos (L); no centro da cidade está a Assembléia de Deus (AD); a Espírita Kardecista (EK) também no centro da cidade; há ainda a Adventista do Sétimo Dia (ASD); a Espírita Afro-brasileira (EA-b); a Neo-cristã (N-C); as Orientais (O). Há também aqueles que se dizem sem religião (SR) e aqueles que não a determinam (N D).

A tabela abaixo é baseada nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE 1980, 1991 e 2000.

Tabela 1

1980	C	L	AD	EK	ASD	EA-b	N-C	O	SR	ND	Total
	8.936	163	-	-	-	-	-	-	-	-	9.099
1991	C	L	AD	EK	ASD	EA-b	N-C	O	SR	ND	Total
	8.866	145	-	-	-	56	14	-	33	39	9.053
2000	C	L	AD	EK	ASD	EA-b	N-C	O	SR	ND	Total
	9.394	433	-	4	-	-	-	-	-	5	9.852

Fonte: IBGE, Censo de religião, segundo as Regiões Metropolitana e os Municípios – Santa Catarina

O que se pode observar no quadro geral dos últimos três Censos do IBGE é que, na terra de Santa Paulina, chegam novos ares para diversificar a hegemonia da Igreja Católica, como a Igreja Luterana com um acréscimo de adeptos. Percebe-se também que as outras

denominações religiosas convivem tranqüilamente entre si, sem abalar a estrutura da igreja dominante. O interessante é que a Assembléia de Deus está em Nova Trento há muitos anos e não consta em nenhum Senso do IBGE. Em uma conversa informal com um integrante desta denominação, ele comentou que veio do Rio Grande do Sul para trabalhar em uma fábrica de calçado, aberta na cidade, e participava da sua igreja ativamente e não encontrava problema com a presença ativa da santa na cidade. Aliás, agradece a ela por estar ali trabalhando. Trata-se, evidentemente, de novos pensares. Não é raro ver os Adventistas do Sétimo Dia fazendo as suas missões de porta-em-porta e os cultos realizados em uma pequena sala alugada no centro. Porém, faz pouco tempo que se encontram na cidade e não constam no último Censo. Assim, o cenário religioso de Nova Trento vive as “transformações decorrentes da globalização econômica e da mundialização cultural”<sup>248</sup>. Enfim, vivenciando novas experiências sob o signo dos interesses do consumo.

Poder-se-ia colocar o fenômeno religioso da pós-modernidade em uma nova Idade Média, onde aparecem o antropocentrismo e o teocentrismo, uma vez que o homem é senhor de si e da natureza, e com isto Deus se torna empregado e a serviço dele. Buscando a frase “Deus é fiel”, da Igreja Renascer em Cristo, observam-se questões de valor econômico e semântico. Na primeira, se vê o pagamento do dízimo como meta principal, pela qual entregando-se o que se tem a Jesus, Ele devolverá em dobro o que o fiel deu, e se foi pouco, ganhará a quantidade que deu, e se Deus não o atendeu é porque ele não teve fé o suficiente Nele. A segunda questão que se levanta é como Deus pode ser fiel se este é um vocábulo atribuído ao homem? Deus é aquilo que é, e não aquilo que se quer dele. Em contrapartida, vem o fenômeno da Nova Era, que já está aí com a Era de Aquário, com a sua liquidez flexível e a sua ajustabilidade, enquanto a Era de Peixes, a do cristianismo, já não oferece grande representatividade.

Não se pode compreender as religiões mais recentes senão seguindo na história a maneira pelas quais elas se compuseram progressivamente. Dessa forma, pode-se perceber seus elementos constitutivos, situando-os no conjunto das circunstâncias nas quais foram nascendo, desenvolvendo-se, tornando-se complexos. Só então, como acredita Durkeim, podemos determinar as causas que os suscitaram e facilitar sua explicação.

Assim, são muitas as questões e desafios encontrados pelo indivíduo em busca de uma religião. Seria a pós-modernidade o retorno da teocentricidade? No cotidiano, as

---

<sup>248</sup> BITTENCOURT Filho, José. Op. cit. p. 240.

peçoas estão preocupadas com a sua realidade, o aqui e o agora, percebendo os reais problemas que devem ser enfrentados. Com isto, a busca do consolo divino se configura como uma porta; a saída é buscar dentro de si o Deus interior, e buscar adaptações em um novo crer, como os beija-flores que vão em busca de néctar.

### 3 SANTA PAULINA: como sal da terra

*Franzino, um pouco curvo, com um traje leve de pano esvoaçante, a sombrinha aberta sobre o ombro e o velho panamá na mão, o senhor Aurélio partia todo dia para seu singular veraneio. [...] Uns na montanha, uns à beira-mar, uns no campo: ele, nas igrejas de Roma. Por que não? Não é mais fresco que em um bosque? E na santa paz que reina, também. Nos bosques, as árvores; aqui, as colunas das naves; à sombra das copas; aqui à sombra do Senhor.*

Luigi Pirandello, O velho Deus.

Em tantos passeios feitos em Vígolo, no bairro de Nova Trento, buscamos compreender a relação entre turismo e religiosidade a partir do estudo de caso do Santuário de Santa Paulina, uma vez que o lazer sagrado constitui-se em uma das maiores revoluções comportamentais da sociedade contemporânea<sup>249</sup>. Se observarmos a história da humanidade, veremos que viajar é uma atividade tão antiga quanto o próprio homem, mesmo que o conceito tenha assumido significados diferentes nos mais diversos lugares e períodos. Tal ação de deslocamento de pessoas projeta vários setores, como o econômico, o social, o cultural, o religioso e o ambiental.

#### 3.1 Os primeiros passos do turismo

As notícias que se têm sobre as idas e vindas dos seres humanos sobre a terra são remotas, mas uma coisa é certa: eles se movimentavam. Sabe-se que eles fizeram tais jornadas por veneração a locais santificados ou por razões comerciais. Os primeiros registros sobre atividades turísticas podem ser encontrados na antiga Babilônia, Grécia, Roma, entre outras localidades<sup>250</sup>. Na Grécia Antiga, havia várias formas de divertimento, tais como atividades culturais e artísticas, festivais públicos e competições esportivas – os Jogos Olímpicos – que justificavam viagens. A civilização romana também apresentou inúmeros centros turísticos, como os circos e as termas, que tinham a finalidade de promover diversão e repouso. Na Idade Média, os setores ligados à arte e à ciência foram

<sup>249</sup> Ver: ANDRADE, José Vicente de. Op. Cit.

<sup>250</sup> ARENDIT, Edmilson José. **Introdução à Economia do Turismo**. 3ª ed. Campinas: Alínea, 2002. p. 15.

grandes propulsores de viagens de deleite. Na transição para o capitalismo, devido às transformações culturais, sociais e artísticas, elas se tornaram um *status* da burguesia<sup>251</sup>.

O turismo é uma atividade de intercâmbio, uma vez que envolve movimento de pessoas para cidades, estados, países, enfim, regiões diferentes de seus domicílios, em função de um interesse, seja ecológico, cultural, climático, ou de fundo religioso. Em suma, turismo significa movimento. Como atividade sistematizada, teve início na Inglaterra, quando, em 1814, Thomas Cook transportou de trem um grupo de 570 pessoas entre as cidades de Loughborough a Leicester, a fim de participar de um congresso anti-alcoolismo. A partir de então, a atividade turística cresceu e se expandiu cada vez mais no mundo todo, sendo hoje considerada como um fenômeno que se desenvolveu como possibilidade de recuperação de países em crise<sup>252</sup>.

No Brasil, o início da atividade turística deu-se em 1922, na cidade do Rio de Janeiro, motivada pelas festas do primeiro centenário da Independência do Brasil. Como diz Celso Castro,

em 1923, ocorrem a inauguração do hotel Copacabana Palace e a fundação da Sociedade Brasileira de Turismo – que, em 1926, se tornaria o Touring Club do Brasil. No final da década, acontecem as primeiras viagens aéreas internacionais para o Brasil, e o principal meio de transporte é, de longe, o navio. No início da década de 1930, temos a inauguração da estátua do Cristo Redentor (em 1931) e o início dos desfiles de Carnaval (em 1932), marcos até hoje importantes do turismo carioca<sup>253</sup>.

Em Santa Catarina, o turismo começou a ser regulamentado como força da Lei nº 5. 516 de fevereiro de 1979, vinculado à nova Secretaria da Cultura, Esporte e Turismo, e pelas entidades supervisionadas: a Fundação Catarinense de Cultura – FCC e a Companhia de Turismo e Empreendimento de Santa Catarina – CITUR. Como órgãos normatizadores existem ainda o Conselho Estadual de Cultura e o Conselho Regional de Desportos. Porém, temos notícias de que o governador Celso Ramos, em 1961, na sua primeira mensagem anual à Assembléia Legislativa, discursava a favor de fomentar o turismo em solo catarinense, como se observa no trecho do discurso realizado naquela ocasião:

---

<sup>251</sup> LAGE, Beatriz H. Gelas; MILONE, Paulo César. **Economia do turismo**. Papirus: Campinas, 1991. p. 16.

<sup>252</sup> RODRIGO, Adyr. **Turismo, Modernidade e Globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 37.

<sup>253</sup> BANDUCCI Jr, Álvaro; BARRETTO, Margarita (orgs.). 3ª ed. **Turismo e Identidade Local: uma visão antropológica**. In: **A natureza turística do Rio de Janeiro**. Campinas: Papirus, 2003. p. 120.

Temos verificado ultimamente neste País grande desejo de nêle (sic) criar condições que atraíam visitantes estrangeiros e promovam internamente deslocamento turístico. Possuímos, em Santa Catarina, além da costa atlântica, recantos aprazíveis e diferentes no interior, afora as fontes de água termal que poderão entusiasmar o nacional e o alienígena, que buscam momentos de lazer ou a oportunidade de recuperar a saúde ameaçada<sup>254</sup>.

É importante observar aqui que, na década de 50, o turismo não era visto como atividade propulsora do desenvolvimento econômico do estado de Santa Catarina, um gerador de economia, de emprego e de renda, sendo tratado apenas como um deslocamento de pessoas. Houve, no entanto, em 1956, o Quarto Congresso Brasileiro de Turismo ocorrido em Santa Catarina.

A grande aspiração do Estado era seu desenvolvimento econômico no setor secundário, através da indústria e do comércio. Outro fato que vale observar é que o Governador Celso Ramos não se limitava somente ao litoral, como fariam os futuros dirigentes estaduais, que o colocariam em primeiro lugar até descobrir a europeidade dos catarinenses. Pelo contrário, ele faz menção às diferentes áreas do território catarinense sob a sua jurisdição, discutidas pelos governantes apenas a partir do início da década de 1980, quando passam a ser consideradas um novo filão econômico, uma indústria plena de possibilidades<sup>255</sup>. A partir de então, políticos e empresários passaram a valorizar cada vez mais o potencial dessa atividade como incentivo para um maior desenvolvimento do Estado.

Em 1979, a Companhia de Turismo e Empreendimentos de Santa Catarina – CITUR - desenvolveu as seguintes atividades especificadas na Mensagem à Assembléia Legislativa pelo Governador Jorge Konder Bornhausen:

- Distribuiu 150.000 peças de divulgação do Programa “conheça o Sul”, em convênio com a EMBRATUR, CRTUR e PARANATUR.
- Participou do Congresso da COTAL em Assunção, Paraguai.
- Assinou convênios com diversas entidades visando o fomento de turismo, no valor de Cr\$ 9.590.000,00.
- Organizou a 1ª exposição paralela à I COBRAC, a 1ª Feira de Artigos e Equipamentos hospitalares, II FEPEMI e a 1ª Feira Catarinense de Alimentos, aplicando Cr\$ 3.117.000,00.

<sup>254</sup> RAMOS, Celso. **1ª Mensagem anual**: apresentada à Assembléia Legislativa do Estado, em 15 de abril de 1961. Florianópolis: IOSC. 1961. p. 37.

<sup>255</sup> Méri Frostscher afirmou que, após a enchente que assolou o Estado em 1983, inundando e deixando mais de 100 cidades sob as águas, o Governo investiu no turismo como forma de reanimar a economia e recuperar a expectativa da população assolada pela catástrofe. Ver: FROTSCHER, Méri. Op. cit.

- Realizou 7 Congressos e eventos técnicos em Balneário Camboriú, onde foram aplicados Cr\$ 770.000,00.
- Realizou 7 outros eventos de várias categorias onde foram aplicados Cr\$ 1.241.000,00.
- Por delegação da EMBRATUR, a CITUR passou a executar os serviços de registro de agências de turismo, transportadoras, classificação dos meios de hospedagem e controle e manutenção dos padrões de atendimento<sup>256</sup>.

As prestações de contas das atividades feitas na área do turismo do então governador Jorge Konder Bornhausen, em 1981, foram:

- Postos de informações Turísticas de Garuva, Sombrio e Dionísio Cerqueira.
- Ampliação do Centro de Promoções da CITUR/ Balneário-Camboriú, play-ground, quadra de esportes, estacionamento, aquário marinho, casa do Prato.
- Equipamento do Parque das Quedas em Brusque, Gruta do Tigre em Rio do Oeste e *Camping* na Serra do Tabuleiro, em Palhoça.
- Implantação de Terminais Turísticos em Porto Belo, Rancho Queimado e Videira.
- Implantação de posto de informações turísticas em Porto União.
- Implantação de *campings* em Rio do Oeste, Rio do Sul, São Carlos e São Francisco do Sul.
- Participação em empreendimentos hoteleiros em Quilombo, Santo Amaro da Imperatriz, São Bento do Sul, São Joaquim, São João do Sul, Timbó, Treze Tílias, Trombudo Central e Urussanga<sup>257</sup>.

Assim, foi pelas décadas de 70 e 80 que começou a se concretizar tal indústria com uma visão de turismo integrado em termos regionais, ainda que com certa timidez. O início do turismo em Santa Catarina, quando o Governo admite tais visitantes, acontece na década de 60. Esse início não está ligado diretamente ao turismo propriamente dito, como *trade*, mas simplesmente como hospitalidade<sup>258</sup>, quando proprietários saíam de suas casas e alugavam-nas com o que tinham dentro para os “veranistas”, como eram chamados. Neste sentido, observa-se o ato doméstico de receber, no qual os gestos do anfitrião e do hóspede se entrelaçam em sincronia no cerimonial da etiqueta, no dar e no receber em um grande ágape, como um banquete de trocas de favores e gentilezas. Os hóspedes usufruíam

<sup>256</sup> BORNHAUSEN, Jorge Konder. **Mensagem à Assembléia Legislativa**. Florianópolis: IOSC. 1980. p. 116.

<sup>257</sup> Idem, ano 1981. p. 123.

<sup>258</sup> O artigo da professora Marielys Siqueira Bueno, da Universidade Anhembi Morumbi, define hospitalidade como o ato humano, exercido em contexto doméstico, público ou profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu *habitat*. DENCKER, Ada de

do imóvel, enquanto os proprietários se retiravam para casa de parentes ou para um rancho, isto é, uma edícula separada da casa, que normalmente servia como depósito, sem nenhuma ou pouquíssima infra-estrutura básica (um fogão a lenha, uma cama improvisada). Desta forma, os proprietários, em geral pescadores, passavam por certas privações em prol de uma nova renda para agregar uma melhora de vida.

Os “veranistas” de baixa renda ou os “alternativos” traziam as suas respectivas barracas de *camping* e permaneciam na frente das casas ou próximos à praia, sem muito conforto como água encanada e banheiro, tendo que se adaptar ao meio, alojando-se por pouco tempo, um final de semana ou mais, e depois indo embora. Já os que alugavam uma casa traziam seus filhos para passar as férias escolares de verão. É interessante observar que os primeiros veranistas eram gaúchos, vindos do Rio Grande do Sul, que ficavam mais ao sul do Estado, enquanto que no norte, como em Balneário Camboriú, e também na Ilha de Santa Catarina, as praias eram mais freqüentadas pelos argentinos, como afirma o ex-governador do Estado Esperidião Amin:

no primeiro mandato nós vivíamos, digamos assim, uma pré-história. Nós tínhamos sido descobertos, na verdade. Nós fomos descobertos pelos argentinos. Naquela época, argentinos e gaúchos eram os grandes descobridores em matéria de turismo em Santa Catarina. Eu, por exemplo, fui descoberto. Eu descobri que o turismo tinha me descoberto em Ponta das Canas. Eu, nativo da Ilha de Santa Catarina, quando fui comprar um terreno para mim, em 1974, comprei de um argentino. Ou seja, eles já tinham vindo, e já estavam vendendo terreno. E eu comprei lá, e por engano, construí minha casa no terreno de um outro argentino. Tive que desmontar a casa, e montar no terreno que era meu. Ou seja, eu já estava cercado por argentinos por todos os lados<sup>259</sup>.

Para demonstrar que o Estado catarinense era já descoberto pelos turistas, sejam argentinos ou gaúchos, afirma o professor Mário Carlos Beni que

o Brasil foi um país sul-americano a competir no mercado intra-regional e internacional com o produto sol-praia, dando início, nos anos de 1970, a uma série de complexo turístico em sua costa, do Rio de Janeiro até Santos. Estes atraíram sobretudo turistas argentinos, que também, ao longo de suas

---

Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (org.). **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p. 19.

<sup>259</sup> HELOU Filho, Esperidião Amin. 57 anos. Florianópolis. Entrevista concedida a José do Nascimento. Florianópolis, 14/12/2005. p. 2.

freqüentes visitas, possibilitam a crescente expansão dos complexos hoteleiros até Santa Catarina, nas décadas seguintes<sup>260</sup>.

Assim, percebe-se que o indicador maior está nas mudanças e nas variáveis e invariáveis da hospitalidade dos lugares escolhidos, naquele momento, sem nenhum planejamento das esferas políticas, sem uma preparação das cidades e dos que recepcionavam os turistas. Se nos detivermos um pouco mais sobre a questão, veremos que, naquele período (década de 80), não se falava em qualidade de vida e não se propunha a preservação ambiental, explorando-se as regiões de maneira desordenada e com ações individuais. O fato é que os turistas vinham para as praias somente no verão e dificilmente os proprietários se preocupavam com a qualidade do serviço prestado.

É importante ressaltar também aqui o discurso oficial feito pelo Governador Vilson Kleinubing, no seu Plano 90, no parágrafo Meta 17 – Turismo: Fonte de Desenvolvimento, em que diz que “o turismo é uma atividade econômica, geradora de empregos qualificados e de rendas para a sociedade”<sup>261</sup>. Quanto às qualidades turísticas do Estado, Vilson Kleinubing expõe que

é dotado de recursos naturais invulgares para o turismo, a começar pelos seus 531 km de litoral, recortado de baías, belas praias, ilhas e promontórios. Tem ainda as estâncias hidrotermais; a beleza de cidades, que atraem pelas marcas que guardam do seu processo colonizador, como Blumenau, Joinville, Treze Tílias, etc.; as serras, os campos; o frio de São Joaquim; a maçã de Fraiburgo; a Serra do Rio do Rastro, etc<sup>262</sup>.

A Meta do Plano 90 mostra a representatividade do turismo no contexto econômico, dado que podia gerar novos empregos diretos e indiretos e permitir uma qualificação através da experiência a ser agregada no dia-a-dia das pessoas. Assim, tencionava abrir espaço à presença de pessoas oriundas de outros lugares para a região do litoral, cuja movimentação era intensa na temporada de verão. Com isto, buscava-se investir no lazer, com o intuito de dar visibilidade ao estado catarinense.

Em 1983, no plano de governo do primeiro mandato (1984-1988) de Esperidião Amin, o turismo foi incluído como fonte de renda sustentável para a população abalada

---

<sup>260</sup> BENI, Mario Carlos. **Globalização do turismo: megatendência do setor e realidade brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Alepp, 2003. p. 93.

<sup>261</sup> KLEINUBING, Vilson Marcondes. **Plano 90 Marcondes Kleinubing PFL, PTB, PDC: metas de Governo para o quadriênio 87/90**. Florianópolis: p. 87.

pelas enchentes e como um meio de o Estado ser conhecido nacional e internacionalmente. “O Governo do Estado, assim agindo, procura honrar o compromisso assumido na Carta aos catarinenses de ‘Dispensar ao turismo tratamento semelhante ao conferido aos demais segmentos econômicos’”<sup>263</sup>. Desde então, governadores como Pedro Ivo Campos – e, com a morte do titular, o seu vice Casildo Maldaner (1988-1991) -, seguem a mesma política; Vilson Pedro Kleinübing (1991-1995), Paulo Afonso Vieira (1995-1998), Esperidião Amin, no seu segundo mandato (1998-2002) e o atual governador, Luiz Henrique da Silveira (2003- ...), na sua descentralização, priorizam essa atividade, buscando a força representativa que ela oferece.

Pedro Ivo Campos buscou implantar novas estruturas organizacionais adequadas à realidade de mercado, com ênfase nas áreas de promoções, feiras e eventos<sup>264</sup>, no que foi interrompido com sua morte após um ano de governo.

O Governo de Paulo Afonso pretendeu fazer com que o turista que buscasse Santa Catarina se sentisse em casa, razão pela qual a SANTUR procurou melhorar cada vez mais a qualidade do turismo no Estado. Assim, incentivou o turismo da Terceira Idade, um importante filão, dando apoio técnico e financeiro à Associação dos Clubes da Melhor Idade. Paulo Afonso Vieira, naquela ocasião, falava sobre a possibilidade de dar atenção à terceira idade como fator agregador na economia local e regional, aproveitando a fonte de renda oriunda dos aposentados. Com isto, eles poderiam contribuir no alavancamento da indústria do turismo, que está dentro do filão da pós-modernidade. Antes disso, o governador fez aplicações e investimentos na área social, divulgados na mídia falada, escrita e na Internet. Tem-se a sua declaração no jornal publicado em Blumenau, em 1998, como ilustração do seu empenho para o recrudescimento de uma grande fatia para desenvolver o estado

foram beneficiados 1.030 idosos de 17 clubes filiados à associação, num investimento de C\$ 20 mil. Para a profissionalização do setor e conscientização quanto à importância do turismo, foi instituída a campanha “Você é a cara de Santa Catarina”, divulgada na mídia impressa e eletrônica, num investimento de C\$ 13 mil. Várias promoções e apoio a

---

<sup>262</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>263</sup> HELOU Filho, Esperidião Amin. **Mensagem à Assembléia Legislativa**. Florianópolis: IOSC. 1985. p. 79.

<sup>264</sup> CAMPOS, Pedro Ivo. **Mensagem à Assembléia Legislativa**. Florianópolis: IOSC. 1988. p. 327.

eventos de natureza turística em âmbito estadual, nacional e internacional foram uma das prioridades de Paulo Afonso, num total de 320 eventos<sup>265</sup>.

Observa-se que o slogan do então governador Paulo Afonso Vieira, “Você é a cara de Santa Catarina”, faz com que a responsabilidade em receber o visitante recaia sobre o catarinense, num jogo de *marketing* que, pouco a pouco, imprime um novo ritmo ao crescimento de Santa Catarina. Entre outras ações, Paulo Afonso outorgou o projeto de Lei do deputado estadual Pedro Bittencourt, que elevou a condição de Nova Trento à Segunda Estância Turístico-religiosa, reproduzido no anexo 4.

Com a Lei de implantação da Segunda Estância Turístico-religiosa, sendo a primeira a de Aparecida do Norte, o Estado dá o caráter oficializador ao Município, enquanto a mídia propicia aos brasileiros visibilidade à Santa através dos jornais de grande circulação. Com isto, a territorialidade neotrentina fica conhecida e a porta da macroeconomia do turismo é aberta aos seus habitantes, pegando-os desprevenidos na falta de um planejamento ordenado que estabelecesse uma oferta turística sincronizada com o mundo contemporâneo. As melhorias do Município de Nova Trento-SC têm como base as divulgações dos valores culturais daquela localidade, tornando-se com o princípio a valorização do meio ambiente e da natureza religiosa da população local e a origem da imigração. Esta passou a ser exaltada nas suas múltiplas aparições, enfatizando-se assim o *ser catarinense* como parte do contexto mundial, enquanto descendente de grupos étnicos vindos da Europa e, como tal, propagador das suas culturas. (Re) descobrindo a europeidade, alguns empresários catarinenses vêm neste novo filão, o turismo, uma porta que se abre para os seus negócios. Na fala de Esperidião Amin;

[...] Então, no nosso primeiro governo, nós procuramos transformar a apresentação de Santa Catarina, dessa nossa variedade cultural, étnica. Santa Catarina é um parque temático: águas termais, praias, rios, corredeiras – no primeiro mundo, eu não sei falar direito, *rafting* - mas, mostrar o nosso carnaval; em 84, com o surgimento da OKTOBERFEST mostrar o Vale do Itajaí. A enchente de 83, por incrível que pareça, se transformou num fator de simpatia por Santa Catarina. E aí, além da descoberta que estava sendo feita pelos argentinos, gaúchos - graças a uma série de fatores, mas inclusive a enchente e a garra que o povo demonstrou na reconstrução, e as características de Santa Catarina, dentre elas o Vale

<sup>265</sup> **Jornal de Santa Catarina**. Suplemento Especial do Jornal de Santa Catarina. Construindo o Futuro: ações do Governo Estadual (Paulo Afonso Vieira). Blumenau, dez. 1998.

<sup>265</sup> HELOU Filho, Esperidião Amin. Entrevista citada. p. 2.

do Itajaí, mas sem desprezar o Oeste, sem desprezar o Vale do Rio do Peixe, o Vale do Uruguai, enfim, essas principais regiões – o Vale do Itajaí já tinha uma cultura turística. Eu acho que, eu não digo que explodiu, mas, mostrou-se quase que por inteiro na década de 80. Em função do que a região merece, e do trabalho que nós fizemos também, na Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo<sup>266</sup>.

Segundo Esperidião Amin, Santa Catarina começou a mostrar-se com mais intensidade ao Brasil depois da enchente de 83, principalmente o Vale do Rio Itajaí, mas também todo o Oeste. Desta forma, traçou-se um esboço da importância do turismo no Vale Europeu, promovendo seu advento, com a enchente causada pelas chuvas, e a valentia dos seus habitantes. Se de um lado proliferaram informações nos meios de comunicação sobre as necessidades primárias da população atingida, de outro, as instituições passaram a dar mais atenção aos seus vários públicos.

Já o atual governador Luiz Henrique da Silveira, no seu discurso à Assembléia Legislativa do Estado, diz que “apóia os municípios catarinenses na elaboração de planos para o desenvolvimento do turismo e viabiliza a implantação dos circuitos turísticos de águas termais de turismo religioso e o eco-turismo”<sup>267</sup>. Com a sua maneira de governar e qualificando-se como um governo descentralizador, o que se vê na prática em Nova Trento é a pouca contribuição desse governante, podendo-se parafraseá-lo com a letra de uma música interpretada pela cantora italiana Mina, nos idos dos anos 70: [...] *parole, parole soltanto parole* [...], ou seja, [...] palavras, palavras, somente palavras [...]. Pode-se atribuir esta ausência do poder regional, não por questões político-partidárias, uma vez que a prefeita de Nova Trento e o governador pertencem ao mesmo partido, mas por outras razões, como nos esclarece Vilsom Mário Sgrott, conhecido como seu “Vita”:

[...] Alguém talvez confundiu as coisas por causa de um episódio que teve em que elas poderiam ter recebido auxílio pra construir a nova igreja sem grandes esforços. Só que em troca eles queriam fazer salões de convenções no subsolo da igreja, foram de ordem política, na esfera municipal e estadual, até federal teve interesse. Mas as irmãzinhas sentiram que depois elas não tinham mais a liberdade de ter aquilo lá como um ambiente reservado para a espiritualidade, eles tinham o direito de ir lá fazer convenções, fazer reuniões, o que bem entendesse, e também com certeza iriam fazer uma campanha política dizendo que investiram no santuário, e eu com isso penso fazer diferente, não é por ali o caminho. Então ali houve uma rejeição. O quê que fizeram elas? Elas não disseram “não queremos”,

<sup>266</sup> HELOU Filho, Esperidião Amin. Entrevista citada. p. 2.

<sup>267</sup> SILVEIRA, Luis Henrique da. **Mensagem à Assembléia Legislativa**. Florianópolis: IOSC. Fevereiro, 2004. p. 24.

não agrediram ninguém. “Não, nós vamos pensar, vamos ver o que é melhor. E idealizaram essa nova construção num estilo bem simples, num sentido bem assim até religioso e pediram ao povo que ajudasse. Quem chegar lá no futuro, e que esteve lá e ajudou, doando um tijolinho, vai dizer: “eu também colaborei”. E assim teve mais sentido, aquele sentido próprio que é da união, de unir todos em torno de um bem comum<sup>268</sup> .

Por outro lado, como comenta Irmã Ilze, a falta de incentivo ao complexo do Santuário se dá diretamente porque, segundo a Carta Magna do Brasil, a Constituição Brasileira de 1988, no Artigo 19 inciso I, no Capítulo I sobre a Organização Político-Administrativo “é vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: I Estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma de lei, a colaboração de interesse público”<sup>269</sup>. De acordo com a Carta Magna brasileira, não é permitido ao Governo ajudar qualquer instituição religiosa na sua construção, podendo somente no seu entorno. Segundo a Irmã,

o Estado tem a SANTUR, tem esses órgãos todos, mas a gente não vê resultados. Reuniões têm muitas, mas aqui parece que mais se restringe às praias, e é lamentável que não dê um pouco mais de atenção a isso aqui. Por exemplo, nos acessos, vias públicas, que é uma coisa urgentíssima. Aqui por exemplo, nós precisamos nos dias de grande movimento, essa única ruazinha aqui é um calçadão. E ali tem que transitar carros, ônibus, tudo no meio do povo, no meio do calçadão. Então já existe um projeto de passar uma coisa pra externa, fazer um anel viário, mas tá só no papel e não se sabe quando isso vai acontecer. Então essa necessidade de melhoramentos, de dar nessa parte física uma melhor estrutura para que realmente possa acontecer o que o povo busca e o que o povo quer. Da nossa parte [das Irmãs], fizemos o que pudemos, tem todas essas atrações, tem todo esse parque, o santuário está dentro de um parque ecológico, então a natureza foi toda melhorada para formar esses recantos e assim as pessoas encontram o lazer. Veja que aqui não acontece um aglomerado humano, nunca acontece, porque as pessoas se espalham por todo o parque, andam pra aproveitar ver tudo, então isso é muito importante porque tem toda essa parte da natureza que ajuda muito, bichinhos<sup>270</sup> .

<sup>268</sup> SGROTT, Vilson Mário. 60 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/09/2005. p. 6.

<sup>269</sup> BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: título III da Organização do Estado promulgada em 5 de outubro de 1988, 38ª ed. São Paulo: Saraiva, 2004. Cap. Irmãzinha, p. 23, art. 19.

<sup>270</sup> MEES, Ir. Ilze. 78 anos. Vígolo. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/09/2005. p. 6.

Esta ausência talvez seja devido ao fato de que o governador queria construir o Santuário de Santa Paulina segundo um modelo próprio, dividindo o prédio em dois setores, tendo o subsolo um centro de convenções destinado a reuniões e encontros e a parte superior do prédio o espaço para a função religiosa. As Irmãzinhas não aceitaram a proposta do Governador, por fugir ao espírito da Congregação, evitando, assim, a ingerência do poder público nesta. Enfim, todos querem tirar proveito da situação, como comentou Maria Cristina, “é lógico que tem sempre o interesse político, não só a parte do prefeito, como do governador, e muito mais, pra tá querendo entrar”<sup>271</sup>, uma vez que, construindo o Santuário, daria visibilidade ao seu governo.

Então, em 2003, começou, da parte das Irmãzinhas, a construção do Santuário com “caráter arquitetônico [que] retrata a essência da trajetória de Santa Paulina, mulher simples, de valores sólidos e puros e de intensa espiritualidade”<sup>272</sup>, definição esta cunhada pelos responsáveis do projeto, entre eles a Herwig Shimizu Arquitetos, de Blumenau.

A partir da retirada das Irmãzinhas do cenário político, a presença governamental é quase ínfima na manutenção do santuário, cujos acessos inicialmente tiveram ajuda do ex-governador Amin, e, pelo decreto n. 912 de 18/01/2000 da Comissão Governamental de Acompanhamento e Implementação do Plano de Turismo Religioso-Madre Paulina, houve reuniões com várias secretarias do governo tais como: Secretaria de Estado de Transportes e Obras - DER; Secretaria de Estado da Saúde; Secretaria de Estado de Governo; Secretaria de Estado de Segurança Pública; Departamento Nacional de Infra-estrutura de Transportes – DNIT; e Santa Catarina Turismo S. A. – SANTUR. As benfeitorias a serem realizadas pelas Secretarias estão dispostas nas atas das reuniões, que constituem o anexo 2 desta dissertação.

A Ir. Coordenadora do Santuário nos faz uma retrospectiva de como foi ajudado o Santuário pelos poderes públicos:

No início até agora, nos primeiros tempos, quando começou aqui, tivemos alguma ajuda da prefeitura. Então para o acesso, que era uma estradinha de terra, então já começaram esse calçamento, então o prefeito se interessou. Quando tivemos essa colina, a imagem lá em cima no alto morro nós a instalamos aí pra comemorar o centenário da fundação da Congregação, mas nunca podíamos imaginar que se transformaria num centro de turismo, de peregrinação. Então quando isso foi feito já recebemos iluminação

<sup>271</sup> ADAMI, Maria Cristina. 40 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/09/2005. p. 4.

<sup>272</sup> Em breve, um novo santuário. **Diário Catarinense/ Jornal de Santa Catarina**. Nova Trento, 18 maio 2003. Cultura, p. 3.

pública, à noite já é mais uma proteção, a prefeitura ajudou no calçamento, um pouco de terraplanagem. E depois nessa parte o governador Amin, na gestão dele, nos ajudou bastante. Foi no ano da canonização, 2002, então o governador Amin melhorou a parte de telefonia, de eletricidade, mandou instalar uma rede pública em todo esse recanto aqui, nos beneficiou com aquele bloco de banheiros, mandou construir o posto médico, porque ele sempre vinha atendendo, era estudante de medicina que vinha atendendo, era todos os domingos debaixo de uma lona pra atender o povo, essas emergências que acontecem. Então ele determinou que construíssemos ali e foi subvencionado. E por seis meses as máquinas trabalharam pra fazer o corte do morro. Agora, depois disso, nem um grão de areia mais<sup>273</sup>.

Com a intervenção do governo Amin, o bairro Vígolo passou por uma revitalização e, como diz o senhor Vita, “eu conheci, [...] e vai lá agora, que conheceu, houve um verdadeiro milagre. A rua pavimentada não era pavimentada, iluminada, não era iluminada, tem telefone, não tinha telefone, tem hoje gastronomia, lá com restaurante, com as pessoas, enfim, tudo o que fizemos foi ao longo de 91 até agora”<sup>274</sup>.

A melhoria do bairro faz parte deste contexto e está relacionada com o nome que designa o município e se faz conhecer: Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus, a primeira Santa brasileira. O local está ligado aos italianos, que trouxeram na sua bagagem a identidade religiosa nas venerações dos santos católicos, construindo igrejas, dois Santuários, capitéis, e participando das missas e rezas. Deste modo, houve uma abertura no campo espiritual, em Vígolo, com a canonização, propiciando um crescimento do volume de passantes que se destinavam para lá, principalmente pela busca de cura, de conforto espiritual, para pagar e para fazer promessas na procura tanto do sagrado quanto do divino ou, simplesmente, por lazer.

### 3.2 A fé como *trade*

Com o Decreto nº 6.663, de 17 de junho de 1874, o Governo Imperial do Brasil e seu representante no exterior, Joaquim Caetano Pinto, abriram as portas à odisséia de imigrantes europeus motivados pela propaganda a respeito das férteis terras brasileiras. Essa imigração, principalmente de alemães e italianos, foi iniciada em grande escala por volta da década de 70, do século XIX. Mas chegando no solo da sua *cuccagna*, os imigrantes trentinos encontraram, em Nova Trento, um relevo constituído de superfícies

<sup>273</sup> MEES, Ir. Ilze. Entrevista citada. p. 7.

<sup>274</sup> SGROTT, Vilson Mário. Entrevista citada. p. 5.

planas, onduladas e montanhosas, cujo solo possui baixa fertilidade e acidez, com altos teores de alumínio<sup>275</sup>.

Entre os pioneiros de Nova Trento a se destacarem, estão os Archer, os Battistotti, os Battisti, os Marchi e tantas outras famílias. O topônimo foi herança desses primeiros colonizadores que, em sua maioria, vieram da *regione* de Trento, norte da Itália. Em 18 de março de 1881, pelo Decreto número 8.455, acontecia a emancipação das colônias Itajay e Príncipe Dom Pedro, das quais Nova Trento fazia parte, sendo denominada primeiramente como Tijucas, logo em seguida Alferes e, hodiernamente, Nova Trento.

Para uma maior organização estadual, o Município integra a microrregião dos Vales do Tijucas e Itajaí-Mirim, composta de oito municípios: Botuverá, Brusque, Major Gercino, São João Batista, Canelinha, Leoberto Leal, Vidal Ramos e Tijucas, cujo centro polarizador é Brusque. Faz parte da AMGRANFPOLIS – Associação dos Municípios da Grande Florianópolis, composta de 22 municípios, com sede em Florianópolis.

A extração de madeira foi a primeira atividade a ser explorada, seguida da produção caseira de vinho e seus derivados, como a graspa e o vinagre. Os casulos e ovos de bicho-da-seda foram introduzidos pelos primeiros italianos, ganhando vários prêmios, nacionais e internacionais, nos seus primórdios.

Quanto aos aspectos econômicos propriamente ditos, Nova Trento está mais vinculada às atividades do setor primário, caminhando para o secundário e terciário, como acrescenta Onildo, engenheiro civil e presidente do Clube dos Dirigentes Logistas - CDL de Nova Trento: “é a agricultura depois voltou ao turismo. Seria então comércio, agricultura e turismo. E em seguida chegou o calçado, temos aqui do lado São João Batista que essa fábrica vem se instalar”<sup>276</sup>. Dessa forma, temos os três setores que estão relacionados com diferentes tipos de bens e serviços que movimentam a economia neotrentina, assim distribuídos:

- a) Setor primário: conjunto de atividades relacionadas com atividades agrícolas, pesqueiras, pecuárias e extrativismo;

---

<sup>275</sup> Programa Integrado de Desenvolvimento Sócio-econômico: Diagnóstico Municipal de Nova Trento. Florianópolis, 1990. p. 8.

<sup>276</sup> DALBOSCO Junior, Onildo. 35 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/9/2002. p. 3.

- b) Setor secundário: formado pelo conjunto das atividades econômicas relacionadas com a produção industrial (calçado e vestuário). A construção civil também se inclui nesse setor;
- c) Setor terciário ou de serviços: constituído pelo conjunto de atividades econômicas relacionadas com a prestação de serviços. Como exemplo temos os bancos, o comércio, os transportes e outros.



A produção de vinho destaca-se na economia de Nova Trento. Vinícola localizada no acesso ao Santuário  
Fonte. Arquivo particular de José do Nascimento

O setor primário contribui em 30% para a economia local e, dentre as culturas de maior relevância, encontram-se: fumo, mandioca, milho, feijão, uva, pêssego, banana e laranja. Na pecuária, a existência de rebanhos bovinos e suínos é efêmera. O setor secundário representa 40% com destaque para a construção civil, que gera, aproximadamente, 800 empregos, e a indústria, que com 80 empresas, contribui com 1.000 empregos distribuídos nos setores de calçados, vestuários, mobiliários, metal-mecânico, eletrônico, fogos de artifício e produção e venda de vinho. Os outros 30% representam o setor terciário, através do comércio e da prestação de serviços. São 205 estabelecimentos

comerciais, gerando aproximadamente 1.000 empregos, e 115 empresas prestadoras de serviços<sup>277</sup>. Para uma melhor visualização, ver as tabelas 2 e 3. As datas da tabela 2 são díspares em razão de que não foi possível obter dados anteriores, por não estarem catalogados e disponibilizados em rede. Recorremos ao senso do IBGE, como observamos na tabela 3<sup>278</sup>, na qual estão agrupados os três setores; para dar uma visão geral do crescimento econômico da região. Vale ressaltar que essa pesquisa é datada de 1991 a 2005.

**Tabela 2**

<b>FLUTUAÇÃO DO EMPREGO FORMAL</b>			
ANO COMP	ADMITIDOS	DESLIGADOS	SALDO
2005 - 2005(*)	1.400	1.065	335
2004 - 2004	1.755	1.564	191
2003 - 2003	1.506	1.235	271
2002 - 2002	1.241	1.155	86
2001 - 2001	1.350	1.283	67
2000 - 2000	1.359	1.277	82
1999 - 1999	1.187	1.008	179
1998 - 1998	1.095	1.081	14
1997 - 1997	1.138	1.275	-137
1996 - 1996	1.206	1.148	58
<b>Total</b>	<b>13.237</b>	<b>12.091</b>	<b>1.146</b>

Fonte: TEM/Caged, Sine/Santa Catarina – Sistema Nacional de Emprego. \*Até 04/10/05

Observando a tabela 1, vemos que os admitidos somam um total de 13.237, e os desligados, 12.091. O saldo positivo de flutuação de emprego, embora seja estimada uma população economicamente ativa, é de 1.146, no período de 1996 a 2005. Já a tabela 3 mostra um aumento na indústria, comércio e serviços, no período de 1998 a 2003.

**Tabela 3**

1998	indústria	comércio	serviços	total
Nova Trento	55	53	32	140
2003	indústria	comércio	serviços	total
Nova Trento	65	71	61	197

Fonte: Min. Trabalho e Emprego.

<sup>277</sup> **Plano Integrado de Desenvolvimento de Turismo Sustentável:** Nova Trento SC. op. cit. p. 18.

<sup>278</sup> SINE/Santa Catarina Sistema Nacional de Emprego [e-mail de Osnilo Cardoso] Endereço eletrônico: osnilo.mte@ig.com.br.

Vemos que a indústria obteve considerável crescimento no período, sendo responsável pelas atividades de transformação de matérias-primas através do beneficiamento de madeira e da fabricação de móveis, artigos de vestuário, calçados, vinhos, queijos e fogos de artifício. Segundo Onildo, a industrialização do município é dividida em

dois tipos de construções. São construções industriais com duas indústrias grandes que chegaram na cidade e estão trazendo pessoas para trabalhar nessas indústrias. Temos construções de médio porte, para pousadas, nós devemos ter hoje quatro pousadas instaladas, bem instaladas por sinal. Mas então são construções de médio porte. O que tem são duas indústrias grandes na cidade [proporção de quatrocentos empregados], grandes se comparada ao tamanho da cidade<sup>279</sup>.

O comércio obteve um crescimento ainda maior, de 1998 a 2003, tornando este setor o mais dinâmico das atividades do Município, com mais ou menos 86 estabelecimentos comerciais. E, dentro desta perspectiva, os serviços tiveram no turismo o grande propulsor, predominantemente para a cidade, cujo motivador é Santa Paulina, enquanto símbolo que agrega valor religioso mas também, como alavancadora da economia local e da vizinhança, tanto para indústria quanto para o comércio, ligando os três setores da economia local. Vemos, no anexo 5, o Censo do IBGE, como era a produção nas décadas de 70 e 80.

Analisando os números, temos 1348 pessoas empregadas, que se supõe originárias de outros municípios. Envolvida no setor secundário, estima-se uma população economicamente ativa para o ano 1989, por projeção. Contudo, a realidade é bem diferente. Na atualidade, são muitos os neotrentinos que buscam apoio econômico em outras cidades, como Brusque, Blumenau, Florianópolis e outros centros, e que ficam por lá depois da formação, como comenta Onildo: “tinha outros. Eu posso dizer que meus amigos da minha idade, a gente se reúne com os amigos da infância, eu sou o único que permanece em Nova Trento, dos mais chegados”<sup>280</sup>. E comenta, ainda, Saul Rover, professor aposentado e ex-prefeito, Secretário de Turismo quando da realização da entrevista e, atualmente, Secretário de Saúde, que

---

<sup>279</sup> DALBOSCO Júnior, Onildo. Entrevista citada. p. 2.

<sup>280</sup> Idem. p. 4.

todos os jovens estão em sala de aula estudando, isso é importante, que haja possibilidade de todos participarem da escola, é na educação que se prepara o futuro. Então eu acho Nova Trento, o neotrentino em si, que nós somos especiais também. Apesar de que no primeiro momento que nós viemos da Itália, nossos antepassados, tenham sofrido muito aqui em Nova Trento para conseguir o que temos hoje. Mas graças a Deus estamos muito bem, não temos do que reclamar<sup>281</sup>.

Porém, o que observamos é que pessoas que fazem o terceiro grau dificilmente retornam. Somente os que não deram continuidade aos estudos, neste caso poucos, permanecem na cidade. Mas a mão-de-obra geralmente vem de outros estados, como Rio Grande do Sul, Paraná e tantos outros, para fazer a sua *Merica* em terras de imigrante.

Como diz Luciano, proprietário de um restaurante na cidade e aluno de direito em Tijucas, “elas [cozinheiras] vieram à Nova Trento atrás de trabalho de que forma? Através da Madre Paulina também, mas mais pela região, não só Nova Trento como São João e o pólo calçadista. Muitos moram aqui, marido trabalha em São João, mas a esposa trabalha na cidade de Nova Trento”<sup>282</sup>. Mas, para Onildo, a questão forte é que

ela [Santa Paulina] entra nisso tudo. Todo mundo vem com a esperança de que a cidade vai crescer e que essas indústrias cresçam junto com a cidade. Tudo em torno da Madre Paulina. Então o comércio vai crescer, a indústria vai crescer e existe o outro comércio de produtos coloniais e de enfeites, de vela, de santinho e que esse é um comércio localizado da basílica<sup>283</sup>.

Quanto às representações sociais neotrentinas, há formas variadas e, como se vê na fala de Esperidião Amin, a representatividade da cidade com Santa Paulina

se confunde, né? A imagem de Nova Trento, quando eu conheci, era mais forte que a imagem de Santa Paulina. Hoje, eu acho que a imagem de Santa Paulina é mais forte do que as outras coisas que Nova Trento oferece. Também são muito importantes. Porque, é muito... O brasileiro personaliza: “Nova Trento é a terra de Santa Paulina”, é mais fácil dizer isso do que dizer: “Santa Paulina, aquela que nasceu em Nova Trento”. Então, é maior. Maior do que o quê? Eu não quero dizer que será maior, virou referência. Quer dizer, a referência de Nova Trento hoje está muito associada à Santa Paulina; não obstante Nova Trento tenha outros valores

<sup>281</sup> ROVER, Saul, 60 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. 17/09/2005. Nova Trento. p. 3.

<sup>282</sup> SGROTT, Luciano Ari. 28 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/9/2002. p. 5.

<sup>283</sup> DALBOSCO Junior, Onildo. Entrevista citada. p. 3.

que já nos encantavam antes. Mas, eu acho que com Santa Paulina, Nova Trento ganhou muito e pode ganhar muito mais<sup>284</sup>.

Para conseguir este entrelaçamento, verificou-se, portanto, que as pessoas usam Santa Paulina através das “representações coletivas mais elevadas que não têm existência, não são realmente tais senão na medida em que comandam atos”<sup>285</sup>, como afirma Chartier. O autor ainda acrescenta que “são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam”. E continua: “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo se impõe ou tenta se impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e do seu domínio”<sup>286</sup>.

A Relação de Movimento dos Apêndices, da Prefeitura Municipal de Nova Trento, dos anos de 1992 a 2005, nos mostra que os serviços informais, como os do camelódromo, desenvolveram-se consideravelmente, e nota-se que nos anos subsequentes houve uma explosão desse tipo de comércio em Vígolo. No centro da cidade, existe somente um camelódromo, como vemos no anexo 5.

Os números demonstram que, nos últimos anos, Nova Trento foi envolvida por um turbilhão de pequenos negócios abertos depois da beatificação, com mais intensidade ainda depois da canonização. Acompanha esse crescimento a construção civil e a vinicultura, com muitas vinícolas abertas em todo o Município, principalmente em volta da rua Madre Paulina, em direção ao Santuário. Isto porque, após 1991, houve a descoberta dessa produção de Vígolo por um maior número de visitantes. Antes da data anteposta, eles conheciam pouco o território vigolano e seus produtos, como diz Tânia Maria Girolla:

[...] antes já se vinham algumas pessoas que já conheciam, ou tinham ouvido falar de Santa Paulina . [...] Mas naquela época não se vinha muito turista, era um carro ou outro que vinha mais atrás do vinho. Mas naquela época eles vinham mais atrás do vinho, pois o vinho de Nova Trento estava ficando famoso. Então já existe cliente de vinho já de 30 anos atrás, aqui da vinícola mesmo né? Mas era pouco. [...] Então se começaram a abrir as portas da vinícola que era uma fábrica bem pequena que produzia na faixa de 10 mil litros por ano, ou 5 mil litros por ano, naquela época, e logo começou no outro ano 10, e no outro ano 15 e começou um aumento com isso então ele [o Girolla pai] sentiu que o turista veio à procura do vinho,

<sup>284</sup> HELOU Filho, Esperidião Amin. Entrevista citada. p. 13-14.

<sup>285</sup> CHARTIER. Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietações**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 45.

<sup>286</sup> CHARTIER. Roger. Op. cit. p. 17.

ele não precisou ir atrás para vender, pois vieram atrás dele. [...] Hoje a produção da Vinícola Girolla [...] está na faixa de 550 mil litros por ano<sup>287</sup>.

Alguns neotrentinos, percebendo as idas e vindas destas pessoas de destinos diferentes, procuraram absorver este filão de mercado que são os peregrinos, dando-lhes alimentação e acolhimento. Com a presença sempre mais constante deles na procura pelo Santuário, abre-se a possibilidade de absorver este filão de mercado, vendendo os produtos típicos da região, como queijos, pães, vinhos, licores, embutidos, mel, geléias. Esses produtos, que até então tinham uma produção caseira e para o consumo familiar, passam a ser produzidos para venda, tornando-se uma renda a mais para a família. Já quanto à alimentação, foram abertos mais ou menos quatorze restaurantes<sup>288</sup>, quatro confeitarias e panificadoras. Existiam na cidade três locais de hospedagem: Hotel Viviane, Hotel Bitencurt e o Centro de Encontros Imaculada Conceição – CEIC, isto até 1989. Nos dias atuais, a cidade possui cinco estabelecimentos para a hospedagem: Hotel Viviane, Mosteiro Park Hotel, Pousada Cantina Italiana, Museu e arte, *Sogno Mio* Pousada, Pousada Aconchego, Pousada Dalnete e Pousada do Portal do Vígolo.

Como se pode observar, a fé está movimentando o mercado e quem faz esse movimento são as pessoas. Segundo a coordenadora para assuntos externos, Ir. Ilze, “tem dias que aproximadamente 5 mil, 2 mil, 3 mil pessoas vêm ao Santuário”<sup>289</sup>, números estes estimados pelo fluxo de ônibus fretados e automóveis particulares que se utilizam do estacionamento do Santuário, como a própria coordenadora comenta. José Amilton Fernandes dos Santos, responsável pelo estacionamento, nos diz como é executado o serviço:

Olha, os estacionamentos aqui funcionam da seguinte maneira: vamos começar do início. Nós temos estacionamentos privativos, próximos à igreja, que acho que você já notou, com cordões, ali só entra o pessoal acima de 70 anos, pessoas com deficiência de locomoção, pessoas com cadeira de rodas, pessoas doentes pós-operatória, e pessoas que têm que ter um atendimento diferenciado. Então esses estacionamentos são reservados de propósito, não é cobrado nada. Então às vezes alguém tá passando, é bloqueado e tem que dar ré, mesmo que ele esteja entrando num estacionamento pago ele é bloqueado e voltado imediatamente pra esses estacionamentos gratuitos por causa dessas pessoas. Não é questão do dinheiro, a nossa questão aqui é segurança. Os estacionamentos privativos,

<sup>287</sup> Ver no anexo 6, a lista das vinícolas de Nova Trento. GIROLLA, Tânia Maria. 27 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/9/2005. p. 2-3.

<sup>288</sup> Ver no anexo 7 as listas dos restaurantes e pousadas, e no anexo 8, confeitarias e panificadoras com os seus respectivos endereços.

<sup>289</sup> MEES, Ir. Ilze. Entrevista citada. p. 4.

os pagos, funcionam assim: pagos por enquanto nós temos quatro estacionamentos pagos, esses estacionamentos funcionam assim: os ônibus pagam cinco reais o dia todo, chega de manhã, ele pode sair e voltar a hora que ele quer, se ele precisar de nota fiscal ele tem. Os estacionamentos de veículos, de automóvel, é três reais o dia todo também, tem direito de sair quantas vezes ele quiser e voltar, é uma taxa única. Se ele ficar o dia todo é três, se ele ficar uma hora é três, a gente não pode diferenciar esse lado. Tem os gratuitos também que são mais abaixo da igreja<sup>290</sup>.

As linhas de ônibus de passageiros inter-regionais e local são precárias, e antes da beatificação a única a empresa de ônibus que havia era a Reunidas. No momento há, além dela, várias outras que se estabeleceram, como a Catarinense, Santa Terezinha, Santo Anjo e União Cascavel. Mas “foi tirado algumas linhas, porque as empresas não pensam em pessoas, elas pensam em números”<sup>291</sup>. Em razão “dos números” dos passageiros, muitas destas empresas se retiraram de Nova Trento, como se observa na fala de Márcio, agenciário da rodoviária de Nova Trento. O serviço de transporte dentro do Município é feito pela empresa Transporte Coletivo Santa Paulina, cujo trajeto vai da Rodoviária a Vígolo e vice-versa, passando pelo bairro Trinta Reis e pelo distrito de Claraíba. Contudo, foi constatado, *in loco*, que os horários para Vígolo estão diminuindo. Como se percebe pelo relato de Márcio, o fluxo do transporte coletivo está diminuindo porque não há passageiros suficientes. A empresa Santa Paulina tem um fluxo maior no primeiro horário, quando leva as proprietárias e recepcionistas para Vígolo, e no final do dia, quando as traz de volta.

Indiscutivelmente, a procura por Nova Trento reflete sobre e para o mercado. Aqui se entende mercado por troca de valores ou produtos, de acordo com a definição de Célia Maria dos Santos e de Edmir Kuazaqui, segundo os quais “é um sistema de informações que permite a milhares de agentes econômicos, produtores e consumidores tomar decisões necessárias para que a sociedade alcance a eficiência e a satisfação desejada”<sup>292</sup>. E, como explana Beni, “a estrutura do mercado turístico é definida como a parte da economia que estuda e analisa a realidade econômica do turismo baseada em um mercado onde confluem a oferta de produtos e serviços turísticos e a demanda que está interessada e motivada a consumi-los”<sup>293</sup>. Esta demanda mercadológica se reflete nas pessoas, que se tornam um ser

<sup>290</sup> SANTOS, José Amilton Fernandes dos. 50 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/09/2005. p. 4.

<sup>291</sup> CAMPOS, Márcio. 36 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/09/2005. p. 3.

<sup>292</sup> SANTOS, Célia Maria dos; KUAZAQUI, Edmir. **Consolidadores de turismo: serviços e distribuição**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004. p. 3.

<sup>293</sup> BENI, Mário Carlos. Op. cit. p. 149.

*economicus*, isto é, que agem conforme as leis de mercado procurando maximizar a riqueza por meio de novos métodos produtivos. Por demanda podemos considerar, segundo Edmilson José Arendit, como “sendo a quantidade de um determinado bem ou serviço que as pessoas estão dispostas a adquirir a um determinado preço e em um determinado momento”<sup>294</sup>. Sendo a localização do Santuário em Vígolo, este é mais visitado, e com isto se expande, enquanto outras partes do Município permanecem um pouco adormecidas. Como coloca Karl Marx “[há] relações materiais entre pessoas e relações sociais entre coisas [...]”<sup>295</sup>.

Com a procura principalmente pelo Santuário de Santa Paulina, ou seja, pelo sagrado, surge uma nova fonte de renda: o turismo religioso. Para José Vicente de Andrade, este designa “o conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a lugares ou receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade [as três virtudes teológicas] aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões”<sup>296</sup>.

Esta prática se deu depois da beatificação, em 1991 e, com mais intensidade, em 2002, com a canonização de Santa Paulina no Vaticano. A partir desses momentos decisivos, se tornou local de veneração e um grande centro de peregrinação, sob o controle da Filhas Espirituais da Santa, instituídas em 1890, com o título de Irmãs da Imaculada Conceição, com Regra e Constituição própria. Já o Santuário tem um Estatuto Canônico próprio, dividido em um preâmbulo (breve histórico), e quatro capítulos com seus artigos e parágrafos. O primeiro capítulo se refere à denominação, natureza e finalidade; o segundo capítulo ao governo, à administração geral, à administração local, às comissões, à relação com a Arquidiocese, à nomeação do reitor e do capelão, bem como suas atribuições; o terceiro capítulo versa sobre funções e competências, sobre a pastoral do Santuário (ação evangelizadora, animação pastoral, liturgia, sacramento, cantos) e sobre devoção à Santa Paulina e à Nossa Senhora de Lourdes; o último capítulo diz respeito à administração econômica e financeira que rege todo o complexo na parte física, econômica e espiritual.

---

<sup>294</sup> ARENDIT, Edmilson José. Op.cit. p. 56.

<sup>295</sup> MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Difel, 1988. p. 82.

<sup>296</sup> ANDRADE, José Vicente de. Op. Cit. p. 77.

Com as aparições dos “beija-flores” em Vígolo, fez-se necessário adequar o meio físico para recebê-los, com todo o processo de ida e vinda deles, isto no início da década de 90. Na atualidade, as coisas estão acontecendo muito rápido, como fala a Ir. Ilze:

Nós [Irmãzinhas] estamos sempre em cima do imprevisível. Sempre, sempre, tudo aqui é imprevisto. Quando vieram os primeiros depois da beatificação, não havia água, não havia telefone, não havia lanchonete, não havia nada, nada, nada, banheiros, nada disso, não tinha infra-estrutura nenhuma. Então o povo nos botou a correr. Por isso temos muita coisa ainda improvisada, que pela urgência tivemos que fazer do jeito que dava na época. Não tínhamos recursos nenhum aqui, então íamos fazendo, fazendo. Por exemplo, começamos com dois banheiros, os primeiros banheiros eram aqueles de fossa, de tábuas, tinha atrás do botequim. Então quando fizemos três banheiros parecia que tava resolvido. Daqui a pouco não teve mais nada, então vai obrigando a criar. Por exemplo, a igreja. Os primeiros se reuniam na igreja aqui. Mas era essa igreja uma capela do interior, uma capela pra essa comunidade aqui, o pessoal dessa localidade aqui. Tivemos que a toque de caixa construir um salão pra receber o pessoal. Agora já temos, se Deus quiser, pro ano que vem, será inaugurado<sup>297</sup>.

A Ir. Ilze, que é de Luiz Alves, mora atualmente na comunidade religiosa de Vígolo, berço da Congregação que se propagou nos três continentes: Americano, Africano e Europeu. Um fato interessante, que ocorreu dentro do Instituto fundado pela Santa, depois da deposição de Madre Paulina do cargo Superiora Geral *ad vitam*, em 1909, pelo bispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, foi a anulação do primeiro Capítulo Geral, ocorrido em Nova Trento, em 1903. Uma vez anulada a eleição de Madre Paulina como Geral por Dom Duarte, foi decretado que fosse feito um novo pleito, o qual “daria uma veste jurídica”<sup>298</sup> à Congregação nascente. Não esqueçamos que até então a Congregação estava sob o direito diocesano e, para entrar em uma nova Diocese, o Ordinário local teria que convidar as Irmãzinhas, o que já seria um primeiro passo para a aceitação e reconhecimento delas, dado que teriam de estar sob a autoridade eclesiástica. Assim, o Capítulo Geral ocorrido em São Paulo é considerado oficialmente como o primeiro, e uma das decisões foi a demissão de Madre Paulina do cargo de Superiora Geral e eleição para nova Superiora, sendo escolhida a Madre Vicência Teodora da Imaculada Conceição. O tempo de permanência na direção da Congregação foi estipulado em dez

<sup>297</sup> MEES, Ir. Ilze. Entrevista citada. p. 4.

<sup>298</sup> LORENZI, Guido. Op. cit. p. 120.

anos. Depois do XXI Concílio Ecumênico Vaticano II, ficou restrito a quatro anos, com direito a reeleição.

Em função do aumento do fluxo de passantes pelo Santuário depois da beatificação, fez-se necessária a presença permanente de uma Irmãzinha que tivesse passado por uma experiência de Geral, a começar pela Ir. Maria Monfort, que deixara a função de Superiora e viera para Vígolo tomar conta das “flores” do Santuário. Ela deixou na cidade uma grande estima, embora para alguns nem tanto. É considerada por muitos, até mesmo por aqueles resignados, uma mulher decidida e obstinada, que muito ajudou os vigolanos a estruturar as obras do Santuário. Atualmente, esta responsabilidade está a cargo de Ir. Ilze Mees, tida como mulher forte e com uma ligação íntima com a terra. Ela exerceu muitos cargos na Congregação, desenvolvendo atividades de educação e formação e, agora, uma vez aposentada, se dedica, como ela se auto-define, a “plantar flores” no Santuário. O sistema administrativo das Irmãszinhas permite uma relação para o exercício coletivo. É uma disciplina fechada e em movimento contínuo nos processos administrativos, tendo seus valores pautados na razão instrumental, com ênfase no conhecimento voltado para o espiritual, no interesse econômico, desempenho, maximização de recursos, fins e êxito.

Como diz Maria Cristina Adami, “as irmãs, elas são uma organização formada, e uma organização que tende a crescer e a abrigar. *Parece que todas pensam igual, que querem cada vez mais*, [grifo nosso] e o lado político cada um faz pra si”<sup>299</sup>. Com isto, o *eu* e o *nós* distinguem-se dentro da vida religiosa, extirpando-se o primeiro por levar ao individualismo e estimulando-se o segundo por levar à coletividade. Poderíamos parafrasear com o ditado popular: “várias cabeças pensam melhor que uma”.

A administração das Irmãszinhas, louvada por muitos, possibilita as idas dos passantes ao Santuário. Tanto a Ir. Ilze como os demais entrevistados, quase todos habitantes de Nova Trento, são unânimes em afirmar que existem dois tipos de freqüentadores do local: o peregrino (romeiro), e o turista. O peregrino (ou romeiro) entrelaça-se nos atos e gestos devocionais, são constantes e vêm de ônibus, de automóvel ou a pé, na sua maioria em pequenas ou médias caravanas. Como se pode observar na fala de Pedro Paulo Vargas, comerciante de sorvete italiano, caldo de cada de açúcar, refrigerantes e outras guloseimas em estabelecimento localizado na praça do Santuário, em Vígolo,

---

<sup>299</sup> ADAMI, Maria Cristina. Entrevista citada. p. 5.

É porque são pessoas que vêm de ônibus, então são pessoas que têm pouco poder aquisitivo, então têm pouco dinheiro, já vêm com o dinheirinho contado. Então a gente já sabe, a época deles e a época de temporada de praia, temporada de praia tu sabe que quem vai pra praia tem dinheiro. Aí vão pra lá, alugam casas, são tudo um pessoal de fora, de outros estados. Aí chegam pra cá, pra Santa Catarina, litoral, aí nunca eles deixam de visitar a Santa Paulina, o santuário. Mas isso acontece mais quando o tempo tá que nem hoje, chuva. Na praia, não dá pra pegar uma praia, então o que acontece? Aqui dentro enche<sup>300</sup>.

Assim, os turistas que vêm nos meses de férias escolares e visitam o Santuário são veranistas para as praias, cuja ida ao Santuário está mais centrada como passeio, lá indo quando chove, por não haver muita opção no local de veraneio; então eles se deslocam com os seus em direção ao Vale do Rio Tijucas. Ou são, ainda, pessoas que vêm de outros lugares para fazer visitas a parentes que, como ponto turístico a mais para mostrar, os levam até a terra de Santa Paulina. O que se pode constatar é que os passantes, tanto os peregrinos quanto os turistas, bebem da mesma fonte, direta ou indiretamente, na sua permanência no local ou na ida até o Santuário, porque há que se levar em consideração que a religiosidade faz parte da condição humana. O turista pode afirmar que foi apenas fazer turismo e se considerar racionalmente ateu, razão, mas a sua alma é religiosa. Sua essência, na *praxis*, se entende em dois sentidos: o primeiro como destino - o que se vem a ser; e o outro como caráter, dada a condição humana, que consiste de certos valores e virtudes. Ir. Ilze, na sua experiência de coordenadora e de Superiora Geral, divide nesses dois grupos, o peregrino e o turista, os que freqüentam o Santuário:

Existe turista que ouviu falar desse local e vem conhecer. Então ele vem para passear, e não é impulsionado pela fé, mas apenas curiosidade, pelo gosto de conhecer novos lugares. Enquanto que o peregrino é aquele que vem animado pela fé, haja vista essas caminhadas que fazem dias, semanas inteiras, chegando aqui com os pés em bolhas, é alguma coisa. E vem médicos do sul do estado, todos os anos um grupo de médicos fazem essa romaria a pé. Então o senhor vê que isso atrai a todos, é como lá da Espanha, de Compostela. Então é para todos os níveis sociais, e está começando muitas romarias organizadas de 200 ou até mil pessoas, como é a de Itajaí, que é a mais organizada, e a mais sistemática. E outros grupos, de 100, 200 pessoas que vêm<sup>301</sup>.

---

<sup>300</sup> VARGAS, Pedro Paulo. Entrevista citada. p. 2

<sup>301</sup> MEES, Ir. Ilze. Entrevista citada. p. 3.

A associação do peregrino e do turista surge para os comerciantes como um novo segmento mercadológico em que interagem a oferta e a demanda. Aqui se observam as leis de mercado, segundo as quais o homem se torna um ser *economicus*, que se adapta à realidade procurando maximizar os seus bens como numa “sociedade de risco”, de acordo com Anthony Giddens. Frente a essa afirmação, vem ao nosso encontro Mário Carlos Beni, para quem “[...] os mercados constituem um sistema de informação que permite a milhares de agentes econômicos, produtos e consumidores, até certo ponto isolados entre si, tomar as decisões necessárias para que a sociedade toda possa alcançar as três eficiências – atributiva, produtiva e distributiva”<sup>302</sup>.

Com tal acontecimento para o Brasil e em particular para Santa Catarina, o Deputado Estadual Pedro Bittencourt, sentindo que o município seria por essa mola um pólo propulsor na destinação turística depois da beatificação da Madre Paulina, encaminha para ser votado na Assembléia Legislativa do Estado o projeto visando tornar Nova Trento a Segunda Estância Turístico-religiosa do Brasil, que vem outorgado com a Lei nº 10.568, de 07 de novembro de 1997. Segundo Luiz Renato Ignarra, autor do livro *Fundamentos do Turismo*, “é o local que o turista procura, esta destinação é classificada em atrativo turístico, complexo turístico, área turística”<sup>303</sup>. A localização da segunda estância e seus arredores possui atrativos turísticos, como nos relata Enizete Terezinha Cadorin, credenciada pela Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR, quando questionada se abriria um negócio em Nova Trento. Como guia turística e trabalhando na Secretaria de Turismo no Município nos diz que: “a parte do turismo rural é que está começando, tá evoluindo e no interior de Nova Trento tem muita paisagem maravilhosa que você pode aproveitar pra descanso, pras pessoas que são de fora, que querem praticar algum turismo de aventura, trilhas ecológicas, e conhecesse também, vivencia”<sup>304</sup>.

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), a prática do turismo, nas suas diversidades (Beni as classifica em 36 tipos<sup>305</sup>) é a atividade que mais cresce no mundo. Em 2003, somavam, nos mais diversos países, aproximadamente 694 milhões de turistas, gerando entradas no valor de 514 bilhões de dólares – e nesses números não estão

---

<sup>302</sup> BENI, Mário Carlos. Op. citada. p. 54.

<sup>303</sup> IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 1998. p. 47.

<sup>304</sup> CADORIN, Enizete Terezinha. 38 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/09/2005. p. 1.

<sup>305</sup> Ver no anexo 9.

contabilizados os turistas nacionais, ou seja, aqueles que viajam no interior dos próprios países, o que os aumentaria ainda mais. Com o turismo, há um reflorescimento de burgos na Europa e, com as metas de peregrinação aos lugares sagrados do Oriente-Médio, como Jerusalém, Meca e Medina, esses se tornaram conhecidos, expandindo as suas fronteiras econômicas, fincando os seus rizomas e consolidando-se na associação do não tão novo filão de mercado que é o turismo religioso. Doris nos coloca que a procura dos

[...] lugares religiosos se transformaram em atrações turísticas, em detrimento da sua função espiritual, e as igrejas (não só as do terceiro mundo) passaram a explorar o turismo em benefício próprio. Vendem ingressos, santinhos, velas, cartões-postais e *tours* pagos. Várias conferências e reuniões têm ocorrido nas diversas comunidades com atrativos religiosos, concluindo-se que há necessidades de preparar guias especializados para os locais “santos”, de criar condições para atender adequadamente os peregrinos e outra atividade para os turistas que visitam o local sem motivação<sup>306</sup>.

Com isto, há cidades que exploram os seus santos e padroeiros através do *marketing*, fazendo com que tal devoção se torne meta de visitação a esses lugares, transformando-os em mola propulsora para visualizar o sagrado através do turismo religioso. São alguns exemplos do turismo religioso católico: São Francisco de Assis e Santo Antônio de Pádua, nas cidades homônimas, na Itália; o Vaticano, sede mundial do cristianismo, onde estão a Capela Sistina, os túmulos dos Apóstolos Pedro e Paulo e tantos outros monumentos; Nossa Senhora de Lourdes, na cidade de Lourdes, na França; o Santuário de São Tiago de Compostela, na Espanha; Nossa Senhora de Fátima, na cidade de Fátima, em Portugal; e, no Brasil, os principais motes religiosos são o Círio de Nazaré, em Belém do Pará; o Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, no Ceará; festejos de São João, em Campina Grande, na Paraíba; Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha, no Espírito Santo; Nossa Senhora Aparecida do Norte, em Aparecida do Norte - São Paulo; e Santa Paulina, em Nova Trento, entre tantos outros espalhados por estes rincões brasileiros.

A especulação financeira em torno do turismo religioso se dá por meio da hospedagem, da alimentação e das vendas de imagens ou do que quer que se refira aos santos e padroeiros, tal como as fitas, os tradicionais santinhos, os terços e as bíblias, que dividem a

---

<sup>306</sup> RUSCHMANN, Doris. **Turismo e Planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. 11ª ed. Campinas: Papirus, 2004. p. 49-50.

prateleira com artigos do catolicismo moderno<sup>307</sup>. Assim, a movimentação econômica faz-se pelo alavancamento a passo de tartaruga. O peregrino quase sempre compra algo para levar, seja para recordar a sua ida ao Santuário ou para presentear alguém e “eles fazem amigo secreto no ônibus com o preço, muito baixo, procuram mais lembrancinhas baratinha, as coisinhas de um, dois reais, um e noventa e nove, coisa assim”<sup>308</sup>.

Desta forma, o passante movimenta o mercado de forma lenta. Tanto ontem como hoje, o peregrino gasta, seja pouco ou muito e, com isto, essa conotação mercadológica ganha um significado especial, dando, assim, lugar ao desfrutamento do religioso. Neste sentido, os autores que tratam sobre turismo comumente usam o vocábulo inglês *trade*, que designa “indústria” do turismo – ou melhor, o turismo como comércio e negócio. O poder da fé já vem explorado desde a Antigüidade, sob o pano das viagens aos lugares privilegiados e usados como ferramenta de *endomarketing* pela Igreja.

### **3.3 Santa Paulina: o ponto alto de Nova Trento**

A movimentação da demanda turística no Município de Nova Trento começou a tomar vulto depois da Beatificação de Santa Paulina, em 1991, intensificando-se com a sua Canonização, em 2002. Até então, a cidade não era mencionada como pólo explorador do turismo, existindo com uma renda baseada na monocultura. Contudo, o que se pode observar é que o turismo está sendo tratado timidamente, como *trade* de serviço que se coloca no recepcionar e como serviço de transformação alimentar, vale dizer, os restaurantes. Como diz Júlio César dos Santos, dono de uma pousada e presidente da Neotur em Nova Trento: “o processo de implantação do turismo em Nova Trento é devagar, quase inexistente. A população ainda não se conscientizou que o trabalho é constante e os resultados são a longo prazo”<sup>309</sup>.

Depois da canonização e, com a dedicação, ou seja, a consagração do novo Santuário, espera-se um alavancamento, sendo o único município no Brasil com dois Santuários, destacando-se como pólo propulsor para o mercado do turismo religioso, no que diz respeito ao grande deslocamento de peregrinos, portanto, reservas econômicas em potencial, que se destinam a Vígolo, centro religioso, motivados pela fé e “curiosidade”.

---

<sup>307</sup> DEMORI, Leandro. A fé que move negócios. **Amanhã**. Porto Alegre, nº 195, p. 20-23, jan./ fev. 2004.

<sup>308</sup> Márcia de Andrade. 17 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/09/2005.

Assim, Nova Trento recebeu o título de Segunda Estância Turístico-Religiosa do país, e faz uso desse título mesmo que timidamente. Graças a ele, a cidade recebe várias denominações tais como Caminho da Fé, Trilha da Fé e Rodovia da Fé, seguindo exemplos dos Santuários europeus.

Para alguns habitantes de Nova Trento, a figura de Santa Paulina “é o carro chefe, é ela e não adianta querer negar”<sup>310</sup>, se tornando o sal da terra, um marco para Nova Trento.

Madre Paulina está em tudo, em toda a parte. Se o senhor andar por aí, em todo o lugar se vê Madre Paulina, nos caminhões, nos ônibus, ao longo das estradas, então Madre Paulina tornou-se assim uma figura nossa, do nosso meio. Uma vida muito simples, com os pés no chão, neste chão, e acontece que isso foi, parece que apaixonou o povo. Não é uma santa assim distante, entendeu? Mas é nossa, aqui<sup>311</sup>.

Nesse contexto, o empresário Agostinho José Orsi, dono de uma pousada e de um restaurante, além do Museu do Rádio e do Museu Italiano, nos explica como era Nova Trento antes e depois do advento de Santa Paulina:

Nova Trento sempre foi uma cidade pacata, normal como uma cidade de interior, mas muito bonita com área verde muito bem conservada. E Nova Trento vivia só da parte de agricultura, né? Do plantio do fumo, da mandioca, do feijão, do milho, tinha muito colono. E também vivia muito de mão-de-obra de pedreiros e carpinteiros. Até tem um ditado que antigamente se dizia: “Quando nasce um filho se joga na parede, se colar é pedreiro se cair no chão é padre”. Então saiu daqui também muito padre e muita freira. Bom, hoje é outra realidade né? Porque passaram aí alguns anos e tivemos a graça de ter em Nova Trento uma Santa. Então a realidade é outra no aspecto rural, né? No rural o pessoal tem saído, não só em Nova Trento, mas como em todo o Brasil. A área rural está meio devagar porque fica mais para o sustento da família, então hoje a mulher já trabalha fora, os filhos ajudam também, pois há uma necessidade. E Nova Trento então com o turismo de Santa Paulina e tem uma outra realidade.<sup>312</sup>

Com a explanação da Ir. Ilze e do senhor Agostinho, observamos o empoderamento do símbolo da primeira Santa do Brasil, em Nova Trento, e que transpassa o valor sagrado e entra no *marketing* empresarial, gerando divisas, sendo o poder da fé um atrativo para o comércio.

---

<sup>309</sup> SANTOS, Julio César dos. 36 anos. Nova Trento. **Questionário**. [e-mail de Julio César dos Santos]. Endereço eletrônico: julio@portaldovigolo.com.br. 12/10/2005.

<sup>310</sup> DALBOSCO, Lílian. ? anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 10/09/2005. p. 5.

<sup>311</sup> MEES, Ir. Ilze. Entrevista citada. p. 3.

<sup>312</sup> ORSI, Agostinho José. Entrevista citada. p. 2.

Com a absorção Madre Paulina em uma concepção holística de Deus por parte dos indivíduos, estes vão até o Santuário vestidos de novas formas de religiosidade. Desta maneira, não é somente em Vigolo que acontece tal fato, mas tanto em território nacional quanto internacional, movimentando muitos milhões pelo comércio religioso. Muitos profissionais do setor comercial estão descobrindo que podem aproveitar todo esse filão econômico, promovendo, até mesmo, produtos que nada tenham a ver com os rituais sagrados.

Aldo Terrin, considerando as novas definições de religião para os indivíduos, conclui que “a procura do divino se torna fácil na Nova Era, na qual tudo está sob o signo de Deus que age livremente, por meio da natureza, dos espíritos, dos anjos e de toda realidade. Contudo, em vez de Deus, pode-se ter em mãos somente um ídolo”<sup>313</sup>. Será que esta observação do padre italiano sobre a Nova Era não poderia ser a discriminação, os próprios ensinamentos de que a Igreja fez uso, através de anjos, da natureza exaltada por São Francisco de Assis, em relação a tantos outros métodos para evangelizar na Idade Média? Disso se deduz que só podem ser discriminatórios em termos de qualidade e de intensidade com o novo que não surge do meio eclesiástico, e sim em um ambiente leigo, sem ingerências, em que a busca pelo Ser Superior vai além da função mediadora do agente sacralizado, o sacerdote. Toda a questão reside, mais uma vez, na possibilidade de se retomar a praticar religião, de vivenciar as idas aos lugares santos como expressão reconhecida pelo indivíduo, só, dentro da espiritualidade e na procura do “eu” interior sufocado pelos dois mil anos de cristianismo. Seria mais inspirado, certamente, pensar a peregrinação, atualmente, nos moldes da modernidade, como uma manifestação de um catolicismo de vitrine, como fala Baudrillard. Com esse autor, podemos pensar numa religião líquida, isto é, adaptável aos novos tempos, diferentemente daquela em que o peregrino passava por uma preparação nos moldes do que se pregava na Idade Média, como jejuar, dar esmola, etc. Hoje, há uma forte relação com aspectos econômicos dentro da teologia da prosperidade, entre a religiosidade pessoal, sincrética e, neste paradigma, manipulada pelos produtos de mercado e fins lucrativos, sendo, conseqüentemente, não transcendental.

Empresários motivados pela canonização de Madre Paulina se dirigem para o Município buscando alargar os seus investimentos empresariais. Temos, por exemplo, um

---

<sup>312</sup> TERRIN, Aldo Natale. **Nova Era: a religiosidade do pós-moderno**. São Paulo: Loyola, 1996. p. 101.

empresário de Sorocaba, interior de São Paulo, Elias Soares que, de olho no mercado imobiliário de Vígolo, comprou em 2002 um terreno, um mês antes da canonização,

de 1,8 mil metros quadrados situado a um quilômetro de Vígolo. Ele pretende construir uma pousada com preços acessíveis para hospedar os devotos das classes B e C. A idéia é oferecer diárias de R\$ 10. ‘As instalações serão simples, sem sofisticação, mas confortáveis’, planeja Soares. ‘O turismo religioso é a segunda categoria de maior movimento, só perde para o lazer’, garante o empresário<sup>314</sup>.

A venda de terrenos em Nova Trento é comum neste período, tanto que os preços das propriedades são altíssimos, mas, com o Plano Diretor, isso ficou um pouco mais difícil. Os neotrentinos e, mais precisamente, os vigolanos, aproveitaram a canonização para vender os seus terrenos. Mas a pergunta é: se Soares, o empresário sorocabano, construiu a sua pousada e a diária se concretizou por R\$ 10 ? A resposta evidencia-se na fala de Pedro Paulo Vargas, vendedor de sorvetes italianos em Vígolo e que mora na sede do Município, fala esta transcrita na página 117 desta pesquisa, na qual se refere ao baixo poder aquisitivo da maioria das pessoas que visitam o Santuário.

Com efeito, o senhor de Sorocaba não construiu o seu sonho, tendo este naufragado em águas rasas, uma vez que os peregrinos não trazem consigo uma grande soma de dinheiro. A maioria traz de casa o pouco que economizou e utilizam o vocábulo “dinheirinho”, que reflete a pouca quantidade, e a sua permanência no local não supera cinco horas. Pelas mesmas razões, o dono do Mosteiro Park Hotel, construído em função dos peregrinos, teve de vendê-lo para as Irmãzinhas por não ter recuperado a quantia gasta na construção (mas vendendo para elas por um preço “bem salgado”). O baixo poder aquisitivo dos passantes permite apenas que comprem fitinhas, imagens, escapulários, medalhas, chaveiros e outros pequenos *souvenirs*, que levam de lembrança ou para presentear seus parentes e amigos, pois não têm muito o que gastar no que lembre a Santa Paulina. Os turistas considerados mais abonados não permanecem muito tempo no Município, como explica a agente administrativa da prefeitura, que trabalha na Secretaria do turismo:

[...] Vêm até Camboriú, aí eles vêm aqui com poder aquisitivo maior, só vem com carro próprio, dar uma volta no Santuário, e volta pro local, assim questão de duas horas no máximo. E depois a gente tem o turista que vem

---

<sup>314</sup> **Diário Catarinense.** Soares de olho no mercado de Vígolo. Florianópolis, 18 de maio de 2002. p. 6.

de ônibus, que aí é o turismo religioso mesmo. Eles vêm com o ônibus, fica o dia todo, às vezes vêm até no sábado e vão embora domingo, são excursões. Esse é com um poder aquisitivo menor. Esse vem bastante, tem épocas assim que chega a ter 300 ônibus em Vigolo. E daí eles vêm de manhã, muitos até trazem alimentação de casa, eu acredito que esse é o turismo religioso, são pessoas, ao meu ver, que eles já têm muitos problemas, muitas dificuldades financeiras e vêm buscar essa benção na Madre Paulina, então é um turismo que não vai ser muito explorado. Entendeu? Porque não tem. Agora, o outro, o turista esse que vem à passeio, com poder aquisitivo maior, é que o turismo de Nova Trento sobrevivesse desse, que até mesmo muitas vezes ficam em hotel, pousadas. É esse, mas não é assim uma quantidade muito grande, eu não vejo<sup>315</sup>.

Mas a idéia é justamente atrair os turistas endinheirados, mais do que o peregrino com pouco dinheiro, como nos conta o Secretário:

Por enquanto é o turista romeiro, peregrino que vem e retorna. Não é um turista que fica e que gasta. Então nós temos que fazer com que o turista venha para cá, mas que ele permaneça aqui, dois, três, mais dias. Esse é o nosso trabalho em época de verão, fazer com que o turista que venha para cá e que permaneça, pois é um turista que tem dinheiro. Pois se chover nas praias logicamente fica sem ação, sem lazer. Então a gente vai oferecer o nosso produto nesse período, que o pessoal que está lá embaixo que venha nos visitar<sup>316</sup>.

Todo o processo de criar e manter um clima propício para o turista na cidade é muito efêmero; além disso, estão concorrendo com as praias. Não seria o caso de adaptar-se ao seu público flutuante o que os neotrentinos têm para oferecer, ainda embrutecido, mas seria necessária, antes de tudo, uma maior integração entre população, poder público e empresariado para superar as diferenças e apostarem na coletividade, sobrepujando os pontos fracos do município, transformando-os em fortes. Dessa forma, percebemos a importância do turismo na urbanização de Nova Trento, já que essa atividade exerce influências determinantes no desenvolvimento da região, mesmo que este ocorra lentamente.

Esse produto chamado fé, explorado pela atividade turística, é teorizado por Mildlik e Middleton, que o classificam como o “conjunto dos elementos que, podendo ser comercializado, directa ou indirectamente, motiva os deslocamentos, gerando uma

<sup>315</sup> ADAMI, Maria Cristina. 40 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/09/2005. p. 2.

<sup>316</sup> ROVER, Saul. Entrevista citada. p. 1.

procura”<sup>317</sup> pelo produto explorado. Dentro do contexto da Comunidade Europeia, vem denominada como um receptáculo a atividade turística. Os autores continuam a explicar que

é um amálgama de elementos tangíveis e intangíveis centrados numa actividade específica, num destino específico. Compreende e combina as atrações actuais e potenciais de um destino, as facilidades, a acessibilidade ao destino, dos quais o turista compra uma combinação de actividades e arranjos<sup>318</sup>.

Por exemplo, o empresário neotrentino Agostinho Orsi nos diz que “hoje tem mais comércio aberto direccionado ao turismo, são vinícolas, são pontos e produtos coloniais<sup>319</sup>, hotéis, pousadas, restaurantes, posto de gasolina, pessoas que batem fotos, taxistas, tudo gira em torno do Santuário”<sup>320</sup>. Podemos constatar, ainda outros produtos na voz de Maria Cristina, funcionária da Prefeitura Municipal de Nova Trento, locada na Secretaria do Turismo: “são vendidos assim, nós temos vários locais de venda de produtos típicos. [...] Os produtos típicos são vários produtos, e há vários pontos de venda. Geléia, o vinho já te falei, tem o artesanal, licor, tem bastante licores aqui, eles fazem artesanalmente”<sup>321</sup>.

Na perspicácia do espírito empreendedor<sup>322</sup>, o que se encontra no município de Nova Trento “está relacionado como o processo de iniciar um negócio, organizar os recursos necessários e assumir seus respectivos riscos e recompensas”<sup>323</sup>. Constatamos um fato interessante: a maioria dos comerciantes que dirigem os seus respectivos negócios, tanto em Vígolo quanto na sede, são mulheres. Elas trabalham para aumentar a sua renda, e esperam ações concretas das Irmãzinhas para alavancar os seus negócios, enquanto os maridos estão em outras cidades, trabalhando em diversas outras funções, sejam intelectuais ou braçais. Haveria aqui um machismo no comércio, não sendo dado o valor devido a tal função? Ou temos ainda presente o espírito dos colonizadores, em que o

<sup>317</sup> MILDLIK; MIDDLETON apud CUNHA, Licínio. **Economia e política do turismo**. São Paulo: Mcgraw-hill, 1997. p. 54.

<sup>318</sup> Idem.

<sup>319</sup> Ver, no anexo 10 os produtos coloniais mais vendidos em Nova Trento.

<sup>320</sup> ORSI, Agostinho José. Entrevista citada. p. 2.

<sup>321</sup> CADORIN, Elizete Terezinha. 38 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/09/2005. p. 1.

<sup>322</sup> Entende-se por espírito empreendedor como um divisor de águas no mundo dos negócios. As pessoas estão criando seus próprios negócios num ritmo sem precedentes. Isto está acontecendo no Brasil, nas Américas e até em países como a República Checa, Hungria, Rússia e China. A magnitude da mudança é impressionante: só nos Estados Unidos, o número de novos negócios passou de 90 mil, em 1950, para mais de 2 milhões, hoje. PEDROSO, Ediberto Tadeu. **Administração e os novos paradigmas**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004. p. 117-118.

serviço mais leve, que não requer força bruta, era destinado às mulheres? Ou o atendimento ao turista, seja direto ou indireto, é tido como mais um agregador para aumentar a renda familiar, sendo a mulher por isso responsável? Ou, ainda, Nova Trento seria uma cidade administrada/regida por mulheres, seja pela santa, pela prefeita, pelas balconistas e tantas outras? São questões para se analisar em futuras pesquisas.

De modo geral, há um consenso compartilhado por quase todos/as neotrentinos/as que vêem Santa Paulina como sal da terra. Ela é negócio para movimentar o mercado, tanto que o turismo religioso, segundo Esperidião Amin, é um *hot point*:

Santa Paulina significa um *hot point*. Analisando isso no ar da economia interna, um *hot point*, ou seja, o fato dela ter vivido em Nova Trento e lá ter praticamente desenvolvido toda a sua vida pública. Acho que a parte da vida pública dela foi em São Paulo. A parte boa da vida pública dela foi em Nova Trento. Concede a Nova Trento e a Vígolo em especial, a condição de *hot point*. Se é um *hot point*, ele é procurado, ele pode ser procurado por pessoas que vão lá e não tem o que ver; e pode ser procurado, e as pessoas encontrarão hotel, um belo templo, um enunciado de quem foi a pessoa, quem são as suas servas, suas seguidoras, um hospital ligado ao tratamento de câncer, câncer terminal. Não com o objetivo de curá-los, e sim cuidar das pessoas, como era o nosso projeto, o hospital em síntese. Santa Paulina representa para Nova Trento um presente de Deus, que pode ser bem utilizado, muito bem utilizado ou mal utilizado. O esforço dos homens do governo, governos, organização religiosa, a sociedade civil, prefeito... Não precisa ser católico para perceber que Santa Paulina é um potencial de desenvolvimento do seu município, de desenvolvimento de uma série de outras conseqüências da passagem de Santa Paulina por Nova Trento. Então, eu acho que ela é fundadora de um *hot point*, ou seja, de um ponto de atração que pode ser bem aproveitado, mais ou menos bem aproveitado, ou mal aproveitado ou muito bem aproveitado. O que eu acho é que a nossa inteligência impõe buscar<sup>324</sup>.

Como um *hot point*, Santa Paulina é marca indelével para a cidade e região e vem sendo usada e contextualizada por onde passou, como fonte sofisticada para a economia local. Como bem observa Eliade Mircea, na obra *Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*, o espaço sagrado é concebido como uma geografia mítica única efetivamente real, porque foi ali que nasceu e, sendo assim, o local se torna o centro, que converge e emana religiosidade<sup>325</sup>.

<sup>323</sup> PEDROSO, Ediberto Tadeu. Op. cit. p. 118.

<sup>324</sup> HELOU Filho, Esperidião Amin. Entrevista citada. p. 5.

<sup>325</sup> ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 48.

As pessoas buscam o consolo divino, e os neotrentinos aproveitam da oportunidade para seu uso próprio, ganhando visibilidade em âmbito nacional ou internacional, porque as Irmãzinhas farão catequese da sua Fundadora. Com isto, Nova Trento ganha novos visitantes, que usufruirão do comércio que, através da Santa, ganha várias formas. Como nos relata Irmã Ilze, responsável pela administração externa do Santuário:

isso seria até interessante, na última reunião tivemos até na prefeitura, então eles falando disso [de tirar proveito de Santa Paulina]. Porque a prefeitura não tem como melhorar nada aqui, mas o povo reconhece, por exemplo, uma constatação que fizeram. Não havia um restaurante em Nova Trento, não havia um hotel, não havia uma churrascaria, essas coisas, nada. Era apenas uma cidadezinha pacata do interior. E agora veja bem como está tudo isso aí. Quantas pessoas, nós temos 40 barracas aqui, que são do santuário, alugadas, já são 40 famílias ganhando o seu sustento, além dos outros proprietários que também têm. Mas então estão reconhecendo, por exemplo, por que dois, três, quatro hotéis. Nova Trento nunca teve hotel, só um hotelzinho ali da praça, que deve ter quatro, cinco quartos, nada mais. Então Nova Trento está se desenvolvendo assim. Não é só Nova Trento, o Vale. Esses dias eu contei ao longo da SC blocos desses pré-moldados enormes, 21. Por que São João tá saindo da cidade pra vir pra estrada? Então é todo o Vale beneficiado, entendeu? E não, isso vai mais longe, por exemplo as empresas de ônibus, transporte. O que se consome aqui em mantimentos, em carne, pros restaurantes. Tem os indiretos, vem de longe tudo isso. Então a coisa é mais abrangente, mas o local aqui se beneficiou muito e continua se beneficiando, Nova Trento<sup>326</sup>.

Neste aproveitamento da imagem da Santa, vem reforçar a sagração, em 22 de janeiro de 2006, do seu Santuário, este dedicado a Santa Paulina, enquanto o outro é dedicado a Nossa Senhora de Lourdes. Com isto, aparece um ponto a mais para agregar valor a Vígolo, como mais um elemento forte para continuar a transformar Nova Trento, em especial o bairro no qual a Santa iniciou sua obra, migrando do setor primário para o terciário, o que fomenta serviço. Nessa linha de pensamento, temos José Vicente de Andrade: “As atividades características do turismo levam as pessoas à utilização de bens produzidos pela natureza [...] para que, transformados pela atividade criativa de pessoas e grupos diversificados, sirvam às necessidades básicas e aquelas que a própria sociedade cria”<sup>327</sup>.

A construção do novo Santuário é um novo elemento impulsor de fé, utilizado como um ponto a mais para o turismo, com o quê espera-se o aumento do fluxo de passantes, por haver um lugar próprio e maior para a veneração da Santa. Atualmente, os

<sup>326</sup> MEES, Ir. Ilze. Entrevista citada. p. 3.

atos litúrgicos estão sendo realizados em um local improvisado, em cima do Restaurante e Lanchonete Madre Paulina, mantido pelas Irmãzinhas. As missas acontecem, geralmente, às 11:00 horas, de 3<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup> feira, exceto às segundas, dia de repouso dos padres e das Irmãs. Nos sábados, as missas são às 11:00, 16:00 e 18:30 horas e, nos domingos, às 08:30, 10:00 e 16:00 horas. Quanto acaba a celebração litúrgica, o almoço embaixo é servido.

O Secretário de Turismo, Saul Rover, questionado sobre a participação do poder público local na construção do Santuário, nos conta que está sendo feita com o dinheiro das Irmãzinhas e das doações dos fiéis<sup>328</sup>:

As irmãs trabalham quase que individualmente, o poder público não pode investir em nada lá, isso é proibido por lei. Mas ao que compete ao poder público, os acessos, e os empresários também com os projetos de parcerias, os empresários podem participar também junto ao poder público na melhoria desses acessos. Existe sim união entre o poder executivo e os empresários. Agora poder executivo, empresários junto com as irmãs não existe. As irmãs estão trabalhando sozinhas. Estão trabalhando bem, muito bem por sinal. Dão um show em nós. Elas têm um Patrimônio também. A basílica em si foi construída somente por elas e pelos romeiros, pelas contribuições entende?<sup>329</sup>.

Nas palavras do secretário, as Irmãzinhas dão um *show* nos políticos e nos empresários em organização e interesses delas em ir em frente com todas as dificuldades, elas partem do individual enquanto seres humanos e chegam ao coletivo “elas pensam igualzinho”, diria Cristina Adami; no contexto do poder político e empresarial eles partem do coletivo para poderem angariar alguma benfeitoria para si próprio, com isto temos inversão de valores, “como instância mediadora à efetividade da esfera política”<sup>330</sup>.

Essas colocações associam-se ao *ora et labora*, da parte das Irmãzinhas, ou ao provérbio popular “mente vazia, oficina do diabo”, como era sempre reiterado para as Irmãzinhas pelos Jesuítas. A questão é trabalho e trabalho. A Ir. Ilze nos diz de onde vem esse dinheiro:

a renda ela é uma economia da Congregação. Nós somos 500 irmãs, 570, por aí, nós temos muitas idosas. Então o trabalho, porque nós, pelo voto de pobreza, produzimos, temos ganho, mas ninguém retém o seu salário.

<sup>327</sup> ANDRADE, José Vicente. Op. cit. p. 99.

<sup>328</sup> Ver no anexo 11, o formulário para as doações do Santuário de Santa Paulina.

<sup>329</sup> ROVER, Saul. Entrevista citada. p. 1.

<sup>330</sup> HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flávio Kothe. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1984. p. 42.

Então isso tudo é colocado num caixa comum, isso aí bem administrado, bem aplicado ele rende. E uma fonte maior nossa atualmente é aluguel de quatro grandes colégios, um em cada quarteirão, então no interior de São Paulo ou mesmo na capital também, onde nós fechamos as nossas atividades e esses prédios são alugados. Este aluguel é um dinheiro que cai limpo todos os meses. E isso foi formando o fundo pelo qual agora podemos construir esse Santuário. E também a ajuda do povo, mas são coisas que são menores, mas a parte mais forte é esse da Congregação<sup>331</sup>.

Ari Piffer, pedreiro e dono de um pequeno negócio, em Vígolo, de revenda de vinhos Girolla e outros produtos típicos da região, comenta que

[...] os turistas que ajudam. Tem quem ajuda. Tem gente que vem aí dá 1000 reais, tem gente que dá 500 pras irmãs, por que sabe que se eles dão, até o padre chegou aqui um dia e disse que deu 1000 reais e disse assim, se tu desse passaria só com nota fiscal, senão sai um real. Pode dar cinco reais de esmola, passaria de cinco reais, só com nota fiscal. Não tem caixa dois ali, porque se nosso [...] fosse igual das Irmãzinhas, nós tava podre de rico. Nós temos uma vergonha dos brasileiros que estão lá [Brasília]. A única empresa que trabalha honesto<sup>332</sup>.

Como não existe interesse individual das Irmãzinhas, dado o processo de formação porque passaram e pela formação religiosa (o postulante, o Noviciado, o juniorato e a profissão perpétua), pelo uso da vida comunitária que levam, por trabalharem para o mesmo objetivo e também em virtude do voto de pobreza, é propícia a canalização econômica. Parafraseando a Ir. Ilze, com uma boa aplicação se prospera. Desta forma, se tem a construção do Santuário de Santa Paulina, local de culto próprio e um lugar de peregrinação, destinado a acolher os fiéis em grande número. Quanto às Irmãzinhas, vale lembrar que, primeiramente, antes de serem consagradas, são mulheres, enquanto o empresariado e o poder político são constituídos fundamentalmente por homens. Elas dão um belo *show* em administração ou, como diria o ex-governador Amin, definindo as mulheres: são persistentes como as crianças.

Assim, a busca permanente pelo divino é a razão maior das Irmãzinhas, em particular na procura do Esposo, e, seguindo a regra inspirada no carisma da Fundadora, com isto fazem um ponto alto para o coletivo, quando todos esperam da Congregação a ação

<sup>331</sup> MEES, Ir. Ilze. Entrevista citada. p. 5.

<sup>332</sup> PIFFER, Ari. 61 anos. Nova Trento. Entrevistado por José do Nascimento. Nova Trento, 17/09/2005. p. 5-6.

alavancadora. Como explanou Júlio César, “Enquanto a população e os estabelecimentos voltados aos turistas não pensarem no coletivo, não teremos bons resultados”<sup>333</sup>.

### 3.4 Santa Paulina: a *cuccagna*

É através da imagem de Santa Paulina, pequena camponesa vinda da Itália com seus pais, com o propósito de fazer em terras longínquas a *Cuccagna*, em razão da violenta crise econômica que assolava toda Itália no século XIX, que se realiza a própria *cuccagna*. Nova Trento se torna o que é hoje, uma cidade com grande potencial turístico, em razão do fato de ter acolhido a ela e a seus familiares. Deste modo, detém o primado do título da primeira Santa brasileira, máquina propulsora que movimenta a economia do Município. Nesta linha de pensamento, Vilson Mário Sgrott, falando da falta de preparo dos neotrentinos em receber o turista, diz que

[...] iam embora, porque não tinha o que fazer aqui. Mas em 91 teve a beatificação. E aí começou o fluxo turístico pra Nova Trento. E por incrível que pareça a gente não se apercebeu e também as autoridades não levaram isso a sério, não pensaram que isso aí seria, para o futuro, um desenvolvimento que traria divisas para o município. E perderam muito tempo nisso. Nova Trento ainda tem muito o que fazer, nós temos muitos locais que poderiam ser explorados, o turista poderia vir aqui e ficar vários dias e se sentir bem. Hoje ele vem, ele pode ficar um dia ou dois, aí ela já tem que recorrer aos municípios vizinhos, que até essa parceria deve existir, mas a grande verdade é essa: esse movimento que tá crescendo e que vai crescer cada vez mais não deixa de ser um verdadeiro milagre. Tudo por causa dessa juvenzinha, a Madre Lúcia Visintainer, hoje reconhecida como Santa Paulina [...]<sup>334</sup>.

Assim, as Irmãzinhas acabam sendo a chave do tesouro. Sem elas não existiria o fenômeno religioso tal como está organizado, nem a cidade se encontraria em situação de servir de modelo para a região enquanto estrutura para receber os passantes, ganhando grande visibilidade e efetiva possibilidade de auto-sustentação com a canonização. Diferentemente da prefeitura e da maioria dos habitantes de Nova Trento, as Irmãzinhas, que também passaram por este “espanto”, logo retomaram as forças e se reanimaram para seguir em frente. Assim, a Santa propicia o desenvolvimento almejado pelos primeiros

<sup>333</sup> SANTOS, Julio César. Entrevista citada. p. 2.

<sup>334</sup> SGROTT, Vilson Mário. Entrevista citada. p. 8.

imigrantes, não somente ao município mas também a regiões do Vale do Rio Tijucas, que se desenvolvem e oferecem oportunidades de trabalho.

Dessa forma, há os que trabalham em restaurantes, próprios ou não, como patrão ou empregado, em pequenas lojas ou como camelôs, quase todos concentrados, na Rua Madre Paulina, beneficiando-se dos passantes que vão ao Santuário. Esses benefícios se dão mesmo de forma indireta para Nova Trento que, para manter o turista na cidade, precisa ter infra-estrutura e condições de recebê-los, ao passo que a imagem da Santa se oferta como oblação, dando adereços simbólicos que representem a Santa, como sinalização da estrada, a busca da italianidade na festa *Incanto Trentino*, o Círculo Trentino, oferecendo também aos passantes elementos que possam ser reutilizados pelos que vão a Vígolo. A maior preocupação dos comerciantes é que lá se torne mais importante que a sede, pelo menos no sentido do comércio.

Em Vígolo, a situação está “boa”, o que se pode constatar pela fala de Lourdes Pianezzer: “pro lugar aqui nosso, aqui é município de Nova Trento, mas aqui se chama Vígolo, aqui foi um grande milagre que deu. Porque meu Deus do céu, olha que a gente daqui melhorou bastante. Melhorou bem de vida, saiu muito emprego, surgiu muito emprego pros nossos aqui. Isso ali tá mil maravilha”<sup>335</sup>.

O mesmo se observa na fala de Sandra Bento, comerciante no Santuário: “Ah, era bem menor, não tinha tantas pessoas que vinham visitar, tinha bem menos povo que vinha, não tinha quase lojinhas, não tinha nada”<sup>336</sup>. Com essas visitas, abrem-se novos mercados, como no Santuário: “quantas pessoas, nós temos 40 barracas aqui, que são do Santuário, alugadas, já são 40 famílias ganhando o seu sustento, além dos outros proprietários que também têm”<sup>337</sup>.

Evidentemente, fazer uma peregrinação, nos moldes da experiência urbana, é praticar um ritual de lazer e turismo, seja por motivos de devoção e práticas eclesiais, seja por curiosidade de estar em um local diferente. Em ambos os casos, se exercita uma ação de bem estar, pois procura-se uma utilização mais significativa do tempo livre.

---

<sup>335</sup> PIANEZZER, Lourdes Vinotti. Entrevista citada. p. 2.

<sup>336</sup> BENTO, Sandra. 18 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/09/2005. p. 1.

<sup>337</sup> MEES, Ir. Ilze. Entrevista citada. 17/09/2005. p. 6.

<sup>337</sup> ELIADE, Mircea. Op. cit. p. 48.

A fé e os negócios em Vígolo se dão mediante o tráfego de pessoas que circulam no Município em busca do símbolo da cidade. Como afirma Maria Cristina Adami:

exatamente, e vinculada à Madre Paulina, apesar que hoje o turismo lá na Madre Paulina eles já perceberam que o turismo religioso é de um poder aquisitivo menor. Tanto é que hoje, o quê que vende mais? Vende mais uma fitinha, que tu compra a menos de um real, uma pulserinha a menos de um real, entendeu? Não adianta tu ir lá querer explorar numa coisa muito cara. Então o mais caro que eu acredito que eles levam ali é o vinho, das vinícolas próximas<sup>338</sup>.

Até a beatificação de Madre Paulina, a cidade era então um recôncavo longe de qualquer atrativo. Esse se deu em razão da movimentação dos transeuntes ao Santuário da primeira santa brasileira. “Ah, bem devagar, era bem mais calmo, existia muitos colonos, era uma colônia, hoje o pessoal sobrevive bem mais em cima do comércio. Melhorou bastante, mas não tá o que era pra tá, podia tá melhor o movimento”<sup>339</sup>.

Nova Trento está ligada, assim, ao símbolo da representatividade religiosa e econômica da Santa. Falar de Nova Trento é falar de Santa Paulina. O município foi conhecido como celeiro das vocações para muitas congregações e seminários. Fora deste âmbito, ou seja, do religioso, o local tinha pouca visibilidade e era, tal como qualquer outro Município com aspecto pacato e singular do interior catarinense, atuante em outras esferas. É a partir da exaltação de Santa Paulina que se torna possível dizer que os neotrentinos estão começando a realizar o objetivo dos seus antepassados, vindos da Itália para fazer *la Merica* ou a tão desejada *Cuccagna*.

---

<sup>338</sup> ADAMI, Maria Cristina. Entrevista citada. p. 3.

<sup>339</sup> DALLABRIDA, Valter. 47 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17/09/2005. p. 1.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa pretendemos mostrar os fundamentos do turismo religioso e sua atuação no mercado, e a relação entre fiéis e aquilo em que acreditam. As noções de turismo e seus aspectos de ofertas de produtos como fator culminante para desenvolver Nova Trento estão em evidência na investigação, como linguagem significativa da trajetória humana e atualmente mais forte, como um novo e promissor filão econômico para deslançar o município. O tema é envolvente; as fontes sofisticadas, e houve uma relação visceral com o método, no entendimento preocupações que traspassam a visão de mundo de homens e mulheres que buscam o encontro com o *eu* interior, num ambiente permeado de religiosidade, num lugar rodeado pela natureza, cujo interesse em conservá-la caracteriza-o como uma territorialidade ecológica. Aqui se vê a natureza como aquela originária da *physis* para os pré-socráticos, e a natureza humana, como para Max, que usufrui e é usufruída.

Nova Trento, na sua origem e evolução, apresenta características que justificam um estudo exploratório de sua realidade, até porque ainda não se tem notícia que resgate as impressões sobre os passantes que por lá caminham em direção ao Santuário de Santa Paulina do Coração Agonizante. A submersão nesse estudo não foi apenas uma busca de fatos inertes do passado, mortos e superados, uma vez que “a única coisa que ela (a História) é realmente boa é em encontros”<sup>340</sup>. Neste viés, através das discussões da historiografia atual a respeito da identidade, do conceito de cidadania e da redefinição do sujeito, com base nessa *revisitação filosófica*, encontramos novas formas de análise. Como afirma Nicolau Sevcenko, o ser humano é antes de mais nada histórico. Como da carne, do sangue e dos ossos, ele é consubstancialmente feito da história e, neste contexto, não pode ser compreendido exclusivamente por seus conteúdos físicos ou psicológicos, mas como a “encarnação” de toda a história que o precede<sup>341</sup>. Vem, ao nosso encontro, Bourdieu:

---

<sup>340</sup> SCHORSKE, Carl E. A história e o estudo da cultura. In: **Pensando com a história**: indagações na passagem para o modernismo. São Paulo: Cia das Letras, 2000. p. 242.

<sup>341</sup> SAFATLE, V. A vida como *reality show*. In Mais! **Folha de São Paulo**. São Paulo, 29 fev. 2004, p. 8-9.

As lutas em torno da identidade étnica ou regional, quer dizer, em torno de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem, bem como das demais marcas que lhe são correlatas, [...] constituem um caso particular das lutas entre classificações, lutas pelo monopólio do poder de fazer ver e de fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por essa via, de fazer e desfazer os grupos<sup>342</sup>.

Através da imigração européia, a formação de Nova Trento compreende, ainda, o imaginário sobre as construções religiosas. Foram apontados, na pesquisa, o histórico, as tradições e a cultura, fazendo a identificação do povo local, observando a participação de peregrinos e turistas, visto que são eles que estão determinando a economia local e da região em que se concentra a valorização do evento religioso. Os neotrentinos, que outrora vieram de um país longínquo, fazem parte de um município que se tornou, por sua vez, um local de migração, passando a abrigar e a acolher uma população bastante heterogênea, formada por brasileiros e estrangeiros; os co-nacionais, na sua maioria operários, enquanto os estrangeiros como: italianos e alemães ocupam um posto relevante na sociedade neotrentina.

A estreita ligação do Município com a Igreja Católica, sendo 95% da população católica e 5% de outras denominações religiosas, promove, entre a população que convive com essa realidade, uma imagem da instituição como caritativa e prestativa e ainda faz essas “representações sobre a mesma realidade”<sup>343</sup>. Dentro da perspectiva política, vem ao nosso encontro Hannah Arendt: “há muitas coisas que não podem suportar a luz implacável e crua da constante presença de outros no mundo político”<sup>344</sup>.

Nesse sentido, a construção da narrativa pela História Oral foi capaz de suscitar, e não solucionar, perguntas, demonstrando práticas, estratégias e discursos, no debate sobre o campo questionado. As conclusões não intentam ser o fim único e homogêneo de fatos constatados ou hipotéticos, mas sim um olhar sobre mais uma página que começa a ser escrita na de Nova Trento.

---

<sup>342</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas lingüísticas**: o que Falar quer Dizer. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 108.

<sup>343</sup> PATLAGEAN, Evelyne. A história do imaginário. In: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

<sup>344</sup> ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 5ª ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991. p. 61.

No primeiro capítulo, *Os fios condutores na confecção do Santuário de Santa Paulina*, foram vistas algumas situações existentes na Itália antes e depois da unificação italiana, acontecida em 1861, como por exemplo, a falta de visibilidade do Estado nascente em praticamente em toda a península. Havia também a ingerência da Igreja Católica no dia-a-dia dos trentinos, que, por outro lado, muitas vezes era a única possibilidade que tinham de auxílio em uma conjuntura econômica e social que desfavorecia o desenvolvimento humano, na medida em que o espaço para o cultivo da terra era pequeno e pobre de materiais que a tornassem produtiva, sendo quase toda Itália desfavorecida de planície, rodeada que é pelos Alpes e Apeninos.

A saída, para muitos europeus, foi a imigração para os países vizinhos e, depois, para lugares mais distantes, na grande diáspora transoceânica, sendo a América do Norte, Central e do Sul destino de muitos. *A terra brasilis* foi procurada pelas vantagens oferecidas pelo Governo Imperial. Assim, acontece a instalação dos europeus em terras brasileiras. Para o sul do Brasil vieram italianos, alemães, poloneses e tantas outras etnias. No caso que engloba esta pesquisa, esses vieram do Norte que, por sua vez, naquele momento da procura da *cuccagna*, faziam parte do território da Áustria. Com eles, trazem nos seus baús a sua cultura e a forma de interpretá-la, sendo a religião o agregador maior, que norteava a sua razão de ser e de estar. Com isto, a necessidade de algo visível para representar a sua fé, para mostrar a direção a seguir e o ponto de reunião, de encontros, de vendas, servia para todos os fins comunitários e econômicos. Logo, as capelas foram sendo construídas, recebendo os nomes dos padroeiros de origem, o que servia para (re)lembrar o que ficaram para trás.

Os neotrentinos, nos primeiros momentos, foram atendidos pelo padre Alberto Gattone pároco de Brusque. Alguns anos depois, em Nova Trento, foram estabelecidos os rizomas dos padres da Companhia de Jesus, imprimindo um caráter religioso em todos os âmbitos, passando o Município a ser conhecido em Desterro como um município conventual. Pode-se até conjunturar a implantação de uma república jesuítica por lá. Na leva dos primeiros desbravadores de 1875, vieram a família Visentainer, da qual uma das suas filhas, Amabile, desabrochada nessas paragens, funda a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, subindo aos altares, em 2002, para se tornar a primeira Santa do Brasil e de Trento, na Itália.

Na seqüência, observamos a preparação do cenário pelas Irmãzinhas para a permanência dos passantes. Vimos, portanto, que uma grande parte dos monumentos presentes foram elaborados e construídos, e a natureza canalizada, para propiciar aos que visitam o lugar uma maior plasticidade dentro do território do Santuário. Aqueles que freqüentam o local sabem que ali serão atendidos no que vieram procurar; na busca de graças, no pagar e fazer promessas ou simplesmente na busca de lazer. Dentro do ambiente desejado, as pessoas ficam como que transportadas pela realidade imediata de paz e tranqüilidade, e pelas explicações do senso comum<sup>345</sup>. Santa Paulina, que fundou uma congregação e fez de tudo para que ela continuasse, e que até mesmo anulou-se recebendo o exílio e perdendo o cargo de Superiora Geral, dá exemplo de abnegação diante de tanta miséria humana. Por ter vivido segundo os critérios da igreja, torna-se a primeira Santa do Brasil.

Santa Paulina buscou a experiência religiosa do seu tempo como razão do seu ser, anulando-se para que o outro aparecesse. Com a sua morte, são atribuídos a ela muitos milagres e graças. Como mulher de fibra, com as características laboriosas de uma imigrante italiana, pobre, uma coloninha, desprovida de qualquer meio, ela se identifica com a realidade brasileira para alguns; para outros ela foi aquilo a que se propôs: uma Santa. Independentemente do que as pessoas pensem ou falem sobre ela, é um fato concreto e real que muitas pessoas passam por lá, procurando o que quer que seja, sendo um local provido de uma grande energia que emana da natureza ou dos artefatos construídos pelas mãos dos homens.

As pessoas que freqüentam o Santuário se colocam como visitantes, que vieram conhecer o local, fazer um passeio ou apenas sair de casa, como disseram alguns. Os termos peregrino, ou romeiro, e turista são utilizados pelo meio acadêmico. As pessoas que estão lá não estão preocupadas com rótulos; elas somente querem estar lá, independentemente da sua crença. Esse último, o turista, é mais presente nas férias escolares, o que não significa que não sejam peregrinos ou romeiros. O importante é que eles vão e muitos retomam. Nesse contexto, os passantes se tornam líquidos, ou seja, adaptáveis, sem preocupação em pertencer a alguma denominação religiosa. Neste sentido, pode-se ver uma questão de um simbolismo pragmático religioso.

---

<sup>345</sup> MONTENEGRO, A. Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2000.

No último capítulo, observamos o fenômeno do início do turismo, como foi caracterizado, sua colocação no mercado e o seu desenvolvimento, seguindo sua trajetória passando pelos grandes centros até chegar em Santa Catarina. O turismo sai do “imaginário, se torna palpável quando, fugazmente, se coloca como uma possibilidade de desdobramento do real: o querer ver (subjetivo) algo faz com que esse algo se materialize através de algum elemento do real (objetivo)”<sup>346</sup>. Desse modo, realiza-se uma ação econômica dentro da perspectiva de *trade*.

Vários meios são usados para dar vulto à cidade, fazendo dela um *hot point*, uma vez que, até então, não tinha, como se dar visibilidade, tornando-se conhecida do público em geral. Era, antes, uma cidade “nostálgica com o passado”<sup>347</sup>, sem maior destaque, conhecida como um lugar permeado de italianidade, mas sem representatividade, mesmo acontecendo a cada ano a festa de *Incanto trentino*, que não fazia dela um estandarte de expressividade e sim “seletiva, cuja versão é trazida a público através de emblemas de um passado seletivo, pelos fazedores de festas”<sup>348</sup>. Os neotrentinos são arraigados no apego aos seus antepassados, identificando-se nas “maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural”<sup>349</sup>.

O seu desenvolvimento no terceiro setor (serviços) se dá pelos investimentos feitos por parte da prefeitura para a implantação das indústrias calçadistas na cidade, desta forma alcançando-o e empregando pessoas oriundas de outros estados e da própria cidade. Já o potencial turístico é baseado na atividade periférica, com forte índice de feminização, na medida em que os homens geralmente vão trabalhar em vários setores e segmentos fora da cidade, muitas vezes até morando onde trabalham e retornando no final de semana, como é o caso dos pedreiros, enquanto as mulheres ficam no município trabalhando para ajudar na renda familiar. A ação de procurar emprego longe da cidade se dá em função da falta de trabalho, e também por estar na origem dos neotrentinos a

---

<sup>346</sup> BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 147-148.

<sup>347</sup> LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3ª ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p. 220.

<sup>348</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos. Op. Cit. p. 46.

<sup>349</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 41.

busca pelo meio para a sobrevivência longe das famílias, como já vimos na primeira parte do primeiro capítulo, quando os antepassados partiram para terras estrangeiras.

O trabalho que as mulheres executam no comércio está, sem dúvida, ligado à figura de Santa Paulina, uma mulher, em uma cidade rodeada pelos seus aspectos bucólicos, com dois Santuários cujos padroeiros são duas santas e, também, pela prefeitura governada por uma mulher. Além disso, são as Irmãzinhas, ou seja, mulheres também, que dão continuidade às atividades da Madre Fundadora, reformulando os aspectos naturais do território do Santuário, e com isto, entretendo as pessoas que por lá passam. Sem elas não seria possível a dimensão holística do Santuário e do município. A aparição da Santa e sua divulgação pelas mídias fazem do Município um entrelaçar, um casamento; mas este matrimônio não é perfeito, porque as pessoas não param na sede e quase todas seguem até Vígolo. Por outro lado, é lá que se encontram os artefatos cenográficos para o público alvo, o religioso, e as Irmãzinhas fazem uso de todos os objetos relacionados à santa, ou que a possam representar, construindo-os. Desse modo, em Vígolo, observamos a instrumentalização do espaço sagrado por um mascaramento econômico, seguindo a tendência do mercado, aproveitando tudo o que se pode elaborar para desenvolver o município através da experiência religiosa dos passantes. Dessa forma, os neotrentinos começam a realizar, a *cuccagna*, tão desejada por seus antepassados.

Chegamos ao término da jornada iniciada alguns meses atrás, caminhando a pé pelas ruas e vielas do município de Nova Trento em direção a Vígolo. Sentíamo-nos “ligados” ao caminhar por lá, lembrávamos o que tínhamos lido e estudado. Depois desse percurso, concluir a pesquisa não significa ter chegado ao seu final absoluto. Pelo contrário. A partir da jornada “concluída”, temos a certeza de que há muito para desvelar, construir, escrever, impulsionar. Esse concluir não significa aqui que o fim de um dia seja ruim, não mesmo; é o momento de relembrar o que ocorreu, as caminhadas feitas, o que se deixou de fazer e sentar para ver os beija-flores demonstrarem, ao sugar o néctar das flores das irmãzinhas, o quanto se tem para aprender com o pôr do sol e a espera da aurora. Assim é Vígolo, aprender a produzir construindo um cenário rico em contribuições para o turismo e para a economia que não teria sentido sem a Canonização de Paulina.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES, PERIÓDICOS, SITES E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

#### 1) FONTES

- Arquivo da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição (Florianópolis).
- Arquivo da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição (Nova Trento).
- Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis. Livro Tombo do Santuário, folha 06.
- Arquivo da Paróquia de Nova Trento.
- Arquivo da Província Jesuítica do Brasil Meridional (Porto Alegre).
- Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. **Coleção de Leis Imperiais, 30/06/1874.**
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** título III da Organização do Estado promulgado em 5 de outubro de 1988. 38ª ed. atual. São Paulo: Saraiva, 2004. Cap. I, p. 23, art. 19.
- CONSTITUIÇÕES E DIRETÓRIO: Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição São Paulo: Casa Geral, 1997.
- Diretrizes da Ação Evangelizadoras do Santuário Madre Paulina. fotocópia.
- LEÃO XII. **Encíclica *Rerum Novarum.*** 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1959.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo demográfico de indústrias.** Brasília, 1970, 1980.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo demográfico de regiões.** Brasília, 1970, 1980, 1991 e 2000.
- PIO IX. **Encíclica *Quanta Cura (anexo) Syllabo:*** sobre os erros do Naturalismo e Liberalismo. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1959.
- PROGRAMA INTEGRADO DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO: Diagnóstico Municipal de Nova Trento. Florianópolis, 1990.
- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE- Nacional. Plano Integrado de desenvolvimento de turismo sustentável: Nova Trento-SC. Nova Trento, 2005.

## 2) PERIÓDICOS E REVISTAS

BARROS, Willians. Santa de casa. *Seleções Reader's Digest*. Rio de Janeiro, p. 13, jul. 2003.

\_\_\_\_\_. O milagre (econômico) de Santa Paulina. *National Geographic*. São Paulo, nº 35, p.120-125, mar. 2003.

BASÍLICA DE SANTA PAULINA: Gera polêmica entre lideranças e comunidade em Nova Trento **Município Dia-a-Dia**: Especial 50 anos. Brusque, 26 jun. 2004.

BERTOLINI, Jéferson. Paulina: a primeira santa do Brasil. **Jornal de Santa Catarina/ Diário Catarinense**. Florianópolis, 19 maio 2002. Guia da Canonização.

\_\_\_\_\_. Vígolo recebe cruz da beatificação. **Diário Catarinense**. Nova Trento, 02 de marco 2005. Geral.

DEMORI, Leandro. A fé que move negócios. **Amanhã**, Porto Alegre, nº 195, p. 20-23, jan./ fev. 2004.

HOMENAGEM à Irmã Célia Cadorin. **Município**. Brusque, 12 jul., 2002. Nova Trento, Destaques, p. 10.

**L'Osservatore Romano**, Roma, 2 de junho de 1994. p. 12, citado por BO, Vicente. As peregrinações na comunidade Cristã.

MADRE Paulina, a Santa do Brasil. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 6 de abril de 1999. Cidade.

NEGRI, Terezinha Santa; et al. Bem-Aventurada Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus: Fundadora da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. **Anuário 1991 Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição**. São Paulo: Loyola, 1991.

PERES, Andréia. O estranho poder das seitas. **Claúdia**. São Paulo, nº 12. p. 38-44, dez. 1996.

Provincia Autonoma di trento. **Colana di monografie "La patria d'origine"**. Vol. 7. Gli ultimi duecento anni. Trento: Casa editrice Panorama, 1994.

ROMANINI, Vinícios. A fé que move montanhas. **Terra**. São Paulo, nº 12, p. 46-57, dez. 2003.

SABINO, Débora. Amin apóia turismo religioso. **ANOTÍCIA**. Brusque, 01 de abril de 2002. Geral, A6.

SAFATLE, V. A vida como *reality show*. In: Mais! **Folha de São Paulo**. São Paulo, 29 fev. 2004, p. 8-9.

SANTA Paulina do Coração Agonizante de Jesus. **A primeira Santa do Brasil**. Florianópolis: Letras brasileiras. [1991].

SARTORI, Raul. Madre Paulina: A primeira santa do Brasil. **ANOTÍCIA**. Florianópolis, 19 maio de 2002. A Notícia especial.

\_\_\_\_\_. PAULINA: a primeira santa do Brasil. **Jornal de Santa Catarina/Diário Catarinense**. 19 de maio de 2002. Guia da Canonização.

SEIBEL, Nelci Terezinha. **A Notícia**. Florianópolis, 30 de abril de 2003. AN turismo. E2–E3.

Soares de olho no mercado de Vígolo. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 18 de maio de 2002.

TERNES, Apolinário. Irmã Célia: grandes entrevistas. Especial. **A Notícia**. Joinville, 29 de junho de 1998. A notícia especial. G1-G4.

VIEIRA, Paulo Afonso Construindo o Futuro: ações do Governo Estadual. **Jornal de Santa Catarina**. Florianópolis, dez. 1998. Na Região dos Vales, Blumenau.

XU, Daniela. João Paulo é eterno: legado político. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 04 abril 2005. Caderno especial.

\_\_\_\_\_ Cidade aposta no turismo religioso. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 6 de abril de 1999. Cidade.

### 3) SITES

Disponível em <http://www.autorescatolicos.org/felipesantossantabernardita.htm>. Acesso em 15 fev. 2005. p. 1.

Disponível em <http://www.santuariosantapaulina.org.br/projeto.htm>. Acesso em 29 out.2004. Página 2.

#### 4) BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABRÃO, Baby; COSCODAI, Mirtes. (Org.). **História da Filosofia**. São Paulo: Best Seller, 2002.

ABUMANSUR, Edin Sued (org.). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papirus, 2003.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

AGUIAR, José da Costa. **Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus**. São Paulo: Casa Geral, 1962.

ALVES, Elza Daufenbach. **Discurso religioso católico e normalização de comportamentos: Sao Ludgero - SC 1900 - 1980**. Dissertação (Mestrado em História) . – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, **ver ano**

ALVIM, Zuleika. M. F. **Brava gente! Os italianos em São Paulo: 1870-1921**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ANTONIAZZI, Albert et al. **Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ARENDIT, Edmilson José. **Introdução à Economia do Turismo**. 3ª ed. Campinas: Alínea, 2002.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 5ª ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

**A Arquidiocese de Cvritiba: na sva história**, 1956.

AZEVEDO, Manuel, Quitírio. **O culto a Maria no Brasil: história e teologia**. Aparecida: Ed. Santuário/ Academia Marial, 2001.

AZZI, Riolando. **A crise da cristandade e o projeto liberal: história do pensamento católico no Brasil-II**. São Paulo: Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_ **O catolicismo popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BALBENOT, Egídio. **Liturgia e política**. Chapecó: Grifos, 1998.

BALDI, G. et al. **La Letteratura: dal testo alla storia dalla storia al testo**. Turino: Paravia, 1996.

BANDUCCI Jr, Álvaro; BARRETTO, Margarita. (Orgs). 3ª ed. **Turismo e Identidade Local: uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2003.

- BARBOSA, Fidelis Dalcin. **A Coloninha**. 6º ed. São Paulo: Loyola, 1990.
- BASSETTI, José Eduardo Pioli. **Basílica de Aparecida: Santuário do Brasil**. Florianópolis: Aventura Brasileira, 2004.
- BASZKO, Borislav. **Imaginação Social**. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Oficial - Tomo 5 – Anthropos-Homem.Casa da Moeda, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 10º ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Globalização do turismo: megatendência do setor e realidade brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Alepp, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERTELLI, Bruno et al. **Cultura e Sviluppo: Un'indagine sociologica sugli immigrati italiani e tedeschi nel Brasile meridionale ( a cura di Renzo Gubert)** Milano: Franco Angeli, 1995.
- BESEN, José Artulino. **Madre Paulina: Uma surpresa de Deus**. Florianópolis: Mundo e Missão, 1999.
- BITENCOURT, Amauri Carboni. **Merleau-Ponty: Leitor da história da Arte**. Florianópolis, 2006.
- BITTENCOURT Filho, José. **Matriz Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.
- BOITEUX, H. Carlos. **Esboço Biográfico**. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica, 1929.
- BORNHAUSEN, Jorge Konder. **Mensagem à Assembléia Legislativa**. Florianópolis: IOSC. 1980.
- \_\_\_\_\_. **Mensagem à Assembléia Legislativa**. Florianópolis: IOSC. 1981.
- BORRIELLO; et al. **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus: Loyola, 2003.
- BOSI, Alfredo. Colônia, culto e cultura. In: **Dialética da colonização**. 3º ed. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- BOSO, Ivete. **Entre passado e futuro: bilingüismo em uma comunidade trentino-brasileira**. Florianópolis: UFSC, 1991. Dissertação de Mestrado em Letras.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas lingüísticas: o que Falar quer Dizer**. São Paulo: EDUSP, 1998.

BRACANTI, Atonio. **Fare Storia-Nuova edizione riveduta e aggiornata III**. Firenze: La nuova Italia, 1985.

BRIGHENTI, Agenor. **Por uma evangelização inculturada**. São Paulo: Paulinas, 1998.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. 2ª ed. (trad. Denise Bottmann). São Paulo: Cia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **A escrita da história: novas perspectivas**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 1992.

CADORIN, Jonas. **Nova Trento outra vez...** Nova Trento: Prefeitura Municipal, 1992.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietações**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. O olhar do historiador modernista. Citado por: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação In: (orgs) **Usos e abusos da história oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CHAUÍ, Marilene de Souza. Experiência do pensamento. In.: **Obra de arte e filosofia** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CHAUVEAU, A. (org.) **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. São Paulo: Vida nova, 1995.

CANDIDO, Edinei da Rosa. **O milagre do Amor: vida, milagre e beatificação de Madre Paulina**. Florianópolis: Papa-livro, 1991.

CAPPELLI, A. **Cronologia, Cronografia e Calendario Perpetuo: dal principio dell'era cristiana ai nostri giorni**. Tavole cronologico-sincronico e quadri sinottici per verificare le date storiche. Milano: Hoepli, 1988.

CASTRO, Anna Maria de; DIAS, Edmundo Fernandes. **Introdução ao pensamento sociológico**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977, p. 147-148. Cf. WEBER, Max. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1991.

**CATECISMO Católico**. São Paulo: Herder, 1963.

**CATECISMO da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2003.

CAVOUR, C. **La Questione Romana negli anni 1860-1861**. Vol. I. Bologna: Zanichelli, 1929.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

- CÉZANNE, Paul. Cartas e citações. In.: BARNES, Rachel (org.). **Os artistas falam de si próprios**: Cézanne. (trad.: Maria Celeste Guerra Nogueira). Lisboa: Dinalivro, 1993.
- CHAUVEAU, A (org.). Questões para a história do presente. Bauru: EDUSC, 1999.
- CÓDIGO de direito canônico: promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, notas, comentários e índice analítico; 4ª ed. Ver. e ampl. com legislação Complementares da CNBB. São Paulo: Loyola, 2004.
- CORTELAZZO, Manilo; ZOLLI, Paolo. **Dizionario etimologico della lingua italiana**. Vol.V: P-S. Bologna: Zanichelli, 1979.
- COSTA, Rovilio. **Imigração italiana**: vida, costumes e tradições. Porto Alegre: EST, 1986.
- CRESPI, Franco. **A experiência religiosa na pós-modernidade**. Bauru: EDUSC, 1999.
- CUNHA, Licínio. **Economia e política do turismo**. São Paulo: McGraw-hill, 1997.
- Dall'ALBA, João Leonir. **Imigração italiana em Santa Catarina**: documentário. Caxias do Sul, RS: EDUCS; Porto Alegre, RS: EST; Florianópolis: co-edição LUNARDELLI, 1983.
- DALLABRIDA, Noberto. **A fabricação escolar das elites**: o ginásio catarinense na primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.
- DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson J. S. da. **Turismo Religioso**: ensaios e reflexões. Campinas: Editora Alínea, 2003.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, vol.. 5, 1996.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti; Bueno, Marielys Siqueira. (Org.). **Hospitalidade**: cenários e oportunidades. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- DREWERMANN, Eugem. **Religião para quê**: Buscando sentido numa época de ganância e sede de poder. Em diálogo com Eugem Drewermann. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- EICHER, Peter. **Dicionário de conceitos fundamentais de teologia**. São Paulo: Paulus, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999.
- FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulina, 1989.
- FLORES, Maria Bernadetes Ramos. **Oktoberfest: Turismo, Festa e Cultura na Estação do Chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.
- FORGUS, Ronald H. **Percepção: o processo básico do desenvolvimento cognitivo**. São Paulo: EPU, 1981.
- FOUCAULT, Michel. **Da arqueologia do saber à estética da existência**. Rio de Janeiro: NAU/ Londrina: CEFIL, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.
- FRANÇA, Maria Cecília. **Pequenos centros paulistas de função religiosa**. Vol. I-II. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil-1**. 45ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.
- FROSI, Vitalina; MIORANZA, Ciro. **Dialetos Italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 1993.
- GALILEIA, Segundo. **Religiosidade popular e pastoral**. São Paulo: Paulinas, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Teologia da Libertação: ensaio de síntese**. 5º ed. São Paulo: Paulinas, 1987.
- GANARINI, A. **Nova Trento: impressões de viagem pelo padre Arcangelo Ganarini**. In: Walter Fernando Piazza. **Nova Trento**. Florianópolis, 1950.
- GROSSELLI, Renzo Maria. **Vencer ou morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras**. Florianópolis: UFSC, 1987.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Tradução de Flávio Kothe. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Vértice, 1990.

- HELOU Filho, Esperidião Amin. **Mensagem à Assembléia Legislativa**. Florianópolis: IOSC, 1985.
- HERING, Maria Luiza Renaux. **Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: o Modelo Catarinense de Desenvolvimento**. Blumenau: FURB, 1987.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HOUAISS, Antônio et al. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. **A idade Média: nascimento do Ocidente**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- JUNKES, Lauro. **De Pedro a João Paulo II: 200 Anos da Igreja de Jesus Cristo**. Florianópolis: L&TJ Paróquia Sma. Trindade, 2000.
- KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- KAVADLOFF, S. **O silêncio primordial**. Rio de Janeiro: José Olympio editora, 2003.
- LACOSTE, Jean-Ynes. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas e Loyola, 1998.
- LAGE, Beatriz H. Gelas; MILONE, Paulo César. **Economia do turismo**. Papirus: Campinas, 1991.
- LAGREE, Michel. **A guerra dos deuses e tecnologia: a benção de Prometeu**. Bauru: EDUSC, 2002.
- LAZZAROTTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sulina, 1971.
- LECHTE, John. **50 Pensadores Contemporâneos Essenciais do Estruturalismo à pós-modernidade**. Trad. Fábio Fernandes. 2º ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3ª ed. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1994.
- Le GOFF, Jacques; NORRA, Pierre. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- LIBANIO, J. Batista. **As Lógicas da Cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé**. São Paulo: Loyola, 2001.
- LISBOA, Teresa Kleba. **Gênero, Classe e Etnia: trajetórias de vida de mulheres migrantes**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Chapecó: Argos, 2003.

- LORENZI, Guido. **La Beata Madre Paolina: fra carisma e obbedienza**. Milano: editrice Àncora, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Madre Paulina: entre carisma e obediência**. São Paulo: Loyola, 2001.
- LYON, David. Pós-modernidade. 2ª ed. São Paulo. Paulus, 2005.
- MADRE MATILDE. **História da Congregação**. São Paulo, 1919.
- MADRE PAULINA. **Biografia Comentada**. Vol. 1. *Positio* sobre a vida e as virtudes. Roma, 1986.
- MARIANO, Ricardo. **Neo-pentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARCHIORI, Tarcísio. **Madre Paulina**. Florianópolis, [19?].
- MARQUES, Agenor Neves. **Imigração italiana: edição comemorativa do Centenário de Urussanga 1878-1978**. Urussanga: Prefeitura Municipal, 1978.
- MARQUES, Ana Maria. **Nova Trento in Canto de Fé**. Itajaí: UNIVALI, 2000.
- MATOS, Enio de Oliveira. **Arquidiocese de Florianópolis: preservando a sua história**. Florianópolis, 1996.
- MAURO, Frédéric. **História econômica mundial: 1790-1970**. Paris: Zahar, 1976.
- MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Difel, 1988.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (org). **(Re) introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, USP, 1996.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **A dúvida de Cézanne**. Trad. e notas Marilena de Souza Chauí e Pedro e Souza Moraes. São Paulo: Os pensadores, Nova Cultural, 1989.
- MONLOUBOU, L.; BUIT, F. M.. **Dicionário Bíblico Universal**. Aparecida do Norte: Santuário/ Petrópolis: Vozes, 1993.
- MORSELLI, Emilio. **Dizionario di filosofia e Scienze Umane**. Milano: Signorelli, 1981.
- MOSCONI, Luis. **Santas missões populares: uma experiência de evangelização voltada para as massas**. São Paulo: Paulinas, 1996.
- MONTEIRO, Paula. **Globalização, identidade e diferença**. Novos Estudos CEBRAP, n.49, nov. 1997.
- MONTENEGRO, A. Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2000.
- MONTI. Aldino. **I braccianti**. Bologna: il Mulino, 1998.

- NARDONI, Fulvio. **La Sacra Bibbia**: tradução Italiana dai testi originali-Esodo. Italia: Libreria Editrice Fiorentina, 1960.
- NASCIMENTO, José. **I verbi nella poesia i fiumi di Giuseppe Ungaretti**. Florianópolis, 09 dez. 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. **NIETZSCHE**: vida e obra. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- OLIVEIRA, Cristian D. Monteiro. **Basílica de aparecida**: um templo para a cidade-mãe. São Paulo: Olho d'Água, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Turismo Religioso**. São Paulo: ALEPH, 2004.
- PEDROSO, Ediberto Tadeu. **Administração e os novos paradigmas**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.
- PIAZZA, Walter Fernando. **Nova Trento**. Florianópolis, 1950.
- \_\_\_\_\_. **A Igreja em Santa Catarina**: notas para sua história. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1977.
- PIVA, Cláudio José. **O Santuário Carregado às Costas**. São João Batista: Gráfica Guarany Ltda, 1999.
- PATLAGEAN, Evelyne. A história do imaginário. In: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- PORTELLI, Hugues. **Gramsci et la question religieuse**. Paris: éditions Anthropos, 1984.
- PRICE, Roger. **Le rivoluzioni del 1848**. Bologna: il Mulino, 2004.
- RATTO, Gianni. **Antitratado de cenografia**: variações sobre o mesmo tema. São Paulo: SENAC, 2001.
- RAVIER, André; LOOSE, Helmuth Nils. **Bernadette Subirous**. Paris: Le Centuriom, 1979.
- REEBER, Michel. Religiões: mais de 400 termos, conceitos e idéias. Tradução de Luiz Cavalcanti M. Guerra. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, Helcion. **Religiosidade Popular na Teologia Latina Americana**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- RODRIGUEZ, Angel Aparício. **Dicionário Teológico da Vida Consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994.

- ROMANO, Sergio. **Storia d'Italia dal Risorgimento ai nostri giorni**. Milano: Longanesi & C., 1998.
- ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ/ NEPEC, 1996.
- RUSCHMANN, Doris. **Turismo e Planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. 11ª ed. Campinas: Papirus, 2004.
- Sacra Congregatio pro causis sanctorum, Canonizations Servae Dei Paulinae a Corde Iesu Agonizante (Amabilis Visintainer) Fundatricis parvarum sororum Immaculatae Conceptiones: (1865-1942): Positio super vita et virtibus, Roma, 1986, vol. 2.
- SANTOS, Célia Maria dos; KUAZAQUI, Edmir. **Consolidadores de turismo: serviços e distribuição**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- SANTOS, Roselys Isabel Correa dos. **A terra prometida: emigração italiana, mito e realidade**. 2ª ed. Itajaí: UNIVALI, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O país da cocanha: emigração italiana e imaginário**. Intercultura e movimentos sócias. Florianópolis, MOVER/NUP n. 2, p. 71-97, 1998.
- SCHORSKE, Carl E. A história e o estudo da cultura. In: **Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- SCHWIKART, Georg. **Dicionário Ilustrado das Religiões**. Aparecida: Santuário, 2001.
- SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: UnB, 1990.
- SERPA, Ivan Carlos. **Os Engenhos de Limeiras: história e memória da imigração no Vale do Itajaí**. Itajaí: UNIVALI, 2000.
- SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível**. Itajaí: Editora da UNIVALI, 1999.
- SILVA Júnior, Alfredo Moreira da. **Catolicismo, poder e tradição: um estudo sobre as ações do conservadorismo católico brasileiro durante o bispado de Dom Geraldo Sigaud em Jacarezinho (1947 – 1961)**. Assis, 2002.
- SILVA, Fátima Sueli de Souza e. **Turismo e Psicologia no envelhecer**. São Paulo: Roca, 2002.
- SILVA, Marilda R.G. Checucci Gonçalves da. **Imigração Italiana e Vocações Religiosas no Vale de Itajaí**. Campinas: FURBE/ Editora da UNICAMP/ Centro de Memória da UNICAMP, 2001.
- SILVEIRA, Luis Henrique da. **Mensagem à Assembléia Legislativa**. Florianópolis: IOSC. Fevereiro, 2004.

- SIMONI, Karine. **Sonhar, Viver e Recordar: Memórias dos Nonos de Xavantina (1920-1950)**. Florianópolis: Insular, 2002.
- SOLIMEO, Gustavo Antônio; SOLIMEO, Luiz Sérgio. **Rainha do Brasil: a maravilhosa história e os milagres de Nossa Senhora da Conceição Aparecida**. 4ª ed. São Paulo: Diário das Leis LTDA, 1992.
- SÜSS, Günter Paulo. **Catolicismo Popular no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1979.
- TERRIN, Aldo Natale. **Nova Era: a religiosidade do pós-moderno**. São Paulo: Loyola, 1996.
- TEXEIRA, Faustino Luiz Couto. (Org.) **Teologia da Libertação: novos desafios**. São Paulo: Paulinas, 1991.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade Pós-Industrial e o Profissional de turismo**. Campinas: Papyrus, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Turismo e qualidade tendências contemporâneas**. 8ª ed. Campinas: Papyrus, 2002.
- VALLE, Edênio & QUEIRÓZ, José J. (Orgs) **A cultura do povo**. São Paulo: Cortez & Moraes/ EDUC. Coleção do Instituto de Estudos Especiais, PUCSP; n. 1. 1979.
- VIVANTI, Corrado. **Elementi di Storia 3: il mondo Contemporaneo**. Milano: Marietti, 1982.
- ZAGHENI, Guido. **A Idade Contemporânea: curso de história da Igreja**. Vol. IV. São Paulo: Paulus, 1999.
- ZILLES, Urbano. **O problema do conhecimento de Deus**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989.
- WEBER, Max. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1991.
- WOBETO, Afonso. **Santuários: onde Deus se encontra com os homens**. São Paulo: Loyola, 1982.
- WILGES, Irineu. **Cultura Religiosa**. São Paulo: Vozes, 1983.

## 5) ENTREVISTAS

ADAMI, Maria Cristina. 40 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 17/09/2005.

ALVES, Elza Daufenbach. 45 anos. Florianópolis. Entrevista concedida a José do Nascimento. Florianópolis 02/02/2005.

BENTO, Sandra. 18 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 17/09/2005.

CADORIN, Enizete Terezinha. 38 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 17/09/2005.

CANDIDO, Marli. 49 anos. Rio do Campo-SC. Entrevista concedida a Karine Simoni. Nova Trento 04/06/2005.

CAMPOS, Márcio. 36 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 17/09/2005.

CAMPOS, Veroni Silva. 65 anos. Cidade Sapucaia do Sul-RG. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 19/03/2005.

COSTA, Perci Negreiros da. 50 anos. Joinville. Entrevista concedida a Karine Simoni. Nova Trento 04/06/2005.

DALBOSCO, Lílian. 37anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 10/09/2005.

DALBOSCO Júnior, Onildo. 35 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 17/9/2002.

ELI, Maria. 35 anos. São João Batista. Entrevista concedida a Karine Simoni. Nova Trento 04/06/2005.

ORSI, Eleonor (Elmentrudes, Religiosa da CIIC). 66 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a Ramon Tridapalli. Nova Trento 16/4/1981.

HELOU Filho, Esperidião Amin. 57 anos. Florianópolis. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 14/12/2005.

GIROLLA, Tânia Maria. 27 ANOS. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 17/9/2005.

KRIGER, Dom Murilo S. Ramos. 62 anos. Florianópolis. **Questionário**. [e-mail de Dom Murilo S. R. Kriger, sj.]. Endereço eletrônico: Dommurilo@arquifloripa.org.br. Florianópolis 27/9/2005.

MARCON, Regina Aparecida Camilo. 42 anos. Campo Largo-PR. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 04/06/2005

MARTENDAL, Luana. 17 anos. Rio do Sul-SC. Entrevista concedida a Karine Simoni. Nova Trento 04/06/2005.

MATOS, Clara Maria Ramos da Luz. 79 anos. São José. Entrevista concedida a José do Nascimento. São José 23/03/2005.

MEES, Ir. Ilze. Religiosa da CIIC. 78 anos. Vígolo. Entrevista concedida a José do Nascimento. 17/09/2005. Nova Trento

NASCIMENTO, do Luciene. 36 anos. Florianópolis. Entrevista concedida a José do Nascimento. Florianópolis 19/03/2005.

OLIVEIRA. Aladio Sebastião. 47 anos. Florianópolis. Entrevista concedida a José do Nascimento. Florianópolis 27/03/2005.

ORSI, Agostinho José. 45 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 17/09/2005.

PEDROTI, Sônia Mara. 38 anos. Florianópolis. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 17/09/2005.

PIANEZZER, Lurdes Vinotti. 64 anos. Vígolo. Entrevista concedida a Karine Simoni. Trento 04/06/2005.

PITHAN, Ana Esther Balbão. 40 anos. Florianópolis. Entrevista concedida a José do Nascimento. Florianópolis 04/06/2005.

PITHAN, Elza Balbão. 83 anos. Florianópolis. Entrevista concedida a José do Nascimento. Florianópolis 23/03/2005.

PIFFER, Ari. 61 anos. Nova Trento. Entrevistado por José do Nascimento. Nova Trento 17/09/2005.

ROVER, Saul. 60 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 17/09/2005.

SANTOS, Julio César dos. 36 anos. Nova Trento. **Questionário**. [e-mail de Julio César dos Santos]. Endereço eletrônico: julio@portaldovigolo.com.br. Nova Trento 12/10/2005.

SANTOS, José Amilton Fernandes dos. 50 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 17/09/2005.

SGROTT, Luciano Ari. 28 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 17/9/2002.

SILVA, Gregória da. 48 anos. Palhoça. Entrevista concedida a José do Nascimento. Palhoça 19/03/2005.

SILVA, Maria Ione Cardoso da. 56 anos. Capão da Canoa. Entrevista concedida a Karine Simoni. Nova Trento 19/03/2005.

VARGAS, Pedro Paulo. 39 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 17/09/2005.

VOIGTH, Ademir. 48 anos. Indaial. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento 17/09/2005.

## 6) ANEXOS

**Anexo 1**

## Decreto de elevação do Santuário de Santa Paulina



**DOM EUSÉBIO OSCAR SCHEID, S.C.J.**  
ARCEBISPO METROPOLITANO DE FLORIANÓPOLIS

Saudação, paz e graça no Senhor!

**FAZEMOS** saber que, atendendo às necessidades do Povo de Deus e, de modo muito especial, dos Peregrinos que, em fluxo crescente, têm ocorrido à região onde viveu e onde iniciou a sua Obra, a BEATA PAULINA DO CORAÇÃO AGONIZANTE DE JESUS, no século, AMABILE VISINTAINER, Fundadora da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, fundamentados no que dispõe o Direito vigente na Igreja, e com a finalidade de possibilitar um constante e frutuoso trabalho pastoral, consultados o Reverendíssimo Senhor PREPÓSITO PROVINCIAL DA COMPANHIA DE JESUS, DA PROVÍNCIA DO BRASIL MERIDIONAL, o CONSELHO GERAL DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃZINHAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO, o nosso CONSELHO DE PRESBÍTEROS e o Reverendíssimo Senhor PÁROCO DE SÃO VIRGÍLIO, em Nova Trento, havemos por bem **evar** (Cân. 1214), por este nosso **D E C R E T O**, a **CAPELA DE NOSSA SENHORA DE LOURDES**, da PARÓQUIA DE SÃO VIRGÍLIO, em Nova Trento, sob os cuidados da citada Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, com todo o **território** correspondente aos limites civis da localidade de **VÍGOLO**, em Nova Trento, Estado de Santa Catarina, à condição de

**REITORIA** ou **CAPELANIA ESPECIAL**

sob o título de

**IGREJA DE NOSSA SENHORA DE LOURDES,**

submetendo-a, inteiramente, à jurisdição do **REITOR** ou **CAPELÃO ESPECIAL**, por nós nomeado e provisionado, segundo a Legislação em vigor, e que haverá de exercer o seu ofício, de acordo com as normas do Direito e as nossas Orientações pastorais, sempre na mais estrita e plena unidade com o Reverendíssimo Pároco de São Virgílio, em Nova Trento, respeitados todos os direitos dos demais Párcos.

(segue)

CHANCELARIA:

*Henrique Ernesto Cervi*  
PE. HENRIQUE ERNESTO CERVI, Chanceler.

Reg. nº 046/97 L. Prot. nº 16



**DOM EUSÉBIO OSCAR SCHEID, S.C.J.**  
ARCEBISPO METROPOLITANO DE FLORIANÓPOLIS

Fol. 02

Concedemos, ainda, a esta **REITORIA** ou **CAPELANIA ESPECIAL**, os direitos de poder conservar o Santíssimo Sacramento, de ter Pia Batismal, e de nela se poderem administrar todos os Sacramentos, inclusive o Sacramento do Matrimônio, mediante a prévia e devida transferência paroquial dos processos de habilitação matrimonial, desde que sejam observadas as disposições do Direito geral e das Diretrizes e Normas pastorais desta Arquidiocese, de modo especial aquelas referentes às diversas catequeses que, por determinação nossa, deverão ser ministradas pelas Paróquias de origem. Os Sacramentos do Batismo, da Confirmação e do Matrimônio, eventualmente celebrados nesta Igreja, terão, no entanto, os seus assentos **registrados** nos respectivos livros canônicos da Paróquia de São Virgílio, em Nova Trento.

A **REITORIA** ou **CAPELANIA ESPECIAL**, por sua vez, terá, obrigatoriamente, um **Livro de Tombo**, onde serão anotados todos os fatos históricos, bem como todos os atos arquidiocesanos, referentes à sua administração e à sua regência, e os **papéis timbrados**, de acordo com as praxes arquidiocesanas, necessários à correspondência e aos eventuais documentos.

Este nosso **D E C R E T O** será lido, por ocasião da Missa de instalação desta **REITORIA** ou **CAPELANIA ESPECIAL** e, também, na Igreja Matriz de São Virgílio, em Nova Trento, registrado nos Livros de Tombo de ambas as Igrejas e conservado em seus respectivos arquivos.

Dado e passado em Florianópolis, aos dezanove (19) de março de mil novecentos e noventa e sete (1997), na SOLENIDADE DE SÃO JOSÉ, ESPOSO DA BVM, PADROEIRO DA IGREJA UNIVERSAL.

*Dom Eusébio Oscar Scheid*  
✠ **EUSÉBIO OSCAR SCHEID, S.C.J.**,  
ARCEBISPO METROPOLITANO.

CHANCELARIA:

*Pe. Henrique Ernesto Cervi*  
PE. HENRIQUE ERNESTO CERVI, Chanceler.

Reg. nº 046/97 L. Prot. nº 16



DOM EUSÉBIO OSCAR SCHEID, SCJ,  
ARCEBISPO METROPOLITANO DE FLORIANÓPOLIS

Saudação, paz e graça no Senhor!

**FAZEMOS** saber que, atendendo aos anseios e às aspirações dos fiéis e devotos da **BEATA MADRE PAULINA**, com o assentimento unânime do Secretariado Arquidiocesano de Pastoral e, **considerando:**

- ◆ o crescente afluxo de fiéis que vem reverenciá-la, pedindo sua proteção e agradecendo por graças alcançadas, consagrando aquele local como um centro de peregrinação e piedade;
- ◆ a declaração de **Estância Turístico-Religiosa**, reconhecida pela Lei Estadual nº 10.568, de 07 de novembro de 1997;
- ◆ as perspectivas de desenvolvimento para o local, aliado ao crescimento religioso, não só da comunidade, como dos romeiros, que para lá se deslocam,

decidimos, por este nosso **DECRETO**, criar e constituir, na **Capela Nossa Senhora de Lourdes** e adjacências pertinentes, em Vigolo, no Município e Paróquia São Virgílio, de Nova Trento, um Santuário Arquidiocesano, sob o título de

## **Santuário Madre Paulina.**

No referente a este nosso **DECRETO**, determinamos que:

1. O **Santuário Madre Paulina** será provido de **Reitor** próprio, por nós provisionado, com as atribuições do Direito Canônico (Cân. 556 e ss.).
2. O **Santuário Madre Paulina** poderá conservar o Santíssimo Sacramento, ter Pia Batismal e administrar todos os Sacramentos, inclusive o do Matrimônio, mediante prévia e devida **transferência** paroquial dos processos de habilitação matrimonial, observadas as disposições do Direito geral e das Diretrizes e Normas pastorais desta Arquidiocese. Recomendamos atenção especial às Diretrizes Pastorais referentes às diversas catequeses, que deverão ser ministradas pelas Paróquias de origem e devidamente **autorizadas** para serem aqui realizadas. Os Sacramentos do Batismo, da Confirmação e do Matrimônio, eventualmente celebrados neste Santuário, deverão ter seus assentos respectivos **registrados** nos competentes livros canônicos da Paróquia São Virgílio, de Nova Trento.



**DOM EUSÉBIO OSCAR SCHEID, SCJ,**  
ARCEBISPO METROPOLITANO DE FLORIANÓPOLIS

Saudação, paz e graça no Senhor!

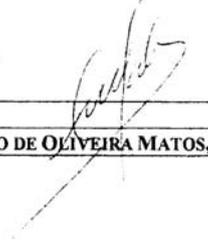
3. No que se refere à administração de bens e outras atividades de idêntica natureza, o **Santuário Madre Paulina** terá uma Comissão de Assuntos Econômicos - CAE - formada por membros da comunidade e por nós nomeada.
4. Haverá, no referido Santuário, um livro especial, no qual se anotarão, cuidadosamente, o número, a intenção, a espórtula oferecida, bem como a celebração das missas a serem ali celebradas (Cân. 958).
5. O **Arquivo do Santuário**, que por este Decreto também criamos, terá, obrigatoriamente, um Livro de Tombo, onde serão anotados todos os fatos históricos, bem como todos os atos arquidiocesanos, referentes à sua administração e à sua regência, devendo preservar, não só este, como todos os demais documentos que digam respeito ao Santuário.
6. No **Santuário Madre Paulina**, “ofereçam-se aos fiéis meios de salvação, os mais abundantes possíveis, anunciando com diligência a palavra de Deus, incentivando adequadamente a vida litúrgica, principalmente a Eucaristia e a celebração da penitência e, cultivando as formas aprovadas de piedade popular”; “os documentos votivos da arte popular e da piedade”, por sua vez, “sejam conservados em lugar visível” e “guardados com segurança (Cf. Cân. 1234 §§ 1 e 2).

Este nosso **DECRETO** deverá ser lido aos fiéis, por ocasião da Missa de Instalação e, na mesma oportunidade, nas Missas Dominicais da Paróquia São Virgílio, de Nova Trento, conservado no Arquivo desta Paróquia e no do Santuário.

Dado e passado em Florianópolis, sob o sinal e selo de nossas armas, aos cinco (05) dias do mês de junho de mil novecentos e noventa e oito (1998).

  
✠ **EUSEBIO OSCAR SCHEID, SCJ,**  
ARCEBISPO METROPOLITANO.

CHANCELARIA:

  
DR. ENIO DE OLIVEIRA MATOS, *Vice-Chanceler*

REG. Nº 152/98 L. PROT. Nº 17

## Anexo 2

Comissão Governamental de Acompanhamento e Implantação do Plano de Turismo Religioso – Projeto Madre Paulina

LISTA DE PRESENÇA

2ª Reunião da Comissão Governamental de Acompanhamento e Implantação do Plano de Turismo Religioso - Projeto Madre Paulina - DATA: 08/05/2.000 - Florianópolis (SC).

Nº	NOME	INSTITUIÇÃO	TELEFONE	FAX
01	MARCIO PAMPLONA	SDM	224 6166 - R 241	
02	SALU JOSÉ RÜBEK	PARÉQUIRIA	269 0193	
03	Dr. Pedro José Koehler	Ordem Pastoral do Turismo Religioso	240 4254	
04	J. Solvel Ana Bonifá	Instituto de Imagens da Imac. Conceição	(47) 3488257	
05	Leônidas M. Paulina	Arquitetura das Ofic. da Imac. Conceição	(47) 2732414	
06	Dr. José Hillman	Paróquia Nossa Senhora	2670 122	
07	Admiral F. Soares	Secretaria Municipal de Turismo	178 261 0172	
08	Luiza H. Dall'orce	Presidência da Câmara de N. S. do Carmo	048 2670192	
09	Silvia Luiz Faversini	BRB DE SAÚDE - SES/SC	228 - 9943	228-31121
10	Shirley Ingrid	Administradora da Par. Conceição	267 - 0250	207 - 0361
11	ANTONIO RICARDO SUDRI	ARQUITECTA LUDS.	61 - 4472660	
12	RUBENS AUR	RAN / PINEF N. S. do Carmo	355 26144	
13	ANDRÉS PATRÍCIA NOLIMANN	RAN / PINEF N. S. do Carmo	355 0010	
14	LEON STALTENBERG	RAN / PINEF N. S. do Carmo	355 2-1095	
15	FÁBULO CESAR TEHARDEL	VEREADOR	262 0313	
16	Luiz Gonzaga		267-0304	
17	REGINALDO DA SILVA	STI	224 6166	222 2209
18	FLAVIO DA COSTA	SANUR	224 6300	222-1142
19	MARCOS BAYER	ASS. REL. INTER. INSE.	99606413	2213319
20	Alfonso Teodoro M. M. K.	SANURIC	224 6300 / 267	222-1145



#### SANTUR - Santa Catarina Turismo S/A

ao Governador para tentar viabilizar; a Irmã Terezinha Pamplona solicitou prioridade a abertura dos dois acessos secundários, e calculam que a quantia de R\$ 250.000,00 (duzentos e cinquenta mil reais), para viabilizar tais obras. Sub-item 2.4 – TELEFÔNIA CELULAR MÓVEL, concluiu-se pela expedição de correspondência da Comissão para a TELESC, solicitando a implantação de torre de telefonia Celular; Sub-itens 2.5 – IMPLANTAÇÃO REDE ENERGIA ELETRICA e 2.6 – SANEAMENTO BÁSICO, concluiu-se pela expedição de correspondências da Comissão para a CELESC e a CASAN solicitando estas obras, com cópia do expediente ao Senhor Governador do Estado; alertando o aspecto de que Nova Trento não possui CASAN, e sim SAMAE, o que não impede de celebrar convênios – CASAN x SANAE para executora dos projetos pretendidos; Sub-item 2.7 – ESTACIONAMENTO, ficou como sugestão um estudo mais detalhado do assunto, entre a empresa ARCHITECTI, Prefeitura Municipal, Câmara de Vereadores, com vistas ao plano diretor do município, onde foi sugerido que o estacionamento fosse projetado longe do atrativo, tendo como objetivo desafogar o trânsito, para não atrapalhar o centro de espiritualidade (paz, tranquilidade e silêncio) e por sua vez, criar mecanismos (bondinho e/ou trenzinho) para transportar osromeiros/fiéis do estacionamento ao atrativo, como gerador de trabalho, bem como cuidar com as questões da sustentabilidade; sub-item 2.8 – URBANIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE, 2.8.1 e 2.8.2 sugeriu-se a criação de um horto florestal, trabalhando com as crianças da comunidade, com o apoio da Prefeitura Municipal, congregação das Irmãs da Imaculada Conceição e Secretaria de Estado da Educação e Desporto, elaborando um programa de ação política e educativa visando a preparação e a conscientização; 2.8.3, 2.8.4, 2.8.5, 2.8.6, 2.8.7 e 2.8.8, ações de competência da Prefeitura Municipal de Nova Trento; encerrada a leitura do documento, o Senhor Marco Bayer, passou a palavra para o Presidente da Comissão que abordou o tema: INTEGRAÇÃO DO TURISMO NO ESTADO, ou seja, roteiros turísticos integrados-turismo religioso, turismo rural na região, na produção artesanal dos vinhos, queijos, embutidos e hospedagem, e já se encontram estudos para liberação de linhas de crédito, de pequena monta, destinado a pequenos proprietários para exploração deste segmento no Estado; foi abordado pela representante da congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, a instalação urgente de um posto médico ambulatorial vinte e quatro horas, face ao grande aglomerado humano que se concentra aos finais de semana no VÍGOLO, e imediatamente solicitado ao representante da saúde as providências cabíveis. Ficou definido a próxima data da reunião: dia oito de maio de dois mil – segunda-feira (08/05/2000), no município de Florianópolis, às quatorze horas, na oportunidade foi sugerido pelo senhor José Arlindo Silva, o auditório do Espaço Mercosul, no qual ficou responsável pela viabilização; a convocação para próxima reunião deverá ser expedida até dez dias de antecedência. Por último, nada mais a ser tratado na reunião, lembrou o Senhor Marcos Bayer, que todos os documentos relativos a esta Comissão deverão ser concentrados consigo e/ou Maria Tereza Büchele na Santur.

*Florianópolis, 21 de março de 2000.*



MEMBROS DA COMISSÃO GOVERNAMENTAL DE ACOMPANHAMENTO E IMPLANTAÇÃO DO PLANO DE TURISMO RELIGIOSO - PROJETO MADRE PAULINA

- telefone* →
01. MAURICIO PAMPLONA  
Gerente de Planos Diretores  
Secretaria de Estado do Meio Ambiente  
Av. Osmar Cunha, 183 - Bl. "B" - 5º andar  
88.015-100 - FPOLIS/SC  
  
Tel: 224-6166  
Fax: 224-9970
  02. ROSÂNGELA MORAES DA ROSA  
Diretoria de Ensino Fundamental  
Secretaria de Estado da Educação e do Desporto  
Rua João Pinto, 111  
88.010-410 - FPOLIS/SC  
  
Tel: 221-6073  
279-1000 - UNISUL  
Fax: 221-6075
  03. MARCOS BAVER  
Assessor de Relações Internacionais e Institucionais do Govern  
Secretaria de Estado da Casa Civil  
Rua José da Costa Moellmann, 193  
88.020-170 - FPOLIS/SC  
  
Tel: 221-3341/221-3344  
999-6413 - celular  
Fax: 221-3319
  04. Dr. LUIZ HENRIQUE SALIBA  
Coordenador de Administração Hospitalar  
Secretaria de Estado da Saúde  
Rua Esteves Júnior, 160  
88.015-530 - FPOLIS/SC  
  
Tel: 221-2300 / 221-2337-Clarice  
Fax: 221-0759
  05. ENGº NELSON CALDEIRA  
Gerência de Concessão e Uso de Bens Públicos  
Secretaria de Estado dos Transportes e Obras  
Rua Tenente Silveira, 162  
88.010-300 - FPOLIS/SC  
  
Tel: 224-9799  
Fax: 222-0204
- 
06. JOSÉ ARCINO SILVA  
Diretor de Planejamento e Desenvolvimento Turístico  
SANTUR  
- representa a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e de Integração ao MERCOSUL

SANTUR

FAX : 014 48 2221145

12 MAI. 2000 09:36 Pág. 1

## CONVIDADOS PARA AS REUNIÕES DO PROJETO MADRE PAULINA

01. JORGE BRUNO FERRARO  
Gerente da Central de Informações  
IPESC  
Rua Trajano, 01  
NESTA  
  
Tel: 223-4500  
Fax: 222-1601
  
02. ANTÔNIO CERON  
Gabinete do Secretário  
SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E DE INTEGRAÇÃO AO MERCOSUL  
Rua Tenente Silveira, 94 - 12ª andar  
88.010-300 - FPOLIS/SC  
  
Tel: 216-8901 - manhã / 221-2843 e 221-2692 - Assembléia  
Fax: 216-8998
  
03. DEPUTADO ESTADUAL CIRO MARCIAL ROZA  
Assembléia Legislativa do Estado de SC  
Praça da Bandeira, s/nº - centro  
88.020-180 - FPOLIS/SC  
  
Tel: 221-2708 - 9982-3180 celular  
Fax: 221-2709
  
04. DEPUTADO FEDERAL PEDRO BITTENCOURT NETO  
Câmara Federal  
Praça dos Três Poderes  
70.160-900 - BRASÍLIA/DF  
  
Tel: (61) 318-5254 / 223-3380 / 9982-3180  
Fax: (61) 318-2254
  
05. ANTÔNIO PERDONO SUAREZ  
Brasília/DF  
  
Tel: (61) 368-1313-Residência / (61) 447-2006-escritório  
Fax: (61) 349-5922
  
06. PADRE PEDRO JOSÉ KOEHLER  
Rua Luiz d'Acâmpora, 207 - Jardim Atlântico  
88.095-330 - FPOLIS/SC  
  
Tel: 240-4154

cacha CI AR

07. IAPONAN SOARES  
Diretor Geral  
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA  
Av. Irineu Bornhausen, 5.600 - Agrônômica  
88.025-202 - FPOLIS/SC  
  
Tel: 333-3817  
Fax: 333-1852
08. JOSÉ TOMASONI  
Rua Nicolau Bado, 90  
88.270-000 - NOVA TRENTO/SC  
  
Tel: 267-0304
09. PADRE JOSÉ VOLLMER  
Rua Santo Inácio, 14 -  
88.270-000 - NOVA TRENTO/SC  
  
Tel: 267-0127  
Fax: 267-0127
10. IRMÃ TEREZINHA MARIA PAMPLONA e IRMÃ VALÉRIA HÄHELM  
Av. Nazaré, 470 - Ibiranga  
04.262-000 - SÃO PAULO/SP  
  
Tel: (11) 273-0414  
Fax: (11) 6914-2377
11. DEPUTADO LÍCIO DA SILVEIRA  
Tel: 221.2674  
Fax: 221-2675
12. MOACIR ARCHER  
Delegado Regional de Brusque  
Tel: (47) 351-1823  
Fax: (47) 351-1823 ramal 28
13. IVANDRO SPERANZINI  
Presidente do PPB de Nova Trento  
Tel: 267-0022 / 9982-3908  
Fax: 267-0022
14. SAUL JOSÉ ROVER  
Prefeito de Nova Trento  
Tel: 267-0193  
Fax: 267-0193
- CAIXA CLAR*



SANTUR - Santa Catarina Turismo S/A

**2ª Reunião da Comissão Governamental de Acompanhamento e Implantação do Plano de Turismo Religioso – Projeto Madre Paulina**

Aos oito dias do mês de maio de dois mil, às quatorze horas, compareceram nas dependências do auditório da Junta Comercial do Estado de Santa Catarina, localizado na avenida Rio Branco, 387 – 6º andar, no município de Florianópolis(SC), os membros da Comissão Governamental de Acompanhamento e Implantação do Plano de Turismo Religioso – Projeto Madre Paulina, conforme Decreto de número novecentos e doze, de dezoito de janeiro do ano dois mil, a saber: Senhor Flávio José de Almeida coelho, representante da SANTUR e Presidente desta Comissão; Senhor Nelson Caldeira, representante da Secretaria de Estado dos Transportes e Obras; senhor Silvio Luiz Faversoni, neste ato, representando o Senhor Luiz Henrique Silaba da Secretaria de Estado da Saúde; Senhor Maurício Pamplona, representante da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente; Senhor Marcos Bayer, representante da Secretaria de Estado da Casa Civil e Secretário Executivo dessa Comissão; e os convidados: Irmãs Salete Ana Bampi, Terezinha Maria Pamplona e Lígia da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição; Senhor Saul José Rover, Prefeito Municipal de Nova Trento; Padre Pedro José Koehler, Coordenador da Pastoral do Turismo, do Lazer e dos Peregrinos da Arquidiocese de Florianópolis; Padre José Vollmer, Pároco de Nova Trento; Senhor Antônio Perdomo Suarez da Empresa de Arquitetura ARCHITECTI; Senhor Airton Dallosco, Presidente da Câmara de Vereadores de Nova Trento; Senhores Rubens Aur, Andréa Patrícia Volkman e Heidy Stoltenberg da Prefeitura Municipal de Nova Trento; Senhor Paulo Cesar Rachadel, Vereador de Nova Trento; Senhor José Tomazoni empresário de Nova Trento, Senhor Ademir Moraes, Secretário de Turismo de Nova Trento e Maria Tereza Büchele, Técnica em Turismo da SANTUR. A reunião foi iniciada pelo Senhor Presidente da Comissão, cumprimentou e agradeceu a presença de todos os presentes e registrou a falta da Senhora Rosângela Moraes da Rosa, representante da Secretaria de Estado da Educação e do Desporto, ao qual já havia registrado sua ausência nessa reunião mas sem indicar um representante para substituição. Passou-se ao segundo item da agenda de trabalho, apresentação dos **resultados** alcançados sobre as reivindicações da sociedade de Nova Trento, iniciando com o representante da Secretaria dos Transportes e Obras, Senhor Nelson Caldeira (nota número PRCC 5144/000, 29/03/00), foi levado ao conhecimento dos presentes que na data de 04/05/00, foi expedida ao Senhor Governador, através do Secretário de Estado dos Transportes e Obras, Nota Técnica nº 19/2000, feita leitura na íntegra, referente a execução das obras nos três acessos ao Município de Nova Trento e ao Vigolo, informando os custos, as dificuldades, os impedimentos legais e sugestões para viabilização do pleito. Após discussão, concluiu-se aguardar posição do governador, sendo que os representantes da STO / DER / Prefeitura Municipal estudem todas as possibilidades contidas naquela Nota Técnica (convênios, contrapartidas, decreto, suplementação orçamentária, terraplanagem, execução por módulos, estabelecimento de prioridades, Lei eleitoral, etc). Perguntado ao Prefeito Municipal pelo, Senhor Marcos Bayer, se viabilizar os recursos para execução dessas obras e se, houver necessidade de fracionar as três obras, qual seria a prioridade, foi apontado o acesso Brusque/Nova Trento (4,5 Km); foi solicitado ainda, a Prefeitura Municipal e ao DER, os estudos para elaboração de um edital (minuta). O Senhor Nelson Caldeira da STO, informou da possibilidade da celebração de um protocolo de intenções entre o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal para viabilização das obras, podendo resolver o problema do período eleitoral. Ficou responsabilizado para fazer a ponte governador/DER, o Senhor Marcos Bayer. Seguiu-se com a apresentação do representante da Saúde, Senhor Silvio Luiz Faversoni (Nota número PRCC 5146/003), (29/03/00) informou aos presentes que as novas ambulâncias (unidades móveis), com unidades de tratamento intensiva UTI – estão sendo equipadas e que a contratação dos recursos humanos depende exclusivamente do governador; não soube informar a essa Comissão qual a data para efetivação dos serviços; foi questionado pelo Senhor Marcos Bayer a contratação de pessoal tendo em

Rua Felipe Schmidt, 249 - 9º Andar - CEP: 88.010-902 - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil  
 Cx.P. 1221 - Informações Turísticas: 1516 - Fone: (048) 224-6300 Fax: (048) 222-1145  
<http://www.sc.gov.br/santur> - E-mail: [santur@santur.sc.gov.br](mailto:santur@santur.sc.gov.br)






---

**SANTUR - Santa Catarina Turismo S/A**

vista o período eleitoral, ficando o representante de oficializar junto ao Secretário da pasta a definição da data. Na oportunidade o Senhor Marcos Bayer solicitou a todos os membros dessa Comissão maior agilização nos processos pertencentes ao projeto, ficou definido a remessa da cópia a ata desta reunião ao Senhor Secretário da Saúde. Solicitou a palavra o Senhor Saul José Rover colocando o problema do policiamento no município, houve uma visita por parte do comando em função da Nota número PRCC 5148/006, de 29/03/00, até o momento o problema não foi resolvido o grupo definiu a elaboração de correspondência ao Comandante da Polícia Militar solicitando uma posição sobre o pleito de Nova Trento. Com referência as Notas de números 5145/007 e 5147/003, datadas de 29/03/00, encaminhadas a Global Telecom e Tim Celular respectivamente, foi informado pelo Senhor Marcos Bayer que a Tim Celular já tem estudos de todos os pontos críticos de recepção de telefonia celular no Estado, e que possivelmente no mês de julho do corrente ano possa atender ao município, considerando o fato da concorrência entre estas empresas, logo o pleito vai ser viabilizado. Após o Presidente colocou a palavra livre para manifestação dos convidados, e solicitou a palavra Padre Pedro José Koehler, perguntando como acabar com o problema dos insetos borrachudos na região, foi informado da necessidade de expor o problema via correspondência à FATMA; a seguir o Senhor Ademir Moraes, abordou os problemas: dos radares instalados na região (quatro), e a fiscalização e multa por parte do DETER nos ônibus de turismo, em local impróprio (estacionamento do Vígolo), quanto ao problema dos radares, será elaborada uma correspondência ao secretário dos Transportes e Obras do Estado, solicitando uma sinalização eficiente na área que estão instalados os quatro radares exemplificando " VOCÊ ESTA ENTRANDO EM UMA ÁREA DE RADAR", bem como, da fiscalização dos ônibus, solicitando que a fiscalização do DETER seja realizada em local adequado, exemplo: as margens da rodovia SC, antes de chegar ao Município de Nova Trento e não tão ostensiva e solicitar também que um representante com autoridade dessa Entidade para comparecer na próxima reunião no próximo dia 29/05/00 para discutir o assunto; a seguir falou o Senhor Antônio Perdomo Suarez, colocando sua preocupação com a questão do planejamento integrado, e enfatizando que já realizou o diagnóstico turístico e sua implementação, segundo o arquiteto, esta paralisado, foi colocado que a Univali, a Associação dos Municípios da Região e a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente através da Gerência de Planejamento Ambiental, terão condições de assessora-los e finalizando a reunião, o Presidente Flávio José de Almeida Coelho e o Senhor Marcos Bayer manifestaram descontentamento quanto ao andamento dos trabalhos da Comissão e solicitaram aos Senhores membros maior empenho com o intuito de agilizar providências, principalmente as pertinentes ao governo. Ficou definido a próxima data da terceira reunião da Comissão (29/05/00), no Município de Florianópolis, às quatorze horas, em local a ser definido. E nada mais a ser tratado na reunião, deu-se por encerrado o evento.

*Florianópolis, 08 de maio de 2000.*





### SANTUR - Santa Catarina Turismo S/A

#### 1ª REUNIÃO DA COMISSÃO GOVERNAMENTAL DE ACOMPANHAMENTO E IMPLANTAÇÃO DO PLANO DE TURISMO RELIGIOSO - PROJETO MADRE PAULINA.

Aos vinte e hum dias do mês de abril, do ano dois mil, às quatorze horas, compareceram nas dependências do restaurante da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, segundo andar, no vígolo, Nova Trento, os membros da Comissão Governamental de Acompanhamento e Implantação do Plano de Turismo Religioso - Projeto Madre Paulina, conforme Decreto de número novecentos e doze, de dezoito de janeiro do ano dois mil, a saber: Senhor Flávio José de Almeida Coelho, representante da SANTUR e presidente desta Comissão; Senhor José Arcino Silva, representante da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e Integração ao Mercosul; Senhor Nelson Caldeira, representante da Secretaria de Estado dos Transportes e Obras; Senhora Rosângela Moraes da Rosa, representante da Secretaria de Estado da Educação e do Desporto; Senhor Sílvio Luiz Faversani, neste ato, representando o Senhor Luiz Henrique Saliba da Secretaria de Estado da Saúde; Senhor Maurício Pamplona, representando a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente; Senhor Marcos Bayer, representando a Secretaria de Estado da Casa Civil; e os convidados: Irmãs Anna Tomêlim, Gentile Beber, Gertrudes Cadorim, Lúgia e Terezinha Maria Pamplona da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição; Senhor Ademir Moraes, Secretário de Turismo de Nova Trento; Senhor Ivandro Speranzini, presidente do PPB de Nova Trento; Senhor José Tomazoni, empresário de Nova Trento; Senhor Rubens Aviz, Assessor de Planejamento da Prefeitura Municipal de Nova Trento; Senhor Dilton José Ferretti da Mineração Nova Trento S/A; Padre Pedro José Koehler, coordenador da Pastoral do Turismo, do Lazer e dos peregrinos da Arquidiocese de Florianópolis; Padre José Vollmer, Pároco de Nova Trento; Senhor Antônio Perdomo Suarez da Empresa da Arquitetura ARCHITECTI; Senhor Adhemar Paladini Ghisi, Ministro do Tribunal de Contas da União; Dom Eusébio Scheid, Arcebispo de Florianópolis; Senhor Saulo José Rover, Prefeito de Nova Trento; Senhor Moacir E. B. Archer, Delegado Regional de Brusque e Maria Tereza Büchele, técnica em turismo da Santur. A reunião foi iniciada pelo Senhor Presidente da Comissão, cumprimentou todos os presentes e designou o Senhor Marcos Bayer como Secretário Executivo desta Comissão. Destacou o objetivo da formalização da comissão, a importância e competência de cada instituição neste projeto, e após, solicitou que cada representante se identificasse. Isto feito, esclareceu, Senhor Marcos Bayer que não se trata de representar uma instituição e sim responsabilizar-se pelo projeto em pauta dentro de sua instituição. Passou-se ao segundo item da pauta de trabalho, leitura da ata anterior, reunião realizada em treze de dezembro de hum mil novecentos e noventa e nove. Após a leitura do documento para análise da Comissão item a item: PLANO DE INVESTIMENTOS NO TURISMO RELIGIOSO EM NOVA TRENTO, reivindicações da sociedade de Nova Trento ao Governador do Estado. No seu item 2º INFRA-ESTRUTURA, sub-itens: 2.1 - RUAS E AVENIDAS DE ACESSOS AO SANTUÁRIO MADRE PAULINA; 2.2 - RUAS E AVENIDAS DE ACESSOS AO SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DO BOM SOCORRO e 2.3 - PAVIMENTAÇÃO DE TODOS OS ACESSOS ACIMA MENCIONADOS, foi solicitado pelo Senhor Nelson Caldeira, um documento único elaborado pela Prefeitura Municipal contendo todas as necessidades as prioridades cronograma de execução, cópia das plantas, orçamentos, etc..., para confecção de um documento, (pacote) que será levado



ASSÃO GOVERNAMENTAL DE ACOMPANHAMENTO E IMPLANTAÇÃO DO PLANO DE TURISMO RELIGIOSO. (29/05/00 - Florianópolis/SC).

	INSTITUIÇÃO	TELEFONE	FAX
VEN	PREFEITURA - NOVA TRENTO	267 0193	267 0193
dir	Secret. Obras Públicas - Florianópolis	267-0607 (48)	-
RA - JR	SECRETARIA DOS TRANSPORTES	224-9779	222-0209
na	Comunicação do I. Carvajal	267-0250	267-0361
Homen	Comunicação I. Carvajal	11-2430414	11-69142377
da	Pref. Municipal Nova Trento	267-0193	267-0193
1	Brasão - NT	267-0193	267-0193
FLORA	SDM	224-0177	
ACUNHA	DETER	224-0177	
2020	DETER - Florianópolis	224-0177	223-0143
PARSIBIAN	SDE	224-8822	226-8781
MINAMI	Dist. Tur. M. de PPB	267-0688	267-0312
Silveira	ASSOCIACAO RESISTATIVA	221-2674	221-2875
Lucas Kiefer	Turismo (Guia)	223-4355	223-2382
11	Luc. Reol. Birelândia e Lamma	222-4249	222-9197
elias	Parque de Turismo Religioso	240-4054	
SCHNEID	Parceiro M. de PPB	(48) 224-4799	224-0199
11	Associação de Pais e Amigos	224-3311	
FRANSON	DER - DER - Florianópolis	224-0177	223-0143
da Br	Sect. Educação e Cultura	221-6083	
11	Sect. Obras Públicas	224-2720/2721/2727	
11	COMTEL	224-6300/209	222-4511
11	COMTUR	222-8146	222-4445

n); foi solicitado ainda, a Prefeitura Municipal edital (minuta). O Senhor Nelson Caldeira da io de um protocolo de intenções entre o a viabilização das obras, podendo resolver o bilizado para fazer a ponte governador/DER, entação do representante da Saúde, Senhor 33), (29/03/00) informou aos presentes que as idades de tratamento intensiva UTI - estão recursos humanos depende exclusivamente omissão qual a data para efetivação dos Bayer a contratação de pessoal tendo em

obras e se houver necessidade de recursos apontado o acesso Brusque/Nova Trento (4,5 Kr e ao DER, os estudos para elaboração de um STO, informou da possibilidade da celebraçã Governo do Estado e a Prefeitura Municipal par problema do período eleitoral. Ficou responsa o Senhor Marcos Bayer. Seguiu-se com a apres Silvio Luiz Faversoni (Nota número PRCC 5146/00 novas ambulâncias (unidades móveis), com ur sendo equipadas e que a contratação dos do governador; não soube informar a essa C serviços; foi questionado pelo Senhor Marcos



SANTUR - Santa Catarina Turismo S/A

PRESI/SECRE Nº 448/2000  
Florianópolis(SC), 10 de junho de 2000.

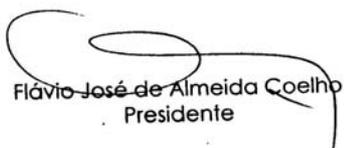
Ademir

4º Reunião

Senhor Prefeito,

Com os nossos cumprimentos, estamos anexando ao presente, cópia da Ata da **4ª Reunião da Comissão Governamental de Acompanhamento e Implementação do Plano de Turismo Religioso - Madre Paulina**, para seu conhecimento e apreciação.

Cordialmente,

  
Flávio José de Almeida Coelho  
Presidente

Exmo. Sr.  
SAUL JOSÉ ROVER  
Prefeito Municipal de  
NOVA TRENTO - SC

Rua Felipe Schmidt, 249 - 9º Andar - CEP: 88.010-902 - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil  
Cx.P. 1221 - Informações Turísticas: 1516 - Fone: (048) 224-6300 Fax: (048) 222-1145  
<http://www.sc.gov.br/santur> - E-mail: [santur@santur.sc.gov.br](mailto:santur@santur.sc.gov.br)





SANTUR - Santa Catarina Turismo S/A

#### 4ª REUNIÃO DA COMISSÃO GOVERNAMENTAL DE ACOMPANHAMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DO PLANO DE TURISMO RELIGIOSO - MADRE PAULINA

Aos treze dias do mês de junho de dois mil, às quatorze horas, compareceram nas dependências do auditório do Espaço Mercosul, localizado na Avenida Rio Branco, 387 - 4º andar, no município de Florianópolis (SC), os membros da Comissão Governamental de Acompanhamento e Implementação do Plano de Turismo Religioso - Projeto Madre Paulina, conforme Decreto de número novecentos e doze, de dezoito de janeiro do ano dois mil, a saber: José Arcino Silva, representante da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e Integração ao Mercosul; Marcos Bayer, representante da Secretaria de Estado da Casa Civil, nesta ato, também como Secretário Executivo da Comissão, com responsabilidade de conduzir os trabalhos na data de hoje; Maurício Pamplona, representante da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente; Luiz Henrique Saliba e Cesar Nitscke, ambos representantes da Secretaria de Estado da Saúde; e os convidados: Saul José Rover, Prefeito Municipal de Nova Trento; Padre Pedro José Koehler, Coordenador da Pastoral do Turismo, do Lazer e dos Peregrinos da Arquidiocese de Florianópolis, Irmãs Terezinha M. Pamplona, Salete A. Bamjai e Lígia da Congregação das Irmãszinhas da Imaculada da Conceição; Padre José Holhmer, Paroco de Nova Trento; Dimas Beckhauser, Diretor de Operações do DETER e Maria Tereza Büchele, técnica em turismo da SANTUR. A reunião foi iniciada pelo senhor Marcos Bayer que cumprimentou a todos e informou da impossibilidade de comparecimento do senhor Flávio de Almeida Coelho - presidente desta Comissão. Tendo em vista que o objetivo desta reunião é conclusiva, foram listados as reivindicações da comunidade de Nova Trento, e o grupo acordou: 1) Torre telefonia Celular: ficou estabelecido a cobrança por parte do Prefeito Municipal de Nova Trento com Global Telecom/Tim Celular instalação da torre, uma vez que, ficou estimado por essas empresas estudos para o final de julho; 2) Policimento: segundo o Prefeito Municipal de Nova Trento, representantes do comando da região mantiveram contato com a municipalidade e colocaram que o reforço policial solicitado para os finais de semana só será viabilizado se a prefeitura fornecer combustível e alimentação. O Prefeito informa que já contribui com 400 litros de combustível/mês e alimentação para 02 (dois) policiais de São João Batista, que tem deslocamento diário para Nova Trento para aquartelamento/alimentação e alega não dispor de recursos financeiros para arcar com mais esta despesa. 3) Ambulância: foi colocado através do representante da Saúde que o município recebe mensalmente, através de repasse - rubrica SIA o valor de R\$ 2.800,00 (dois mil e oitocentos reais), da Fundação Estadual da Saúde para a municipal, ao qual a municipalidade não soube informar a destinação desses repasses. De posse desses recursos, o município poderá contratar um enfermeiro e um auxiliar de enfermagem para atuar no posto avançado, através de convênio com o hospital. Foi proposto pelo representante

...///





SANTUR - Santa Catarina Turismo S/A

///...

da Saúde que a Secretaria Municipal da Saúde faça uma visita a Diretoria de Planejamento da Secretaria de Saúde, em Florianópolis, para esclarecimentos a respeito dos recursos que são transferidos ao município. Sugerir ao Governador X suplementação orçamentária no valor de R\$ 40.000,00 (quarenta mil reais) e transferir para a Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, para construção de um posto avançado ambulatorial e aquisição de equipamentos de suporte básico a vida, sob a supervisão da Secretaria de Estado da Saúde. Para o atendimento nas quatro datas, onde acontecem os eventos que concentram grande número de romeiros, a Prefeitura Municipal está tentando convênio com a UNIMED para obtenção de uma ambulância com paramédicos e um helicóptero em troca de publicidade no local. 4) Fiscalização dos ônibus, ficou estabelecido pelo DETER os três pontos de fiscalização às margens das rodovias que dão acesso ao município; 5) Sinalização/aéreas de radar: está em estudo junto ao DER. 5) Educação: Ante projeto apresentado "Turismo na Rede" - capacitação continuada, com enfoque "histórico-cultural e religioso", será implementado no 2º semestre de dois mil, sendo o município em questão "piloto". 6) Vias de Acesso: a Comissão foi informada que os recursos pretendidos para viabilização dessas obras, constarão no orçamento para 2.001, onde foi solicitado que a comunidade contactasse com as lideranças políticas da região para assegurar estes recursos (R\$ X 400.000,00). Uma vez os assuntos esgotados, colocou-se a palavra livre, e a Comissão decidiu solicitar ao Senhor Governador, uma audiência o mais breve possível, para podermos prestar-lhe conta dos trabalhos até a data de hoje realizados, onde tomamos a liberdade de propor duas datas alternativas, tendo em vista o apelo da comunidade de Nova Trento na participação do arcebispo Dom Euzébio Scheid na audiência pretendida (19/06/00 - 14:00 às 16:30 ou 20/06/00). E nada mais a ser tratado na reunião, Marcos Bayer agradeceu a participação de todos e encerrou os trabalhos.

Florianópolis, 13 de junho de 2.000.



## LISTA DE PRESENÇA

## 4ª REUNIÃO DA COMISSÃO GOVERNAMENTAL DE ACOMPANHAMENTO E IMPLANTAÇÃO DO PLANO DE TURISMO RELIGIOSO. (13/06/00 - Florianópolis/SC).

Nº	NOME	INSTITUIÇÃO	TELEFONE	FAX
01	MARICIO PAMPLONA	SDM	2246166 2.241	224.7930
02	LUIZ HEARQUE SALBA	SEC. SAÚDE	2212207	2212235
03	SAUL JOSÉ ROVER	Prefeitura	2670193	2670193
04	Dr. Pedro Azeiteiro	Paróquia de Nossa Senhora Teresina	2404154	-
05	Dr. Gustavo Perdomo	Paróquia de Nossa Senhora Teresina	2430414 - (11)	65142347
06	Dr. Saldete Oliveira	Comunidade dos Religiosos	(47) 3488257	(47) 3488257
07	Dr. Saldete (Omar Moura)	" "	(48) 2670250	(48) 2670361
08	Dr. José Roberto	Financeiro	2670122	2670122
09	Dr. Marcos Beckmann	DETRAN/Direção	2240177	
10	Dr. Marcos Beckmann	SEC. SAÚDE	99172571	99172575
11	Dr. Marcos Beckmann	GOV. GOV.	99606413	9913344
12	Dr. Marcos Beckmann	SMITH	2246300/205	222 1145
13	Dr. Marcos Beckmann	SANTUR	222-8144	222 1145
14				
15				
16				
17				
18				
19				
20				
21				
22				
23				
24				
25				

*Turismo***SANTUR - Santa Catarina Turismo S/A**

PRESI/SECRE Nº C 30/00  
Florianópolis(SC), 05 de julho de 2000.

Senhor Prefeito,

Com os nossos cumprimentos, anexamos ao presente, cópia da Ata da **5ª Reunião da Comissão Governamental de Acompanhamento e Implementação do Plano de Turismo Religioso - Madre Paulina**, para seu conhecimento e apreciação.

Oportunamente, solicito sua gentileza no sentido de agilizar providências pertinentes a essa Prefeitura, conforme documento apenso.

Na certeza de sua habitual atenção, renovamos nossas cordiais saudações.

Atenciosamente,

  
Flávio José de Almeida Coelho  
Presidente

Exmo. Sr.  
SAUL JOSÉ ROVER  
Prefeito Municipal  
NOVA TRENTO - SC





SANTUR - Santa Catarina Turismo S/A

**5ª REUNIÃO DA COMISSÃO GOVERNAMENTAL DE ACOMPANHAMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DO PLANO DE TURISMO RELIGIOSO – MADRE PAULINA.**

Aos vinte e oito dias do mês de junho de dois mil, às dezessete horas, compareceram na audiência com o Senhor Governador do Estado, na Sala de Despacho do Palácio do Governo, os membros da Comissão Governamental de Acompanhamento e Implementação do Plano de Turismo Religioso – Madre Paulina, conforme Decreto de número novecentos e doze, de dezoito de janeiro do ano dois mil, a saber: Flávio José de Almeida Coelho - Presidente da SANTUR e da Comissão; Marcos Bayer – Secretária de Estado da Casa Civil e Secretário Executivo desta Comissão; Nelson Caldeira - representante da Secretaria de Estado dos Transportes e Obras; César Augusto S. Nietzsche, neste ato, representando Luiz Henrique Saliba - Secretária de Estado da Saúde; Rosângela Moraes da Rosa - representante da Secretaria de Estado da Educação e do Desporto; José Arcino Silva – representante da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e Integração ao MERCOSUL; e os convidados: Dimas Beckhauser – Diretor de Operações do DETER; Deputado Estadual Ciro Marcial Rosa; Padre Pedro José Koehler – Coordenador da Pastoral do Turismo, do Lazer e dos Peregrinos da Arquidiocese de Florianópolis; Irmãs Terezinha Maria Pamplona e Madalena Moser – Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição; Padre José Vollmer – Pároco de Nova Trento, Iaponan Soares – Diretor da Fundação Catarinense de Cultura; Dom Euzébio Oscar Scheid – Arcebispo Metropolitano de Florianópolis; Ademir J. Moraes – Secretário Municipal de Turismo de Nova Trento; Maria Tereza Büchele – Técnica em Turismo da SANTUR; Paulo Cesar Rachadel – Vereador de Nova Trento; José Tomazoni – Comunidade de Nova Trento; Moacir Archer – Delegado Regional de Brusque e Joe Piazza – Associação Comercial e Industrial de Nova Trento. A Reunião foi iniciada pelo senhor Governador que cumprimentou a todos e passou a palavra para Flávio José de Almeida Coelho, Presidente da Comissão que abriu os trabalhos fazendo um breve relato sobre as atividades desenvolvidas pelo grupo e conclusões, bem como das dificuldades encontradas; Após, passou a palavra ao Secretário Executivo, senhor Marcos Bayer, que relatou os cinco pontos mais importantes das reivindicações da comunidade de Nova Trento. 1) torre celular; 2) vias de acesso – Secretaria de Estado dos Transportes e Obras; 3) policiamento; 4) ambulâncias; 5) fiscalização dos ônibus/sinalização de áreas de radar – DETER; ressaltando que os itens 3 (três) e 4 (quatro) os resultados dos trabalhos não foram satisfatórios. Após a exposição, o senhor Governador mencionou o item cinco e determinou que a Secretaria de Estado de Transportes e Obras, DETER e Polícia Rodoviária Estadual, providenciem Campanha Educativa "PRESERVE SUA VIDA", de caráter orientador para distribuição de panfletos aos motoristas, usuários e proprietários das Empresas de Transporte Rodoviário Coletivo que trafegam naquela região, objetivando a segurança do usuário nessas rodovias. No item dois, Nelson Caldeira da Secretaria de Estado dos Transportes e Obras fez uma rápida explanação sobre a Nota Técnica nº 19/2000, e fizeram o uso da palavra: Ademir Moraes – Secretário de Turismo de Nova Trento, Dom Euzébio Scheid – Arcebispo, Deputado Estadual Ciro Rosa, Padre Pedro José Koehler – Coordenador da Pastoral Arquidiocese de Florianópolis e a Irmã Terezinha Maria Pamplona da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, manifestando a preocupação com a viabilização dos cinco pleitos citados acima,

Rua Felipe Schmidt, 249 - 9º Andar - CEP: 88.010-902 - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil  
 Cx.P. 1221 - Informações Turísticas: 1516 - Fone: (048) 224-6300 Fax: (048) 222-1145  
 Site: [www.sc.gov.br/santur](http://www.sc.gov.br/santur) - E-mail: [santur@santur.sc.gov.br](mailto:santur@santur.sc.gov.br)





---

**SANTUR - Santa Catarina Turismo S/A**

tendo em vista o comprometimento deles com a comunidade local e prejudicando o início da construção do novo Santuário perdendo talvez a credibilidade, foi solicitado então, a terraplanagem no local onde vai ser edificado o Santuário, como resposta a comunidade. Em resposta, o senhor Governador garantiu os recursos da ordem de R\$ 129.000,00 (cento e vinte e nove mil reais) para a obra, na seguinte condição: PRIMEIRO – Aprovação do Plano Diretor por parte da Câmara de Vereadores de Nova Trento. SEGUNDO – Relatório de impacto ambiental da região do Santuário; de posse desses dois documentos serão repassados os recursos à Congregação para viabilização da obra; Determinou ao DER que auxilie em conjunto com as autoridades ambientais e Prefeitura Municipal para andamento do relatório; Determinou a elaboração de correspondências (notas) ao: Secretário de Estado da Saúde solicitando providências ao pleito do município; As empresas telefônicas/Tim Celular e Global Telecom reforçando solicitação de instalação das torres de telefonia celular. Para finalizar, solicitou aos presentes mais objetividade nas discussões e que a próxima reunião, não exceda 60 minutos e propôs ao grupo que o novo encontro seja agendado para o final de julho e/ou início de agosto. Nada mais a ser tratado deu-se encerrado o evento.

*Florianópolis, 28 de junho de 2000.*



**Anexo 3****LOCAIS PARA VISITA no  
SANTUÁRIO SANTA PAULINA**

- 01 Igreja** com a gruta de Nossa Senhora de Lourdes. No altar de Santa Paulina está a relíquia do osso do braço de Santa Paulina.
- 02 Memorial Fotográfico** Santa Paulina.
- 03 Loja de Lembranças** do Santuário.
- 04 Capelinha** local do Casebre de Santa Paulina e suas co-irmãs.
- 05 Casebre** réplica do casebre original.
- 06 Cenário** ou presépio bonecos que se movimentam, representando cenas da vida de Santa Paulina.
- 07 Recanto Bom Pastor** - atrás do cenário.
- 08 Colina** - estátua de Santa Paulina com a cruz e a enxada, simbolizam a vida de oração e trabalho.
- 09 Casa das Graças** Você pode deixar suas placas e fotos.
- 10 Vereda da Paz** - acima da colina.
- 11 Velários** perto do engenho, na colina, no marco da canonização e no oratório N. Sra. Aparecida.
- 12 Museu, engenho e casa Colonial.**
- 13 Painel** -homenagem a Virgínia Nicolodi Madre Matilde.
- 14 Oratório Nossa Senhora do Moinho**
- 15 Restaurante e Lanchonete do Santuário.**
- 16 Salão Igreja** - em cima do restaurante onde são rezadas as missas aos domingos.
- 17 Praça da Fonte**- atrás do Restaurante.
- 18 Marco da Canonização de Santa Paulina**
- 19 Mirante do Lago.**
- 20 Capelinha do Anjo da Guarda.**
- 21 Oratório Nossa Senhora Aparecida**
- 22 Marco do Milênio** anjos e Presépio
- 23 Monumento** - Casa Paterna de Santa Paulina (à 200mt).

## Anexo 4

Lei que reconhece Nova Trento como estância turística-religiosa.



**ESTADO DE SANTA CATARINA**

**LEI Nº 10.568**, de 07 de novembro de 1997

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO  
DEPARTAMENTO PARLAMENTAR  
Divisão de Expediente

Publicada no D. O. nº 15.798  
de 07/11/97.

  
RESPONSÁVEL

Reconhece o Município de Nova Trento como estância turística-religiosa.

### **O GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA,**

Faço saber a todos os habitantes deste Estado que a Assembleia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º Fica o Município de Nova Trento reconhecido como estância turística-religiosa.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Florianópolis, 07 de novembro de 1997

**PAULO AFONSO EVANGELISTA VIEIRA**

Governador do Estado

### Anexo 5

Censo do IBGE, como era a produção nas décadas de 70 e 80.

Gênero	1970		1980		1989	
	Estabelecimentos	Pessoal ocupado	Estabelecimentos	Pessoal ocupado	Estabelecimentos	Pessoal ocupado
Extração de Minérios	02	*	-	-	-	-
Transf. produtos minerais e não metálicos	02	*	01	*	07	22
Metalúrgico	-	-	02	*	03	10
Madeira	33	52	16	40	09	63
Mobiliário	11	18	08	43	11	73
Papel e papelão	-	-	01	*	-	-
Química	03	17	01	*	-	-
Têxtil	01	*	01	*	-	-
Vest. Calç. E art. de Tecido	01	*	01	*	17	175
Produtos Alimentares	03	05	05	06	-	-
Material Elétrico	-	-	-	-	01	05
Indústria Construção Civil	-	-	-	-	40	900
Total	56	235	36	125	88	1.348

Fonte: Fundação IBGE, Censo Industrial – 1970 e 1980; prefeitura Municipal (\*) Dado não disponível.



## **Anexo 7**

### **VINÍCOLAS**

**1) Vinícola Neotrentina**

Rua Madre Paulina – Estrada Geral – Vígolo

**2) Vinho Vô Luiz**

Rua Madre Paulina – Estrada Geral – Vígolo

**3) Vinhos Girolla**

Rua Madre Paulina - Estrada Geral – Vígolo

**4) Vinhos Onório Wolff**

Rua Madre Paulina – Estrada Geral – Vígolo

(3 Km acima do Santuário Santa Paulina)

**5) Vinho Colonial Wolff**

Rua Marechal Deodoro, 35 – Centro

**6) Vinícola Vattaro**

Rua Santo Inácio, 599 – Centro

**7) Vinhos Di Trento**

Rua Antônio Sgrott, s/nº

**8) Vinhos Battisti**

Rua Giácomo Polli, s/nº - Bairro São Roque

**9) Vinhos Visintainer**

Rua Madre Paulina – Estrada Geral – Vígolo

**10) Vinhos Del Vígolo**

Rua Madre Paulina – Estrada Geral – Vígolo

**11) Vinhos Castelinhos**

Rodovia Santa Catarina 411 – Próximo ao trevo do Distrito Claraíba

**12) Vinhos José Wolf**

Rua Geral – Vígolo – 2 km acima do Santuário Santa Paulina

**13) Vinhos e Sucos Bela Vista**

**14) Alto da Bela Vista – Vígolo – Entrada a esquerda 100m após Santuário Santa Paulina.**

## **Anexo 8**

### **RESTAURANTES**

**1) Pousada e Cantina Italiana**

Rua dos Imigrantes, 412 – Centro

**2) Carlinhos Restaurantes – Comida Típica – Churrascaria**

Rua Hipólito Boiteux. 55 – Centro

**3) Restaurante e Lanchonete Madre Paulina**

Complexo Madre Paulina, s/nº - Vígolo

**4) Restaurante do Santuário de Nossa Senhora do Bom Socorro**

Alto do Morro da Cruz

**5) Restaurante do mosteiro Park Hotel**

Bairro Vígolo (só com reserva)

**6) Restaurante trevo**

Rodovia Santa Catarina – 411 – Bairro Bezenello

**7) Restaurante e Lanchonete Girolla**

Rua Geral - Vígolo

**8) Restaurante D. Terezinha**

Complexo Madre Paulina – Vígolo

**9) Restaurante, Bar e Lanchonete**

Complexo Madre Paulina – Vígolo

**10) Churrascaria, Bar e Lanchonete Dallas**

Rua Geral - Vígolo

**11) Churrascaria Grelha e Brasa**

Rua dos Imigrantes, s/nº

**12) Pizzaria Paiol**

Rua dos Imigrantes – centro

**13) Bar e Lanchonete Canto das Logoas**

Rua João Bayer Sobrinho – Centro

## **Anexo 9**

### **CONFEITARIAS E PANIFICADORAS**

**1) Casa Marta Frehner**

Rodovia Santa Catarina 411 – Km 06 – Entre Brusque e Nova Trento

**2) Panificadora Tell**

Rua Santo Inácio, 90 – Centro

**3) Confeitaria e Mercado Vargas**

Rua Nereu Ramos, 255

**4) Trento Pan**

Rua Cristóvão Gessele – Centro

**5) Vó Natalia**

Rua Luiz Busnardo, S/N – Cascata

**5) Panificadora Souza Sales**

Rua Alferes, 1230 – Trinta reis

## **Anexo 10**

### **Os 36 tipos e formas de turismo**

- 1) Turismo Científico
- 2) Turismo Cultural
- 3) Turismo da 3ª Idade
- 4) Turismo de Compras
- 5) Turismo de Congressual
- 6) Turismo de Evento, fixos, sazonais, de oportunidades e monotemáticos
- 7) Turismo Virtual
- 8) Turismo Endógeno
- 9) Turismo de Jogo ou Cassinismo
- 10) Turismo Especializado para novos segmentos de consumo
- 11) Turismo Alternativo
- 12) Turismo Hedonista
- 13) Turismo Socio-familiar
- 14) Turismo Habitação
- 15) Turismo Habitacional
- 16) Turismo de Recreação e Entretenimento
- 17) Turismo Esotérico ou Esoterismo
- 18) Turismo Saúde
- 19) Turismo Megaevento
- 20) Turismo Urbano
- 21) Turismo Empresarial ou de Negócio
- 22) Turismo Cívico Institucional
- 23) Turismo Religioso
- 24) Turismo Excentricidades
- 25) Turismo Sexual
- 26) Turismo de Incentivo
- 27) Turismo Educacional

- 28)** Turismo Temático
- 29)** Turismo Étnico-História-Cultural
- 30)** Turismo Desportivo
- 31)** Turismo Paisagístico e Hidrotermal
- 32)** Turismo Agroturismo
- 33)** Turismo Rural
- 34)** Turismo Ecoturismo e Ecológico
- 35)** Turismo Cultural
- 36)** Turismo de Aventura

## Anexo 11

### Produtos Coloniais

As diferentes frutas *in natura* podem ser encontradas nos seguintes meses: pêssego (outubro à dezembro); ameixa (novembro a janeiro); uva (dezembro a fevereiro); banana (janeiro à dezembro) e os cítricos (maio a setembro).

1) Fábrica de Lacticínios Trentolat  
Localidade de Salto – Bairro São Roque  
Produto: Queijo.

2) Rose & Lili  
Rua Santo Inácio, - Centro  
Produtos: Produtos Coloniais (queijos, geléias, salames, vinhos) frutas, verduras e arranjos.

3) Wolff Prodotti Tipici  
Rua Madre Paulina – Estrada Geral – Vígolo  
Produtos: Queijos, salames, cereais, geléias, vinhos, artesanato e antiguidades.

4) Produtos Coloniais e artesanatos  
Rua dos Imigrantes, 412 - Centro – Anexo a Pousada e Cantina Italiana  
Produtos: Produtos Coloniais (queijos, geléias, salames, vinhos) e artesanato em geral.

5) Casa dos Vinhos e Queijos  
Rodovia Santa Catarina 411 – Trevo de acesso ao centro de Nova Trento  
Produtos: Produtos Coloniais (queijos, geléias, salames, vinhos).

6) Biscoito LG  
Distrito de Aguti  
Produtos: Biscoitos Caseiros.

7) Propriedades Euclides Bottamedi  
Rua Alferes, 1660 – Bairro Trinta Réis  
Produtos: melado de cana, cachaça, licor e graspa.

8) Propriedade Helena Bottamedi  
Localidade de Salto – Bairro São Roque  
Produtos: Licores.

9) Propriedade Moisés Tambosi  
Rodovia Santa Catarina 411 – Km 06 – Entre Brusque e Nova Trento  
Produtos: Cucas, pães, bolachas e biscoitos.

- 10) Propriedade Orlando Deluca**  
Distrito de Claraíba  
Produtos: Conservas e compotas.
- 11) Propriedade Matilde Bernade**  
Estrada Tirol - Distrito de Claraíba  
Produtos: Conservas, geléias e compras.
- 12) Propriedade Osni DELuca**  
Distrito de Claraíba  
Produtos: Conservas e biscoitos caseiros.
- 13) Propriedade José Deluca**  
Distrito de Claraíba  
Produtos: Conservas.
- 14) Propriedade Eliziene Franzoi**  
Rua Florianópolis – Bairro Ponta Fina Norte  
Produtos: Licores.
- 15) Propriedade Inês Wederof**  
Rua Madre Paulina – Estrada Geral – Vígolo  
Produtos: Pães caseiros.
- 16) Propriedade Edite Frisanco**  
Localidade de São Valetim  
Produtos: Geléias.
- 17) Propriedade Laurentino Eccher**  
Localidade de São Valetim  
Produtos: Farinha de mandioca, aguardente de cana-de-açúcar, mel de abelha, banana e pêssego.

## Anexo 12

Modalidade para enviar a contribuição



**Prezado(a)  
Devoto(a) de Santa Paulina**

*Participe deste desafio:  
levar adiante a obra de Santa Paulina,  
criando um espaço para o encontro com Deus,  
a fé e a oração – o*

**Santuário Santa Paulina.**

*A sua colaboração é espontânea:*

**1 bloco de cimento para a parede = R\$ 3,00**  
**1 saco de cimento = R\$ 18,00**  
**1 metro de piso = R\$ 110,00**

*Vamos juntos dar este presente à Santa Paulina.  
Colabore, seu nome ficará registrado na construção!*

*Receba a bênção de Deus  
através de Santa Paulina*



Congregação  
das Irmãs  
da Imaculada Conceição



Arquidiocese  
de Florianópolis

**INFORMAÇÕES**

**Nova Trento:**      **São Paulo:**  
(0xx48) 267-0250      (0xx11) 273-0414

**MODALIDADES PARA ENVIAR A CONTRIBUIÇÃO**

- 1 Destacar a parte abaixo desta folha, preenchida, anexar o dinheiro e depositar num dos cofres do Santuário em Vigolo ou entregá-lo às Irmãs da Imaculada Conceição em qualquer localidade onde residem.
- 2 Enviar a contribuição, pelo Banco, nas seguintes contas: Fav: Assoc. Cult. Benef. Madre Paulina  
**Banco do Brasil** – Agência 2356-6 – Conta: 5680-4      CNPJ: 04.158.592/0001-25  
**Banco Itaú SA** – Agência 0644 – Conta 52004-1      **Besc** – Ag. 165 – C/c 6.479-6  
Enviar o nome e o comprovante de depósito **por FAX** nº (48) 267-0361
- 3 Enviar a contribuição, pelo correio, por "Vale Postal" [www.santuariosantapaulina.org.br](http://www.santuariosantapaulina.org.br)  
**ENDEREÇO:** Santuário Santa Paulina      [atendimento@santuariosantapaulina.org.br](mailto:atendimento@santuariosantapaulina.org.br)  
Rua Madre Paulina, 3988 – Caixa Postal, 12  
88270-000 – Vigolo – Nova Trento, SC

---

(Recorte aqui)

Nome \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_

Importância doada: R\$ \_\_\_\_\_ ( \_\_\_\_\_ )